

INVERNO SEM FIM

ROMANCE

CARLOS MENESES-OLIVEIRA



Inverno Sem Fim

Carlos Meneses-Oliveira
1ª Edição 2015

Língua original:

Português

Copyrights:

Design da capa por *Damonza.com*

Modelo da Base de Inverno de *Herminio Nieves @* 2013

1ª Parte

Guerra

Capítulo 1

A Rulote

Olhou o gigante caído na escada como um trapo.

Arfava. Não o gorila inerte, mas ele. Percorreu as fachadas que davam para o pequeno pátio e todas as janelas tinham anoitecido. Só o quarto de banho público que reluzia de novo o incomodava, mirando-o como uma testemunha indesejável. “*Que faz ali aquela rulote sem rodas há mais de sete dias, num beco onde não passa ninguém?*” Ouviu nessa altura ruído vindo do ginásio e saiu dali.

Negara nesse fim de tarde como só acontece talvez de quatro em quatro décadas em Lisboa. Estava frio, muito frio, mas a baixa temperatura não o incomodava. Andava sempre de T-shirt, mesmo após a chegada do Inverno, e até o banho ele tomava gelado todo o ano. Se a civilização colapsasse como o seu pai anunciava ele sobreviveria – ou pelo menos sobreviveria ao frio.

Luca não gostava de perder. Não sabia o que fazer com a derrota, onde a arrumar dentro de si. Morria com a derrota e era por mero instinto de sobrevivência que procurava a vitória a qualquer preço. Sim, devia ser isso. Não buscava dinheiro, medalhas ou encómios, mas apenas não perder. Havia, é certo, um sonho pintado ao fundo, uma aspiração futura, mas não era isso que o acicatava a quente. E naquele dia, eliminado por pontos dentro do ringue, derrubado sem apelo por um adversário que era o seu peso em dobro, foi a quente que Luca Zuriaga se precipitou para a tragédia que o perseguia, nos poucos casos em que o vencedor não era ele: No fim do torneio transmutou o que fora uma luta com regras marciais, justas ou não, numa luta de rua. Aí valia tudo e aí vencia sempre. Enquanto deixava para trás o pequeno caos, lembrou-se das palavras vermelho-escuras escritas pelo seu falecido pai nas margens do livro que imortalizara Grendel, e elas soltaram-se do papel como se fosse possível, como se estivessem vivas; primeiro rodopiando quais borboletas insensatas entre as imagens de perseguição e captura que retinha das sortidas de caça ao javali, mas depois dirigiram-se no seu encalce como um enxame de vespas, como uma debandada noturna de touros à desfilada em campos de milho alto. “*Guerra*”, repetiu em silêncio, tentando enxaguar de si a maldição.

“Ao contrário do que julgam os simples, mais do que a arte, o fogo, a agricultura ou a fala, é a guerra que nos distingue dos animais e que funda a humanidade” escrevera o seu pai biológico.

Tinha-se posto inverno e prematura noite naquele dia e a atmosfera húmida era tão densa que ameaçava liquefazer-se num oceano, deixando de ser um gás, afogando-o a qualquer instante. O seu coração batia contra as costelas e os seus pulmões sorviam o ar como se o oxigénio fosse desaparecer. Ofegante como uma presa ou ofegante como um predador? A pergunta voltava, como a rima intrusa duma música que não parte. Finda a refrega, saía desse mundo onírico de paixão guerreira, em que mais depressa se acredita em míticos animais jactando fogo do que em qualquer réstia de humano arrependimento pela excessiva força. O frio que transformava em vapor a sua respiração, cercava-o agora mais de perto e o vulcão que despertara no seu peito, arrefecia. Se de início os seus pés foram firmes e exatos na calçada escorregadia, à medida que o fim da ruela escura era anunciado pela luz, desordenavam-se, precipitando-se, não para a salvação da rua grande, movimentada e certa, mas para a salvação de um dia branco como neve a estrear de novo. Mas a rugosa película de neve derreteria negra em todo o lado e o ar cortante não travava os fios de suor que lhe ardiam nos olhos, testemunhando, como a mudança nos seus passos, a dor que vinha, insidiosa, anoitecer a felicidade da vitória.

“*Porquê?*” quase soletrava, como se perguntasse alguma coisa, como se não tivesse dependido de si o que nunca dependeu de mais ninguém. “*Outra vitória destas e estou perdido*”, iludia-se o pequeno Pirro. “*Lembra-te que é só um jogo. Um simples jogo, percebes? Desta vez correm contigo e agora é justo.*”

Os mil sois da rua grande projetavam-se na foz do beco que ali desaguava a fina e gélida água turva, como holofotes num palco, preparando-se para lhe devolver a sua sombra e expurgá-lo da assombração. “*Mas que o gajo mereceu, mereceu. Justo qual justo. Estava a pedi-las, o cabrão*”. Em cissiparidade a sua alma refluía como um pêndulo, com tal fúria que a maré jugular lhe ingurgitava o rosto juvenil, entardecendo-lhe a inocência.

“*O elefantão engasgado de alegria, direito ao touro enraivecido*”, recordou. “*Que mérito tem quem é grande? Que valor tem o que não se alcança no suor do treino das horas atrás das horas?*” Primeiro tinha-o travado, desferindo-lhe cem murros, inquebrantável, quase o tombando aos seus pés; ajoelhado pela velocidade, pela destreza, pela sua fibra próxima do furor epiléptico, mas depois, instruído pelo mestre, o gigante voltou com outro intento: o do abraço da anaconda.

Luca perdeu por pontos, no tapete, sem que os juízes lhe dessem uma segunda chance. Nunca dão. Mas o melhor trapezista com rede, não é o mesmo homem que o melhor sem essa guarda.

- Ha, ha, ha, riu-se quase em voz alta. A cara de espanto do cretino, quando me viu entrar no vestiário, depois do combate, e percebeu que continuava no arame e já

não havia nem árbitro, nem rede.

Ainda que o mestre pudesse censurá-lo que outro caminho lhe sobrava? *“É só um jogo? Custam-me as regras? Porque veio, então, ele de peito feito? Não é um jogo”*. Ali julgava-se quem era o mais duro, o mais resiliente, o mais forte. E ele foi o mais forte, se não no ringue octogonal, armadilhado por mil normas e vigiado por mil juízes, pelo menos foi-o na calçada polida e húmida do beco que encostava as suas margens às traseiras do ginásio.

Maldito filme. O mesmo argumento no mesmo cenário. *“No fim do primeiro assalto estão quebrados, mas são salvos pelo gongo. A seguir é aquela cena pegajosa do agarrar, do wrestling. Detesto esse baile, mas estou condenado a aprendê-lo”*. Só tinha uma alternativa: nunca deixar que o agarrassem, como fizera na ruela contra o gorila. *“A verdade, é que dou a intenção de me apanharem como certa e quando se aproximam granizo-os com golpes, sem recuar do meu posto de combate”*. Via-se a si mesmo, no ringue, como a derradeira comporta de aço contra a qual se desfaria em espuma o tsunami que viesse. *“Nunca estive para fugir, esvoaçando de um lado para o outro como uma galinha”*. Talvez pudesse ceder aí.

Com vinte anos Luca parecia não ter mais de dezasseis. Ainda vivia na casa dos seus pais. Era de estatura média, mas parecia mais alto, musculado e limpo. O cabelo era castanho muito escuro, levemente ondulado e as sobrancelhas pouco densas sobre a pele branca, testemunho da ascendência celta. Para lá do buço quase não se via barba e tinha um sorriso de criança. Evitava sorrir por causa disso.

Batera o recorde nacional de velocidade aos quinze anos, altura em que tinha descoberto a natação e abandonado a corrida, para desgosto dos seus pais e do seu treinador que o vaticinava como campeão do mundo. A corrida pareceu-lhe uma coisa em que a simplicidade exagerava. Eram interessantes as corridas de animais. De galgos, de cavalos, de pombos. Não as de pessoas. Aos dezassete eram seus os melhores tempos no país em vários estilos de natação. O único problema é que aquilo era uma coisa técnica, sim, mas repetitiva e, pior, o competidor não podia interferir da sua prestação. Um atleta não era verdadeiramente posto à prova por outro. Era ouro sem glória. Nessa altura decidiu que a sua vocação eram as artes marciais e colocou o cinturão branco, voltando a começar do zero. Progrediu depressa pois era rápido, muito rápido. Balístico. Tinha a antevisão dos movimentos do adversário que, aos seus olhos, eram penosamente lentos. Nunca mais correu e nunca mais nadou.

Quando saiu do beco deu de caras com o Tomás. Levou um momento a reconhecê-lo, porque a luz do primeiro candeeiro ofuscou-o. Estava torto e apontava direitinho à viela. Ou se vinha a olhar para baixo ou o forte néon intermitente dava-nos de frente nos olhos. Tomás Sequeira, o seu amigo, era um rapaz simples.

- Então Luca? Não pude aparecer, que tal correu?

- Tenho de aprender wrestling. É o meu ponto fraco, respondeu-lhe o novo Aquiles, continuando a marcha, que agora seguia ao longo do passeio de calçada branca portuguesa que tanto valorizava as lojas ainda abertas, cruzando transeuntes agasalhados, muitos deles transportando sacos coloridos com prendas de Natal. Tomás aderiu ao seu passo.

- Não me digas que levaste nas trombas? Não acredito. Não era aquele autista do Silva, de Almada?

- Não, não era. Para que saibas saiu-me o gigantone do Quiroga.

- Porra, esse gajo não existe. É um animal – confirma o Tomás. Mas estás bem?

- A duzentos por cento. Dei-lhe vinte ou trinta secas contra nada. Zero. Nem me tocou. Mas depois do intervalo o mestre mandou-o agarrar-me. Ele apanhou-me por trás. Tenho de aprender a lutar agarrado, é o meu ponto fraco, repetiu. Não há cena mais triste, mas tem de ser, senão não vou a lado nenhum.

Ainda sentia as mãos tépidas e viscosas do Quiroga a agarrá-lo, com aqueles dedos indefinidos como se não tivessem unhas; sentia o bafo húmido da respiração do *troll* no seu pescoço, a vibração gutural do seu grito informe que ofendia a masculinidade marcial de um *kiai*, enquanto caíam os dois no tapete. Ambos, o abalo do ronco do gigante e a lâmina do *kiai* do karateca, seriam assustadores, mas um era animal e só o outro humano. “*Ora os animais não caçam homens, ou não será?*” Persistia o calor suado do Quiroga, o seu enlace de sucuri e aquele peso. E o sorriso de dentes sangrados, mas sorrindo, retornando do conselho que o mestre lhe segredou: “*Agarra-o*”, num murmúrio ciciado sem altura que chegasse para que o Luca o ouvisse, mas desenhado com largueza que bastasse para que qualquer um o lesse nos seus lábios. “*Agarra-o*”. E, depois, o sorriso com que, já apitada a derrota, ele se deixou estar sem respeito, fazendo-se de peso morto sobre si, a fingir-se de pisa papeis, esperando que o juiz o mandasse sair de cima do Luca. Como se fosse ele, o cinturão negro, quem precisava da ajuda de um árbitro. “*Que asco. Porque é que não sorrira então no vestiário? Porque não o agarrara no beco, na hora da verdade?*”

- Mas como é que o mestre te deu o Quiroga? O tipo não é do teu peso, perguntou o Tomás.

- Não sei. Deve ter sido para me castigar por causa da história do mês passado.

- Ha, ha! Passas-te e eles não perdoam – conclui o Tomás.

- Eles, não. O mestre. Não está do meu lado.

- Mentira. Se ele não te gramasse já eras, depois da barraca que deste no último campeonato. Deram-te a prata, mas mesmo assim saltas para o ringue e mandas-te

ao vencedor que te tinha eliminado por penalização, caraças. E também porque é que repetiste a palhaça do pente, meu? Não to devia ter atirado. Grande baile que lhe deste. Mas que te passaste, passaste. Foste expulso, mas o que é que esperavas?

- Expulso não. Suspenso por um ano. Daqui a um ano vou direto ao título.

- Expulso ou suspenso, correram ...

- Suspenso, Tomás. Fui suspenso, atalhou o Zuriaga.

- Já antes do Verão tinhas feito aquela cena com o Salazar, Luca, o que é que queres que o mestre faça? Que te adote?

- Ei, a que propósito vem essa? - enfurece-se o Luca.

- Calma meu. Estás muito estressado. Foi só por dizer, desculpou-se o Tomás, recordando-se que Luca era adotado. - O mestre grama-te, continuou. Vai ter de te treinar durante um ano sem poderes entrar em nada e ainda por cima não pagas.

- Não pago como, Tomás? Vou pagar até ao último cêntimo. Podes ter a certeza. E vou dar lucro ao ginásio, juro-te.

- Sim, mas por enquanto o mestre está a dar-te uma hipótese. Se fosse eu achas que não tinha de pagar certinho todos os meses?

- Ninguém paga certinho todos os meses. Pagar é uma coisa, pagar certinho é para quem pode. O que interessa é que o dinheiro entre.

- Mas o teu não entra nunca, Luca. Há quantos meses não pagas um tusto?

- O mestre é que me propôs seis meses sem pagar, OK? Atraio muitos putos ao clube e, mal possa, pago.

- Tu vais dar lucro, Luca, muito lucro. É uma sorte o ginásio ter-te, meu. Conta comigo como teu agente quando fores *champ* – avança o Tomás, convicto.

- Podes crer – diz o Luca. Vamos para os Estados Unidos.

- Para os *States* ou para São Paulo.

- Não, nem penses. Os Brasileiros vão todos para os Estados Unidos porque é que eu havia de ir para o Brasil.

- Nós meu, nós.

- Sim nós, confirmou. Para os Estados Unidos, sonhou.

Apesar de a passo mais lento, estavam a chegar a casa do Luca. O Tomás despediu-se com uma espécie de meio abraço e afastou-se, balouçando o andar gingão. Os seus escassos amigos seriam pouco instruídos, mas não pouco generosos. Os colegas do secundário tinham ido para a Universidade e o Luca perdera o contacto com a maioria, quando decidira parar um ano, antes de prosseguir os estudos. Esse ano tinha-se transformado em três e o seu sonho nas artes marciais ainda não dera frutos.

A casa dos seus pais era pequena, térrea, pintada de branco e com um telhado vermelho de generosos beirais. À frente, um alpendre permitia que quem tocasse à porta se abrigasse, fosse do sol fosse da chuva, já que ambos eram, à vez,

excessivos em Lisboa. Na janela iluminada viam-se visitas na sala. “Estranho”, pensou o Luca. “À hora de jantar?”

Quando entrou estava lá o mestre. O seu irmão ainda apareceu, esgueirando-se, à porta da sala, trazendo um dinossauro novo para lho mostrar como se fosse raro, mas a mãe mandou-o ir fazer os trabalhos de casa para o quarto. O mestre era um homem dos seus quarenta e poucos anos mas parecia mais velho. Tinha a pele curtida pelo sol e era seco. As mãos estavam calejadas e não era das luvas de combate. Era branco ou praticamente branco. Dizia-se que era cabo-verdiano mas ninguém sabia ao certo. Como chamava pretos aos pretos e brancos aos brancos, ninguém lhe perguntava o que é que ele era afinal de contas. Era o que quisesse, se calhar. Tinha olhos negros, fixos, que nunca pestanejavam. Fortes. Estava ainda com o fato de treino cinza lobo, vestido debaixo do casacão de pele. Tinha vindo direto e não se levantou quando o Luca entrou.

- Olá Pai, Olá Mãe.

- Filho... respondeu-lhe a mãe como quem faz uma pergunta em vão.

- Boa noite mestre.

O mestre não lhe respondeu, mas agarrou-lhe o olhar. Havia uma cadeira livre em torno da pequena mesa redonda e o Luca sentou-se. Tentou sentar-se, mas ainda não tinha tocado a cadeira quando o mestre se levantou. O boné de cabedal na mão esquerda, sacudi-o contra a direita, antes de o ajeitar na cabeça.

Luca explicou-se, preemptivo e juvenil - sei que é apenas um jogo, mestre. Sei que não é a sério...

- Não é um jogo, Luca, interrompeu o mestre. É um desporto de combate. E é a sério. Tu, rapaz, pareces ser a sério, mas não tens uma gota de desportivismo no teu sangue e sem desportivismo não há desporto. Apertou a mão do seu pai e acenou levemente a cabeça para a sua mãe. Não olhou para ele. Saiu.

* * *

Luca Zuriaga não jantou e retirou-se para os seus apertados aposentos, derrotado pela decisão do mestre. “*Que faço, agora?*” perguntava-se. “*Estou na rua*”. Ao chegar ao quarto, deu com a janela escancarada e um assaltante negro vestido com um blusão de ganga e um gorro na cabeça, entrava no quarto, seguido de um ucraniano sem sobranceiras, de sweatshirt cinza rato e capuz enfiado. Luca rodopiou no ar e pontapeou na primeira volta o ladrão que saltava as portadas e na segunda o seu pé saiu janela fora e atingiu o albino. O primeiro gatuno caiu estatelado de costas, em silêncio, e o outro ladrão teve reflexos para quase não cair, levantando-se rápido, sem um queixume. Sem paciência para ir atrás dos ratos, Luca encostou a janela.

Os larápios não se foram logo embora. Ficaram imóveis um momento na rua, a não mais de seis metros do quarto, olharam em redor vendo que se acendiam luzes em casas vizinhas, trocaram umas palavras calmamente, fizeram uma breve chamada telefônica com um telemóvel volumoso de tipo antigo, enquanto sacudiam o pó enlameado de neve e só depois se afastaram, a passo normal, muito direitos.

“Que lata”, pensou o Luca que ficou a observá-los. *“Que descaramento. Em vez de fugirem, ficam a falar como se andassem às compras. O bairro está a ficar irreconhecível. Devia ter ido atrás deles e dar-lhes uma coça a sério”,* cogitou.

Trancou a janela.

Capítulo 2

Sombras na Velha Acácia

O seu quarto era pequeno, com um pé-direito alto. Era frio e com alguns repasses de água que descolavam a tinta beije aqui e ali. Ouvia-se o sibilo do vento nas frestas da janela que o jovem recusava calafetar. Gostava de ouvir os elementos lá fora e fechava a porta para o frio não contaminar o resto da casa. Não tinha tapete e o chão era em parquet. Num canto havia um saco de boxe e, como estava perto da parede, esta tinha múltiplos sinais de ter sido duramente castigada. No saco estava desenhado com uma caligrafia elegante, o número três - Luca já destruíra dois com o vigor do treino. O rapaz dormia num beliche metálico preto e por baixo do beliche tinha a secretária, com uma cadeira de rodas e uma estante cheia de livros. A maior parte eram sobre guerra e armas de todos os tipos. Transbordavam da estante e caíam no chão formando pilhas, sobre a Segunda Guerra Mundial, sobre a Guerra dos Cem Anos, sobre a marcha de Alexandre em direção à Pérsia, sobre grandes generais ou grandes conquistadores. Havia livros de técnicas de combate e autodefesa, de armas de fogo e armas brancas e, menos, sobre a queda dos grandes impérios, autocontrolo e atlas de anatomia humana. Tinha ainda algumas obras de poesia que guardava porque eram a única herança dos seus pais biológicos. Uma velha tradução inglesa do Beowulf anotada pelo seu pai e a Mensagem de Fernando Pessoa, de que lera umas páginas, e ainda outros onde praticamente não tocara, como os Lusíadas de Camões, Sonetos de Shakespeare e o primeiro volume de Fausto de Goethe. Fora em Beowulf com a sua vitória sobre Grendel, que encontrara a anotação que nunca mais esquecera sobre a guerra. “Guerra. A sua descoberta acontece cedo em nós, mas é raro guardarmos lembrança disso. É claro que crianças expostas precocemente ao seu sufoco mais grosseiro, nunca abandonam essa memória. Mas aí é mais uma visita indesejada dos espectros que povoam a noite, do que guerra propriamente dita. Aí é da mesma natureza que o crime, uma agressão incompreendida na tenra idade, suscitando só medo e trauma.

A verdadeira guerra não é isso. Não é o confronto dos filhos de Deus com os seres da escuridão. A guerra é uma coisa dos homens. De tal forma é um assunto dos homens que parece difícil aceitar que esteja ausente do paraíso. É uma coisa que vem de dentro, é um jogo a sério que usa a glória como engodo, apesar de ser mortal que chegue para que não haja possibilidade de retorno ao ponto de partida. Pode

voltar-se em corpo, mas volta-se outro.

Emerge do centro geométrico da nossa alma onde se tocam as placas tectónicas do inconsciente masculino: a que subjaz à imaginação e à inteligência, a que possibilita a destreza física e incorpora o conhecimento sensorial da natureza, a que anima a coragem e a vontade de vencer e a que clama por justiça e busca a honra. O brandir das armas é apenas vento, um turbilhão que se agita na esfera do visível, após a concussão interna desses quatro continentes muito abaixo da superfície, permitindo o delírio antiempático que veste no outro a roupagem do horror quando está em perigo a nossa família, o nosso sonho ou a nossa cidade. E a nossa cidade está quase sempre em perigo.

Ao contrário do que julgam os simples, mais do que a arte, o fogo, a agricultura ou a fala, é a guerra que nos distingue dos animais, é a guerra que funda a humanidade”.

A letra escarlate de tinta permanente, descia larga e firme as margens laterais de várias páginas do livro antigo, e era a única herança em que sentia a voz do seu falecido pai. “Olho, apaixonado, o rosto pacífico e seguro de Lara que adormece e sei que somos diferentes” escrevia, deixando Luca desejar que fosse como a mãe. Mas, ao contrário do que o seu progenitor aventara, Luca sabia bem quando tinha descoberto a guerra: Fora quando lera essas palavras, nos distantes onze anos de idade, mesmo sem as compreender inteiramente, e as temeu como uma premonição mal vinda, escondendo até o livro durante anos, sabendo que esse estado era uma coisa física, de género, que precedia de anos a conflagração.

Guardava uma memória visual imprecisa dos seus pais biológicos. Lembrava-se vagamente do seu pai, muito alto, a pegá-lo nos braços e a erguê-lo no céu, dizendo “*voa avião, voa*”. Recordava-se de se agarrar às pernas da mãe, num chão com um tapete fofo e colorido e dela o pentear. Sabia que eles eram professores numa escola secundária e que tinham muitos livros. Quando tentava recordar-se dos seus rostos apareciam-lhe os dos seus pais adotivos. A sua casa ardera de alto a baixo, após o rebentamento de uma bilha de gás. Não tinha sobrado uma única fotografia. Só ele sobrevivera.

O seu pai adotivo, um amante da caça ao javali e firme defensor de que vivemos na antevéspera do apocalipse, era um dos bombeiros que o salvaram. Dizia que se apaixonara por ele, mal tinha dado com aquele bebé. A mãe confirmava que ele fora uma estrela caída do céu. Ambos travaram uma batalha de anos para conseguirem ficar com ele. O Estado, contara-lhe o pai, com a sua conversa mole, onnipresente, e a sua polícia para a fazer cumprir, onnipotente, rondara a casa térrea durante anos, porque eles não tinham cumprido um qualquer detalhe da lei, contrário ao afeto que sentiam pelo filho que Deus lhes oferecera. Luca que não temia nem os homens nem os seres da escuridão, que até os procurava para pôr à prova a sua própria temperança, nunca esqueceu a sensação de perigo das visitas da Besta de

Pele Suave que se camuflava atrás do primeiro arbusto ou se escondia, informe, na mais mísera das sarjetas, rondando as janelas da pequena casa branca, sussurrando-lhe ao ouvido, durante anos, que tinha uma prenda para ele: o orfanato. O orfanato que o aterrorizava à noite e para o qual endurecia o coração, durante o dia. Mas a sua mãe tinha sido uma gata de unhas de fora, não deixando que ninguém levasse o seu menino, ameaçando com sangue, pavor e choro até ao fim dos tempos a Delicada e Letal Besta que a observava curiosa, enquanto fazia as suas contas, continuava o pai numa história repetida vezes sem fim, mas de que o rapaz não se cansava. “*O Duque*”, “*o Engomado*”, outros dos nomes que o seu pai usava para designar o Estado, “*faz contas*”. “*Quando o encontrares nunca te esqueças disso, rapaz: Ele parece que segue caminhos traçados num mapa, mas não, nada disso, o Engomado faz é as suas contas*” avisava-o enigmático o seu pai adotivo.

Não tinha primos ou tios e tinha sido criado como filho único durante anos, até que há pouco mais de oito a mãe, a quem os médicos garantiram não poder ter filhos, engravidou do seu irmão Luís. Durante a adolescência imaginara todos os dias como teria sido a sua vida se a antiga não tivesse ardido. Culpabilizava-se por esses pensamentos pois adorava a sua família, mas se vivesse duas vidas como seria bom ter podido experimentar crescer com os pais biológicos, os seus pais com livros. Teria ido à praia no Algarve, em vez da Caparica? Teria tido férias fora de casa, como a sua ex-namorada Joana? Teria visitado o estrangeiro que tanto desejava conhecer? Que esperavam dele os seus pais de sangue? Estariam desiludidos? Como podia conseguir que se orgulhassem de si, se já não estavam cá? Tinha dois pais e duas mães. Uns conhecia e amava. Agradecia-lhes tudo. Não podia ter os pais mortos, porque é que se torturava, então, a escolher entre eles? Porque não aceitava em paz, a sorte imensa de ter sido arrebatado pelo pai, do fogo e pela mãe, do orfanato? E onde encaixava o seu querido Luís que o imitava nos pequenos gestos, se a correnteza da vida o tivesse mantido com a família de sangue? Como poderia existir vizinho do pequeno Luís, sem saber que ele teria sido seu irmão nesta outra vida?

Sentou-se na cadeira, cruzou os braços na secretária e caiu sobre eles, pousando a testa e olhando o chão. “*Expulso duma vida por um incêndio e expulso doutra, do Karaté, da MMA, por uma fúria*”.

No início, o seu mestre achara que ele era um diamante por lapidar, condenado ao sucesso mais cedo que tarde. A Multiple Marcial Arts, conhecida por MMA, era um desporto de combate em que cada atleta podia dedicar-se à disciplina em que fosse perito, se bem que os combatentes devessem dominar um mínimo de cada tipo de arte. Luca não queria investir nas disciplinas que implicavam a imobilização do oponente, como o Wrestling, o Jiu-Jitsu ou o Judo, pois “*só o knock-out era uma vitória por inteiro*”. Mas era tão bom nas disciplinas de impacto, que recorria aos

punhos e aos pontapés, que podia ter sucesso só com isso. Quando o mestre o conheceu, já ele tinha sido expulso do Karaté por falta de disciplina e entrara no boxe pensando que aí não havia regras de salão. Era estranho esse argumento porque o Luca era cheio de regras de salão. Pelo menos do salão em que ele se parecia imaginar.

Preferia o Karaté pelo sentido estético da cultura marcial, mas não cumpria as regras. Tinha a obsessão da perfeição do quimono e alinhava-o ostensivamente a meio dos torneios, o que era uma desconsideração do adversário. Treinara secretamente em casa a expressão casual e os gestos de ajeitamento rápido do fato, a meio do combate. Chegara a usar um pente para recuperar o aspecto guerreiro-clean, no decurso de um assalto, quando o cabelo se desalinhava. Expulsão direta, sem hesitação do árbitro.

O seu antigo mestre de Karaté recordara-lhe o óbvio: - Não te estão a filmar, isto não é um documentário sobre samurais convertidos ao tapete, nem a antologia do novo Bruce-Lee. Isto é só Karaté rapaz, dissera-lhe uma vez, cego por usar a palavra só, quando para si o Karaté era o topo, a nata da nata. Mas depois aparecia-lhe aquele puto com um cinto negro ainda por secar e que sabia tudo sem nunca ter aceite que lhe ensinassem nada, comportando-se como se ele próprio fosse o escol e o mestre, com o seu negro de quinto dan e o seu ecletismo de provas dadas, fosse da altura do chão. Não que o Luca tivesse alguma vez deixado cair uma palavra depreciativa. Era a forma como fazia o que fazia.

Aderiu depois ao boxe, pois aí tratava-se de derrubar bonecos. Foi um sucesso flash, até ao dia em que apostou que entrava em todas as discotecas de Lisboa e andou, até alta madrugada, a entrar em muitas aparecendo com um sobretudo Hugo Boss e um bigode à Charlot, sem dizer água vai aos seguranças, ou melhor, a dizer-lhes com um sotaque alemão improvisado, *“aguenta aí chavalito que estou aflito e só quero ir aliviar o intestino”*, e acabando a derrubar bonecos, como ele dizia, por Lisboa inteira. Escapou às rotativas da polícia e foi para o Porto, onde apareceu a falar mau inglês, com uma grande águia vermelha no peito, a mandar abaixo os dominós, como desta feita batizara os seguranças. Só que um dos ex-bóxeres mais influentes do país, reconheceu-o a quente e fez queixa dele à federação como zaragateiro, matando a sua carreira antes dela ver a luz do dia.

A quente porque, depois de percorrer o Porto à procura do alfacinha que pusera a noite a ferro e fogo e lhe escapara por uma unha negra, o ex-bóxer tinha estacionado na Ribeira, na companhia do superdragão que mandava na segurança das discotecas da Invicta, quando o reconhecimento ocorreu. Estava no descapotável de luxo, a fumar um cigarro e a convencer o seu compincha que telefonar para todas as discotecas, mandando dar dois tiros no lampião era má ideia, quando o Luca deu

com eles por mero acaso. Podia ter fugido pois já fizera quatro discotecas, mas a imagem conjunta do carro caro e dum escadote das obras abandonado, foi inescapável. Parecia um óleo em tela: o rústico escadote, o carrão com os dois crápulas e o deus Marte. Tudo emoldurado pelo casario da Ribeira, com o Douro ao fundo. Já tinha acontecido antes de acontecer. Descalçou-se e atou os cordões dos sapatos ao cinto. Abriu a escada de madeira velha e pousou-a no chão, em silêncio, para lhe apanhar o jeito e depois subiu-a, confirmando que não rangia. De seguida avançou até à traseira do bólido com o escadote já aberto, pousou-o no alcatrão e subiu até ao pedestal do topo. Olhou em volta. Dois ou três pategos já bebidos, mas a insistir, olhavam e apontavam para ele, rindo aí a uns setenta metros. Lá em cima, com os sapatos balouçando como revólveres, um de cada lado, fez o que estava escrito nas estrelas.

Era bom que aguentasse o frio porque o Douro, mesmo no Verão, era gelado. Ainda o superdragão repetia que, caralho, o morcão morria essa noite e o ex-bóxer insistia que não valiam a pena chatices com a bófia, que o mouro se caçava nessa ou noutra madrugada, quando começaram a chover do escadote as urémicas e quentes bátegas da chuva ácida. Olhando para trás, a visão de um mouro na Ribeira, em pose de visconde, de braguilha aberta, lá no alto, mijando-lhes garbosamente em cima, era muito difícil de engolir para os galegos. Como o tipo renegou a promessa de não nadar nunca mais, atirando-se ao Douro, ou porque era maluco ou porque de maluco não tinha nada, varreram à laia de compensação, à biqueirada, os mirones que, de cerveja na mão, não se tendo apercebido do elevado estatuto dos dois mictórios, se riam espasmodicamente e à compita.

Já na MMA, fazendo menos estragos de rapazola, surgiu aquele problema do diamante em bruto nunca recuar um só passo a partir do segundo round, de não ouvir o sinal do intervalo, de nunca aceitar a derrota que quando ocorria, era por penalização e sempre rara, agigantando-a com a confusão que despejava no evento. Nunca aceitava o fim de um combate até à vitória e só conhecia uma forma de vitória.

- Não sejas um irredutível, Luca. Nunca vi campeões irredutíveis porque se perdem todos no caminho – dissera-lhe o mestre.

Na verdade o mestre já vira lutadores orgulhosos, casmurros, com dificuldade em aceitar uma derrota, até o destino lhe ter entregue o Luca Zuriaga. Tinha tido de visitar o dicionário para encontrar aquilo que via no ringue. Às vezes ficava absorto, a perscrutar de que desporto era o miúdo campeão. Devia haver outra modalidade ou outra estratégia nesta modalidade, em que a imprevisibilidade temerária e a velocidade explosiva lhe granjeassem o ás de trunfo que aquele gladiador fora de tempo, valia acima dos demais. A perturbação agravava-se no segundo assalto. Lutava com desconhecidos como se ajustasse contas. Lia-se nos seus olhos,

dilatados como um gato, na cal da pele como a de um fantasma, no rosto transtornado como se fora portador da notícia de uma tragédia, quando, segundos antes, combatia masculamente mas com normalidade e há escassos minutos era até simpático e deferente. Quem o visse fora do ginásio não suspeitaria.

“Só ganhas, Luca, só ganhas. E consegues que fique apenas a memória de quando perdes”. Tinha-lhe falado, mas não chegara até ele. O mestre acreditara muito tempo que, deixasse-se o selvagem burilar e ficaria nos anais daquele desporto. Mas agora desistira dele.

“Que faço”, perguntava-se o Luca? *“Estou na rua, repetia. Ninguém me vai aceitar em lado nenhum”*. Havia no Brasil e no Leste um estilo de luta de rua que era uma espécie de vale tudo. Só que, como era estrangeiro, faziam-lhe a cama em três tempos. Aquilo eram só máfias e quando ele valesse alguma coisa, está-se mesmo a ver que o dinheiro das apostas cairia mais graúdo se ele perdesse inesperadamente. Perder ser-lhe-ia proposto de uma forma muito convincente, tinha a certeza. Para além da luta, o que podia fazer? Uma hipótese seria ele fundar o seu próprio ginásio. *“Boa ideia”*, pensou. *“É isso mesmo”*. Levantou-se e começou a circular para a frente e para trás no quarto, como se estivesse enjaulado. O armazém do cais velho estava abandonado e ele arranjava-o em três penadas, contra seis meses de uso. Depois logo se via. Era só arranjar um nome que vendesse bem.

* * *

Bateram à porta do quarto. Era a sua mãe. Lívida, exangue no umbral. Atrás apareceu o pai que entrou, afastando a mãe.

- Está ali a polícia para te levar à judiciária. Que se passa Luca? Que aconteceu no ginásio?

Luca engoliu em seco. - Nada de especial. Dei uma coça num gigante que tem a mania.

- Coça como? perguntou-lhe o pai que se encontrava a centímetros dele. Coça como?

- Uns tabefes pai, que foi?

- O que foi é que a polícia quer levar-te. Como é que ficou o rapaz em que bateste?

- Sei lá pai, ficou no chão.

- Respirava? Mexia-se?

- Claro pai, que achas?

- Decide rápido rapaz, porque se é para saíres pela janela, saís já.

Luca olhou pela janela e, do ângulo em que estava, viu o que o seu pai não via. Um segundo carro tinha subido a rua lateral e estava, sem faróis, debaixo da velha acácia. Uma saída pela janela era cair nos braços do inimigo que se escondia. Mais valia o inimigo que dava a cara. O pai ainda tentou ir com ele, mas não era possível. Ele era maior e vacinado.

Entrou no carro descaracterizado e sentou-se no banco de trás, ladeado por dois polícias à civil. Pararam junto a um edifício cinza com vários andares.

- Anda, disseram-lhe.

Passou um pequeno átrio que mais parecia uma entrada secundária e talvez fosse. Subiram pelas escadas dois pisos e na terceira porta à direita, quase no fundo de um corredor taciturno, junto a uma ala de calabouços, entrou num pequeno gabinete onde um homem careca, de óculos de tartaruga, escrevia num teclado encardido de computador.

- Senta-te, ordenaram-lhe.

Os dois polícias ficaram de pé, à porta, enquanto o terceiro escrevia. Na secretária uma pequena placa dizia Inspetor Chefe. A única janela tinha grades por dentro e vidro translúcido por fora.

“Se virasse os dois que estão à porta não era o velho que vinha atrás de mim”, pensou. Na entrada não se lembrava de ter visto segurança. Podia ser uma armadilha, mas porquê?

- Nome? inquiriu o inspetor.

- Quiroga, respondeu, intuitivamente o Luca.

O velho rodou a cadeira e olhou para ele fixamente por cima dos óculos.

- Ah, desculpe. Luca Zuriaga.

O inspetor manteve-se imóvel, atravessando-o. - Parece que este é brincalhão, disse finalmente, sem expressão na voz. Os polícias da porta riram.

- Data de nascimento. Morada. Profissão.

Respondeu direitinho. Trouxeram um corante e colheram-lhe as impressões digitais dos dez dedos. - Onde posso limpar as mãos? perguntou.

O velho inclinou-se para ele, tirou os óculos e propôs-lhe: - Esquece as mãos e explica lá porque é que um puto porreiro como tu fez aquele disparate.

- O Quiroga ? Isto tem a ver com o Quiroga? perguntou, sem saber o que fazer aos dedos molhados de azul.

O velho ficou-se e depois disse-lhe com um tom informal, quase caloroso: - Fala miúdo. É a tua oportunidade de teres uma saída disto.

- O tipo é um gigante, não é do meu peso. O mestre mandou-o combater comigo para me dar uma lição. Só que ele é nojento e apalpou-me na luta agarrados. Eu não gosto de perder e não gosto de abusos, por isso fui ter com ele ao vestiário e enfiei-lhe dois murros sem luvas.

- E depois miúdo, como é que aconteceu o resto?

- Saí pela porta das traseiras e esperei no beco, onde ele tinha a moto. Quando veio trazia um taco e eu dei-lhe mais uns murros e ele caiu.

- Sim. E depois?

- Fui-me embora.

- E antes de te ires embora?

- O quê? perguntou o Luca.

- Antes de te pises, rapaz – repetiu o inspetor.

- Sim, mas o quê? insistiu o Luca.

- O quê o quê? trovejou entre uma chuva de perdigotos, sem aviso, o inspetor, ao mesmo tempo que se levantava para ele. - Estás a reinar? Fala, berrou.

Luca ficou em silêncio, com as suas mãos azuis dependuradas por secar .

- Mostrem-lhe, disse o inspetor, enquanto voltava ao teclado.

Os dois policias que estavam junto à porta aproximaram-se e mandaram-no pôr as mãos atrás das costas. Algemaram-no. Foi de volta para o carro e reparou que na entrada estavam agora dois guardas armados que olharam para ele de soslaio. Uns dez minutos depois, o carro voltou a parar junto de outro edifício, muito mais antigo. Entraram e dirigiram-se ao elevador que desceu ao menos dois. Saíram. Estava mais frio naquele prédio que na rua, nalguns tetos gotejava água e ainda por cima cheirava a remédio. Passou por vários corredores sombrios até chegar a um compartimento com uma porta metálica, como se fosse um elevador industrial. Tinha uma luz vermelha acesa que dizia *exame em curso*. Entraram.

Fez um esforço para não vomitar. O Quiroga estava completamente nu, deitado de barriga para cima numa marquesa metálica, com os olhos entreabertos e um fio de sangue escuro escorria-lhe pelo ouvido esquerdo. Estava morto.

Capítulo 3

O Exame

Ao lado do cadáver do Quiroga, um outro velho, também careca, quase sorria. Por momentos pensou que era o mesmo que o interrogara na polícia, mas não, este era diferente. Era mais magro, mais alto, de rosto mais espalmado, tinha dentes demasiado brancos, escondia um sorriso que não prestava, o pouco cabelo era arruivado e não era velho.

- Só se ele tinha alguma doença e não sabia – conseguiu articular o Luca.

- Uma doença? pensou o careca ruivo. - Hum. Vamos lá ver se se encontra alguma doença.

- Avança, disse.

Apareceu um sujeito estrábico, com o cabelo empastado, um ligeiro arrastar da perna esquerda e uma bata curta de talhante. Pegou numa serra circular e começou a abrir o peito do Quiroga de cima para baixo. O corpo vibrava com a serra, escorria pouco sangue é certo, mas um líquido estranho, com umas gotículas de gordura bordejava a lâmina. Nas mãos viam-se os dedos azuis do corante das impressões digitais.

Luca recuou, voltou-se para trás e tentou correr. Passou a porta, com as mãos algemadas atrás das costas, já em desequilíbrio, mas não foi longe. Alguém o rasteirou e ele caiu. O chão era de tijoleira creme claro e parecia não ser lavado há dez anos. Estava escorregadio e o Luca, com a visão de que estivesse conspurcado com aquele líquido oleoso que saía do Quiroga, tentou levantar-se. Os polícias agarraram-no pelo casaco e pelo cinto e levaram-no de volta ao cadáver que estava agora desfeito. Tinham-no aberto de alto a baixo e, numa bacia verde, estavam três pedaços de carne enormes. O velho que não era velho, tinha posto umas lunetas e pegou, com luvas de látex, num deles e diagnosticou “o coração está bem”. Pegou noutro e disse os “pulmões parecem saudáveis” e, depois, no terceiro e confirmou “*o fígado não tem nada de especial, à primeira vista*”.

Luca arfava, diaforético. A suas fontes latejavam. Ia morrer ali.

- Se não foi dessas coisas, de que terá morrido o namorado deste miúdo? questionou em tom de curiosidade fingida um dos polícias.

O careca fez um sinal ao aleijado e este rodou o tronco e a cabeça do que restava da carcaça do Quiroga.

- Terá sido disto? O médico, com um ponteiro metálico telescópico que parecia uma antena antiga de automóvel, apontava um pequeno orifício na nuca do cadáver – a porta de entrada de um tiro na cabeça.

- Então a soneca foi boa?

Saltou da cama dura. Dormira encharcado em suor. Que pesadelo. Mas onde estava? Um homem sentara-se à sua frente. Era o inspetor que o interrogara na véspera, desta vez sozinho. O relógio na parede marcava três horas e quinze minutos. Pelo janelo via-se que era noite. Ele tirou-lhe as algemas.

- Luca, porque mataste o teu amigo? Só quero perceber porquê.

- Não o matei.

- Mas ele pareceu-te bastante morto, não pareceu miúdo? Onde guardaste a pistola?

- Não sei.

- Ora, ora, queres que eu acredite que te esqueceste onde a meteste?

- Não tenho nenhuma pistola. Não o matei. Dei-lhe uns sopapos.

- Sabes Luca, eu até compreendo o que se passou. Deste-lhe umas murraças. Ele em vez de perceber a mensagem, veio atrás de ti com um taco. O inspetor chefe abriu ligeiramente os braços e exclamou *“foi legítima defesa do teu lado”*.

- O tipo era péssimo, pelo que me dizem, continuou. Não se perdeu grande coisa. Se não fosses tu, mais tarde seria outro qualquer. Vou dizer-te uma coisa: é raro na minha profissão, mas eu engraço contigo. Fazes-me lembrar o meu neto. Quero ajudar-te. Fizeste um disparate, mas a coisa ainda tem arranjo. Mas é preciso que tu me ajudes para que eu te possa ajudar. Onde está a pistola?

- Já lhe disse. Não há pistola. Não fui eu.

- Tenho pena da tua mãe. Está de rastos. As despesas com advogados vão deixar os teus pais na miséria. - Filho, porque é que mataste aquele escroque? Diz-me só que foi legítima defesa e vai tudo ao sítio.

- Não fui eu. O tom do Luca mudara como se aquela prisão fosse uma espécie de ringue, apesar de ainda não perceber o que seria nesse tablado uma vitória.

O inspetor levantou-se e saiu sem dizer uma palavra mais. Passou a noite em claro. Quase não pregou olho. Depois do inspetor sair, tinham-lhe posto outra vez as algemas e os pulsos doíam-lhe. Alguém levava o relógio da parede. Tinha-se constipado e, depois de duas vezes, não vieram mais libertá-lo para se assoar e ele tinha deixado de chamar. Pigarreava para aclarar a garganta. O nariz obstruído pingava na pequena almofada e ele respirava pela boca seca. Acordou sem ter dormido. Sabia que eram sete em ponto da manhã que não havia ainda despontado, pois acordava infalivelmente a essa hora, há muitos anos. Passado algum tempo apareceram dois polícias que ele não conhecia e que vinham de farda. Fazia lembrar-lhe a farda de campo dos bombeiros, aquela roupa escura e sem vincos ou forma, como um pijama velho, um quimono tingido, dois números acima e por passar a ferro. Tiraram-lhe as algemas.

- Lava o nariz e penteia-te, disseram-lhe.

Estava uma toalha envelhecida junto a um lavatório e um pequeno pente de plástico de aspeto usado.

- Não tenho escova de dentes, disse o Luca.

- Queres dar um salto a tua casa num instantinho para ires buscar uma? perguntou um dos guardas. - Se te deixarmos ir prometes voltar de autocarro? quis saber o carcereiro, enquanto o outro ria sem som, mas com um hálito insuportável.

Viu a porta da cela entreaberta. Os primeiros polícias, vestidos à civil, trataram-no duramente, mas ele sentia que tinham algum respeito. Respeito quando subiram sorrateiros de luzes apagadas sob a Acácia, segredando-lhe “*sabemos quem és homem, foge, pula pela janela, tenta desaparecer na cidade*” ou quando entraram com ele na polícia por uma porta sem vigilância, desafiando-o, “*vá tenta passar por cima de nós, tens uma chance de escapar*” e mesmo até respeito, pela pose, só na aparência relaxada, com que se encostaram à porta do inspetor que o interrogava, mas em que o Luca detetou o estado de alerta, a prontidão. Estes, os fardados, não. Estavam em casa. Ele era um preso entre muitos. Como se nunca tivera tido vida lá fora. Ou não sabiam da sua vida anterior àquele estábulo ou cuidavam que fora sepultada para sempre. Quando pegavam ao trabalho, de manhã, iam guardar presos. Luca era propriedade deles.

Duas pancadas secas e caíram sem estrondo. Amordaçados, um debaixo da sua cama e o outro despido no colchão. Vestiu a farda do guarda e avançou pelo corredor, boné enterrado da cabeça e a pala a tapar-lhe os olhos, depois de trancar a cela. O guarda que estava no fim do corredor disse-lhe:

- Viste o baile que vos demos ontem?

Ele continuou a avançar sem falar, olhando para baixo, fingindo ver as horas no relógio de pulso de que se apropriara há segundos. O guarda riu e continuou:

- Foi o árbitro desta vez também, ó leão?

O guarda estranhou os sapatos do colega. “*João? És tu?*” Não era o João e era demasiado tarde para não ser. Era o Luca Zuriaga e isso significava um impacto direto e a inconsciência antes de, na queda, o lampião tocar o desgastado soalho. Desta vez espalhafatosa, porque acabara, sem manso aviso, a estação da quietude. Dois outros procuraram sacar as armas dos coldres. Como se fossem estátuas de cera em câmara lenta, os rostos desfigurados pelo medo. Caíram com os dois pontapés que fecharam a sequência. As pistolas, usou-as para destruir a tiro os cadeados da janela de grades, por onde se atirou, com a sua ajuda, o sexto guarda que entretanto aconchegara.

Lá em baixo polícias movimentavam-se, iniciando-se o cerco que esperava a sua defenestração; mas ela nunca ocorreu porque, simultaneamente, desfilava em

paralelo uma solução alternativa: ele corria atrás de um grito ferino que gelou o sangue dos guardiões daquele covil e, com a secretária metálica que o antecedia no ar, libertou da parede o janelão gradeado do fundo do corredor. Defenestrou-se a ele, sim, mas antes dele tinha defenestrado a própria janela, arrancada do betão. Caiu incólume na rua detrás, iniciando a fuga, longe do cerco.

E depois? Para onde iria? Os seus pais, como ficavam? Os seus planos para o futuro, como sobreviveriam àquela confissão ruidosa de um crime que não cometera? Talvez isso não fosse uma vitória. Era cedo.

- Acorda ranhoso, disse-lhe um dos bombeiros que se tinham na conta de polícias e o tiravam sem consideração da sua cela. “*Tás ganzado?*”

- Preciso de ir ao quarto de banho, respondeu compassadamente o Luca.

O polícia empurrou um bacio com a bota. - Vai mas vai rápido.

- Perdi a vontade.

- Ai perdeste? Mas é melhor que ela volte porque o penico está para durar. Aqui não há mamã que te ajude. Vamos mas é mexer esses pés enquanto os tens. Algemaram-no outra vez, levaram-no até ao carro descaracterizado da judiciária. Era a terceira viagem que fazia e a segunda em que não sabia para onde o levavam.

- Prepara-te que tens umas coisas a explicar ao juiz, disse-lhe um agente. De repente ocorreu-lhe o óbvio: o mestre! O mestre fora ter com ele, para o admoestar por causa da zaragata com o Quiroga. O mestre sabia que ele o tinha deixado com umas nódoas negras, mas vivo.

- O mestre sabe que eu não matei o Quiroga. Falem com ele que confirma tudo.

- Falaremos, bebé durão. Falaremos mal apareça. Ele desapareceu. A propósito, conheces alguém que tivesse alguma coisa contra o mestre? Alguém interessado em que ele fosse desta para melhor?

- Mas afinal quem me viu matar o Quiroga?

- Por enquanto ninguém, mas ainda é cedo. Por enquanto sabemos que és um tipo violento, apesar dessa carinha sonsa. Sabemos que atacaste o atleta à má fila no vestiário. Sabemos que o teu mestre foi direto a tua casa, para correr contigo do ginásio e sabemos que tu demoraste a aparecer. Depois disso, o mestre nunca chegou a casa dele.

O juiz Ponces Branco era um homem totalmente diferente dos polícias. Parecia um rico. Quis saber se o suspeito tinha advogado e disseram-lhe que ele não solicitara a assistência de um causídico. Perguntou à polícia que escoriação fresca era aquela no rosto do suspeito e esta respondeu que ele tinha escorregado e caído na morgue, aquando do reconhecimento do cadáver.

A polícia foi arrasadora. O juiz ouviu a versão da autoridade sobre o assassinio

da vítima pelo Luca com atenção e a sua própria versão com enfado. Perguntou-lhe só porque é que tinha tantos livros sobre armas em casa e se teria alguma ideia sobre o paradeiro do mestre. Fez um comentário sobre trazerem-lhe arguidos sem advogado. Disse também que não queria mais quedas na cara dos suspeitos. Ameaçou mandar o detido para o hospital para se registar a escoriação. Pediu-lhe que arregasasse as mangas e, depois, assomou-se-lhe uma fugaz expressão de desagrado quando viu as marcas das algemas na pele. Por fim, anuiu que ele era um elemento de notória perigosidade e que havia o risco de fuga e de destruição de provas. Ficaria em prisão preventiva até o caso ser revisto, mal o mestre aparecesse ou tivesse sido nomeado um advogado. Dada a sua idade, não devia ser misturado com presos com cadastro de crime violento. A polícia ainda comentou que isso excluía virtualmente todas as prisões, mas o juiz repetiu apenas que não queria mais quedas e deu a sessão por terminada.

Tinha acabado de ser reconduzido ao calabouço da judiciária quando o chamaram. Tinha visitas. Era a sua mãe. O pai não entrara porque só podia ter uma visita de cinco minutos. A mãe abraçou-o como se ele fosse uma criança pequena e segredou-lhe que acreditava nele. Nada de abraços informou o guarda; era uma questão de segurança. Ficou um minuto a olhar para ele de mãos agarradas e os olhos marejados de lágrimas. Disse-lhe que o pai e ela, estavam do lado de fora a tratar de tudo. Eram os três uma equipa, com ele dentro de uma prisão mas eles lá fora a lutarem por ele. Nunca devia reagir a quente, fosse a que provocação fosse e as provocações iriam aparecer. Devia resistir ao enclausuramento, como em casa resistia ao frio. Parecia o pai a falar.

Mas disse-lhe também que tinha de sobreviver intimamente e de sair daquele mundo como entrara. Como fazem os cisnes que entram na água e não se molham. Aqui a voz que se ouvia era a dela, e tão diferente era a sua esperançosa fé católica da visão conflitual do mundo do seu pai... Seria só porque a ela, a vida lhe pedia a oferta de uma retemperante refeição, enquanto a ele o obrigava ao intrépido combate a incêndios que ninguém sabia quem ateava, mas em que era fácil identificar quem com eles lucrava?

A mãe recordou pequenas coisas da sua infância. Ouviu, por fim, que iria receber a visita de um advogado de confiança, muito bom. Devia fazer como o advogado mandasse. Esgotaram-se os cinco minutos e o guarda não quis mais abraços. Ainda bem que a Joana tinha acabado com ele. “*Que pensaria ela e os seus novos amigos universitários*”, que estavam de certeza a par das notícias da acusação que pendia sobre ele?

Poucas horas depois surgiu mais uma visita. Era o advogado. Luca não gostou dele. Era idoso e não se percebia se acreditava na sua versão ou não. Teve de a repetir várias vezes, enumerando detalhes. Como tinha uma memória fotográfica,

era-lhe fácil recordar tudo na ponta da língua, mas o advogado não se agradou muito da precisão. “*É muito perfeita a narrativa, quase sobre-humana*”, disse-lhe, como se o elogiasse, mas a expressão deixava escapar que gostava mais de menos perfeição.

Deixou-lhe um cartão com um número de telefone e avisou-o que nunca dissesse nada sem a presença dele. Repetiu o conselho dado em tom de instrução. Acontecesse o que acontecesse devia declarar apenas “*só falo na presença do meu advogado*”. A polícia não tinha poder negocial verdadeiro, dizia o jurisperito. “*É uma ilusão tudo o que te oferecerem. Um tiro na nuca como legítima defesa, por exemplo, que oferta é essa?*” O silêncio era a melhor palavra. Por último devia evitar confusões com outros presos e ser tão cordial quanto possível com os funcionários. A sua ficha prisional era para estar limpa.

Uma das coisas que o irritaram foi o advogado insistir que ele era muito mais pequeno que o Quiroga e o outro tinha um pau; ambos estavam treinados a lutar, como é que ele o derrubara? David tinha derrubado Golias, é certo, anuíra o causídico paternalmente. “*Mas nesse caso raro, David estava armado com uma funda e alvejou Golias à distância.*” Que raio de palavra para descrever o uso de uma funda. Alvejar.

Capítulo 4

A Testemunha

Nessa noite dormiu um pouco melhor e até comeu com apetite. Na verdade não lhe era difícil adaptar-se à rotina espartana daquele sítio. De manhã disseram-lhe que se arranjasse pois era um dia especial. Entregaram-lhe roupas que a sua mãe tinha deixado. As suas calças de ganga preferidas, uma camisa Gant, um relógio, e uns sapatos de vela novos. Artigos de higiene pessoal, incluindo o perfume, gel para o cabelo e uma escova de dentes nova. Nos últimos tempos a mãe mudava-lhe frequentemente a escova de dentes. Havia de lhe perguntar porquê. Apesar de quase não ter barba, decidiu escanhoar-se para poder usar o aftershave. O odor do aftershave e o do perfume iam bem juntos. Tenho o olfato de um cão pisteiro e a visão noturna de uma coruja, costumava pensar. Perfeito. Vieram buscá-lo e deram-lhe o cinto. Inspirou fundo. Não sabia com quem se ia encontrar mas sentia-se pronto para tudo.

Levaram-no por corredores que não conhecia. Virou à esquerda primeiro e tornou à direita depois, subiu por escadas para descer de elevador. Após várias voltas, acabou no gabinete do velho inspetor careca que ficava mesmo ali ao lado e que de diferente tinha apenas uma pequena e empoeirada árvore de Natal de plástico a iluminar a secretária.

- Há novidades, informou-o o inspetor. O teu mestre apareceu.

Respirou de alívio. As coisas começavam a normalizar-se no meio daquela alucinação.

- Ele está cá? perguntou o Luca.

- Cá? Não. Então não sabes que hoje não é dia de visitas?

- Mas o que é que ele tinha declarado?

- Por enquanto ainda nada, esclareceu o inspetor. Se calhar só diz seja o que for na presença de um advogado.

- Mas ele é acusado de alguma coisa? Porque é que não fala?

- Bom ... ele está a fazer-se de mudo, mas pedimos a um colaborador nosso que o faça falar. Tu conheces bem esse nosso amigo, disse-lhe o inspetor.

- Vai interrogá-lo?

- Não. Vai autopsiá-lo. Como ao Quiroga. Só faltas tu, mas não te preocupes – não vai custar um tostão aos teus pais.

A sua cabeça esvaziou-se e só conseguiu repetir “*só falo na presença do meu*

advogado”.

- Do teu não. Do da mamã. Enquanto o dinheiro durar. Faz parte do castigo. Chupamos a tua família com uma palhinha. Quando acabar o pé-de-meia, nós arranjamos-te um advogado dos nossos, sussurrou-lhe ao ouvido o inspetor.

Já na cela, imaginou-se a ser autopsiado vivo pelo médico ruivo e de só conseguir mexer os olhos. Figurou-se aos três, ele, o Quiroga e o mestre, lado a lado, nus, abertos como frangos, em marquesas metálicas; os outros dois com ar violáceo e cheiro putrefacto, mas ele muito aprumado, penteado e bem cheiroso. Não teve medo. Sentiu-se derrotado, um zero à esquerda, barbeado, perfumado e penteado com gel. Um palhaço a preço de saldo.

O calendário arrastava-se dolorosamente. Piores as horas noturnas que as diurnas, mas todas más. Dias depois foi levado novamente, só que desta vez o carro da polícia estava assinalado com uma rotativa no tejadilho. Para além dos investigadores da PJ, sentaram-se nos bancos da frente dois agentes do Grupo de Operações Especiais da PSP. *“Dois polícias da judiciária e dois do GOE. O meu caso está fora de controlo”*, pensou o jovem. Refez o seu trajeto no dia do crime. O ginásio tinha um ar abandonado, com uma grande Árvore da Natal artificial apagada a um canto, sem qualquer traço de decoração ou cor. Só estavam presentes dois funcionários, com cara de velório como se o próprio clube tivesse sido abatido. Até o pequeno quarto de banho público novo colocado recentemente no beco tinha sido retirado. O Ginásio extinguiu-se ou como dano colateral dos dois assassinatos ou porque tudo o que ele tocasse secava.

Estava um dia frio mas solarengo, com um céu azul que brincava à Primavera em pleno Inverno. Do outro lado da janela do carro, lojas coloridas, decoradas com os motivos da época festiva inspiravam as pessoas que circulavam, indo às suas vidas, sozinhas ou em grupos animados. Não o viam, passeando na insciência de que a sua liberdade era aparente, uma oferta de quem tinha poder para isso. Estavam soltas, não livres. Eram cegas, no contentamento que aparentavam, mas não inteiramente felizes. Ele, algemado e dentro do carro, sabia bem o que era estar preso. Era estar tão ao dispor como quem andava à solta, mas sob austeridade e mais à mão. Ou não saberia nada, estando apenas tão contaminado com o pensamento conspirativo do seu pai e tão desapontado com a experiência depressiva da prisão, que já não conseguia ver o valor intangível da liberdade, quando ela lhe era apresentada sem conta nem medida, do outro lado da janela de um carro da polícia? Seria esta a sua vida? Estaria velho quando saísse da penitenciária? Alguma vez sairia? Não o tinha alertado a mãe para ser como um pássaro aquático e sair incólume da prisão, continuando a ser quem era quando o libertassem? Sem transportar para sempre uma prisão dentro de si? Tinha de conseguir ser esse cisne, intocável na sua alma por mais conspurcado que estivesse o lago. Por momentos,

conseguiu o milagre de voltar a ser quem fora e, então, as suas lutas anteriores perderam sentido, parecendo-lhe migalhas desprezíveis face ao prazer imenso que é ser-se livre.

O carro da polícia parou no primeiro semáforo, logo depois de sair do beco. Reparou num táxi antigo que estacionava à porta da viela e, incrível, o condutor era o gatuno quase albino que o tentara assaltar na sua casa. Ao seu lado estava o preto de gorro. Luca olhou para eles. A conduzirem um táxi? Os larápios saíram do táxi e, quando o viram, dirigiram-se ao carro da polícia estugando o passo. O semáforo ficou verde e a polícia arrancou. Eles começaram a correr e o Luca estava já de cabeça voltada para retaguarda: “*Os ladrões agora correm atrás da polícia?*” Os polícias notaram o movimento e perguntaram “*que se passa?*”, enquanto se torciam para trás. Viram os dois operacionais musculados que travavam o trote no meio da estrada.

- Inverte a marcha, gritou um agente e o GOE virou o carro com um pião mal teve espaço. Os bandidos entraram no táxi e aceleraram como possessos, a grande velocidade, apontados ao carro da judiciária. A polícia teve de se desviar para evitar um choque frontal, fazendo novo pião para perseguir o táxi. O outro GOE já tinha nesse momento uma pistola-metralhadora Uzi, mas estava tão em punho como em vão. O velho carro de praça acelerou como se fosse mentira, como um Porsche ou um Ferrari e desapareceu no trânsito. A polícia nunca teve uma chance.

- Viram aquilo? disseram os polícias uns para os outros. Avisaram a central e dirigiram-se para a Judiciária. Lá chegados, o Luca foi chamado pelo Inspetor Chefe que desta vez estava acompanhado por um delegado do procurador que, em elegância, não ficava atrás do juiz Ponces Branco.

- Quem eram aqueles dois indivíduos? Quando os tinhas já visto? Por que não nos falaste na tentativa de assalto no teu quarto? E o táxi? O inspetor tinha um ar grave, diferente do todo-poderoso, subtilmente blasé, doutros encontros. O magistrado manteve-se em silêncio. As coisas assumiam um contorno inesperado.

Luca não sabia que o problema tinha sido detetado na véspera. Daí o GOE estar a fazer segurança à PJ. A revisão dos filmes de vigilância das lojas que davam para o beco, revelou que tinha entrado um carrão preto com matrícula diplomática falsa no beco e nunca de lá tinha saído. A polícia tinha revisto os filmes vezes sem conta: o carro era enorme, a matrícula consular era de um país que não tinha embaixada em Lisboa e nunca tinha saído do beco. Tinha-se evaporado.

O tratamento na prisão tornou-se mais afável. As funcionárias simpatizavam com ele e os guardas não o distinguiram dos outros presos. Alguns tentaram aproximar-se mas ele manteve-se fechado.

Passados sete dias foi novamente presente ao Juiz. O advogado apareceu-lhe na véspera para lhe dizer três coisas. Que a hora da morte do seu mestre tinha sido

estimada como tendo ocorrido antes dele ser detido e que, portanto, ele era um suspeito. Que a polícia tinha o filme da câmara de vigilância duma loja da rua principal que dava para o beco e a sua revisão não mostrava a saída de ninguém, para além do Luca. Fisicamente, era uma prova contra ele. Que a pessoa que tinha chamado o 112 tinha sido localizada e o ilibava, mas constava que o seu testemunho era exótico e isso diminuía o seu valor.

Quando a sessão se iniciou foi chamada presencialmente, a título excepcional, uma mulher de 39 anos que asseverou que se encontrava num quarto andar e vira claramente toda a cena, sem nunca acender a luz da janela. Era uma ama profissional, de serviço nessa noite num apartamento do prédio. Os rapazes tinham lutado e o grande tinha caído. O pequeno tinha-lhe cuspidado na cara e saído direito à rua principal. Uma porta defronte da entrada do ginásio abrira-se e tinha aparecido um sujeito bem posto, de cabelo branco com uma pequena mala. Ajoelhou-se perto do rapaz grande que estava no chão, abriu a mala e tirara uma coisa qualquer, mas o rapaz levantou-se de repente e correu para a porta do ginásio. O homem levantou o braço esquerdo e o miúdo caiu de bruços. Ela achava que fora um tiro apesar de não ter ouvido nada. Depois o homem aproximou-se do lutador inanimado, virou-o e fez-lhe uma coisa qualquer na cara, fechou a mala e entrou pela porta por onde tinha saído.

O testemunho tinha um problema factual muito concreto: no beco não havia nenhuma porta para além da que dava acesso ao ginásio. Tinha duas coisas a seu favor. Na gravação do 112 ela dizia que dois homens lutaram, um tinha ficado caído no beco e que depois um terceiro indivíduo parecia ter dado um tiro no homem caído e fugido por uma porta em frente ao ginásio. O Luca no seu depoimento inicial já referira um minúsculo WC público, novo no beco.

O juiz interrogou-a mas ela insistia, muito sólida, no que vira. Confrontada com a inexistência da porta, afirmou que agora podia não haver porta nenhuma, mas naquela noite havia. Questionada sobre se podia ser a porta dum WC amovível, a ela pareceu-lhe que não. Lembrava-se duma porta.

Sobre o suposto quarto de banho público, a polícia recusou a sua existência peremptoriamente. As autoridades municipais negavam a colocação desse equipamento, não havia nem água nem esgoto no local, ninguém mais o tinha visto e os filmes na posse da autoridade não revelavam a entrada no beco de nenhuma estrutura semelhante. Pior, nessa mesma noite, havia múltiplos registos fotográficos do local do crime e não estava lá nenhum WC nem nenhuma porta. Contudo, não tendo em conta esse detalhe, a polícia parecia menos convicta que o Luca fosse o assassino. Ainda apresentaram essa tese, mas de forma embotada, por dever de ofício, sem paixão. O magistrado do ministério público usou um tom monocórdico

para afirmar que não via razões para mudar a posição da investigação. A acusação vinha de braços caídos.

O seu advogado defendeu-o eloquentemente. Pegou nos factos e construiu a mais favorável das versões que eram verosímeis. O idoso engravatado surpreendia o Luca com um instrumento de guerra que ele desconhecia: as palavras. Pronunciadas calmamente, inteiras. Chegado a um ponto, o próximo era claro como água. Conquistado um patamar, o anterior era evidente aos olhos de qualquer um. Pelo caminho enfiava grãos de areia na versão da polícia. Grãos pequenos, mas que emperravam as rodas dentadas da máquina judicial. Quem chegasse naquele momento e o ouvisse, espantava-se que alguém tivesse tido a ideia de ir buscar o rapaz e deixasse o verdadeiro assassino solto na rua. O advogado frisou isso: há um assassino livre nas ruas de Lisboa e a autoridade judicial desbarata recursos em vão com o meu constituinte. Luca acabou por convencer-se da sua própria inocência, até ter despertado para o facto de que sabia muito bem que não tinha morto ninguém. Só não tinha a certeza que ia para casa livre nesse dia porque o juiz mantinha uma face impávida, imune à rede tecida pelo advogado.

Ponces Branco interrompeu a sessão.

- Quanto mais tempo durar a interrupção melhor, explicou o advogado. Está a ler. Quanto mais ler melhor, disse-lhe o advogado.

Três horas depois retomou-a para pronunciar que o Luca ficava em prisão domiciliária com pulseira eletrónica e polícia à porta. Não estaria livre, mas a alegria que sentiu era tão grande que para ele aquilo era planar ao vento, como as gaivotas do Tejo, e sentir a maresia numa manhã cedo de pescaria. Respirou o dia por inteiro, num só trago - livre sim, sem os guardas, os penicos, os horários, o anonimato dissolvido na sopa de presos que enchia o painel dos calabouços. Foi no carro do advogado até casa. O irmão correu para ele saltando-lhe para os braços, com o pequeno Tiranossaurus Rex numa mão, gritando “*mano, mano, fugiste, boa*”, a mãe acolheu-o, intensamente, repetindo “*eu sabia Luca, eu sabia*”. O pai, com os olhos turvos de água, deu-lhe um abraço forte e breve. Pôs-lhe as mãos em torno do rosto e disse-lhe “*temos de perceber isto, rapaz. Tu e eu*”.

Tinham montado o presépio e tinham-se esmerado. Para compensar a ausência de árvore de Natal, que o seu pai não deixava entrar lá em casa, “*nem isso nem Coca-Cola*”, o presépio na casa do Luca tinha mais de cem figuras. Casinhas com luz própria, pontes, riachos que corriam de verdade, fazendo rodar moinhos de água. Luca ficou a olhar para a aldeia aramaica embevecido com as cores, menos brilhantes mas mais diversas que a dos pinheiros natalícios.

Anoiteceu e na sala a mesa foi posta com a sua comida preferida, carne de porco à alentejana com pickles caseiros e sericaia à sobremesa. Tinha aportado ao céu. Conversou animadamente com os pais, como há anos não fazia. Sentiu-se

protegido ali, como quando era rapazinho. Depois do jantar pegou numa chávena de café quente de saco, com um cubo de açúcar mascavado e, enquanto bebericava, assomou-se à janela para ver as luzes da rua. Lá fora a visão de um carro da polícia foram cinco dedos gelados chapados na cara. Continuava preso.

* * *

Despediu-se dos pais, calando as palpitações e o coração apertado. Deitou-se. O seu espírito volvia e revolia os acontecimentos da semana. Como escapar àquela tenaz de aço que o arrastava para um buraco sem fundo? Porque lhe acontecera aquilo? Subitamente percebeu. Deixou de sentir culpa pelos socos que tinha dado ao Quiroga. Isso não tinha nada a ver com o resto. Não, não se tratava de um castigo divino por ter agido sem uma gota de desportivismo contra o gigante. Aquilo era outra estória. Não era a expiação duma falta, era uma maquinação contra ele.

Veio uma repulsa – estava a pensar como o pai, a imaginar armadilhas e cabalas executadas por forças ocultas. Quem perderia um segundo com ele? Era apenas azar. Estava no sítio errado à hora errada e a máquina judicial que tem de encontrar culpados, tinha-o encontrado a ele e não o ia deixar. Era como a mordida de um buldogue: mesmo que a justiça quisesse largá-lo, depois de o ter ferrado não podia. A sua culpa era a outra face da pacificação do sistema. Tinham caçado um mau para explicar o mal. Podiam passar para outro dossier e guardar o seu na prateleira dos sucessos. Só ele e talvez aquela mulher é que tinham visto o pequeno quarto de banho que nas fotos da polícia não aparecia, mas por cuja porta saíra o assassino. *“O juiz bem que se deve ter retorcido para engolir aquele testemunho. Mas, de facto, para onde sumira o quarto de banho?”* pensou. *“A esta hora a polícia deve estar a questionar todas as casas vizinhas para perceber se alguém podia ter tirado aquilo dali. Talvez encontrem alguma pista que prove que pescaram o peixe errado e me deixem em paz”*. Com esse pensamento adormeceu.

Mas os pesadelos não o deixavam. Mil e uma ideias aterrorizadoras enchiam a sua mente. Sentiu uma náusea profunda e uma dor nos ombros, como se o Quiroga tivesse ressuscitado com mais dois palmos de largo e agora o apertasse num abraço de quebra-ossos. À esquerda, então, a garra era férrea. Nem respirar podia. Sem tempo para se levantar, vomitou na cama. *“Oh, não”*. Limpou a cara ao lençol e sentou-se. *“Que frio”*. Saltou da cama em silêncio para não acordar a mãe ou o Luís. Via as coisas desfocadas, turvas. Esfregou os olhos mas não melhorou. A janela estava aberta. *“Outra vez? Que é isto agora? Que gelo”*. Acendeu a luz do candeeiro e deu um pulo para trás: em cima da sua cadeira estava um envelope e sobre o envelope uma pistola com silenciador. A arma do crime.

Capítulo 5

A Tramoia

Abriu o envelope. Fotografias do corpo morto da mulher que testemunhara a favor dele. Um pequeno orifício na testa, igual ao que vira na nuca do cadáver desfeito do gigantone, explicava o mal por que fora acometida: um tiro na fronte. Mais fotografias da mulher na rua e da mulher morta. No fim, uma foto de papel mais espesso acendeu-se e passou um filme em que era visível o assassinato da sua testemunha por um desconhecido. Luca respirava rapidamente, tinha câibras nas mãos e uma dor de cabeça instalara-se por cima dos olhos. Sentia febre. Voltou a vomitar, tão silenciosamente quanto possível. Havia um cheiro a gás no ar. Estava perdido.

- Estás perdido Luca, concordou a arma, com uma voz metálica.

Estava a ver coisas? Tinham-no drogado? De repente as fotografias entraram em combustão espontânea. Ardiam como folhas de jornal. Luca abafou rapidamente o fogo com o cobertor. A pistola riu-se, rouca, do atabalhoamento do rapaz. Luca esfregou os olhos doridos. Aquilo não estava a acontecer. A pistola não disse nada, mas elevou as sobrancelhas e rodou os olhos para cima e para a esquerda, como quem diz *“puedes no creer em bruxas, pero que las hai, las hai”*.

Ficara sem testemunha. Tinha de fugir. Mas para onde? *“Para onde?”* Não havia para onde ir. *“As polícias e os países estão feitos uns com os outros”*. A Interpol não o largaria mais, não haveria refúgio onde não procurasse, nem memória que se perdesse passassem anos ou passassem décadas. Talvez pudesse esconder-se numa ilha do Pacífico ou numa aldeia da amazónia. *“Não, não”*. Reconheceriam de imediato o estranho e navegariam na Net para saberem quem era usando o software de reconhecimento facial que a Interpol disponibilizava no seu site. *“Uma alternativa melhor será ir para uma grande cidade”*, pensou. Podia passar despercebido numa grande metrópole da América Latina, na Cidade do México, em Buenos Aires ou em São Paulo. De repente foi atingido por um raio: *“A Mãe, o Pai, o Luís”*. Se escapasse de Lisboa com sucesso nunca mais os veria. Caiu de joelhos. Os seus projetos e as pessoas que amava iam desaparecer. Ia dequitá-las, cortar o seu próprio cordão umbilical, gritar de dor por tudo o que largava para tentar ser livre. Vergou-se até a cabeça tocar o chão. *“É isto a Guerra? É esse o preço da vitória, se conseguir a vitória duma fuga? É esta a maldição do sangue do meu pai de sangue? Guerra sem fim?”* Iria queimar tudo, incinerar o coração e a alma para ser livre, numa lei do eterno retorno em que as labaredas que mataram os seus pais

na antiga vida voltavam pela sua mão, para ser ele o incendiário do incêndio de si próprio? *“Se calhar em criança fui eu que peguei fogo à minha casa, fui eu quem os matou”*, imaginou. Mordeu a mucosa lateral da boca até sangrar. Se pudesse ser como essa outra mãe, Lara que dormia. Que o penteava num fofo tapete colorido. Mas não era. *“Que alternativa tenho? Não tenho. Mas juro que um dia arrancarei a guerra do meu corpo. Arrancá-la-ei pela raiz e hei de ter paz”*. Mas aquela madrugada não era ainda a hora de dar a outra face. Levantou-se. Ia abandonar tudo. Ia-se embora.

Mas a pulseira eletrónica do tornozelo. Sentou-se na cadeira, exausto. *“A pulseira eletrónica”*. Tinha de haver uma solução. Percorreu o quarto com o olhar: num canto, em cima do parapeito da janela, uma caixa de cartão fechada. Abriu-a. Um instrumento em anel, um instrumento de corte e instruções. Foi fácil. Sincronizou-a com o aparelho, cortou-a e inseriu-a dentro do anel, enquanto uma luz na base da antena piscava. Olhou para o seu tornozelo livre da pulseira. Tinham-lhe posto aquilo na janela para ele sair para a rua, era óbvio. Quem teria sido?

- Foi o Quiroga, disse-lhe a pistola. É um fantasma vingativo.

O pai tinha razão. Era uma armadilha. Mas porquê? Ele era insignificante. Uma mosca na grande ordem das coisas. Pegou num papel e escreveu duas linhas. *“Mãe, sabes que estou inocente. Adoro-te. Pai, tiveste sempre razão, nada é o que parece. Tomem conta do Luís. Eu sobrevivo. Um beijo”*. Caíram gotas de suor da sua testa sobre o papel. Tentou secá-las, mas elas borraram a tinta. Pegou numa segunda folha e escreveu *“Luís tenho de partir para longe. Porta-te bem e estuda muito. Adoro-te. Trata bem do Dinossauro. Um destes Natais volto para ti”*. Apagou a luz. Fechou a porta do seu quarto à chave, passou as duas cartas por debaixo da porta e bloqueou-a com a cadeira inclinada, a que retirara as rodas.

Pensou levar a pistola, mas teve medo que ela se desatasse a falar alto e atraísse as atenções da polícia. Tentou aclarar a mente: *“Não, a pistola não está a falar”*. Ainda assim era melhor não a levar. *“Ela não tem cuidado e a sua voz ouve-se facilmente”*. Vestiu o blusão sobre o pijama e calçou uns sapatos sem meias. Levou um cachecol que nunca usara. Saiu pela janela e encostou bem as portadas do lado de fora. Sabia que percorria o caminho para o qual estava a ser empurrado. Era uma peça num jogo de terceiros. Um hamster a avançar por um túnel que só ele não via. Gado. Mas por enquanto tinha de ser gado com pantufas de felino.

“A paz fica para depois”. Deslocou-se na escuridão suplementar do beiral do telhado, para a direita da janela até à esquina das traseiras da casa, pois à esquerda encontrava-se a polícia que lhe vigiava a porta e o sinal da pulseira. Não viu os olhos cinza que o esperavam, mudos, mas outra visão impôs-se-lhe. O pai ia forçar a porta e a mãe ia ver a pistola com silenciador e nunca mais teria paz. Voltou atrás, mas não conseguiu entrar no quarto: o fecho da janela tinha caído quando ele

encostou as portadas, encerrando-a por dentro. Olhou novamente para a esquerda. O carro da polícia tinha um agente lá dentro, imóvel. Haveria mais?

Chegou à esquina esquerda. Repetiu para si “*estúpido, és estúpido*”. Um polícia fumava de pé, de costas para si junto à porta de sua casa. O outro dormia no carro. Descalçou-se e aproximou-se pelas costas do polícia que fumava. Deu-lhe uma pancada seca na nuca e ele só não caiu desamparado porque o Luca o apanhou na sua queda. Saíam as garras escondidas nas pantufas do felino. Deviam ser umas quatro da madrugada. Calçou-se. Quando o polícia acordasse ia bater à sua porta e forçar a entrada no seu quarto, selando-o de seguida, como é protocolo. A mãe não seria atormentada pela visão da arma do crime e a dúvida de que fosse ele, de facto, o assassino. Mas a sua inquietação não se pacificava com noventa e nove por cento de certeza. A sua alma minoritária precisava, no que dependia de si, de pelo menos cem por cento vírgula zero de probabilidade. E se tivesse morto o polícia com a pancada? E se a mãe, entretanto, fosse ver se ele descansava, como fazia quando estava doente? E se o Luís acordasse?

Olhou para o carro da polícia. O agente dormia profundamente ao volante. Aproximou-se. As chaves estavam na ignição, mas a porta estava trancada. Embrulhou o cachecol na mão direita e fixou o olhar na gola do casaco do homem. Encheu o peito, desferiu um murro como se não houvera vidro, agarrou o polícia pela gola do casaco e arrancou-o do carro através da janela, projetando-o no solo. Os olhos cinza, lá atrás, rangiam os cirílicos dentes. Abriu a porta e o motor pegou à primeira. As rodas plissavam enquanto ouvia, cada vez mais distantes, gritos e o disparar de uma arma de fogo.

Deu uma gargalhada de prazer ébrio: quem quer que lhe tivesse posto a pistola no quarto e o emulador de sinal no parapeito, não esperava esta fuga. Voltou a rir. Não seguia os trilhos preparados para si, estava a seguir os seus. Temperança.

Conduziu até ao rio. Parou o carro junto ao Tejo e empurrou-o pela rampa, vendo-o mergulhar nas águas. Parecia um filme. O sono voltou. A náusea também. O ombro latejava. Os olhos doíam-lhe. Andam de mãos dadas todas as maldições. Dirigiu-se a um bebedouro e lavou o rosto. Nada feito. A náusea melhorara, mas o sono era cada vez mais forte.

- Trouxeste o pijama, mas não vais dormir na relva pois não, idiota? perguntou-lhe, com uma voz afetada, o bebedouro.

“*Agora tudo fala*”, pensou Zuriaga. Olhou em redor. Ia adormecer. A questão era onde. Ao fundo, um navio negro e sujo tinha uma bandeira do Canadá quase apagada. Saltou a custo a vedação do porto e aproximou-se trôpego do barco, mas era impossível lá entrar. O sono estonteava-o. Não era normal. Era veneno. Tentou trepar para um contentor aberto, de granel, preso a um guindaste, mas parecia um

velho anquilosado ou um bebé hipotónico. Finalmente conseguiu – estava cheio de carvão. Enrolou o cachecol à volta da boca e tapou-se com o carvão. Adormeceu.

Quando acordou já o “contentor” estava no ar. Desembarçou-se do carvão e espreitou, agachado, pela borda, percebendo que voava a caminho do depósito do barco. Sentia-se melhor. O pavimento do carvão abriu-se e ele caiu de mais de cinco metros para a ravina duma montanha de lenhite, acompanhado de uma tonelada de fuligem. Rebolou até à base daquela enorme pirâmide, sem um arranhão. Estava negro como um corvo, mas são. O velho tinha saído do seu corpo. O guindaste voltou várias vezes com carvão que despejou nos flancos da montanha. Os motores do navio acordaram e o Luca percebeu que o barco ia partir – não sabia para onde e ele era um clandestino. Se as portas do porão se fechassem, o ar seria respirável? Não sabia.

Não sabia nada. Nem para onde ia, nem a duração da viagem, nem como comeria ou beberia. Olhou em seu redor e viu um postigo a um terço do topo duma das faces do porão. Uma escada embutida na parede lateral do depósito dava acesso ao postigo. A cobertura do porão começou a encerrar ficando noite. Nunca, desde pequeno, tivera medo da escuridão. Talvez por ver igualmente bem em noite de lua nova, como na luz de um dia de Verão. Na infância os outros miúdos excluía-mo do jogo da cabra cega no quarto escuro – afinal de contas ele não era cego no escuro. Avançou aos tropeções para a escada, mas deixou de a ver quando a tampa do porão ficou selada. Até os olhos de coruja precisam de um grão de luz para ver na noite. Tateou as paredes até ao primeiro degrau. Subiu-o às cegas procurando de quando em quando a portinhola. O ombro esquerdo não ajudava. Por sorte encontrou o puxador e abriu-a à primeira. A pequena porta chiou ruidosamente e ele ficou imóvel. Do outro lado saía uma luz ténue sem sombra de vivalma. “*Devem estar todos a preparar a partida do navio*”, pensou.

Voltou a abrir a porta e ela voltou a chiar. Esperou um ou dois minutos de trezentos segundos cada. Nada. Voltou a abri-la até ter espaço para se esgueirar. Entrou num corredor estreito, mal-iluminado, de pintura maltratada e rebites enferrujados. Uma escada permitia-lhe subir ou descer. Desceu, pousando os pés como algodão. Tinham passado dois pisos quando ouviu gargalhadas e vozes humanas. As gargalhadas desciam as escadas ao seu encontro e as vozes subiam. Ele era o fiambre da sandes. No primeiro patamar escapou pelo corredor, procurando abrigo. Ao fundo viu um WC de senhoras. Entrou. Estava desocupado. Por dentro era razoavelmente espaçoso e tinha um janelo para o exterior, por onde viu que o barco se afastava do porto de Lisboa. Com a tensão quase não ouvira o roncar crescente dos motores que agora lhe pareciam ensurdecadores. Abriu a janela e lançou todos os documentos e cartões de crédito para o rio, bem como o telemóvel. Ficou apenas com dinheiro em notas e um relógio de bolso do pai do seu

pai. Nas suas mãos sentiu, estranho, a pele quente da ex-namorada e na sua vista persistia o olhar expectante com que o Luís observava tudo o que ele fazia. Fora uma vez com os pais a Badajoz, mas isto era diferente. Tinha passado o ponto de não retorno. Adeus Lisboa. Para trás, nas colinas da cidade deixava um passado sem futuro e para a frente, rumo às planícies lacustres do Canadá, um futuro sem passado. Teria apenas de se dissolver na mole humana e passar despercebido. Se nunca tivesse problemas com a lei, nunca seria deportado.

Tinha fome e sede. Trancou o WC por dentro. Bebeu água. Tomou banho e lavou as roupas negras do carvão. O ferrugento quarto de banho estava aquecido e isso era uma sorte dos diabos mesmo para um apreciador do frio, como ele. Estabeleceu uma rotina. Às duas e meia da madrugada saía do WC, camuflado de fuligem, selava-o por fora e explorava o navio no mais descalço dos silêncios. Era a sombra negra dum gato preto, na escuridão sem luz dum carvoeiro. Invisível ao olho humano. Marcava sempre recantos de retirada, para poder esconder-se a meio caminho em caso de perigo.

Deixaria crescer o cabelo e passaria a usar um rabo-de-cavalo curto. Era mais fácil pentear-se assim, mesmo que fosse menos guerreiro-clean.

Pelo cheiro deu com a cozinha no primeiro dia e saiu de lá abastecido de pão, bolachas, chocolate, laranjas, salsichas, facas de vários tipos, garfos, pratos, copos, fósforos e velas, toalhas, papel e fio de pesca. Porque teriam eles fio de pesca na cozinha? Num ou noutro sítio chave, passou a cruzar armadilhas noturnas de fio transparente que retirava no regresso. Apercebeu-se que não havia nenhuma mulher a bordo, o que explicava o comportamento dos marinheiros que viam filmes de sexo a altos berros. Demorou alguns dias a arranjar roupa que lhe servisse na lavandaria, mas acabou por conseguir o enxoval mínimo.

Em breve o seu relógio biológico adicionou ao despertador das sete, o despertador das duas. Dormia a sesta à tarde para compensar as más noites. Ao fim de uma semana os seus aposentos, no quarto de banho das senhoras, começavam a ficar confortáveis e até a dor no ombro esquerdo desaparecera. Tinha-se esmerado em colher o que lhe parecia ser supérfluo aos marujos e a viver em contraciclo com a tripulação. Agradecia o respeito que eles tinham pelos sanitários femininos, mesmo na ausência de mulheres. Sentia-se capaz duma viagem de circum-navegação.

Decidiu arranjar uma pequena biblioteca de viagem, já que a do barco tinha pouco uso. Apanhou um livro sobre a guerra naval russo-japonesa. Impressionou-o o cruzamento dos cursos das duas civilizações: a imperial russa que decaía e a imperial japonesa que ascendia. Marcou-o um episódio, que provavelmente não seria real, mas sim fictício, de uma escaramuça entre Portugal e a Rússia, durante a passagem de navios da frota dos Czares no pequeno porto de Luanda. Dado o poderio do exército flutuante, alguns navios decidiram entrar no porto estrangeiro

sem pedirem autorização. Ao perceber o movimento dessas embarcações, os portugueses ordenaram-lhes que parassem, mas foram fleumaticamente ignorados, tão óbvia que era a sua impotência. Deu-se então um improvável confronto entre contendores assimétricos na força, mas não na dignidade: a do Comandante do pequeno navio de guerra português que vendo as suas ordens escarnecidas pela gigantesca armada russa, abriu fogo sobre o império, e a do Almirante eslavo que vendo a temeridade do anão suicida, respeitou a sua coragem. A invencível frota imperial parou ao largo e pediu autorização formal para acostar no primitivo porto de Luanda. O destemor do comandante português era uma coragem doutros tempos, mas a magnanimidade do oficial russo era eterna. A do primeiro era a do homem íntegro que, numa situação impossível, decide pela fuga para a frente porque não suportará viver o resto dos seus dias com a humilhação da rendição. Era um herói aprisionado pelas circunstâncias que decidiu morrer a avançar, porque não conseguia viver se recuasse. Luca sabia o que era isso. Já a do segundo, a do Almirante Russo, a do gigante que decide parar perante a formiga que não cede passagem, é a grandeza dum homem igualmente íntegro, mas que não está aprisionado. É um homem livre que decide recuar podendo avançar. Sendo português e lamentando já não reconhecer na sua pátria muitas figuras da dimensão do militar naval de Luanda, admirava mais a estranha galhardia do Almirante Moscovita.

Outro livro que não fazia falta aos marujos, era uma tradução inglesa duma obra francesa sobre a pirataria anglo-gaulesa e os seus efeitos na armada espanhola. Coloridos piratas e corsários confrontavam os homens que faziam valer a vontade dos descendentes dos reis católicos. Descobriu também uma interessante monografia sobre tesouros perdidos, muitos subaquáticos, mas também alguns terrestres, abandonada na beira de uma estante da biblioteca. Parecia-lhe uma verdadeira preciosidade arcaica, manuscrita por um tal Cliff Burton Richard. A caligrafia era fabulosa e tinha desenhos e mapas que eram quase iluminuras medievais. Engraçado como o inglês antigo era quase igual ao de hoje, ao contrário do que acontece com o português doutros séculos. Quanto tempo teria levado o autor a escrever um manuscrito daqueles? Oitocentas e sete páginas. Quando saísse do barco, esses três livros iriam consigo como amuletos da sorte, para fundar a sua nova vida.

Conhecia bem o navio. Tinha três grandes porões para transportar carvão; o seu aspecto desgastado contrastava com a tecnologia que reluzia, nova, nos múltiplos instrumentos que se anteviam na torre de comando e nos pontos mais altos da embarcação. Percebeu que ao sábado o almoço era especial. O barco ficava semiabandonado pois o comandante insistia na presença de todos. Para um carvoeiro não estava mal.

Na semana anterior, o odor dos petiscos tinha sido, por si só, um verdadeiro

banquete. Antecipava com expectativa o festim desse dia. Os marinheiros beberiam mais do que a sua dose e a sesta dos homens seria propícia à sua pescaria. Esperou, mas o cheiro do fausto tardava a chegar. Curioso, saiu do seu camarote e foi espreitar a festa. Estavam todos alinhados com roupa de missa dominical. As mesas estavam postas com pratos de loiça, copos brilhantes, talheres imaculados e guardanapos de pano. Que viria? Finalmente, dois funcionários da cozinha apareceram com enormes tabuleiros cheios de fatias de pão seco e, atrás deles, um carrinho com jarros de água da torneira.

Levantou-se um burburinho entre a tripulação. O comandante ergueu-se mas manteve-se sem uma palavra. Olhou para o ajudante que parecia saber o que se passava e que avançou um passo anunciando com voz tonitruante:

- Meus senhores, sua Excelência o Comandante Cliff Richard.

O Comandante era um homem que mesmo à distância impunha respeito e naquele dia estava particularmente impressionante, quer nas vestes quer na pose. Avaliou ostensivamente, a tripulação. Depois anunciou:

- Meus senhores, os motores desta embarcação estão parados e assim continuarão. A ração passa a ser constituída por pão seco e água morna e assim será até que o filho da puta do cabrão do pirata que roubou o meu manuscrito o devolva à minha secretária.

Capítulo 6

Armadilha no Carvoeiro

- Não quero saber quem foi e não quero saber quem não foi, esclareceu a excelência. Ficamos todos parados no meio do mar, a pão e água, até o meu trabalho dos últimos três anos aparecer sem uma folha vincada que seja.

Cliff Richard. Azar dos Távoras. Era ele o autor do manuscrito. O Inglês arcaico era do século vinte e um. O comandante tinha ido buscar um chá e ao voltar a sua obra tinha-se evaporado.

Após a sua saída, as coisas aqueceram. Todos proclamavam lealdade infinita ao chefe e todos propunham tratar o ladrão como um amotinado. Alguns marinheiros trocaram acusações e entraram em vias de facto. Deram-se a eles próprios um prazo de uma hora, para que o anticristo fizesse a sagrada escritura corporizar-se na secretária do comandante. De contrário, o navio seria voltado do avesso. Não ficaria pedra por virar nem gaveta por abrir e aí do coitado que fosse apanhado com a obra nos seus pertences. Competiam nas ideias de como o castigariam. Alguém ainda disse que devia haver um rato no navio, pois faltavam-lhe duas calças de ganga e roupa interior. Um clandestino a afogar rapidamente. Mas a ideia não contagiou os outros - os clandestinos roubam presuntos, charutos e garrafas de Whisky, não roubam calças de ganga, cuecas e livros.

Cliff Richard, entretanto, voltara para a torre de comando. Sabia que desde o início da viagem o carvoeiro era seguido de perto por um navio russo e recebera a confirmação de que se tratava de um barco de grandes dimensões, propriedade de um braço da máfia moscovita que era tolerado pelo poder político do país. Foi, finalmente, informado de que tinham interesse no negócio a que Cliff se dedicava, o que lhe abria a possibilidade de vender metade da carga aos russos e entregar apenas a outra metade no Canadá, uma vez que os recetores na América do Norte, não sabiam ao certo que quantidade ele transportava por baixo do carvão.

Luca decidiu devolver o livro, não no camarote do comandante, mas na cozinha, pois conhecia um acesso seguro em que o risco de ser apanhado era mínimo. Atou o livro com o fio de pesca transparente e esgueirou-se até ao óculo do teto da copa e, depois de garantir que não estava ninguém, fez descer o manuscrito até que este pousou no chão. Mas, antes, não resistiu a redigir um conselho ao comandante, escrevendo na capa, com uma caligrafia que imitava a do autor “*1ª versão (ainda*

com muitos erros de gramática)”. Infelizmente o fio acabou-se sem que o livro tocasse o pavimento e, com medo que a sua queda despertasse a atenção de alguém, deixou-o a balouçar a cerca de um metro e vinte do piso. Tinha de arranjar mais fio para as armadilhas.

“Não haveria um clandestino em mil que fizesse esta desfeita à Excelência, pois só pioraria o liquido em que o afogariam, se o apanhassem”, pensou. Ainda parecia cinema, mas operara-se uma mudança: ele tinha aderido ao filme.

Quem deu com o livro foi o próprio comandante que decidiu ir à cozinha por um motivo qualquer. Talvez quisesse comer uma coisa melhor que pão velho e água morna. Quando viu o seu manuscrito dependurado, levou a mal. Quando leu o conselho encolerizou. Havia no seu barco um artista que não o respeitava. A decisão que tomou foi contudo inesperada.

* * *

Convocou todos os marinheiros ao convés e disse-lhes vagarosamente, enquanto passeava com o livro nas mãos atrás das costas:

- Há entre vós uma menina que se esconde atrás de graças de artista de circo. Uma fufa de alcofã cor-de-rosa que quer dar guinchinhos de alegria, quando contar às namoradas as suas aventuras nesta embarcação. Pois bem – continuou, aparentando desdenho - as putas não incomodam marinheiros com tantos anos de mar como eu... desde que se mantenham no lugar delas. As casas de banho passam a estar fechadas a cadeado e vocês, passam a usar os quartos de banho das meninas até chegarmos a terra. Faltam três dias. Ficam com dois quartos de banho – o da sala de jantar e o do corredor do porão. Desenrasquem-se. Quem aparecer com cheiro a cavalo ou a barba por fazer, perde o prémio da viagem.

Luca tinha acabado de ver sublimar-se a sua toca e tinha motivos para temer que o descobririam em breve. Teve de esvaziar os seus aposentos e só havia uma forma: foi tudo pelo janelo, direito ao mar. Só que nada atingiu a água, porque quando chegou ao seu refúgio para o esvaziar, ouviu a vozeria da turba que se antecipara: *“Há um rato, há um rato”*. Uma voz distinguia-se das demais: *“As minhas calças de ganga. Eu sabia”*.

Recuou. Tentou entrar num quarto de banho de homens, mas já estava selado a mando do comandante. Teve medo. Viu o comandante dirigir-se, rodeado de marujos, ao corredor do porão e percebeu que só havia um destino seguro para si: a cabine do comandante. Mas antes soltou um bote salva vidas que desceu automaticamente para o mar, no bordo oposto ao dos aposentos do comandante, coberto por um oleado verde oliva. Tentou entrar no camarote de Cliff Burton

Richard, mas a porta estava fechada. Pegou numa corda e desceu por fora até atingir a janela que, por sorte, estava entreaberta. Entrou na cabine.

O comandante tinha o seu manuscrito aberto na página 734 e uma máquina fotográfica em cima da mesa. A sua cama tinha um gavetão por baixo. Abriu-o. Estava cheio de edredões. A maior parte foram borda fora. Deixou apenas um para almofadar o fundo da gaveta. Tirou uma pequena catana que encimava um porta armas e pô-la dentro do gavetão – serviria para bloquear a abertura da gaveta entalando-a entre a parte debaixo da cama e a defesa lateral interna do gavetão. Feito isto deitou-se e fechou-o usando a catana. Testou o bloqueio. Funcionava. Saiu e ligou a máquina fotográfica. O Comandante tinha fotografado quase todo o livro. Faltavam menos de cem páginas. Fotografou-as duas a duas rapidamente. Tirou o cartão da máquina, guardou-o consigo e substituiu-o por outro que encontrou na secretária. Fotografou as páginas 732 e 733. Nessa altura ouviu uma algazarra: o bote salva vidas tinha sido descoberto. Soaram vários tiros, alguns dos quais em rajada. Os estranhos marinheiros estavam armados até aos dentes. A certa altura, festejo. O bote afundava.

Luca abriu a gaveta e deitou-se nela, levando consigo uma garrafa de whisky, das várias que o comandante tinha espalhadas, e que esvaziou para substituir por água. Acabou por adormecer, para só acordar quando Cliff entrou nos seus aposentos. O comandante ria-se sozinho. Pegou na máquina fotográfica e continuou a fotografar o livro. Bateram à porta e entrou alguém.

- Ei Cliff.
- Viva, respondeu o comandante.
- Que fazes?
- Faço uma cópia do nosso seguro de vida.
- Hum, respondeu-lhe a voz.
- O gajo deve ter feito o mesmo. Teve tempo para isso e para mandar tudo por mail, preocupou-se o comandante.
- Quem seria? perguntou a voz.
- Não sei John. Não faço ideia, mas que foi um trabalho encomendado, foi.
- Mas por quem? tentou imaginar o John.
- Havemos de descobrir. Temos de nos despachar com esta coisa, senão, seja quem for, passa-nos a perna, sintetizou o comandante.
- Se tivermos razão nos cálculos.
- Exato, devolveu Cliff.
- O problema é que não temos ainda o dinheiro para avançar.
- Vou fazer uns contactos, respondeu-lhe o Cliff. Os russos têm uma embarcação a caminho da Terra Nova. Não devem estar longe. O dono desta carga nunca a verá.

- Estás louco, se aparecermos de mãos a abanar, limpam-nos o sebo, lembrou o John.

- Vem aí uma tempestade, John. Se formos rápidos o navio perde-se na tempestade.

- Consegues o rendez-vous antes da tempestade? inquiriu o ajudante.

- Com um pouco de sorte. Prepara a abertura dos alçapões de afundamento e põe outro motor e tudo o que for preciso no nosso bote, ordenou o comandante.

- E a tripulação não falará?

- Não. Estão metidos nisto até ao pescoço.

- E os que estão a leste?

- Os outros que tratem disso. Tens a identificação das lesmas?

- Não, respondeu o John.

- Tratas disso agora. Não podes falhar, ordenou Cliff.

- Sim. Viva le Québec libre, proclamou sarcástico John.

- Despacha-te com os órfãos e com o resto.

- Hasta.

“Esta excelência será burra ou quê?” cogitou o Luca. “Como é que pode ter a certeza que a parte da tripulação que não está envolvida no esquema será eliminada pelos envolvidos e como pode garantir que a que está, manterá o silêncio de que ele precisa? Que terá o livro? Serão os tesouros perdidos? Mas então porquê esperar tantos anos para ir buscar o ouro. Não teriam meios, é isso? E os alçapões de afundamento? Então os barcos vêm com alçapões de afundamento?” Luca apercebeu-se que o navio esteve parado algumas horas e que houve entradas e saídas na suíte do comandante.

Depois veio a tempestade. Luca arriscou e saiu da gaveta. Fechou a porta por dentro. Foi ao quarto de banho e fez a esparsa barba com as coisas do Cliff B. Richard. O aftershave era bom.

Abriu a porta e espreitou pelo corredor, mas teve de recuar. Vinha gente. Entrou no WC do camarote pois não houve tempo para se esconder no gavetão. Cliff e John entraram juntos.

- Ninguém te viu pois não? perguntou o comandante.

- Não, respondeu o seu ajudante.

- Gritos?

- Não, assegurou John.

- Caíram ao mar?

- Os dois

- Ótimo. O bote está pronto? perguntou Cliff B. Richard.

- Quase, esclareceu o John.

- Acaba-o. É o número sete, certo?
- É. Falta só o GPS. As armas e o dinheiro vão connosco, confirmou o ajudante.
- Vamos avançar. Eu chamo a tripulação e tu vais abrir os alçapões.

Saíram. Luca apanhou as identificações dos pobres diabos. Um deles tinha parecenças consigo. Chamava-se Louis Marcé. Louis Marcé, repetiu para si próprio. Calhava bem pois o seu irmão em Lisboa era Luís e ele também o seria na margem ocidental do Atlântico. Guardou também as identificações do comandante e do John. Talvez as oferecesse à polícia canadiana. Abriu a grande mochila pousada na cadeira de braços e viu lá armas, munições, trinta e cinco quilos de notas de cem dólares, o livro e a máquina fotográfica. A máquina era pesada e marchou pela escotilha, mas a objetiva ficou direitinha em cima da mesa, a fazer de pisa papéis.

Saiu com a mochila. Não estava ninguém no corredor. Subiu as escadas e lá fora, à chuva, o comandante fazia o ponto da situação à tripulação. Dirigiu-se ao bordo oposto do navio e o primeiro bote tinha inscrito um número que tanto podia ser o sete como o um. Espreitou e não viu nada lá dentro. Uma portinhola estava entreaberta na proa e a sua visão de coruja descortinou uma ténue luminosidade intermitente. Entrou no bote, olhou pela portinhola e viu uma bomba relógio. Estava programada para explodir dentro de sessenta e sete minutos. Afinal o comandante não contava com o silêncio dos marujos. Ia silenciá-los à bomba e ao alçapão. Retirou-a e colocou-a dentro da mochila. Seguiu a fiada dos salva-vidas até ao sete e espreitou lá para dentro: estava cheio de equipamento. Voltou atrás e, no convés, os marujos pareciam agitados. Dirigiu-se de volta ao bote número sete, mas ao passar perto da cozinha teve uma ideia irresistível: a coberto da noite dependurou a bomba relógio na cozinha a um metro do chão, como tinha feito com o manuscrito.

Correu para o bote sete e libertou o mecanismo de descida automática, saltando para dentro da embarcação de seguida. Quando embateu no mar temeu que o salva-vidas se partisse, tal foi o choque, mas não. Confirmou que o bote estava solto do navio e ligou o motor acelerando para longe do gigante condenado. Quando estava a cerca de três milhas pegou num very-light e disparou-o na direção do barco. De seguida outro. A resposta do carvoeiro não se fez esperar: uma paliçada de armas de fogo vomitava chumbo borda fora. Já se sabia das novidades no convés do candidato a submarino. Porque disparara os very-lights? Porquê? Sabia lá porquê, mas a ira dos marinheiros justificava o seu gesto inicial. Pelo menos esteticamente.

De facto, o comandante e o seu cúmplice tinham acabado de chegar à cabine quando viram a objetiva solitária na mesa, em cima de um papel que dizia “*thanks for the money motherfuckers*”, assinado Louis Marcé. Nessa altura ouviram os gritos. Fora um gordo chinês quem dera com a bomba balançando no ar. Fugiu de imediato proclamando que havia dinamite na cozinha.

- O bote, ordenou Burton e correu com o seu ajudante para o salva-vidas. O lugar estava lá, incólume, intocado, mas o bote propriamente dito andava desaparecido há quase três milhas. Pouco depois apareceram junto ao comandante vários marinheiros que avisavam “*bomba, bomba*”. Cliff Burton Richard correu à copa e viu um dos exemplares das suas bombas relógio na ponta de um fio.

- Foi o rato, rosnou. Vejam se os botes estão operacionais. Estavam todos armadilhados como bem sabia. Nessa altura um marinheiro anunciou: estamos a meter água, vamos ao fundo. De seguida o céu iluminou-se com os foguetes very-light do Louis.

- Nunca vi nada parecido com isto em trinta anos de mar, confessou, tão lacónico como estupefacto, o comandante. Não se percebe nada.

- É uma urdidura, asseverou o John. Uma urdidura de um grupo muito poderoso, Cliff.

* * *

Louis Marcé não sabia de navegação. Estava no mato sem cachorro. Mas à medida que a tempestade se encorpava, percebeu que tinha de apontar a proa às ondas. As vagas atingiram rapidamente mais de quinze metros de altura negra, como se o oceano quisesse sacudir da sua fina pele o parasita mal vindo. Quando avançavam pareciam um muro de betão, a prensa definitiva. Eram a morte sem o conforto da mão de uma alma amiga. Era inexplicável como o bote as subia.

Poder-se-ia dizer que, comparada com a tempestade de magma que a primeira passagem de Theia ergueu das entranhas da Terra, fazendo com que esta se partisse, cuspindo parte da sua superfície para espaço e dando nascimento à Lua, aquilo não era mais que um gargarejo do mar. Mesmo confrontada com a oscilação da massa aquática do maremoto que varreu a baixa Lisboa em 1755, aquela seria uma tempestade num copo de água. Mas sabe-se bem que a única diferença entre um grão de areia e a mais alta cordilheira, é só a dose de montanha e, à sua escala, aquele grão tinha montanha em dose que chegasse para o sepultar.

À dimensão de um simples homem, aquele abalo era, sim, o prometido regresso de Theia, ameaçando afogá-lo sem tempo para últimas palavras e sem que lá por isso o céu ganhasse uma nova Lua. Quando se deu conta que o salva-vidas flutuava mesmo, o terror passou a vir misturado com laivos de prazer. Enfrentava os elementos. O oceano punha-o à prova sem que ele tivesse de fazer sangrar o oceano. Vinha com a roupagem do mostrengo que está no fim do mar, um mostrengo silencioso, um lobo desgarrado que se pode vencer sem que pereça a alcateia, para que no futuro possa testar outros homens, até que acabem ou os homens ou o mar. Passada a primeira meia hora, convenceu-se que nascera para aquilo. Navegar numa

luta eterna contra o grande lago. Cada vaga era um adversário e a chuva e o frio música para o seu rosto e para as suas mãos, novamente de dedos azuis, mas do azul do frio da liberdade. Sempre gostara do frio e não era pessoa tão doce que fosse solúvel em água.

A sua vida tinha sido passada entre paredes próximas e só agora percebia a amplidão da natureza. Liberdade não era passear desta para aquela cela da grande prisão que era Lisboa. Visitar um ou outro preso que se julgava livre e escolher a ementa para o almoço, a prenda para a namorada ou o filme para a noite. Liberdade era aquele espaço sem horizonte. Uma noite na escuridão do céu e outra noite na escuridão do mar.

Precisava de ligar o GPS e a bússola pois não sabia onde estava nem para onde ia. Não que lhe fizesse grande diferença naquele momento, pois nem pensar em voltar as costas às ondas. Tirou o instrumento que estava debaixo do oleado que ainda cobria parte do barco. Era simples e intuitivo. Localizou-o no mar e mostrou-lhe os continentes: ia direito ao Estado da Virgínia nos USA. Inesperadamente, entre a chuva atlântica no deserto líquido, viu outro bote ser oferecido ao céu pelo punho duma vaga, à sua frente. O seu coração disparou: Um bote do navio carvoeiro.

Capítulo 7

Morte na Tempestade

Não o deviam ter visto pois estavam focados nas ondas. Era sua, a mão de cima. Quantos botes estariam nas proximidades? Pensou que deviam viver em si, ocultos, antepassados corsários, ou então era do livro que lera, pois sentia-se atraído para a embarcação que o antecedia. “*Dez minutos e sou eu ou vós*”. Abriu a mochila e tirou uma pistola. Estava carregada. Voltou a olhar para trás para confirmar que não era ele próprio perseguido por outro salva-vidas. Não era. Quando reapareceu o salva-vidas inimigo, depois de mais uma onda, o bote foi-lhe apresentado oblíquo e aparentemente sem motor. Estava em dificuldades. Luca acelerou, não sabendo se tinha sido visto. Uma vaga interpôs-se entre os dois. De repente, um very-light iluminou a noite. Vinha tangencial, do bote, mas passou mais de vinte metros acima de si. “*Está a chamar a matilha*”, pensou. Outro very-light, na sua direção, tracejante, paralelo à água.

Pegou em dois foguetes luminosos e disparou-os na direção do oponente. A resposta estava dada. A presa ficou na sua mira quando ele venceu a onda seguinte. Estava totalmente de lado, cheio de água, e os tripulantes, uma avó, uma mulher, e duas crianças louras encharcadas, estavam abraçadas umas às outras, esperando-o ou a ele ou à morte. Não eram nem o Cliff Burton Richard, nem o John, nem a sua laia. Eram pessoas comuns, oferecidas pelo destino ao afogamento. Sentiu medo. Mais do que quando vira a prensa líquida esmagar-lhe o bote, mais medo do que quando o comandante Cliff mandou abrir os quartos de banho das mulheres, expondo o seu refúgio, mais do que quando a mãe lhe apareceu lívida no umbral da sua porta com a polícia atrás.

O barco reapareceu e as mulheres acenavam e gritavam. Uma lançou uma corda que ele apanhou com garra firme, mas a força do mar arrancou-lha das mãos como se ele fosse uma criança tenra. Elas berraram qualquer coisa, apontando para o seu bote e ele percebeu que a corda tinha de ser amarrada. Os dois salva-vidas abalroaram-se mutuamente e ficaram de lado para o mar que, previsível, despejou neles toneladas de sal. Esticou-se e apanhou uma miúda. Não devia ter mais de nove ou dez anos. A seguir a outra, muito loura e com talvez treze anos. Depois a idosa, magra, rija, sem sombra de desistência. Foi tudo muito rápido, mas a próxima vaga preparava-se para inscrever o ponto final parágrafo. Ainda tentou apanhar a mulher mas, num gesto histeriforme, ela recusou a sua mão e recuou para o salva-vidas

condenado. Suicidava-se.

Luca teve de desamarar a corda pois morreriam todos, mas o nó que ele tinha feito não era um nó de marinheiro e não se desfazia com facilidade. Há um pacto do demo entre a incompetência e a morte, no mar. A mulher que sobrava do outro lado desfez o laço dela com um só gesto. Que sorte. O bote libertou-se a tempo de tomar o peito do mostrengo de frente e, uma vez mais, vencê-lo. Quando a onda passou, o pequeno salva-vidas das mulheres estava a mais de oitenta metros e tinha-se virado. Oitenta metros em dez segundos. Não havia lei da física que explicasse aquela distância. Arriscou. Voltou as costas à ondulação e dirigiu-se para trás, acelerando o que o motor tinha para dar. De lado nunca. De lado era morte certa, pasto para a tormenta. Depois voltou-se contra o mar de novo, obliquamente, dirigindo-se ao bote virado. A mulher desesperada e um homem exausto agarravam-se à borda. Lançou-lhes uma boia e um de cada vez entraram no seu barco.

O homem tinha um aspecto mortificado, um cancro letal disseminado e era um apaixonado pelo mar. A sua esposa, filhas e mãe tinham-lhe oferecido a última viagem oceânica. O marinheiro ferido morreria em paz no Atlântico. Não contavam com a tempestade que lhes desfizera o veleiro. As duas mulheres adultas, com a ajuda da criança mais velha, depressa puseram o seu salva-vidas em ordem. O bote do carvoeiro era cinco estrelas, tinha a resistência de um rinoceronte e, depois de esvaziado a balde, recuperou a agilidade duma gazela.

Quando a tempestade parecia melhorar, a menina pequena apontou para o horizonte e perguntou o que era aquilo. Voltaram-se e viram ao longe dois helicópteros pesados de socorro, sobre o local onde o carvoeiro estaria supostamente em risco de naufrágio, com poderosos holofotes a iluminarem as águas negras. Mas em vez de recolherem os marujos, os helicópteros dispararam dois mísseis cada um e aniquilaram o carvoeiro. Ficaram em mutismo plégico por breves instantes. Os helicópteros voavam agora em círculos sobre o mar, disparando aqui e ali metralha pesada, provavelmente nos salva-vidas dos náufragos. Quando as aeronaves se aproximaram deles, desligaram o motor e esconderam-se debaixo do oleado. Sem propulsão, o bote adornava com as ondas, um pouco mais mansas, e transformou-se outra vez numa piscina à deriva. Os americanos rezaram, dando as mãos, incluindo-o a ele no círculo do medo e da esperança. A certa altura deixaram de ouvir os helicópteros, confirmaram que tinha desaparecido e, rapidamente, despejaram toda a água do barco.

Nas horas seguintes a tempestade foi amainando, até passar e só a chuva se mantinha apesar de mais esparsa. Quer o homem que estava deitado no fundo do barco quer as mulheres, sabiam bem que Louis não entendia das coisas do mar. Não perguntaram nada com a voz, mas queriam saber tudo com o olhar. Explicou-lhes

que era europeu e fugia da polícia de Lisboa. Sabia que todos os criminosos diziam o mesmo, mas ele estava inocente. Tinha entrado clandestino no carvoeiro e testemunhado um crime que pusera em risco a sua vida e por isso fugira no bote.

A mulher disse-lhe apenas “*a mim não me pareces um criminoso*”.

A respiração do marido lentificou-se. Ele tinha perdido o ar mortificado. Calmo, olhava a sua família junta e salva. Estava pronto para deixar partir a vida e morreu três horas depois. A sua família abraçou-o longamente, balouçando-o com o balouçar do barco. As filhas, loiras como anjos, choravam de forma contida, de mãos dadas e a sua mãe quase sorria entre as lágrimas que a chuva levava para o mar. A expressão da esposa expirava o pacífico sossego da missão cumprida. Embrulharam-no num cobertor e a sua avó cantou uma desconhecida canção infantil de embalar que era tão singelamente bela que Louis não a esqueceria. Depois ofertaram o corpo ao abismo, cuidando que druidas das profundezas, os amigos dos navegantes que a canção convocava, tomariam conta dele e dar-lhe-iam paz. “*Encontrou a paz*”, pensou.

O dia trouxe a calmaria, sem frio, sem brisa e sem chuva. Mar chão. O oceano seria da mesma água e do mesmo sal, mas o mostrengo tinha ido para outras andanças.

Luca entrou nos Estados Unidos protegido pela família que salvara. Ficou na sua casa, junto à costa. As miúdas adoravam-no e ele aprendia tanto Inglês com elas, como com as horas de estudo que dedicava a essa língua. Secretamente também estudava francês do Québec, o seu berço adotivo. Quando saía, passeando nas ruas ladeadas de árvores, relva ajardinada e crianças aos bandos, observando as portas das casas fechadas apenas no trinco, sentia uma paz e uma segurança desconhecidas. Era tudo espaçoso e verde e as casas eram feitas ou revestidas a madeira, como os barcos. Não havia prédios. Aqueles americanos pareciam viver em barcos encalhados em terra há muitas décadas.

Duas semanas depois começou a ter pesadelos novamente. Estava no bote, sozinho, parado no meio da tempestade e de dentro de água surgiam três sereias que lhe traziam oferendas em pequenos baús; um dizia ouro, outro ródio e o terceiro irídio. Quando ele os ia descerrar, abriam-se tampas de afundamento no fundo do barco e ele mergulhava, acordando suado em sobressalto. Passados dois dias surgiu-lhe febre, a dor que sentia no braço esquerdo, piorou muito e o ombro inchou.

- Temos de te levar a um médico ou a um Physician Assistant, disse-lhe a mãe das miúdas.

Assim fizeram. O senhor viu-o e conferenciou com um médico ao telefone. Ele próprio não era médico, mas os americanos confiavam nele. Prescreveu-lhe um anti-inflamatório e um RX. Fez o RX que trazia um relatório incompreensível e que

cantava: *Densidade óssea aumentada sem sinais seguros de osteopetrose. Variante idiopática de massa óssea elevada? Corpo estranho justa perióstio da metáfise umeral proximal, à esquerda, de densidade mista, predominantemente metálica. Edema das partes moles, envolvendo o deltoide, sem imagens compatíveis com abcesso ou osteomielite.*

- Que quer dizer isto? perguntou o Louis.

- Tens osso muito duro e um corpo estranho no ombro, explicou o Physician Assistant.

- Estranho em que sentido? quis saber Louis.

- Não foi produzido pelo teu organismo, esclareceu o profissional de saúde.

- Como é que isto foi aí parar? perguntou Louis

- Isso diz-me tu, retorquiu-lhe o Physician Assistant. Tiveste algum acidente recente numa fábrica de eletrónica? Isto parece um dispositivo eletrónico.

- Pode ter sido uma coisa que eu tenha comido?

- Não, riu-se o Physician Assistant. Tiveste algum problema com a polícia?

- Não. Pode-se tirar?

- Bom isso é com os médicos, mas tenta lembrar-te de alguma coisa, um acidente, um traumatismo. O relatório é contra infecção associada, mas o médico disse-me para te dar este antibiótico não vá o diabo tecê-las. Ele pode ver-te amanhã. Leva o RX e mede a temperatura para ver se tens febre.

Já em casa, Louis, com uma lupa, analisou o estranho corpo que tinha no RX e no ombro. Pesquisou imagens na Net. Era sem dúvida um microchip. Teria sido implantado na prisão? Naquela noite em que fora drogado no seu quarto em Lisboa? Estaria a ser seguido? Percebeu que se fosse ao médico, este contactaria as autoridades. Era até possível que o Physician Assistant já o tivesse feito. Em semanas a sua vida tinha mudado mais que nos últimos dez anos. Ia mudar outra vez.

Chegara a hora de voltar à estrada, desta feita rumo ao Canadá, depois de pôr dois postais no correio, um dirigido aos pais que muito amava e outro ao irmão de que tinha tantas saudades. Foi buscar a mochila, em que não voltara a tocar. Abriu-a. Maços de notas de cinquenta dólares, o manuscrito, as identificações dos dois patifes e das suas vítimas, os órfãos. Um era o tal canadiano parecido consigo. Duas caixas seladas, uma dizendo LM e outra PR. Louis Marcé e Peter Romberg. Abriu a PR com dificuldade. Eram dez pontas de dedos conservadas em formol. “*O que é isto?*” Impressões digitais, percebeu. Dirigiu-se ao WC, atirou-as na sanita e puxou o autoclismo. Olhou para a caixa que tinha a inscrição de LM. Dedos, pensou. Impressões digitais portáteis. “*Eu sou o Louis Marcé, sou órfão e tenho uma caixa com os meus dedos em formol. Posso mandá-los embalsamar e usá-los pendurados ao pescoço, em caso de necessidade*”. Os dedos do canadiano também foram sanita

abaixo. Tinha de se desfazer das identificações dos outros três, mas os documentos da identidade que tinha assumido desde o início eram imprescindíveis. Tinha sido de Lisboa e o seu nome era Louis Marcé. Passou a ser do Québec mas o seu nome continuava Louis Marcé.

Louis escondeu o livro do comandante no topo dum buraco numa árvore da vizinhança que bloqueou com um teto falso e enterrou trinta quilos de notas, três milhões de dólares. Fez uma cópia do cartão digital com as fotos do livro no computador das miúdas, numa pasta cifrada. Espreitou as meninas louras adormecidas e quis beijá-las na testa, mas não podia acordá-las. Cerrou os dentes e saiu de casa, deixando uma carta a agradecer o acolhimento, sem explicar a partida nem prometer voltar num Natal destes.

Por baixo da roupa revestira os ombros com múltiplas voltas de papel de alumínio para bloquear um eventual sinal de rádio que tivesse implantado. Como não conseguia fazê-lo sozinho tinha convencido a menina mais nova a brincar ao filme da guerra das estrelas e pediu-lhe que o ajudasse a mascarar-se de robô. A miúda não hesitou um segundo, até serem descobertos pela mãe que, sorrindo, os admoestou a ambos – *“já para a cama, gastaram-me o rolo de papel de alumínio seus malandros. Todos deitar”*. Louis sentiu que ela o tinha, de certo modo, adotado. Tinha os seus falecidos pais biológicos, tinha os seus pais verdadeiros e agora tinha pais americanos. Mas não gastara o rolo de papel de alumínio da cozinha todo. Gastara sete dos dez rolos que tinha comprado. Debaixo da roupa frugal que os americanos lhe tinham oferecido estava uma verdadeira armadura metálica. Talvez assim conseguisse isolar o sinal da micro pulseira eletrónica que lhe tinham injetado no ombro.

Visitou o site da Interpol e descobriu que havia um mandato de captura internacional em seu nome pelo assassinato de três homens e uma mulher. Escolheu o percurso da sua fuga na internet. Não iria de autocarro nem a pé pela estrada, pois a polícia daria facilmente com ele. Iria de comboio. A linha do caminho de ferro atravessava a floresta, serpenteando zonas desabitadas. Louis Marcé tornara-se num perito em fugas. Dirigiu-se a pé para a estação de comboio pelo caminho dos carris. Não para a estação mais próxima, mas para a mais distante. Ao princípio tentara acertar o seu passo pelas travessas, mas uma a uma eram passos demasiado curtos e duas a duas demasiado longos. Acabou por desistir de encontrar uma cadência fácil e aceitou a irregularidade da marcha. Afinal de contas ele não era um comboio e aquilo era uma estrada de ferro, não um passeio numa avenida lisboeta. Com o passar do caminho, acabou por descobrir um padrão regular na irregularidade dos seus passos.

2ª Parte

Inesperado Progresso em Violet Street

Capítulo 8

O Improvável Professor Crane

Na época natalícia, na zona rica da cidade de Colúmbia, as casas pareciam saídas de um filme da Disney, pensou Sofia. A iluminação dos jardins e das fachadas tinha melhorado muito nos últimos anos. Parecia haver uma competição para ver quem tinha o jardim mais fantástico. Estrelas cadentes, Pinheiros de Natal, Renas, Presentes, o Pai Natal, os Duendes, tudo a lampear no feitiço do lusco-fusco que prenuncia a noite. Mágico. Por vezes suave como a prata da lua ou o dourado quente duma pequena fogueira crepitante na floresta, por vezes ofuscante como o ouro claro do sol ou o azul da chama de um bico de gás de Bunsen.

Ao contrário do bairro onde ela vivia, alia as casas eram mansões verdadeiras, por vezes espaiadas em verdejantes relvados que se estendiam até ao asfalto das ruas, dispensando os passeios, outras escondidas entre o arvoredor. “*Ao anoitecer, são lindas*”.

A vivenda da sua amiga Mariah era grande, como todas as outras. Da estrada, parecia um chalé suíço, com dois andares apenas, mas depois descia uns três andares em socacos até ao cais e ao lago, encaixada no terreno. Era difícil vê-la inteira entre a vegetação, pois estava integrada na colina como, na floresta, algumas cabanas estão fundidas com o próprio matagal. Tinha pisos intermédios, assimétricos, parecendo um pouco desconjuntada. Era estranha nesse sentido, mas, principalmente, era exótica, quase excêntrica, à noite porque os pisos iluminados mudavam lentamente de posição, num baile sem fim. Por dentro não era para se dizer menos. A Mariah tinha-lhe contado que fora projetada por um engenheiro da NASA, o Prof. Crane, como se estivesse no espaço, flutuando. “Foi desenhada de dentro para fora, partindo da simulação a três dimensões do campo visual do morador”. Os compartimentos ligavam-se de uma forma orgânica, sem ter em grande consideração inicial a forma exterior ou a otimização do espaço externo. Os quartos e as salas espalhavam-se por vários níveis que não batiam certo com a divisão clássica entre andares. Os dois primeiros pisos que davam para a rua e o último, voltado para o cais ancorado ao lago, eram quase fixos, mas os outros, os dois do meio, moviam-se livremente. Para diminuir o número de escadas entre andares e divisões, os níveis intermédios movimentavam-se quando alguém entrava. A domótica detetava a entrada, velocidade e direção da pessoa e o sistema hidráulico

fazia mover os compartimentos para cima ou para baixo de forma a minimizar os desníveis e, assim, o número de degraus. Como na casa viviam poucas pessoas e a maior parte fazia, como é habitual, trajetos previsíveis a certas horas do dia, o sistema otimizava os movimentos, parecendo, vista de dentro, que a casa se desenvolvia em baixos patamares. O silêncio do mecanismo só não era perfeito porque, como a vivenda tinha muita madeira, por vezes rangia, mas até isso tinha o seu quê de agradável.

De início o pai da Mariah não percebeu qual era a vantagem do sistema. “*Quererão que vá viver dentro de um elevador XL?*” Mas, depois de montado, a vantagem tornou-se evidente. A casa era mais confortável porque os lances de escadas eram menores e o movimento mal se notava uma vez que ocorria antes de se chegar à escada do piso que se ajustara. Desenhado o interior por Crane, um arquiteto projetou o invólucro que continha a casa. Este, apesar de também se deslocar em relação ao solo, movia-se muito menos, havendo um diferencial entre os dois que se notava principalmente nas janelas. As janelas externas, apesar de rasgadas, tinham de oscilar discretamente para cima e para baixo. Na escuridão a lenta dança das janelas iluminadas e do próprio invólucro exterior, bem como das zonas de jardim próximas, implantado em socacos móveis, geravam um bailado silencioso, como se a casa estivesse viva e se preparasse para sair do lote e seguir viagem.

Quando Sofia chegou, o portão estava aberto como sempre e, mal o trespassou, ouviu gritar pelo seu nome:

- Sofia Suren, Sofia Suren, estou aqui, acenou Mariah, efusivamente.

Sofia não gostava que a sua melhor amiga a tratasse pelo apelido. A única pessoa, para além de Mariah Dexter, que a chamava assim era a sua avó paterna. Apeteceu-lhe correr para a amiga que era como uma irmã, mas não o fez. As crianças é que correm.

- Olá. Está tudo?

- Tudo o quê? não percebeu Mariah.

- Está tudo bem? Tudo OK? Tudo?

- Tudo – respondeu Mariah, aderindo à linguagem da amiga.

A sorridente Mariah era loira como o Verão e os seus olhos eram claros como a franqueza quando a verdade é uma coisa simples. Era uma daquelas pessoas que acordam logo felizes pela manhã.

- Já viste céu? continuou Mariah. Está incrível hoje. Vi duas estrelas cadentes paralelas, ainda agora.

- Onde?

- Além – indicou Mariah para um ponto a norte.

- Não vi – queixou-se Sofia olhando para a abóbada celeste. Olha um satélite, apontou.

- Sabes que há montes de lixo em órbita, satélites que já não funcionam, pedaços de foguetões, peças soltas? perguntou Mariah.

- Sei, pois. São um perigo para a nova estação espacial. Não percebo como é que a antiga durou tantos anos. Que carrão é este? perguntou Sofia, aproximando-se do monovolume preto de sete lugares de marca desconhecida que brilhava, requintado, à porta da casa. É vosso?

- Não. É do tio Crane, esclareceu Mariah. É um protótipo. Deram-lho para ele o testar no clima quente da Florida.

O Prof. Crane passava tanto tempo na Carolina do Sul que a sua residência na Florida era mais oficial que real. Sofia não percebia bem aquela coisa do tio. A princípio pensou que ele era mesmo tio da Mariah, pois tinha traços fisionómicos semelhantes, mas depois percebeu que não. O tio era apenas um amigo íntimo da família. Conhecera o pai da amiga de forma tão fortuita como Sofia dera com a Mariah na Universidade. O acaso ocorrera há vários anos, depois de ter ficado viúvo. Mais tarde, quando soube que o seu pai ia construir uma casa nova, ofereceu-se para tratar da domótica e acabou por ser ele a desenhar a casa, sem cobrar. A amizade deles fortaleceu-se desde então. Eram como amigos de infância. Quando viu a casa nova da Mariah pela primeira vez, Sofia ficou estupefacta porque parecia ter mais de um século. O exterior da casa fora pensado para parecer antigo, com a fachada de madeira proveniente de demolições e de barcos abatidos. Envelhecer uma coisa é fácil, citara a amiga. Rejuvenescê-la é mais difícil. O contraste entre a aparência envelhecida e a tecnologia interior tornava esta última mais inesperada. Como uma garrafa centenária de Porto Vintage, mas cheia do melhor Whisky.

O tio tinha resistido, mas depois tornara-se um efervescente defensor da ideia, de tal forma que o arquiteto que projetara o exterior se sentia incomodado. Primeiro ainda suspeitou que o geek da NASA estivesse a ser sarcástico, porque este pôs a hipótese da NASA, na próxima linha de naves espaciais, lhes dar um aspecto retro.

- Bom, respondeu-lhe o arquiteto, talvez isso seja mais provável do que convencer este bairro a deixá-lo construir aqui uma casa com aspecto de nave espacial. Depois, quando percebeu que não era o caso, continuou incomodado pois parecia que a ideia tinha sido do engenheiro, tal era o entusiasmo com que o tio a explicava a toda a gente. Anthony Crane era um caso à parte. Era um lunático que parecia um lunático. Parecia até a caricatura de um lunático. “*Exagera*”, brincara ao princípio Sofia.

- O Plástico da minha Mãe diz que ele não é lunático, é lunar, corrigira-a a amiga.

- É grave então, cogitou Sofia. Só vai lá com um transplante.

- De cérebro? questionou Mariah.

- Se pegar – completou Sofia.

Sofia achava graça ao facto daquela família colecionar como amigas metade das pessoas com quem lidava por algum tempo, fosse por que motivo fosse. Não foi apenas o arquiteto da casa que ficou visita deles – no caso do engenheiro ficou até família ou não seria tio – mas toda uma série de figuras iam-se acumulando como visitas assíduas, desde o cirurgião plástico da mãe ao pastor da Igreja, do pediatria de tempos idos, ao tipo que lhes vendia os Mercedes.

“Vá lá que as pessoas morrem, senão daqui a trezentos ou quatrocentos anos eram um exército”. Alguns, Sofia já os conhecia pelos carros estacionados. *“Todos os dias parece que há uma festa na tua casa, pelo número de carros parados à tua porta”*. Outra coisa que a surpreendia é que todos eles tinham algo de incomum. Quando Sofia soube que o vendedor de Mercedes andava sempre de BMW, Cadillac ou Lexus - mas nunca de Mercedes, Mariah explicou-lhe, citando Crane, que *“era bom conhecer o inimigo e melhor ainda vender Mercedes desejando ter um”*.

- É uma espécie de sofrimento autoinfligido, disse uma vez Sofia ao tio Crane. Uma variante light de masoquismo, no caso de ele querer mesmo ter um dos carros que vende.

- Não é bem, precisou Crane. Repara, é como o desporto: imaginas alguém há 400 anos a fazer desporto, a cansar-se de propósito, sem ter disso necessidade?

- É para ficar em forma, argumentou ela.

- Pois com ele é a mesma coisa – é um “sofrimento” como tu dizes, não pelo sofrimento em si, mas com um objetivo – o de desejar ter um carro daqueles para poder vender mais eficazmente esse desejo.

O Pastor, por exemplo, passava o tempo questionando em voz alta a existência de Deus. *“Põe-nos a nós a procurar as razões da nossa fé”* dissera-lhe a amiga. Sofia também repetia por vezes ideias da avó paterna, mas as pessoas não sabiam. Era um segredo seu, uma coisa íntima. Sofia valorizava o ser humano no sentido humanista abstrato de tomada de partido direto pela humanidade. Reconhecia com alguma perplexidade, e até talvez benigna inveja, que os Dexter gostavam das pessoas concretas. A família da amiga era humanista no sentido idealista da opção primeira pelo homem, mas, bem além disso, afeiçoava-se em concreto pelas pessoas físicas reais, os vizinhos, os colegas, as pessoas vulgares que atravessavam a rua ou apareciam na televisão.

Sofia Suren herdara da avó não apenas o apelido, que o avô tinha corajosamente adotado para impedir a morte de tão distinto nome. Herdara os cabelos lisos, espessos mas soltos, opacos e brilhantes, negros como o Inverno. Na sua pele branca o contraste desses fios luzidios fazia com que parecesse um quadro vivo, uma pintura a três dimensões. Herdara também outra coisa: Um mistério que

só acontecia a um Suren de duas em duas gerações e que tinha a ver com a rápida cicatrização de feridas, mesmo as graves. A avó era assim e ela também. O seu cirurgião pediátrico não sabia e ficou estupefacto quando, um mês depois de uma apendicectomia, não conseguiu descobrir a cicatriz da operação. Duvidou que tivesse sido ela a ser operada e perguntou se não tinha uma irmã gémea. Tiveram de deixar de ir à consulta porque o médico, cada vez mais curioso, não ligou quando a avó lhe disse que aquilo era normal entre os iranianos de Tabriz, a cidade natal dos antepassados paternos e queria enviá-la para outro hospital para fazer exames de que parecia mais necessitado o médico que a menina.

A avó, a última persa da família, pois o pai já era americano, incutira-lhe desde pequena a necessidade de guardar aquele segredo: ela era descendente de príncipes, não uma artista de circo para ser passeada de feira em feira ou alimentar a curiosidade dos deuses de branco. Já a sua mãe era descendente de italianos de Veneza e Siena, godos como só os Godos.

Mariah parecia ser sem segredos, transparente e surpreendente como um diamante, e era com aparente inocência que repetia as frases dos amigos da família e os nomeava, como se fossem autores. Transbordava uma alegria espontânea, muitas vezes suscitada por coisas pequenas, aparentemente comuns da vida diária ou da natureza. Mas o que mais impressionava Sofia, era que essa alegria ultrapassava o simples contentamento individual, era contagiante, uma transfusão de felicidade para os outros. Aliás não era só a amiga que provocava esse efeito - a atenção com que o pai de Mariah homenageava as pessoas, era tão especial que encorpava a autoestima de quem falava com ele.

Anthony Crane ainda podia ser visto como um autor pois era uma figura brilhante, uma estrela esdrúxula, de tal forma que não se percebia bem a proximidade com aquela família que, apesar do conforto financeiro, não pertencia ao jet-set onde o Professor se movia. O Prof. Crane, de 58 anos, formara-se em arquitetura hospitalar, ocupando-se na juventude a desenhar blocos operatórios. Posteriormente ofereceu-se para cumprir serviço militar e quando regressou decidiu dedicar-se à engenharia de sistemas de suporte de vida. Foi através dessa competência que chegou à Agência Espacial Americana.

Fora um dos críticos da incapacidade quer da NASA, quer dos Russos, conseguirem integrar as necessidades da engenharia pura e dura, com a natureza do ser humano, na antiga ISS, a primeira International Space Station. Isso transformou-a num emaranhado de fios, monitores, teclados e quejandos, nos espaços entre os quais viviam seis pessoas, quase sem uma janela para o exterior. Pelo menos até 2010, altura em que receberam uma janela com vista para a Terra e um habitáculo para deixarem de dormir entre os cabos elétricos.

O Prof. Crane dizia que a ISS fora um retrocesso em relação ao velho Skylab,

padecendo daquilo que ele designava por Síndrome de Leninegrado e que atribuía à distante origem militar da NASA: os astronautas pareciam escolhidos entre as pessoas que conseguissem sobreviver ao cerco de Leninegrado, tal era a desumanização do ambiente em que cumpriam as missões de seis meses. Houve mesmo ocasiões em que se viram americanos e russos, tentando provar cada um que conseguia viver de forma mais incômoda que o outro, numa estação cujo objetivo final não era suposto ser insuportável.

- O Síndrome de Leninegrado é menos raro do que se pensa, explicava Crane. Há inúmeras situações em que as pessoas estão dispostas ou até buscam desconforto desnecessário, como prova de que estão ali para se dedicarem a uma missão ou a um trabalho e não para procurarem o caminho mais fácil. Nos meus tempos de arquitetura hospitalar, dava com essa doença frequentemente, principalmente entre certos cirurgiões, dizia Anthony Crane. É uma variante, continuava, na nossa cultura workaholic, da obsoleta expiação dos pecados pela penitência dos católicos. Os Papas tiraram o tapete a esses rituais, mas nós ainda hesitamos.

Nos módulos da nova estação espacial, surgira, com Crane, um novo paradigma: a Engenharia Invisível. Em vez do astronauta espartano, duro, que se distinguia por conseguir cumprir as suas tarefas num ambiente artificialmente hostil, queria-se agora o astronauta criativo, versátil, produtivo mas humanizado e, para isso, era necessária a famosa Engenharia Invisível de Crane: tinha de estar lá tudo e tinha de se poder não ver nada. O Professor via em tudo uma oportunidade para aplicar. Insistia que nunca se tratava de *“não se poder ver a engenharia”* mas sim de *“poder não se ver a engenharia”*. A sua inspiração eram os painéis secretos das bibliotecas medievais, em que uma porta se disfarçava como uma estante cheia de livros, que, abrindo-se, dava passagem para uma divisão oculta. Mas, se nos tempos ancestrais a ideia era não se ver o compartimento camuflado, agora a ideia era poder manter a beleza da fachada da biblioteca íntegra, quando não fizesse falta aceder ao compartimento acessório. A Engenharia Invisível era a contraproposta racional do córtex, ao Síndrome de Leninegrado avançado pelo atávico hipotálamo.

Já os demais amigos dos Dexter, pensava Sofia, eram tão só variantes curiosas do normal. Mereciam ser observados, mas não propriamente citados. Sofia acabava por saber muito da vida de Mariah. Havia ocasiões em que a casa lhe parecia uma série televisiva com um número infindável de episódios, mas as mais das vezes sentia-se como se fosse parte verdadeira daquela família desde sempre.

Quem nunca era citado era o pai de Mariah. Philip Dexter, tinha também 58 anos e era um evolucionista dedicado ao trabalho de campo. Um homem dos espaços abertos, não um rato de laboratório. Os ratos de laboratório lá em casa, eram a Mariah e a Sofia, se se considerasse que Sofia era lá de casa. Tinha um rosto

bronzeado que contrastava ou com os olhos azuis, quando estava sério, ou com a alvura dos dentes quando sorria. Parecia o comandante de um grande veleiro. Ele era a cola que grudava aquela gente toda, um ouvinte extraordinário que tornava especial quem falava com ele. Às vezes parecia, por si só, todo um auditório, outras, a mais privada das audiências. Se não tivesse mais de noventa segundos para escutar uma pessoa, não deixava que a sua pressa contaminasse esses preciosos segundos. Estancava como se tivesse todo o tempo. Emprestava-lhe não uns meros noventa segundos de quem passava em corrida para qualquer sítio, mas uns bons noventa segundos de quem estava para ficar duas horas. Reverberava nele tudo o que ouvia: a sua postura corporal e o seu rosto valorizavam tanto o que lhe era dito, como a música valoriza uma obra de cinema. As pessoas sentiam que qualquer conversa lhes tinha corrido bem e quase ninguém percebia que tinha sido ele.

- Como é que consegues pai? perguntou-lhe uma vez Mariah.

- É grátis, segredou-lhe o pai. Tu também consegues, se tentares.

* * *

Sofia aproximou-se do protótipo que tinham oferecido a Crane e espreitou lá para dentro. Era simultaneamente sofisticado e confortável. Não devia ser mau ter amigos assim.

- De onde é que o tio conhece os fabricantes?

- Da própria NASA. É duma empresa aeroespacial e ele propôs-lhes um projeto para vender ao Governo. Lembras-te da conversa de há bocado, dos detritos em órbita? recordou Mariah.

- Sim.

- Ouve, e Mariah baixou o tom, já na vizinhança do inaudível - têm havido acidentes. Contra satélites, contra naves tripuladas e contra a velha estação espacial. Duma vez os chineses enfureceram-se pois meteram na cabeça que fôramos nós. Depois, um grupo da força aérea veio com o esquema de lançar pequenos enxames de peças de titânio que eliminassem satélites indesejáveis, fazendo parecer que se tratara de um acidente com fragmentos.

- Se nós pensámos nisso é claro que os outros também pensaram – adivinhou Sofia.

- Pois. O tio Crane quer mapear todos os fragmentos acima de cinco milímetros e eliminar os detritos a partir de cinco centímetros por foto incineração laser. Se ele conseguir vender a ideia, é um negócio em grande. Está a tentar convencer as aeroespaciais privadas a avançarem juntos.

- É soberbo, disse Sofia, que, antes de se afastar do carro, puxada por Mariah, limpou com a manga as marcas dos seus dedos e do rosto que colara ao vidro.

Chegaram à porta da mansão e Kiara abriu-a. Era uma mulher negra, natural do Alabama, com um sorriso de iluminar o sol.

- Olá meninas. De mãos dadas como miúdas?

- Olá Kiara, cumprimentou Sofia, sorrindo para o seu sorriso.

- Isto são horas de irem trabalhar? perguntou Kiara, enquanto elas encolhiam os ombros. Desceram, atravessaram o quarto de Mariah, passaram a piscina de treino pessoal e ao fundo abriram uma porta que dava para a ponte que entrava no piso superior duma estufa. Não se percebia porque é que o quarto da Mariah dava para a estufa por uma ponte, mas dava e ambas preferiam aquele caminho.

A estufa tinha várias zonas distintas. Havia uma de flores subtropicais, onde próteas amarelas, estrelicias lilases, orquídeas brancas com sardas vermelho batom e outras primaveras inundavam tudo de cor, mas havia igualmente trepadeiras, árvores de frutos exóticos, bonsais e, ao fundo, a joia da estufa: plantas do planeta Marte. Era um espaço financiado pela Fundação Terra Dois e tinha sido trazido pelo tio Crane para casa dos Dexter. A Fundação tinha um programa denominado quinhentos biólogos independentes por Marte e eles tinham sido dos primeiros escolhidos.

Na primeira câmara da estufa marciana, a pressão atmosférica era equivalente a uma altitude de oito mil metros, uma percentagem de Oxigénio de dez e de Dióxido de Carbono de dois por cento. A temperatura variava entre os quarenta graus negativos e os cinco graus positivos. A seguir vinha outra câmara com uma pressão igual à de vinte e cinco mil metros de altitude, temperatura entre os setenta graus Célsius negativos e os quinze positivos, com três por cento de Oxigénio e muito mais Dióxido de Carbono, mas onde se faziam pulsos mais baixos da ordem dos dois por mil de oxigénio, com pressões também muito inferiores.

Marte é um planeta tão inóspito que, ao pé dele, a pior catástrofe que se possa imaginar para a Terra é apenas uma brincadeira, pensou Sofia. No pior cenário de aquecimento global, nos piores tempos da mais drástica hipótese para a extinção dos dinossauros, no mais derradeiro “day-after” duma devastadora guerra termonuclear, imaginar a Terra era apenas ter a visão duma careta de assustar crianças, quando comparada com o planeta vermelho. Em Marte abrir a janela é deixar entrar a morte e agonizar em minutos. Mas a Fundação Terra Dois tomara para si o inatingível objetivo transformar esse planeta seco, sem oxigénio, queimado pela radiação cósmica, num oásis campestre em pouco mais de duzentos anos, pelo simples facto de que todas as alternativas no sistema solar eram piores para construir uma Nova Terra.

Essa ideia seduzira Sofia e Mariah, como seduzia muitos outros desde há décadas. As amigas estudavam exobiologia em Colúmbia, ambas estavam convencidas que a vida pululava no Universo e que o homem entraria em contacto com essa vida, não porque ela viria ter connosco, mas porque nós contactaríamos

com ela. Marte era um passo nessa caminhada que nos retirava do nosso ninho protetor para nos levar mais além.

As duas mantinham uma cadeira de humanidades ou de artes no seu programa curricular e dedicavam muito tempo à investigação, apesar disso fazer com que progredissem mais devagar na licenciatura. Sofia era uma workaholic e colaborava, paralelamente, num programa de manipulação genética de animais extremófilos, como os tardígrados. Provavelmente terminaria o doutoramento antes da licenciatura.

De início as amigas estavam contra a ideia de mexer, com um só dedo que fosse, noutros planetas. A sua preocupação era a oposta: como evitar a contaminação doutros mundos com microrganismos originários da Terra. Mas um dia Anthony Crane falou com elas durante duas horas e cambiou tudo: passaram dum campo para o oposto.

- Temos de meditar na posição que atribuímos ao Homem no Mundo. Se o colocarmos num lugar acima do resto da natureza conhecida, como parece ser mais sensato, então os interesses da natureza poderão, dentro dos limites da razoabilidade, ser secundarizados se não aos interesses pelos menos aos valores humanos. Se colocarmos o homem como parte integrante da natureza, continuou, em pé de igualdade com os demais seres vivos ou inanimados, então não lhe podemos pedir mais que aos outros elementos da natureza. Tudo o que o homem fizer foi a natureza que o fez, certo? Todas as alterações que introduzir no mundo, farão parte e farão corpo com os processos da natureza. Nunca se pode, neste último caso, pretender que o homem destrói a natureza pois o homem faz parte dela e esta tem processos clásticos, destrutivos, e blásticos, construtivos. Se um vulcão destruir uma ilha, com os seus ecossistemas, está em pé de igualdade com o homem que destrói outra ilha com um engenho nuclear – ambos são fenómenos clásticos da natureza.

De nada vale a tentação do radicalismo de dividir a natureza em material e imaterial, para tomar partido pela natureza material do vulcão contra a natureza imaterial do génio humano. Se dividirmos a natureza em duas, para que uma tenha primazia sobre a outra, e sendo a nossa mente parte da dita natureza imaterial, acabaremos, por maioria de razão, em tomar a imaterial que tem algum livre arbítrio, como sendo superior à material e isso é exatamente o mesmo que tirar o homem da natureza. Podem mudar-se os termos, mas a equação permanece. Ficarão um ou outro masoquista e um ou outro suicida a tentar, minoritários, a primazia do resto do mundo contra nós, mas, aparadas as demasias dos mais drásticos que lúcidos, a questão retorna: se o homem faz parte da natureza e se esgota nela, não o podemos julgar só porque é o rei da selva, como não julgávamos o predador que destronámos, o leão.

- Se dermos à humanidade um lugar especial, acima dos outros seres, então a

colonização doutros planetas é indispensável à prossecução da gesta da expansão do Homo Sapiens Sapiens, desde a sua saída de África. Marte é apenas mais um continente, reduziu Crane. Lembra-se daquela velha frase publicitária “compre terra, já não se fabrica mais?” Pois bem, o homem prepara-se para fabricar mais. Mais terra, mais lagos e rios, montanhas nevadas e vales, praias brancas e oceanos de cores várias. Marte servirá para provar um conceito: o conceito de engenharia planetária que permitirá a terraformação. Depois de Marte, seguir-se-ão outros planetas do sistema solar e aquilo a que os nossos filhos chamarão casa não será à Terra, será ao Sistema Solar. O Sistema Solar é a casa do Homem, enfatizou Crane.

O tio era muito alto e não fazia o mínimo esforço para se curvar um pouco quando falava com as pessoas de altura comum. Pelo contrário, parece que ainda crescia mais um palmo. Era alto e assumia-o. O seu cabelo tinha passado de castanho a todo branco e os olhos grandes, tão quentes como coloridos e penetrantes, eram o que restava da cor da Primavera. Os óculos de aros redondos deixavam passar a cor avelã da íris e tinham à esquerda um duplo aro. Para ler ao perto colocava uma segunda lente que trazia no cinto no segundo aro à esquerda, o que reforçava o seu ar esotérico. Era seu hábito iniciar as conversas olhando fixamente para o interlocutor, mas depois continuava a falar já com os olhos presos noutro lado, para voltar a fixar a outra pessoa, colocando a lente de ver ao perto, logo após ter-se calado. Élan não lhe faltava.

* * *

Entrar sem máscara na primeira câmara da estufa era muito perigoso por causa do baixo teor de oxigénio e da elevada concentração de Dióxido de Carbono. Na segunda câmara havia um problema bem mais grave: a descompressão. Tinha de se usar um fato pressurizado nessa câmara avançada. A pressão era muito baixa e a temperatura demasiado fria. Os fatos tinham sido oferecidos pela NASA e pareciam fatos espaciais ligeiros. Eram brancos, relativamente justos e com um capacete de astronauta. A bandeira dos Estados Unidos ilustrava um ombro, o símbolo da NASA o outro e elas sentiam-se viajantes espaciais aventureiros, apesar de continuarem em Violet Street.

Nessa noite Sofia entrou primeiro, enquanto Mariah revia espectrofotometrias. Mal entrou viu que os líquenes que definhavam lentamente há meses, estavam diferentes. Não era ilusão, tinham crescido muito desde a transferência genética da semana anterior. Estavam fluorescentes, viçosos. “*O que é que eu estou a ver? Que é isto?*” pensou. “*Fantástico*”, percebeu. “*Acertámos, meu Deus*”, disse em voz alta,

tremendo. Tinham produzido a primeira forma de vida extraterrestre viável e era multicelular ou quase.

- Mariah, Mariah, chamou pelo sistema de comunicação. Vem ver o que aconteceu. Vamos publicar na Nature sozinhas aos vinte e um anos. “*Nem posso acreditar*”. Correu para os tabuleiros dos líquenes quase em lágrimas. “*Funciona. Conseguimos*”.

Ao passar junto dos tabuleiros dos musgos derrubou um. “*Já o apanho*”, pensou, não reparando que cortara o fato. O discreto apito que quase não se ouvia, rapidamente se transformou num silvo. Sofria uma despressurização súbita.

- Não!, gritou.

Lá fora Mariah ouviu o grito e precipitou-se para a estufa. Sofia, lutando pela vida, correu para a câmara intermédia. Sentia o campo visual estreitar-se quer lateralmente quer na vertical. Lembrava-se de ter lido sobre essa estranha visão em túnel que antecede a perda da consciência. Uma dor de cabeça excruciante esmagava-lhe o crânio. Tentou gritar outra vez por socorro e a saliva, quando abriu a boca, ferveu-lhe na garganta pois a pressão era tão baixa que a água entrava em ebulição aos trinta e sete graus da temperatura corporal. Com o terror perdeu o controlo, tropeçou no tabuleiro de musgo que estava no chão e caiu. O fato rasgado enganchou-se num suporte metálico espiculado e ela ficou presa. Na queda cortou o pulso esquerdo de raspão e o sangue em vez de escorrer fervia. Sofia colapsou.

Capítulo 9

O Grande Salto

Sofia, obnubilada, sonhou com o sangue em ebulição nas suas veias. “*Que morte estúpida. Morrer em Marte a escassos quilómetros de Myrtle Beach*”, pensou, antes da sua mente desaparecer.

Não morreu. Mariah ativara a repressurização de emergência e restabeleceu as condições de sobrevivência. Quando chegou o 112 ela já estava sentada no chão, emocionalmente devastada, mas fisicamente quase restabelecida.

- Nem pensem em apanhar-me no deserto vermelho. Eles que “terrifiquem” o Sahara ou então a Antártica que aí pode-se congelar, mas pelo menos o cuspe não ferve, disse, rindo e chorando ao mesmo tempo, abraçada à amiga que a salvara.

Duas semanas depois quando voltou a entrar em Marte, como chamavam à estufa, a oscilação de pressões com a pressurização, tinha silenciado os genes de alguns líquenes, favoráveis à adaptação ao ambiente inóspito, sem os matar. As plantas estavam mais alienígenas que nunca: sobreviviam quer à pressão terrestre quer às condições extraterrestres. Foi aí que surgiu o projeto mais ambicioso de evolução bidirecional, rapidamente reversível. Estavam no limiar duma coisa histórica. Antes do acidente tinham tido sucesso na indução de novas mutações nos musgos que tinham comprado no Max Planck na Alemanha e principalmente nos Líquenes que tinham vindo do MIT, o famoso Massachusetts Institute of Technology. A ideia na altura era desenvolverem organismos que sobrevivessem em Marte, e conseguiram-no quando os novos líquenes medraram.

Agora propunham-se gerar organismos que pudessem sobreviver em Marte, mas manterem-se pujantes quando as condições desse planeta se modificassem após a fase inicial de terraformação. Organismos pluripotenciais, com vários estádios de evolução pré-preparados nos seus genes e que se expressariam à medida que o estímulo ambiental evoluísse. Não seria necessário enviar vagas sucessivas de novas espécies quando o ambiente mudasse em Marte ou ficar à espera que lhes saísse a sorte grande de, em meros dois séculos, as plantas conseguirem evoluir num planeta em cambio artificial acelerado, pois a Fundação estava empenhada numa solução dita rápida que em duzentos anos permitisse aos novos marcianos caminharem sem fatos ou máscaras no planeta. Seriam plantas multiplanetárias.

Na estufa faziam ciclos de muito baixa pressão, pouco oxigénio e muito frio e ciclos de maior pressão, mais oxigénio e menos frio, com oscilações muito amplas. As plantas e os líquenes tinham de manter os genes que lhes permitissem adaptar-se

às duas condições, a atual de Marte e a futura após a terraformação.

Os vizinhos de Mariah abominavam a ideia de terem uma estufa Marciana do outro lado da rua. A coisa piorou, pasme-se, quando saiu uma nova versão do filme da Guerra dos Mundos. “*Tenham cuidado não vão, em vez de transformarem Marte numa nova Terra, transformarem a Terra num novo Marte*”, dissera-lhes, a meia distância entre o brincar e o sério, o Pastor, trazendo um recado do bairro. Philip Dexter respondeu-lhe que o medo aliado ao desconhecimento é um fraco conselheiro. Quando, recordou, estreou o filme O Tubarão, havia pessoas com medo de ir à sanita, não fossem ser atacadas por baixo por um tubarão vindo do esgoto. O Pastor não conseguiu mais que um sorriso amarelo.

A polémica em curso sobre a corrida espacial entre a China e os Estados Unidos e as teorias da conspiração sobre o secreto interesse do governo americano em construir um império interplanetário, não encontravam nenhuma ressonância naquela cidade rica.

- O Futuro está no futuro e será melhor que o passado. É pois para lá que temos de continuar a ir, dizia o tio e as pessoas concordavam. Já ter plantas mutantes no seu bairro era outra história, como avisavam os sinais de risco biológico pintados nas carrinhas de transporte que levavam amostras da estufa para a Universidade.

As amigas eram conhecidas no bairro como as sereias marcianas, até que um dia um grupo de rapazes se cruzou com Sofia e um lançou-lhe o piropo “*Sereia, querida, queria sonhar contigo esta noite, mas tenho uma dúvida em relação ao cenário de fundo: és do Atlântico ou és de Marte?*”.

- Em Marte não há água líquida, só gelada, por isso as sereias de Marte são frígidas, disse-lhe Sofia. O teu sonho não é grande coisa, campeão. Passaram a ser só marcianas, apesar de terem cabelos longos e serem bonitas como sereias.

Sofia tinha um talento raro para a mutagénese, de que dependia a evolução dirigida, bem como uma “visão espacial” invulgar, conseguindo imaginar as proteínas e outras moléculas biológicas, visualizando-as no espaço, rodando-as, encaixando-as, alterando-as, sem precisar do software de modelação 3D. Trabalhava muito depressa e usava muitas ideias de biologia comparada que Philip Dexter trazia do seu trabalho de campo. Ela era a estrela da companhia.

Um tempo depois do acidente, quando chegaram à câmara de pré-adaptação para vestirem os fatos, encontraram lá o Prof. Crane que perscrutava o interior da estufa.

- Olá Mariah. Olá Sofia. Vocês são os meus i's preferidos. Sei dos vossos últimos resultados. Admiráveis. Nasceste para isto Sofia e nós para encontrar pessoas como tu. Em vez de publicarem deviam considerar a alternativa de fazerem

uma patente ou, se quiserem arriscar, registarem as vossas ideias como segredo industrial junto da NASA, sugeriu Crane.

- Se não tivessem inventado a modelação computacional de proteínas parece-me que eu não seria boa em nada, respondeu Sofia, aceitando o elogio. É a única coisa que sei fazer.

- Não Sofia, retorquiu Crane. Muitos dos desportistas que encantam multidões, não seriam nada se o seu desporto não tivesse sido inventado. Que faria o maior génio do Basebol se não houvesse Basebol? Talvez trabalhasse no McDonald's. Mas tu és diferente: consegues imaginar formas complexas no espaço, movê-las e manipulá-las livremente na tua cabeça e se não fizesses o que fazes poderias ter um enorme sucesso noutras profissões. Serias melhor do que eu a fazer o que eu faço.

Sofia riu e corou levemente. Crane era um génio da integração de sistemas de suporte de vida e de desenho do interior de naves tripuladas e o elogio aqueceu-lhe a alma.

- Só nunca me peçam para pôr os pés no pó vermelho, gracejou.

- Quantos anos tens?

- Vinte e um, respondeu Sofia.

- Já és demasiado velha, minha querida. Sabes que eu não percebo nada de biologia, mas assaltou-me uma dúvida: os teus Líquenes e talvez os teus Musgos, conseguem sobreviver em Marte Dia de Amartagem Zero, DA zero, mas quando houve a pressurização de emergência as condições eram parecidas com as da Terra. Como é que as ervas não morreram? Terá sido porque só durou algumas horas?

Marte DA zero era a situação nativa de Marte, que permaneceria até ao Dia de Amartagem da primeira missão de terrificação ou terraformação. DA cem, a situação cem anos marcianos depois – cerca de dois séculos terrestres, pois a órbita de Marte é dupla da da Terra e um ano marciano dura quase tanto como dois terrestres.

- Não, explicou Sofia, as estirpes exprimem três fenótipos diferentes para as três condições de pressão, temperatura e oxigenação – a terrestre, que não interessa, a DA cem e a DA zero. Estamos a conseguir uma evolução espontaneamente reversível para os três patamares de condições. Contudo a reversão para o fenótipo terrestre tem uma desvantagem energética e por isso faremos o knock-out desses genes.

- Ótimo, anuiu Crane. Mas envia-me amostras dos espécimes com a capacidade de adaptação terrestre preservada. É bom guardarem-se alguns desses.

- Líquenes e Musgos adaptados à Terra é o que não falta por aí, contrapôs a jovem cientista.

- Sabes Sofia, a Fundação acha que a capacidade adaptativa a diversos ambientes pelas mesmas plantas é uma vantagem. Há situações em que pode valer mais a adaptabilidade do que a eficiência energética.

- Posso enviar-lhe todas. No projeto-contrato queremos otimizar a eficiência nas condições na faixa DA zero a DA cem.

- Estamos combinados – confirmou Crane. A semana passada falei do vosso trabalho à Fundação, pensando que lhes ia dar uma novidade, mas descobri que vocês já são famosas lá dentro. As notícias correm depressa

* * *

A Fundação Terra Dois surgira da iniciativa privada norte-americana, depois do concurso Holandês MarsOne ter tido um sucesso inesperado. Apesar de viver de contribuições de pessoas e de empresas, primeiro das pequenas, mas mais tarde das multinacionais, conseguiu gerar fundos milionários, fazendo campanha pela colonização de Marte e financiando a investigação científica e tecnológica com esse objetivo.

Algumas empresas privadas mais antigas, que tinham como desiderato a exploração de minérios em asteroides ou o transporte de pequenos asteroides até à Lua ou à órbita da Terra, nomeadamente os designados como do tipo M, riquíssimos em metais raros, defendiam publicamente que o “Objetivo Marte” da NASA e da agência espacial europeia, a ESA, era a estratégia errada. Eram os casos da Planetary Resources, fundada 2012, do cineasta David Cameron e do executivo Larry Page, da Deep Space Industries e da Kepler Energy and Space Engineering. Mas quando vários gigantes da mineração terrestre, da indústria aeroespacial, da produção de ferramentas autorreplicativas e robotizadas, da geração de energia, entre outras, passaram a defender Marte como um objetivo consensual, o assunto ficou arrumado. Eram pesos pesados da economia global, apoiando a NASA e financiando a Fundação Terra Dois de forma maciça.

A menor gravidade e a atmosfera menos densa de Marte permitiriam a projeção nos seus polos de asteroides, para exploração e purificação in loco. A tecnologia dos titãs da mineração, era facilmente adaptável à gravidade moderada de Marte, dispensando a tecnologia de mineração em ambiente de gravidade zero, que elas não dominavam. Ósmio, Índio, Ródio, Platina, Paládio, Manganésio, e outros metais essenciais à indústria e que ameaçavam escassear com a emergência de grandes consumidores, como a Índia e a China, abundavam nos asteroides. Esses metais, e mesmo o chumbo, o zinco, o cobre e o próprio ferro, só estão presentes na crosta terrestre devido a impactos extraterrestres desde há milhões de anos. Não são metais

originários da Terra, são um património finito oferecido por esses corpos celestes que caíram há muito tempo e vão acabar dentro de 40 a 70 anos.

Havia um segundo problema: A China dominava a extração doutra família de minerais: os terras-raras. Sem os terras-raras não há alta tecnologia nas comunicações, nas baterias, nos automóveis, na aviação e na eletrónica. Que aconteceria ao ocidente se um dia eles e a Rússia fechassem a porta dos terras-raras de que ambos detêm quase o monopólio? Não foi isso que os chineses ameaçaram fazer com o Japão em 2010? Que seria dos Estados Unidos, da Alemanha ou do Japão sem o Neodímio, o Lantânio, o Ítrio ou o Gadolínio que vêm do país do Rio Amarelo, só para citar alguns?

O consenso em relação a Marte crescia e novas indústrias investiam na Fundação, como uma bola de neve. O ocidente tinha trinta anos para assentar arraiais em Marte. Não mais.

Oficialmente a corrida ao espaço recomeçou quando a Coreia do Norte construiu mísseis capazes de atingirem a costa do Pacífico e os serviços secretos americanos souberam que o Irão produzira a sua primeira bomba atómica. A velha Iniciativa de Defesa Estratégica, conhecida como a Guerra das Estrelas de Ronald Reagan, baseada no sonho duma defesa antimíssil posicionada em órbita, foi ressuscitada pelo Pentágono que lhe acrescentou a necessidade de defesa da Terra contra a colisão de um objeto cósmico.

Desde que os Estados Unidos tinham excluído a China da antiga estação espacial internacional, esta tinha investido crescentemente no espaço. Muitos americanos acharam a exclusão da China um disparate. Tinham-se entendido com os soviéticos no século passado em nome da paz quando eles eram uma ameaça e curiosamente esse entendimento viria mais tarde a salvar a ISS quando o space shuttle deixou de voar. Como diz o ditado português *Deus escreve direito por linhas tortas*. Agora excluía-se os Chineses? Se a China se tornasse uma ameaça militar, já se fariam programas comuns para promover a paz? Não fazia sentido.

Ao contrário do que acontecera na primeira corrida espacial, de início o público não apoiava o rio de dinheiro que desaguava na NASA e na Guerra das Estrelas do Pentágono. A NASA estava cheia de dinheiro. O Pentágono nadava em dinheiro. A própria Fundação vertia dinheiro. Mas tudo isso empalideceria quando comparado com o que estava para vir. Anos antes, Crane, numa conversa ao jantar na primeira casa dos Dexter, dissera que não seria uma divergência com outro país que levaria o governo a investir em grande escala na NASA e os privados a entrarem na corrida. Seria uma decisão após um debate interno, uma mudança de alma, um golpe de asa de motivação endógena nos USA que precipitaria o gigante para a colonização do espaço, envolvendo o governo e a competição entre privados quando chegasse a hora certa. Acertaria em cheio.

Capítulo 10

O Discurso

Como havia algum mal estar no bairro por causa do suposto risco biológico oriundo da casa dos Dexter, quando as duas amigas foram convidadas a fazer uma conferência na escola secundária da vizinhança sobre a possibilidade de terraformar outros planetas, aceitaram de imediato. Era uma oportunidade de melhorarem as suas relações com a vizinhança.

Disseram-lhes que os alunos seriam do décimo primeiro e do décimo segundos anos e estariam presentes também muitos professores e adultos. Eventualmente poderiam aparecer alunos do décimo ano, mas como eram muito infantis e o auditório ia estar cheio, não havia lugares reservados para eles. Sentar-se-iam nas coxias e, se se portassem mal, sairiam. Todos os alunos sabiam que elas vinham falar à escola, mas nem toda a gente percebia porquê. A história de Marte era conhecida, mas o envolvimento da sua cidade era novidade aos olhos dos mais novos. Eram coisas de Washington ou de Houston. Que tinha Colúmbia a ver com o caso? Marte era um planeta gelado, certo? O quarto calhau a contar do sol, certo? A não ser que houvessem mesmo marcianos qual era a espiga?

Os pais deles percebiam qual era o problema. Era a estufa marciana do outro lado da rua. Para além dos alunos mais velhos, muitos alunos do décimo ano decidiram de facto aparecer. Na sua jovialidade parecia-lhes uma hora bem passada, pois constava que vinham falar duas marcianas que eram umas giraças.

Sofia e Mariah foram acolhidas pelo Diretor da escola, Ron Gibson. Elas acharam-no mais novo do que lhes tinham dito. Era alto, levemente perfumado e tinha ar de bom Karma. Os olhos eram cinzentos sem sombra de azul. Não usava gravata. Parecia que era nova-iorquino ou europeu ou que estava de férias. Ron Gibson confessou que não sabia muito sobre terraformação mas que, quer o tema quer as palestrantes, tinham sido sugeridos por um amigo da comunidade envolvido na sua eleição para o cargo. Aceitara de imediato pois ninguém valorizava tanto as boas relações com a comunidade como ele.

- Na eleição da minha direção consegui cativar um número recorde de pessoas que não fazem parte da comunidade escolar, strictu sensu. Que não são professores, funcionários ou alunos, explicou. A educação é uma tarefa de todos, mesmo dos que não têm filhos na idade própria. Esses, por definição, são candidatos a pais, a avós, a tios de alunos e são importantes financiadores da escola. Neste momento, oito por

cento do público que assiste aos jogos das nossas equipas, e, tomem nota, doze por cento dos que aparecem nas atividades culturais, não têm filhos na escola. Mais do dobro do que se verificava antes do meu primeiro mandato. Assim sendo, quando da vizinhança surge esta preocupação com o futuro doutros planetas, eu vou querer convidar os melhores da nossa cidade para aprendermos e debatermos esses temas, explicou o Diretor.

- Essa pungente descrição da preocupação da comunidade que o Sr. Diretor acaba de nos fazer, não é, na prática, a pessoa da Dra. Rebecca Radcliff? perguntou Sofia.

- A nossa Pediatra escolar é muito querida por todos e preocupa-se com o futuro, disse Ron sem se ressentir. Tem um interesse peculiar naquilo que ela chama metais pesados e por aquilo que ela designa por propagação accidental de mutagénese ao ecossistema. Não me perguntem porquê, pois para mim se é metal é pesado e está o caso arrumado. Mas, bem, parece que alguns metais pesados não são tão bons para as crianças como o ouro, a prata e os diamantes, disse sorrindo familiarmente, e que o seu uso em laboratórios instalados na comunidade devia ser bem explicado para poder ser bem compreendido.

- Os diamantes não são considerados metais preciosos começou a dizer Mariah, mas Sofia interrompeu-a dizendo “*mas brilham como os metais, como as pérolas e como o marfim polido e isso faz com que sejam muito preciosos*”.

- Ora aí está, disse o Diretor. Podem não pertencer à categoria técnica dos metais, mas pertencem à categoria mais ampla de metais e outros que tais. Será que, dado serem igualmente preciosos, poderão ser considerados mutantes dos metais? Digam-me vocês. Vocês é que são as especialistas. A palavra mutante aparecera a despropósito e ele olhara diretamente para Sofia quando a pronunciou.

- Vejo que você é um homem interessado em ciência, tentou reiniciar Mariah, nós podíamos ..., mas foi de novo interrompida pela Sofia que esclareceu que ele era muito interessado e muito interessante. Uma boa aquisição para a vizinhança.

- Obrigada aceitou Ron Gibson, imperturbável. Gosto de agradar aos vizinhos e de contribuir para a comunidade.

- E agrada, confirmou Sofia. A mim, agrada. É das pessoas em relação às quais eu costumo dizer que ficam bem em qualquer lugar.

Mariah ruborizou um pouco e atalhou – vamos para a conferência, Sr. Diretor?

- Vamos respondeu ele, sorrindo. Vamos todos aprender convosco.

Mariah conhecia a postura da Sofia quando era posta à prova. Tornava-se desafiante e devolvia a pressão a quem a pressionava. Muitas vezes corria bem, mas nem sempre era conveniente. Além disso, a família de Mariah vivia naquele bairro e tinha muito mais a perder ou a ganhar que Sofia. No caminho Mariah lembrou isso mesmo à sua amiga. Não bastava ganhar a apresentação, era preciso ganhar as

peessoas.

Quando chegaram ao anfiteatro, a sala estava cheia. Alunos do 11º e 12º tinham ocupado os lugares da frente e mais atrás estavam professores e cidadãos de várias idades e proveniências. Mariah reconheceu diversas pessoas, nomeadamente alguns jornalistas locais, mas também viu indivíduos que lhe eram estranhos e, fosse pela indumentária, fosse pela postura, não pareciam ser dali.

O Diretor apresentou as palestrantes. Deteve-se mais tempo a falar de Mariah, que era uma ex-aluna da escola e a prova viva de que o futuro que se abria aos alunos mais inspirados, mais integrados e mais trabalhadores, não conhecia limites. Descreveu o seu trajeto pessoal. Era reconfortante que jovens que a escola tinha conhecido como teenagers, voltassem pouco tempo depois, tão válidos e tão surpreendentes. Em relação a Sofia recordou que apesar de ela não ter sido aluna da escola, tinha uma relação muito especial com a comunidade que acolhia a escola e onde tinha implantado um laboratório de ponta.

“Quando vêm entrar e sair do bairro carros sinalizados com risco biológico, alguns ficam apreensivos e questionam-se se esse trabalho não devia ficar resguardado dentro das universidades”. Ele preferia colocar o acento tónico no facto de que quanto mais próximos os génios que decidem o futuro da América estiverem da comunidade, mais a comunidade pode aprender com eles e mais a comunidade pode exigir que lhe prestem contas. *“Hoje não estamos aqui para pedir contas. Hoje estamos aqui para aprender com americanos como nós que gostam da nossa terra tanto como nós”*, terminou.

O tom da voz do diretor foi muito caloroso. Durante a apresentação de Mariah, ele tinha alternado o seu olhar entre ela e o público; já aquando da apresentação de Sofia ele olhara tão só para os adultos das filas de trás, raramente se dirigindo para ela. Sofia percebeu de imediato a mensagem. Se a conferência corresse mal era ela o bode expiatório. Mariah era o bom exemplo para todos - a ameaça tinha Suren como apelido.

Sofia Suren dirigiu-se ao microfone para iniciar a apresentação quando começaram a entrar alunos do décimo ano e a sentarem-se nas laterais e nas coxias. Eram aos magotes e alguns vinham pintados de guerreiros índios, outros mascarados de extraterrestres ou de mutantes exóticos, mas a maioria vinha apenas com o buliço habitual em estudantes de quinze anos.

O diretor levantou-se, reocupou o centro do estrado e esperou que todos entrassem. De seguida disse que se os alunos mais novos queriam aprender alguma coisa podiam ficar na sala, mas que não estavam no Halloween e não seria permitida qualquer brincadeira que perturbasse a conferência. Sofia sorriu e estava o diretor a

aproximar-se da conclusão, que se antecipava ser a saída dos mascarados, quando ela interrompeu com uma voz simpática e muito segura:

- Olá. Vejo que temos aqui alguns índios.

Houve palmas dos índios e o diretor olhou explicitamente para ela.

- Isso é bom, continuou a cientista, porque nos lembram os habitantes nativos da América e nos recordam que para esses habitantes originais, nós, com os nossos navios, as nossas armas de fogo e os nossos cavalos lhes parecíamos alienígenas.

Risos da miudagem.

- Sabem que muitos desses índios que vocês aqui tão bem imitam, pensavam que os europeus a cavalo eram um único animal com duas cabeças? Para eles nós éramos todos seres doutro mundo, verdadeiramente extraterrestres. Vejo também que temos aqui outros disfarces. Alguns parecem seres com doenças estranhas e com pouco tempo de vida.

Poucos risos e alguns empurrões benignos entre alunos.

- Outros parecem seres de outras galáxias.

- Sim, ouviu-se a poucas vozes.

-Vocês, seres galácticos, já tiveram com certeza oportunidade de conhecer os terráqueos, continuou, sorrindo acolhedoramente como se tivesse quarenta anos ou mais. Mas deixem-me que lhes mostre fotografias dos marcianos, como eu os imagino, dentro de vinte ou trinta anos e espero que os pais não me processem.

O diretor sentou-se percebendo que ela tinha a audiência na mão. *“É uma domesticadora de teenagers, pensou. Podia ser professora nesta escola”*.

- Alguns desses marcianos, prosseguiu Sofia Suren, terão olhos azuis - e projetou uma imagem de uma criança pequena do infantário daquela escola que ela fotografara na véspera. Outros serão mais gorduchos - e lançou uma fotografia de um bebé, também do infantário, a tentar comer a papa que saía da colher e escorria pela sua carinha rosada. Outros adoram animais – um bebé negro com dois peluches em cada mão e um enorme sorriso - e outros gostam de domar seres selvagens; o quarto bebé estava agarrado à cauda de um cachorro amigável que o arrastava pelo chão do pátio coberto. Foi interrompida por risos e palmas de aprovação. Os marcianos do futuro eram os bebés terrestres de hoje.

- Fizeram bem ter vindo rapazes, todos vós, pois vocês que imitam mutantes, lembram-nos do que poderá emergir depois da nossa espécie desaparecer, se a Terra for de novo atingida por um asteroide como aquele que há 65 milhões de anos matou os dinossauros ou se se repetir a pior catástrofe de que há registo e que ocorreu no fim do Pérmico, há 250 milhões de anos, e onde nem os insetos sobreviveram à subida do metano na atmosfera.

Silêncio. Sofia Suren projetou de seguida um curto filme dos efeitos do tsunami que atingiu a Indonésia e o pacífico.

- Lembram-se no tsunami do Pacífico daquela mãe que tinha dois filhos, uma bebê de meses e um menino de quatro anos que mal sabia nadar? Lembram-se, quando essa mãe foi arrastada pela onda gigante com um filho em cada braço, da decisão dilacerante de abandonar o menino na corrente salgada, esperando um milagre que a acontecer só podia acontecer a um bebê de quatro anos, mas nunca a uma bebê de seis meses? Eles não se recordavam, como é óbvio, mas tinham acabado de ser lembrados.

- Têm ideia do improvável milagre ter mesmo acontecido e têm memória de, na televisão, o olhar do menino salvo não agradecer o milagre, mas antes parecer questionar-se porque é o braço protetor da mãe o tinha abandonado? Porque não fora ele a primeira escolha em vez da irmã?

Silêncio sepulcral.

- A catástrofe que tememos não será um tsunami, será de uma outra dimensão, será doutro campeonato e milhares de crianças ficarão sozinhas. Garanto-vos que dessa vez, se nós não tomarmos as providências necessárias, nenhum milagre vai acontecer. O que eu espero, é que quando um cataclismo da dimensão do que exterminou os dinossauros voltar a acontecer, se voltar a acontecer, vá encontrar, pela primeira vez neste planeta, uma forma de vida que está beira de ter uma resposta a esse desafio e essa resposta está a nascer no norte de um continente entre o Atlântico e o Pacífico: Aqui na América, aqui em Colúmbia.

Os miúdos explodiram em palmas. Mutantes, índios, marcianos e extraterrestres de várias cores e número de olhos, aplaudiram fugaz mas explosivamente uma mensagem simples: as catástrofes são inevitáveis, mas não é inevitável que sejamos vítimas indefesas delas. Os professores da escola não aplaudiram o discurso salvífico. Fundamentava-se em pouco. Sofia tinha iniciado a defesa da existência de laboratórios que preparavam vida para sobreviver em situações de grande hostilidade, mas o que os preocupava a eles, era a possibilidade dessa hostilidade ser provocada pelo próprio homem, pela própria Sofia e seus colegas e, pior, a hipótese de uma mini catástrofe acontecer no centro do seu bairro.

Sofia enfatizou que o governo dos Estados Unidos, com a ajuda de países amigos, tinha desenvolvido dois projetos de médio e longo prazo, relativos à sobrevivência da espécie no contexto de eventos desfavoráveis globais únicos: um destinava-se a detetar com a máxima precocidade possível, e se possível aniquilar, os corpos celestes de grandes dimensões em linha de colisão com a Terra ou com a Lua. Mostrou de seguida vários objetos com níveis moderados de ameaça que tinham passado nos últimos anos tão perto do nosso planeta que alguns tinham cruzado o espaço entre a Terra e a Lua. Mostrava a fotografia do asteroide num slide onde se podia compará-lo a uma estrutura terrestre como a própria escola secundária, uma grande ponte ou uma pequena cidade. A seguir, uma outra imagem

com a data do cruzamento e em que a proximidade da passagem junto à Terra era visível num gráfico. A ameaça ganhava realidade.

- Estes objetos são reais, são recentes e são quase invisíveis. Não são raros. São rochas gigantescas que vagueiam no espaço e que há pouco tempo nem se sabia existirem. Neste momento a NASA e as agências amigas monitorizam mais de cinco mil objetos com essas características.

- Se a primeira estratégia é detetar e, se possível, aniquilar essas rochas, a segunda estratégia é uma alternativa caso a primeira falhe: arranjar um planeta no sistema solar que possa receber a vida humana se a Terra se tornar inóspita, seja por impacto com um corpo cósmico seja por um fenómeno interno ao nosso planeta como aconteceu no Pérmico.

- Das escolhas ao nosso alcance, Marte parece ser o melhor candidato. Vénus tem uma atmosfera muito densa e até as nuvens são de ácido sulfúrico. É demasiado quente, para além de que tem um dia que demora um ano. A Lua nunca terá atmosfera e está em comunhão de destino com a Terra e os grandes satélites de Júpiter e Saturno, como Ganimedes, Europa ou Titã, estão muito longe. Júpiter está no fim do mundo, a setecentos milhões de quilómetros e Saturno está depois do fim do mundo a bem mais de mil milhões. Agora ... Marte não é perfeito, mas tem água, um dia igual ao nosso e, a sessenta milhões de km, é um vizinho próximo. É gelado porque tem uma atmosfera rarefeita e é isso que temos de melhorar.

- Para transformar Marte num planeta habitável, podem seguir-se vários caminhos. Esses estratégias têm uma coisa em comum: são indispensáveis seres vivos para o novo planeta, e aqui estou a pensar em micróbios e plantas. As plantas assumem o papel principal pois duram mais, consomem pouca energia, são facilmente modificadas sem constituírem ameaça e melhoram o ambiente onde são implantadas, em dois sentidos: Diminuem o dióxido de carbono que há em excesso na fina atmosfera marciana, transformando-o em oxigénio, como acontece na Terra, e contribuem para aumentar a massa da atmosfera marciana, aumentando a sua pressão.

- Digo-vos uma coisa da minha experiência da estufa que construímos na casa da Mariah e em que tentamos preparar plantas que não sobrevivem na Terra, mas sobreviveriam em Marte: pior que o frio, e garanto-vos que Marte é frio, pior que a falta de oxigénio e garanto-vos que andar com uma bala de oxigénio às costas é complicado, o pior de tudo é a falta de pressão.

- Os seres humanos precisam de água até porque são feitos principalmente de água e isso não falta em Marte. Mas a água tem de estar no estado líquido e para se manter líquida à nossa temperatura corporal, para não ferver a trinta e sete graus é indispensável que haja uma pressão atmosférica mínima, continuou Sofia Suren.

- Na Terra fica mais frio, há menos oxigénio e a água ferve a temperaturas cada

vez mais baixas à medida que a altitude aumenta. É possível ir ao pico do Everest porque, apesar de tudo, ainda há temperatura e pressão que cheguem para uma pessoa especialmente treinada sobreviver aí algum tempo – horas. Podem passar-se lá horas mas não dias. Acima dos oito quilómetros está-se na chamada zona de morte para o comum dos mortais, mesmo jovem.

- Há contudo uma altitude a que a pressão atmosférica é tão baixa que a água ferve a trinta e sete graus. Essa altitude é de dezanove quilómetros e chama-se o limite de Armstrong. Ninguém sobrevive acima desse limite um único minuto e não é uma questão de treino. Se o Everest tivesse uma altitude de vinte quilómetros, ninguém lá podia ir sem um fato de astronauta porque o seu sangue iria ferver, se me permitirem a simplificação.

Nessa altura um miúdo da equipa de futebol americano do décimo segundo ano, Ted Sullivan, levemente suado, comentou: - Sim, simplifica por favor porque eu estou a olhar para ti e o meu sangue já ferve apesar de sentir uma enorme pressão no coração. Era um sinal de que Sofia estava demasiado em Marte. Voltou rapidamente à Terra respondendo - não é só o sangue que ferve filho, são outros líquidos corporais – tens de ter atenção a isso quando estás ao lado doutras pessoas.

- Oh, Oh sereia, cuidado, estás a aproximar-te do limite Sullivan, avisou o rapaz

- Pronto, Sullivan, já disseste o que treinaste em casa para vir dizer; correu-te bem, mas já passou, disse Sofia. O Diretor mexeu-se na cadeira e o rapaz calou-se.

-Pensem em Marte como mais um continente desafiou a jovem cientista. Quando houver oceanos no planeta vermelho, a área de terra livre será talvez equivalente à superfície da Ásia e das Américas combinadas. É apenas mais um continente que espera por nós.

- O que é que nós fazemos na nossa estufa em Violet Street? Preparamos plantas para sobreviverem em Marte e transformarem a sua atmosfera numa mais parecida com a nossa. À medida que nos aproximamos do nosso objetivo, pagamos um preço: ficamos com plantas que não sobrevivem na Terra, forçou Sofia. Lembrem-se que as plantas para crescerem precisam de condições específicas. As plantas do deserto do Sahara não sobrevivem na floresta equatorial do Brasil e nem umas nem outras sobrevivem no norte dos Estados Unidos. Qual é o perigo de trazer plantas do deserto do Sahara para o nosso jardim? Para as plantas é muito porque elas não vão sobreviver, mas para nós o perigo não existe. Ficaríamos é com mais lixo para pôr na lixeira.

- A Mariah que faz parte do yearbook desta fantástica escola, vai explicar-nos agora porque é deslocámos a parte menos sofisticada da investigação para a cidade e porque é que às vezes aparecem as carrinhas pintadas com os famosos círculos abertos sobrepostos, de risco biológico e no fim responderemos de bom grado a

qualquer dúvida que tenham.

O público aplaudiu e Mariah Dexter avançou. Sofia Suren tinha abordado a parte mais global e ela tinha agora de os deixar descansados, nomeadamente a Dra. Radcliff e as suas dúvidas sobre a segurança dos efluentes da estufa, nomeadamente da permeabilidade dos solos, da contaminação do lago e da estabilidade dos mutagénios usados. Correu-lhe bem. Ninguém imaginava uma jovem tão simples e familiar a prejudicar o bairro onde ela própria vivia.

No fim da conferência as cientistas foram rodeadas por alunos, professores e por cidadãos vários, entre os quais a Dra. Radcliff. Enquanto os cumprimentavam e trocavam algumas palavras viram atrás a figura muito alta do Prof. Crane.

- Não sabíamos que vinha disse Sofia, sorrindo. Faz-nos sentir muito importantes. Obrigado.

As pessoas olharam para aquele indivíduo carismático que não conheciam.

- Gostamos muito da vossa apresentação, disse Crane, sorrindo paternalmente. É difícil traduzir de forma perceptível o que fazemos em ciência e explicarmos às pessoas a utilidade do nosso trabalho. Vocês têm talento para as duas coisas. Estão de parabéns.

Não era claro se Crane se usava o nós como plural majestático ou como plural verdadeiro e, nesta última hipótese, quem eram o “nós”. Seria a NASA?

- Olha quem vem aí, sussurrou Mariah para a Sofia, apontando para um rapaz loiro cheio de sardas e muito alto, de óculos que se aproximava delas.

- Meu Deus, o *Eric*. Que faço? disse Sofia.

- Dá-lhe um beijo e vais ver que se transforma num príncipe encantado, sugeriu a sua amiga.

- Vai morrer longe Mariah. Fala com ele para o distraíres, pediu Sofia.

- Ele traz-te uma prenda de Natal. É o máximo, sussurrou Mariah. Que será? Uma trituradora de cartão canelado? Um robô de jogar xadrez com os pés?

- Olá Mariah. Olá Suren, cumprimentou Eric .

- Olá Eric, disse Mariah. Isso é para mim?

- Não, é para a Suren.

- Obrigada, aceitou Sofia. Não tenho nada para ti. O que é? Posso abrir? perguntou.

- Não. Abre no Natal. Foi feita por mim, esclareceu Eric.

- Pois, disse Sofia sem jeito.

Olharam em volta e o Prof. Crane tinha-se afastado. Foram para o carro abriram o embrulho. Era uma máquina fotográfica digital com quinhentos milhões de píxeis e capacidade de aquisição até às radiação gama e resistente a temperaturas até menos duzentos graus. Um cartão desejava Feliz Natal e dizia que a máquina podia ser utilizada na estufa marciana.

- É uma declaração de amor, disse Mariah.
 - Essa parte já eu percebi. Mas porquê uma máquina pesada e feia como o diabo? Será para eu tirar selfies dentro da estufa?
 - É melhor que a tabela periódica em grego clássico da última vez. E a conta bancária dos pais dele continua linda, brincou Mariah.
 - Passo.
 - Tens de acabar com isto, Sofia.
 - Já tentei Mariah. Não é fácil.
 - Agora é. Devolve-lhe a prenda, respondeu Mariah.
 - Vou sentir-me uma bruxa.
- Nessa altura, apareceu o Prof. Crane que bateu no vidro do carro.
- Olá tio, cumprimentaram ambas. Deixámos de o ver.
 - Há pouco não quis interromper, mas vou fazer-vos um convite: querem visitar o meu laboratório na NASA. Dou-vos boleia no meu avião.
 - Ótimo disse Mariah. Quando?
 - Depois de amanhã. Voltam a casa a tempo do Natal, prometeu o professor.

* * *

O laboratório de Crane parecia o hangar de um aeroporto. Estavam ali dezenas de engenheiros e muitos milhões de dólares de investimento. Sofia levou a máquina fotográfica de Eric para a experimentar, mas a NASA não permitia fotografias. O Professor interessou-se pelo instrumento e pediu-lhes que dissessem ao rapaz para falar com ele e quando chegaram ao seu gabinete tiraram várias selfies dos três juntos.

Uma das coisas que surpreendeu as cientistas era o trabalho de nomenclatura internacional em que Crane se tinha envolvido. Ele era um homem de mil ofícios. Todo o tipo de estruturas geológicas identificadas nos planetas e asteroides era alvo de uma proposta de atribuição de um nome que depois tinha de ser internacionalmente aprovada. Crane, pela sua cultura científica e clássica, representava desde há meses os Estados Unidos nessa organização de consenso. Para ele era como um hobby. Sofia e Mariah ficaram literalmente esmagadas pela sofisticação tecnológica naquele local. Era uma coisa épica que as fazia sentirem-se pequenas, mas, na despedida, Crane disse-lhes, “isto parece grande, mas é irrelevante quando comparado com uma única ideia original verdadeiramente boa. Às vezes é num vão de escada que se dá o grande salto”. Elas não acreditaram.

Na casa da Mariah, Sofia reviu as fotografias tiradas com a máquina do Eric e eram muito melhores que o habitual. As cores eram ótimas e as imagens tinham

tantos píxeis, que era fácil ampliar qualquer detalhe mantendo a alta definição. Fosse o rapaz tão interessante como a sua máquina ...

Em vez de ir para a estufa marciana com a amiga, passou a noite a olhar para as fotos do gabinete de Crane.

Como chegara Anthony Crane àquele nível na carreira sem publicações ou patentes em grande número? Provavelmente o seu trabalho ficava na esfera do segredo industrial. Como arranjava tempo para alimentar a sua cultura clássica? Muitas das palavras que Crane usava no seu hobby da nomenclatura, eram-lhe desconhecidas, provindo de línguas mortas. Sofia digitalizou as fotos e correu um programa de reconhecimento de caracteres, seguida de tradução automática. Para sua surpresa, a palavra *Mariah* aparecia várias vezes em diversas línguas. *Monte Moriah*, *Myr*, *Meryet*, a frase latina *Stella Maris*, entre outros, Sofia ficou apreensiva. Crane estava a tentar dar o nome da sua amiga a estruturas geológicas no universo? Parecia uma obsessão ou uma paixão. Decidiu não dizer nada a *Mariah*, mas quanto mais pensava mais aquilo lhe parecia uma fixação patológica. “*O Tio está passado*” digitou distraidamente Sofia no computador. “*Ou então é uma doença*” teclou. No monitor do computador apareceu uma análise que dizia “*Zero coincidências e um sinónimo; doença = vírus*” “*Vírus?*” cismou Sofia. Teclou *vírus*. No écran apareceu “*Vírus Robótico de Perfil Orgânico*”. “*Que raio?*” pensou Sofia. Não parece nomenclatura astronómica. Procurou na fotografia essa expressão e descobriu que era um título de um trabalho, pousado em folhas espalhadas numa secretária lateral que aparecia na selfie. O nome do autor era ilegível, mas o projeto global era “*Automatismos Informáticos Avançados*”. Sofia ampliou essas folhas na fotografia de altíssima resolução e corrigiu o efeito de terem sido apanhadas obliquamente. Reconheceu que era um software. Nessa noite dormiu na casa dos Dexter. Foi um sono inquieto. De manhã decidiu devolver a prenda ao Eric para ele não ter esperança nos sentimentos dela. Eric percebeu o que ela queria dizer com a devolução. Sofia falou-lhe do interesse da NASA pela sua máquina e deu-lhe o número do Prof. Crane. Mostrou-lhe o estranho software que tinha digitalizado e pediu-lhe para ele ver se percebia o que era e se lhe enviava alguma ideia. Ele respondeu-lhe que se ela mudasse de ideias, sabia onde era a sua casa. Dois dias depois chegou um mail do Eric, que Sofia imprimiu e depois apagou. Para Eric aquilo parecia um vírus informático que funcionava como um jogo, fazendo aparecer bolas de bilhar pretas em direção ao monitor do computador infectado sempre que se usassem equações que tivessem o inverso do quadrado da distância, entre outras variáveis que não se percebiam pois o software estava incompleto. Se ela lhe desse mais dados talvez ele pudesse ajudar.

Sofia escreveu uma curta nota sobre os dois achados que fizera no gabinete de Crane e guardou um envelope com tudo entre duas páginas de um atlas, na casa da

sua avó.

* * *

Alguns membros da Fundação Terra Dois defendiam pessoalmente que se a colonização fosse bem sucedida, Marte devia tornar-se o quinquagésimo primeiro estado dos Estados Unidos mal o número de colonos atingisse os catorze mil. Apesar da Fundação ser privada e não vincular a posição do governo, surgiu um clamor internacional contra essa ideia.

Era curioso, mas o principal negacionista de que os Americanos alguma vez tivessem aterrado na Lua, Loon Neaver, que agora todos conheciam como Moon Never, liderava o movimento interno para impedir que o governo federal se apropriasse do sistema solar. Dizia que o governo queria criar um império multiplanetário, em que dominasse a ética guerreira do homem branco, protestante, anglo-saxónico ou germânico, chegando a comparar o governo federal ao projeto ariano da Alemanha das décadas de 30 e 40. Era escusado explicar-lhe que tinha sido esse homem “anglo-saxónico” quem tinha derrotado os alemães, com a ajuda da capacidade de sofrimento inexcedível dos russos.

Ao princípio ninguém reparara nele, mas a certa altura um professor famoso, uma estrela do MIT, Maon Yksmohc, mais velho que a Sé de Braga, ligado à esquerda da Nova Inglaterra, comprou um bilhete para essa viagem.

À medida que as grandes corporações transnacionais sofriam derrotas na Terra, explicava Yksmohc, o governo federal pretendia levá-las para mundos artificiais, dependentes na verdade dos próprios Estados Unidos para sobreviverem e que fariam o que o governo quisesse que fizessem. Que essas corporações fariam o que o governo federal quisesse era, esclarecia, uma afirmação retórica pois o governo e as grandes transnacionais eram a mesma pessoa. Na Terra, boa parte do chão que pisamos, boa parte da água em que nos banhamos e a totalidade do ar que respiramos é de todos. Está em excesso de oferta e ocorre naturalmente, por isso não estão à venda. Nesses novos mundos terão um preço. O ar que as pessoas respirarem terá de ser pago, se quiserem respirar. O ancião com memória de elefante, dava o exemplo dos doentes pulmonares que fazem oxigénio em sua casa. Podiam deixar de comer, deixar de pagar a renda, deixar de pagar os outros remédios, mas raramente deixavam de pagar o oxigénio. Em Marte, o capitalismo militarista apanhar-se ia-a sem freio e arreganharia o dente.

“Pior – o próprio acesso à informação será mais facilmente controlado dado o longo tempo de transmissão de sinais radioelétricos de Marte à Terra. Será

possível interferir, filtrar, censurar”.

“Quando interessar ao governo dos Estados Unidos, Marte será um planeta em pé de igualdade com a Terra. Quando não interessar, será mais um estado da união, se não apenas uma mera colônia exploratória. A Marte seguir-se-ão Titã em Saturno, Europa ou Ganimedes, luas de Júpiter e num futuro mais distante até Vénus, quem sabe. A Terra com quase oito mil milhões de pessoas terá um voto e Marte, com meia dúzia de fanáticos, prisioneiros e fundamentalistas diluídos na massa dos funcionários, terá também um voto numa confederação planetária. Países como o Brasil, a Índia ou o Japão querem ter acesso a um lugar permanente no Conselho de Segurança da ONU? Até podem ter, mas isso reporta-se a um planeta – a Terra. Quando existirem outros planetas habitados no Sistema Solar é preciso consenso interplanetário e Marte não será mais que o primeiro desses planetas”.

A ruidosa esquerda europeia divergira do grupo de Yksmohc, principalmente a intelectual francesa e alemã que se aliaram aos movimentos ecologistas mais radicais e queriam conservar Marte como estava e, assim, eram contra qualquer aventura destinada a introduzir espécies exógenas nesse planeta. *“Não chegava já o que se tinha feito na Terra? Era preciso destruir tudo?”*

O velho elefante ignorava essas críticas. Achava que elas travavam a entrada da Europa na corrida a Marte e, assim, diminuía o multilateralismo, deixando mão livre ao governo federal americano. Eram uma versão moderna do velho pacifismo do entre guerras que tinha provado a sua bondade zero, ao chegar a defender o desarmamento unilateral do Ocidente enquanto a Alemanha se rearmava. Só na cultura francesa e nos seus satélites continentais se sonha em construir Barragens contra o Pacífico. Durante a guerra fria, dizia Yksmohc, *“fomos salvos pela destruição mútua garantida e por algum bom senso da tirania soviética face ao aventureirismo americano, como na crise de Cuba. Quem lançasse a primeira bomba nuclear morreria tanto como quem ripostasse com a segunda. Se existisse um refúgio marciano, livre da ameaça da destruição mútua garantida, talvez a guerra fria não tivesse acabado bem”.*

A coisa azedou de vez quando a ala mais conservadora do Partido Republicano, segmentos da direita apartidária e liberais de esquerda ligados à ciência, se puseram ao lado duma rápida colonização de Marte. A ideia de que o pioneirismo, a cultura de fronteira, a liberdade por que o verdadeiro homem anseia, longe da intervenção de um Estado que controla e sufoca, já não estavam reduzidos à Terra, entusiasmava-se nessa direita. Podia-se fazer florescer um novo oeste mais livre e mais aventuroso no sistema solar e esse oeste incluiria o Planeta Vermelho. Quem tinha vencido a guerra fria tinha sido Reagan, com o seu projeto da Guerra das Estrelas e o abandono da

détente que levaria à desistência da elite soviética e ao colapso do muro de Berlim. O fim da destruição mútua garantida é que tinha feito a guerra fria acabar da melhor maneira – com uma vitória do ocidente. O projeto do Pentágono de retomar um sistema antimíssil baseado no espaço, iria reduzir a Coreia, o Irão e futuros candidatos a agressores, à sua irrelevante dimensão.

Os inimigos da liberdade, os inimigos dos USA e dos seus aliados, querem combinar como se dividirá Marte? Pois bem, vamos conversar com eles mas não vamos fazê-lo aqui, nas Nações Unidas ou em qualquer outro fórum terrestre. *“Os assuntos de Marte discutem-se em Marte. Apareçam quando lá chegarmos e encontrarão em nós parceiros para a construção duma nova esperança. Se lá chegar alguém com vontade de construir uma mesquita, contem connosco para o ajudar lançar a primeira pedra”*.

Percebia-se o filtro: não ia quem queria, ia quem podia.

A antecipação de um investimento maciço nas ciências biológicas, diminuindo o sofrimento humano face à doença e à discriminação, era o entusiasmo de alguma esquerda liberal, próxima da ciência que acrescentava a isso a ideia de que o radicalismo cristão do sul perderia influência a prazo se a humanidade desse vida a outro planeta, descentrando-a da Terra. Quase tão bom como descobrir vida extra terrestre era tornar a nossa vida extra terrestre. Como Crane previra anos antes, o apoio do grande público à corrida teve a sua verdadeira origem na divisão interna inicial da sociedade americana e na vitória política da perspetiva de que a expansão além fronteiras estava madura e se não fosse colhida pelos USA, sê-la-ia pelos Russos, Indianos e Chineses.

Sofia e Mariah não ligaram nada ao confronto que enchia os media na fase inicial do debate. *“Circo”*, dizia Sofia. *“Não nos diz respeito, mas sim aos vendedores de ilusões”*, confirmava Mariah.

O que na sua inocência nem Sofia, nem Mariah, sabiam, era da reunião que ocorria em Seattle entre as três lideranças da Trindade e que davam pelos nomes de código de Pai, Filho e Espírito Santo. Não sabiam, porque a Trindade era uma organização heterogénea, tão secreta como ilegal, mas suficientemente poderosa para ambicionar mudar a história do mundo no século XXI.

O Pai representava um grupo de génios e empresas de biotecnologia, nos seus diversos ramos - o alimentar, o agrícola, o químico, o médico e o novíssimo da evolução animal dirigida;

O Filho representava um conjunto de interesses das indústrias mineira e eletrónica, das indústrias aeroespacial, energia e de alta tecnologia, bem como da alta finança e das seguradoras e financiava grandemente a Fundação;

O Espírito Santo era uma facção dissidente da comunidade dos Serviços

Secretos Norte-Americanos, inicialmente ultraminoritária, mas que crescia de forma imparável desde os ataques do fundamentalismo islâmico em território americano, principalmente desde a destruição do capitólio em Washington em 2018. Dominava três agências governamentais e infiltrara muitas outras. Pretendia liderar a Trindade e tomava conta a largos passos da Fundação.

O Espírito Santo tinha nascido muito antes da Trindade, com um matemático militar britânico, discípulo de Touring, que se naturalizara norte-americano, alegando que quem quiser fazer alguma coisa de relevante tem de emigrar para a Terra Prometida, ou o Paraíso, expressões com que, perante os totalitarismos e a devastação europeia do pós guerra, ele designava os Estados Unidos. Combatera os alemães na segunda guerra mundial e preparara-se para atacar os russos em Berlim. Chegou a ser responsável por uma escaramuça entre forças anglo-americanas e soviéticas, que não deu em nada porque os comandos russo e americano, identificaram a ação desse jovem oficial como propositada para despoletar a conflagração. Ambos decidiram que não iriam para a guerra manipulados por um inglês. Após a sua naturalização americana, fizera carreira nos Serviços Secretos de Informações, chefiando o Gabinete T, dedicado à prevenção filosófica, política e tecnológica da extinção do Ocidente, focado principalmente no risco de emergência duma descontinuidade histórica.

Ele conseguira trazer para o pelouro dos serviços secretos a monitorização do perigo de sete descontinuidades: o escape da informação para fora do controlo dos estados nacionais, a implantação de um Estado Planetário antes do domínio irreversível da variante americana da cultura ocidental, a autonomização das máquinas em relação ao homem, uma nova peste negra, o impacto físico com um asteroide, o contacto com civilizações alienígenas e o surgimento de um anticristo. Foram a primeira e a última que o tornaram relevante.

Identificou antes dos seus pares a necessidade de sediar nos USA a gestão dos domínios da internet, evitando a sua fuga para locais desmaterializados. Apontou o fundamentalismo laico europeu a longo prazo e o fundamentalismo muçulmano a médio prazo, como sendo os principais candidatos à geração de um anticristo. Nesses tempos o inimigo consensual do ocidente era o comunismo soviético e o Gabinete T foi o primeiro a antecipar que a principal ameaça externa nas próximas décadas para os USA, provinha do mundo islâmico e que essa ameaça duraria algumas décadas, até a China e a Índia a esmagarem definitivamente.

Antes, de Março de 1983, Reagan fizera o discurso presidencial em que anunciou a Iniciativa de Defesa Estratégica, a IDE ou Guerra das Estrelas, de base orbital que foi decisiva na guerra fria, contribuindo para a derrota da URSS. Infelizmente para o Agente T, derrotados os soviéticos, terminado o mandato do

Presidente, a Guerra das Estrelas foi colocada em Banho Maria.

O Agente T discordou com o fim da Guerra das Estrelas, alegando que os USA necessitavam a longo prazo de ter uma estratégia de defesa contra ameaças extraplanetárias. O presidente que fora o seu principal apoiante, passou a ser o principal opositor do Gabinete, pois era um apologista inegociável da liberdade e da autodeterminação do indivíduo, recusando a plantação de olhos no céu. Retirou-lhe poder e recursos, ficando a um milímetro de o extinguir. T protestou primeiro, mas depois deu o passo de gigante que o levou da simples discordância a ter uma agenda secreta própria para, por fim, se precipitar no salto sem retorno, da conspiração contra o Governo legítimo. Foi para sobreviver à pressão de Reagan, que o Gabinete criou o Espírito Santo e o desenhou para que desferisse no futuro um golpe de mão dentro dos serviços de segurança que eliminasse de cena os opositores da linha securitária. T repetia a aventura de Berlim em 45, mas desta feita mais sabiamente.

Antes de morrer, já sendo bem visível a ameaça islâmica que o reabilitou, o agente T costumava dizer que o anticristo hesitará quando ligar o seu computador para nos espreitar e descobrir que está a ser espreitado. O anticristo hesitará quando, em Meca, olhar para o céu e adivinhar, não mil virgens, felicidade ou esplendor, mas mil satélites americanos vigilantes dos seus passos. À cabeceira do fim, T tentou desativar o Espírito Santo, mas era tarde demais. Quando morreu o seu nome permaneceu secreto e na sua campa constava apenas Agente T, transferido da terra prometida para o verdadeiro paraíso a 18 de Janeiro de 2003. Assinado ES.

E enquanto Sofia e Mariah discursavam numa pequena escola secundária dum bairro de Colúmbia, em Seattle e depois de negociarem cada detalhe as três partes da Trindade chegaram a um acordo geral, iniciando-se a segunda fase da mais ambiciosa operação de sempre do novo complexo industrial-militar, formado entre a Indústria do Conhecimento e os Serviços Secretos: a operação Fumo Celeste.

3ª Parte

Mil Séculos

Capítulo 11

Rulote: a ascensão aos céus

Era raro nevar em Lisboa, mas nevara na longínqua tarde e tinha-se posto inverno e prematura noite naquele dia. Mal o teste rápido da saliva do alvo foi positivo para a mutação que procuravam, Nolan Dimmick voltou a sair do pequeno laboratório e deu ordem para que ele fosse içado do beco, a coberto da obscuridade. Mandou vir o carro para caçar o exemplar donde provinha a amostra de saliva, enquanto o laboratório era puxado, como uma cápsula, pela míni grua até ao telhado, para depois ambos, o cubículo e a grua, serem capturados pelo silencioso helicóptero negro. O helicóptero voou mudo, vendo o casario de telhados vermelhos típicos da península ibérica, as águas furtadas, as janelas iluminadas, e depois os palacetes ocres e as igrejas, ou caiadas de branco ou de pedra calcária, que davam para praças emolduradas por calçada portuguesa de base clara, decoradas com figuras abstratas, negras ou vermelhas e engalanadas com a iluminação natalícia que se estendia das principais avenidas. O piloto Patrick Molina atravessou a margem do enorme rio, vendo à sua esquerda a longa e branca ponte Vasco da Gama, correndo rente à água, marginada pela luz de dezenas de candeeiros, e à sua direita a alta travessia suspensa, vermelha, à escala geográfica, que lhe fazia lembrar a ponte da sua cidade natal em São Francisco. Passou sobre dois cacilheiros acabando por aterrar no porta-helicópteros que, com um navio de assalto anfíbio e um destroyer, tinham aportado o estuário do Tejo.

Apesar de terem entrado em operação há mais de um ano, Nolan continuava a pasmar-se com o silêncio daqueles pássaros de duzentos milhões de dólares cada. Dez valiam tanto como a força aérea de muitos países. Chamavam-lhes negros, mas eram cinzento antracite, pois o seu revestimento exterior era um écran flexível que retransmitia em tempo real as imagens que estavam atrás deles. O sistema era melhor à noite. Quem olhasse para cima via estrelas e nuvens sobre um fundo escuro, não se apercebendo facilmente que não via a noite, mas um filme passado na face inferior e lateral dum instrumento de guerra. De dia, o mecanismo era imperfeito e uma pessoa treinada distinguia bem o heli, se o procurasse. Os motores elétricos usados na fase de aproximação ao alvo, as colunas de antissom que projetavam ondas sonoras em fase invertida com as do helicóptero, as cinco pás perfuradas com ejeção ativa de gás pesado que dispersavam a corrente de ar, e terminadas em Z para atenuar a turbulência, garantiam a quase ausência de ruído

próximo do solo e diminuíam muito o vento. Ainda assim, a partir dos últimos cinquenta metros sentia-se perfeitamente a aragem. Se conseguissem afrouxar um pouco mais o fluxo de ar que ainda projetavam, o céu noturno deixaria definitivamente de ser de confiança para o inimigo.

Pena que só os dessem à maldita tropa. Os trogloditas recebiam tudo novo, primeiro que toda a gente e eles ficavam com o refugio. Nolan Dimmick e os seus camaradas nem existência tinham e quando muito mostrariam as medalhas aos netos, se os chegassem a conhecer. Ainda assim, Nolan encontrava lugar para o contentamento no rio de fel da sua dureza.

Entrou para o carro preto que tinha chegado e esperou, sereno, pela confirmação de que procederia à recolha imediata do exemplar português, agora definitivamente identificado. Mas quando veio a ordem, disseram-lhe que não ia ser ele. O Espírito Santo tinha homens posicionados para fazer a captura naquele preciso instante. *“Filhos da mãe. Quem teriam mandado desta vez? Tropa de ginásio com certeza”*. Antes de se mudar para a agência, Dimmick colaborara com a CIA como operacional externo e sabia o que era a guerra a sério. Nunca percebeu porque é que não conseguiu entrar para o quadro. Se calhar era porque tinha sotaque ou porque era feio. Ou então porque não ia à missa ao domingo nem cantava de mão no peito o hino nacional à segunda-feira de manhã. Por incompetência é que não fora. Pena que CIA estivesse fora do esquema. Os russos e os judeus não tinham esses devaneios, de subdividir o que tem de ser feito por cem organizações que se controlam umas às outras. *“É por isso que com meia dúzia de tostões dão o avanço que dão ao serviço”*.

- OK, comunicou Nolan. Compreendido. Só espero que tenham percebido bem a idiossincrasia deste espécime.

- Estão informados, disse-lhe pessoalmente o Pai.

- Certo, mas já os tenho visto mais cegos que invisíveis, terminou Nolan Dimmick.

- Vem para casa, respondeu-lhe o Pai.

Os seus colegas costumavam dizer-lhe que deixasse de se meter em guerras de chefias. *“Se foram eles que baralharam as cartas e a eles é que saíram os trunfos, então que sejam eles a pagar as apostas”* comentou o colaborador local, que estava ao volante do automóvel. Nolan detestava a incompetência, viesse de que nível viesse. Mas voltava para casa bem a tempo da consoada. Isso era bom. Mandou vir outro heli para o apanhar.

O segundo piloto veio, mas fumegava. Agora era taxista de civis? O automóvel, de luzes apagadas, tinha começado a ser içado pela aeronave há pouco mais de um minuto, quando surgiram dois carros da polícia e, de seguida, uma viatura médica de emergência e uma ambulância amarela do INEM. Os portugueses tinham a mania das

ambulâncias amarelas. A viela ficou iluminada de rotativas, prova de que o Natal chegava a passos largos, mesmo à morada do infortúnio.

O segundo helicóptero negro manobrava na plataforma do navio de assalto anfíbio que visitava o Tejo, para pousar o carro preto com os dois agentes no seu interior, quando Tyrell Hendriks, o Pai, libertou da varanda do seu apartamento em Uptown Houston, a última pomba e ficou a vê-la passar pela Williams Tower, em direção ao Espírito Santo em San Antonio, com uma mensagem triunfal: “*Vinte e três dias certos*”. A Operação Levante chegava ao fim menos de um mês depois de iniciada, pensava o Pai.

* * *

A América é um país de carros e estradas, não de comboios e carris. Ninguém se lembraria de procurar Louis Marcé na linha de caminho de ferro por onde escapava em direção ao norte. Após algumas horas de marcha, surgiu finalmente ao longe um comboio que se aproximou, trepidante, na escuridão. Louis saiu para a berma, ponderando tentar a sorte duma boleia, mas a velocidade do cavalo de ferro impediu que saltasse para ele em andamento.

Mais tarde surgiu na linha um novo farol, mas acabou por perceber que esse não se aproximava. Estava parado. Seria a próxima estação? Dinheiro não lhe faltava para o bilhete, mas, desilusão, o farol estava a mover-se apesar de vagarosa e silenciosamente. Não era ainda a estação ferroviária que procurava.

Quando o lento farol chegou, Louis saiu novamente para a berma, curioso para ver o mini comboio passar. Não tinha carruagens, seria provavelmente uma locomotiva isolada, talvez elétrica. Para sua surpresa era só uma daquelas carretas ferroviárias movidas a braços por dois homens, como as que se viam nos bonecos animados do Bugs Bunny ou nos filmes mudos de Charlot. Na parte da frente estavam dois indivíduos de sobretudo, cigarro na boca e mãos nos bolsos, enquanto atrás dois brutos com óculos de mergulhador motorizavam a maquineta. “*Que raio de cómicos no pico da noite a viajarem naquele veículo de propulsão humana*”, cogitou quedo.

Quando passaram por ele, os homens pararam o veículo e saltaram para o chão; os de sobretudo puseram óculos iguais aos dos brutos e dirigiram-se-lhe os quatro. Fez-se luz: eram óculos de visão noturna e eles vinham buscá-lo. Louis que nunca corria, correu pelo arvoredor em ziguezague, fugindo aos disparos surdos que ouvia de quando em vez, varado pela raiva de ter esperado pelos captores, como um pato tonto. A floresta da Virgínia era relativamente densa naquela zona, mas como as árvores de folha caduca estavam despidas e o mato rasteiro era pobre no Inverno, nem a mata nem a noite lhe davam proteção suficiente contra os quatro caçadores. A

sua visão noturna era tão boa que os óculos de infravermelhos dos seus perseguidores não eram uma vantagem, mas serem quatro e conhecerem bem o terreno eram. Um dos agentes agarrou-o, mas ele derrubou-o com facilidade. Nessa altura ouviu um comboio verdadeiro rugir na noite. Correu para o caminho de ferro. Ia voltar à linha para a atravessar de novo antes da passagem da locomotiva, deixando para trás aqueles personagens de pele de cera branco rosa que circulavam na charrete movida a braços que o gigante de aço despedaçaria em breve.

Ofegante como uma presa, sem dúvida, mas difícil de caçar. Sentiu a vibração do solo e viu o gigante emergir na noite. Ele tinha o azar de ser tratado como um palhaço por polícias de vários continentes, mas a sorte de fugir de todos. Precipitou-se para a linha da meta, para o abismo da salvação, para o trampolim que lhe garantia um futuro em Montreal, pois o comboio tinha mais de trezentos vagões de carga, meia hora de atravessamento, meia hora de avanço sobre os perseguidores. Saltou, atravessou a ferrovia, passando o comboio resvês Campo de Ourique, salvando-se no último segundo.

Com a oscilação frenética, acordou subitamente e saiu da cama, pondo-se de pé num pulo. Mas não conseguiu porque estava preso. Faixas nos tornozelos, acima dos joelhos, na bacia, no peito e nos pulsos. Amarrado como Gulliver

A prisão era escura e gelada, mas a cama estava aquecida e ora vibrava, ora se mexia sozinha. O colchão insuflava e desinflava sem ninguém lhe dizer nada. Os lençóis eram de tecido transparente, sem serem de plástico. Ele estava preso e numa solitária qualquer, com um emaranhado de fios colado na sua pele com adesivos e uns rolhões que sopravam ar no seu nariz. O corpo estava salpicado de centenas de pintas prateadas. Tinha sido capturado. Estaria num hospital? Num laboratório? Num centro de autópsias? Não, ele estava vivo e ligado a não sei quantas máquinas. Será que o médico ruivo era responsável por aquilo? As memórias da fuga de casa, do navio carvoeiro, da tempestade, das crianças loiras aterrorizadas, da música infantil cantada no funeral oceânico pela mãe do homem que morrera, das caixas com os dedos amputados, do RX, da fuga na floresta, do comboio na noite, vieram em fila indiana.

Fora aquela espécie barata de médico que o denunciara. Que diria o Juiz, ele que se incomodara com as marcas das algemas, que diria de o prenderem numa masmorra solitária? Ideias desconexas vinham à superfície e afundavam-se em seguida. *“Nunca verei o Juiz. Isto está feito para que eu não seja julgado”*. Teriam sido os polícias com roupa de bombeiro, que lhe leram o pensamento e o castigavam agora? Seria a Excelência do Carvoeiro? *“Oficialmente morri com certeza. Quem fez isto não foi a polícia. Foi quem me tramou desde o início. Foi quem matou o Quiroga, o Mestre e a Baby-sitter. Quem?”*

- Está? Está aqui alguém? Alguém me ouve? Louis gritou tão alto quanto pôde, mas podia pouco e o som vinha rouco e a sua garganta ardia. Que fedor. Que cheiro a esgoto. Os tampões que sopravam ar soltaram-se do nariz e o cheiro era imundo. Levantou a cabeça e gritou de novo.

- Ajuda. Estou preso.

Inopinadamente não estava sozinho. Uma espécie de androide rodado mirava-o com ar de imbecil e havia uma série de pessoas como ele. A falta de luz não permitia ver claramente, mas eram várias. O androide era só um e devia ser cristão pois tinha uma cruz vermelha no peito. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Aquilo é uma gaja nua caraças. Tarados. Duas eram mulheres de certeza, e ambas loiras, três eram homens, sem dúvida e depois não dava para perceber os dois mais distantes. Olhou para o androide e tentou cuspir-lhe sem sucesso porque tinha a boca seca.

- Ei, vocês. Ei, ei – gritou.

De repente um novo abalo sísmico, abanando a masmorra à beira do desmoronamento.

- Vamos morrer todos soterrados – gritou. Acordem.

O cheiro não era melhor que a ameaça do terramoto. Devia ser um esgoto com ratazanas e baratas. Odiava ratazanas, odiava pombos e odiava baratas. O chão era negro, mas não devia ter água, senão com o sismo tinha visto a ondulação. Via-se mal. Devia ser lodo. A vibração continuava agora com menos abalos individualizáveis. Não se conseguia levantar por mais que tentasse. Uma camisa de forças, aquele sistema de cintos. Era de noite, podia ver-se pelos janelos. A vibração era ensurdecadora e surgiram chamas lá fora. Ardia. “*Vamos morrer é queimados*”, pensou. “*Sorte têm eles por não acordarem*”. Depois veio o sono e uma tontura.

- Eh veia. Eh veia, proclamava ao seu lado um dos prisioneiros. Despertou e ainda estava na masmorra e ainda era de noite, apesar da luminosidade ser maior. O fogo estava já apagado, mas ele continuava amarrado. Olhou para o tipo que gritava. Estava preso e despido como ele, com os lençóis ou edredões transparentes. Éveille, insistia o outro.

Louis voltou-se para o companheiro amarrado:

- Quem és tu? Onde estamos?

- Quoi? retorquiu o outro. Parle-toi français?

Era francês. Não. Era do Québec. Louis olhou para as mãos dele e tinham os dedos todos. Não devia ser o Marcé.

- Toi, tu parle français ou quoi? insistia o gaulês.

O outro prisioneiro que estava à esquerda do francês começou a tossir e a

agitar-se e o francês voltou-se também para ele, a vociferar éveille, éveille. Attention a ne pas vomir. C'est dangereux. Éveille.

- What the fuck is this? responde-lhe o outro. Is this somekind of joke? Where in the hell?

Aquele era americano. Louis estava numa versão escatológica das Nações Unidas ou coisa que o valha. Surgiram vozes de mulher. As prisioneiras contorciam-se para se libertarem das cintas.

- Hey people, diz o americano. My name is Andrew and I'm from Houston. I count seven people in here. Let's say our names and country and who speaks and who doesn't speak English.

* * *

Não eram sete. Eram oito porque o Andrew se esquecera de contar consigo próprio. Todos falavam inglês. Cinco eram americanos, um era australiano, um era francês e um era português. Andrew Kline de 34 anos de Houston; Steven Boyd de 37 anos, era de Minnesota; Sofia Suren e Mariah Dexter de 21 anos, eram ambas da Carolina do Sul e Larissa Mayamba Lee de 28 era de Harlem, em Nova York; Caroline Furst, tinha 25 anos e era de Brisbane, descendente de colonos alemães cuja língua falava fluentemente, mas vivia em Oxford. Louis Marcé fazia 21 anos naquele dia, mas não sabia e era de Lisboa. Pierre Tollmache tinha 29 e era de Lille, vivendo em Paris.

Louis rapidamente percebeu que nenhum deles era perseguido pela polícia e que eram todos especialistas em matérias complexas. Steven era geólogo e piloto da NASA que tinha abandonado por conflito com um colega e que a hierarquia não tinha conseguido sanar; Andrew era engenheiro aeroespacial especializado em energia fotovoltaica e com um doutoramento em data security; Sofia e Mariah estudavam exobiologia, e eram peritas em evolução vegetal dirigida e simbiose fúngica e a Sofia era-o também em genética de extremófilos; Caroline, tão loira quanto Mariah, era engenheira especializada em unidades fabris miniaturizadas, nomeadamente impressão 3D aplicada a fins industriais e historiógrafa nas horas vagas, Pierre tinha-se formado em matemática, com um doutoramento em teoria do jogo e data analysis. Larissa, uma engenheira física, era nada menos que a mais promissora engenheira negra dedicada à fusão nuclear da Nova Inglaterra.

Louis hesitou em dizer o que fazia pois os outros eram todos génios, dizendo que provavelmente estava ali por engano.

- Disseste “por engano”? Não é essa a questão, disse Steven Boyd. O que fazes tu na vida?

Louis esteve para dizer que lutava MMA, mas isso pareceu-lhe horrível naquele momento e por isso declarou-se perito em armas.

- Que tipo de armas, interrogou Steven?
- Todo o tipo, respondeu Louis.
- Trabalhas para alguma agência estatal?
- Não.
- Então como ganhas a vida como perito em armas?
- Mal, avançou o Louis. Vivo na casa dos meus pais.
- E porque é que estarás aqui? insistiu Steven que via algum fio condutor no perfil dos restantes encarcerados e isolava Louis Marcé.
- Não faço a mínima ideia. E tu vieste para esta masmorra para fazeres perguntas?

Calaram-se.

- Será que alguém consegue imaginar uma razão para o que nos aconteceu? perguntou Sofia.

Ninguém fazia ideia. Todos se lembravam de seguir a sua vida normal, se bem que, no caso de Louis, essa normalidade estava há algum tempo sob forte racionamento, e de terem acordado ali. Eram todos cientistas ou engenheiros, à exceção do Louis que se dedicava a fugir da polícia, mas cuidou em não revelar esse detalhe.

O cheiro nauseabundo provinha do facto de lhes terem colado no períneo um saco para evacuarem e a selagem desse saco não ser perfeita.

A certa altura acenderam-se luzes. A nudez dos oito prisioneiros tornou-se mais confrangedora e só era diminuída pelas centenas de pequenas tatuagens prateadas ou bodypaint salpicado na pele abaixo do rosto, como esparsas escamas, dando-lhes um aspecto de seres marinhos, pelos longos cabelos e pela barba dos homens. Estavam numa câmara quase circular, voltados uns para os outros e no teto um poliedro de LCDs ligou-se. Surgiu um homem aí dos seus cinquenta anos que se identificou como médico e lhes disse que tinham estado sedados com fármacos amnesiantes mais de seis meses e, por isso, com necessidade de instrumentação de suporte artificial de vida. Estavam imobilizados por sistemas de contenção física que em breve se iriam desarmar, libertando-os. Como nenhum era profissional de saúde, deviam prestar atenção às instruções de como removerem os dispositivos médicos, apesar destes serem simples. Havia um robô médico na nave e a única tarefa que ele iria realizar nesta fase seria a remoção do cateter central tunelizado. Depois as camas ir-se-iam levantar como cadeiras e eles deviam permanecer sentados dez minutos ao fim dos quais se poderiam vestir e lavar. A pele estava coberta de sementes de platina que descamariam lentamente no futuro. A medula de parte dos

ossos longos das pernas e dos braços tinha sido também preenchida com platina biocompatível, o mesmo acontecendo com as vértebras, com o propósito de ajustar o seu peso. Não havia risco para a sua saúde, a não ser que fossem submetidos a vibrações repetidas pois a interface entre a platina e a medula óssea era a única região instável. Nesse caso poderiam entrar em circulação micropartículas que, se embolizassem, seriam perigosas para o cérebro e outros órgãos. Passou a descrever como se devia retirar a algália, o soro, a sonda nasogástrica, as máscaras nasais, os elétrodos, as sondas térmicas, os sensores de saturação de oxigénio, de pressão de CO₂, os elétrodos de estimulação neuromuscular e as meias de pressão alterna.

Quando terminou, o robô dirigiu-se a cada um, pediu desculpa e depois removeu, ou melhor arrancou o tubo do soro que tinham no peito abaixo da clavícula, com um safanão e calcou no orifício meia dúzia de minutos. De seguida as bandas de contenção libertaram-se e eles puderam mexer-se. As camas eram elas próprias verdadeiros robôs e sentaram-nos primeiro, levantando-os depois. Removeram os dispositivos, limparam-se com toalhetes, vestiram roupa de papel descartável e surgiram indicações para descerem dois níveis, onde se encontravam chuveiros, bem como roupas limpas.

Assim fizeram, com os rostos marcados pela ansiedade. Louis era o mais novo, mas também o mais calmo. Há muito que era uma marioneta nas mãos de desconhecidos. Faltava pouco para perceber quem era o incógnito e porque se interessara por ele.

Disseram-lhes para subirem para o piso intermédio, onde encontraram uma mesa em U quase fechado, com cadeiras fixas ao chão como tudo naquela prisão, com o nome de cada um deles. Na mesa encontravam-se oito portáteis, também fixos, um em frente de cada cadeira personalizada. A sua dizia Luca Zuriaga.

Steven Boyd voltou à carga e perguntou-lhe se era Marcé ou Zuriaga e ele respondeu que Marcé era o nome que o robô lhe chamava. Steven insistiu em saber porque tinha dois nomes e Luca explicou que Marcê era o seu nome artístico.

- De que arte? repisou Steven.
- Arte no manejo de armas.
- Que armas especificamente?
- Dos punhos, principalmente.

No ar pairou um constrangimento e todos repararam que Luca era particularmente musculado.

Sentaram-se olhando para o nono lugar onde estava o écran gigante de alta resolução que se ligaria a qualquer momento. O momento chegou e o coração de Sofia acelerou e o de Mariah explodiu quando apareceu a face tensa do Professor Crane.

- Tio, gritou Mariah, o que se passa, os meus pais estão bem?

Crane olhou para o lado e depois voltou a olhar para a câmara e começou a falar.

- Tio, gritou, Mariah.

- Cala-te loira. Não vês que ele não te consegue ouvir? disse-lhe Steven.

Steven Boyd era ruivo como o Outono, um pouco arredondado e tinha a pele muito branca, mas ao contrário do habitual não tinha sardas. Como muitos ruivos, e todas as pessoas eram ruivas na sua família, pai, mãe, avós e irmã, tinha sido vítima de bullying na escola. Era excessivamente orgulhoso e possuía uma memória videográfica, mas mais do que os momentos felizes, eram os sofridos que recorrentemente via passar na tela da retina. Talvez por isso, tinha um modo de falar em supetão e reagia facilmente com impulsividade ou mesmo agressividade.

- Meus amigos, começou Crane, querida Mariah, esta é a mensagem mais difícil de transmitir da minha vida. Peço-vos que ouçam com atenção e peço-vos que não tentem falar comigo, pois as comunicações convosco são lentas, quase impossíveis. Há cerca de cinco anos um corpo celeste muito escuro, de dimensões planetárias, foi descoberto em trajetória de colisão com Marte. Infelizmente pelo alinhamento planetário, a Terra encontra-se na rota dos destroços do abalroamento do planeta vermelho por esse corpo, a que chamámos Theia. A estimativa duma colisão direta ou interação disruptiva muito grave da Terra com os fragmentos, subiu até ter ultrapassado os setenta e seis por cento há dois anos, mantendo-se nesses valores desde essa altura.

Fez-se um silêncio de morte: os oito prisioneiros estavam agora reféns, já não da masmorra, mas das palavras de Crane.

Capítulo 12

O Anúncio

- Estima-se que a colisão irá ocorrer dentro de vinte e sete meses, continuou o Professor, se se der na primeira passagem, o que tem sessenta e sete por cento de probabilidade, ou dentro de trinta e nove meses se ocorrer após circunvolução do sol pelos destroços, o que esgota o resto da probabilidade. A vida na Terra estará, temos de o considerar, condenada.

- Desde que os governos souberam desse facto, lançaram iniciativas de preservação da espécie humana no único local onde ela pode ocorrer fora da Terra a curto prazo - em Ganimedes, o satélite gigante gelado de Júpiter - e, a longo prazo, em Vénus. Para que Vénus seja habitável foram lançadas bactérias modificadas na sua atmosfera que a alterarão ao longo de quatrocentos anos, altura em que esse planeta terá uma atmosfera semelhante à da Terra, permitindo-lhe que arrefeça dos atuais 450 graus para valores aceitáveis, pelo menos nos polos,

- Vocês, no momento em que me ouvem, estão pousados em Ganimedes, a maior lua de Júpiter, no interior duma abóbada, duma cúpula artificial que vos isola do resto do planeta e que deverá ser transformada por vocês e demais colonos numa biosfera capaz de produzir alimentos vegetais. A população e os governos não essenciais, não foram informados para evitar o pânico. Há mais de vinte por cento de possibilidades de haver uma interação disruptiva, mas que permita o retorno da vida humana à Terra dentro de dois a cinco anos e talvez dois por cento de probabilidade do planeta que nos ameaça não ultrapassar Júpiter, caindo sobre ele. Nesta última eventualidade várias luas, incluindo a vossa, serão atingidas e vocês não sobreviverão.

- Há uma clivagem inultrapassável entre os vários governos, sobre quem deveria ir para Ganimedes. Dois grandes países acham que as lideranças políticas têm prioridade. Nós e os nossos aliados decidimos que a única solução racional, seria o envio de jovens em idade reprodutiva e com as competências necessárias à sua sobrevivência nas biosferas. Lançámos duas missões equatoriais para essa lua, bem como meios logísticos com capacidade para suportar de forma autónoma um total de sete missões tripuladas para quase oitenta colonos, vários dos quais com treino militar nos marines. Isto no cenário mais conservador, que será o implementado se a avaliação do risco favorecer a solução de estações orbitais em torno da Terra e não o reforço da colonização de Ganimedes. Sabemos que a China

enviará duas missões e a Rússia outras duas. Nas primeiras irão militares e engenheiros e nas segundas os líderes políticos. Estarão pois aí, em breve, onze missões tripuladas oficiais e é possível que organizações privadas enviem uma ou até duas um pouco mais tarde. Estamos convencidos que a Índia não conseguirá lançar nenhuma a tempo.

- Lançamos três grupos de assentamentos, cada um com quatro hemicúpulas auto expansíveis. Uma para utilização presente e três para uso futuro, após o crescimento demográfico. Cada um dos três grupos recebeu duas ou três naves tripuladas e naves logísticas de apoio. As duas ou três naves de cada grupo foram posicionadas no interior da mesma abóbada que se encerrou automaticamente de seguida, ficando as três outras, localizadas na sua vizinhança, desabitadas pois são reservas para o futuro. Infelizmente, a missão vossa parceira foi desviada para o limiar da vossa abóbada, junto a uma elevação e, após um SOS inespecífico, temos recebido apenas dados automáticos dos sistemas. Não garantimos que tenha sobrevivido, apesar de julgarmos que sim, mesmo se com perdas parciais. O reator nuclear exterior à vossa cúpula está funcionando e iniciou o processo de ativação. Produzirá de energia dentro de dez semanas, levando ao lento aquecimento da hemicúpula dentro de quatro meses e terminando o Inverno no interior dela dentro de cinco meses. Fora das biosferas a condição do planeta é de Inverno perpétuo. Vocês deverão ir ao encontro dos vossos parceiros mal abrande o Inverno dentro da cúpula e permita que circulem no exterior. O desvio da vossa missão gêmea não foi só das tripulações. Incluiu todo o polo de carga logística de valor vital para o sucesso da colónia, nomeadamente o reator nuclear pesado interno que serve de reserva caso o externo entre em disfunção. As três abóbadas vazias vossas vizinhas, estão operacionais, tendo encerrado corretamente. Os reatores nucleares externos e interno dessas cúpulas ficarão desligados até ser necessário ativá-las para construir novas biosferas.

- As outras missões dos outros dois grupos aterraram sem dificuldade e estão bem.

- O vosso grupo foi submetido a uma técnica de densificação ortoprotésica por platina, para que o vosso peso seja idêntico ao da Terra. Mais de metade do vosso peso é platina e isso é visível na vossa pele. A forma ultrapura de platina que vos foi implantada, é inerte do ponto de vista biológico se mantiverem a alimentação certa. Têm apenas de evitar saltos, pancadas e quedas pelo perigo de entrada em circulação do metal. Manter o peso significa preservar massa muscular e óssea tornando o trabalho físico mais fácil.

- Não esperamos confrontos com as missões Russa e Chinesa, mas podem ocorrer. Mal soubermos onde eles aterraram vocês serão informados. Se eles

pedirem ajuda, ela será prestada nos nossos termos. As missões Russa e Chinesa são um gargalo genético. Não têm variedade que chegue para garantir a sobrevivência da espécie e devem ser consideradas, sempre que colocarem em desvantagem a nossa missão, como constituindo um risco de extinção para o género humano.

- Vocês são saudáveis, diversos e férteis. Têm variantes genéticas consideradas vantajosas em Ganimedes. Depois do estabelecimento de uma colónia viável, devem ter filhos.

- As vossas famílias, continuou o Professor Crane, tomarão conhecimento desta mensagem após serem contactadas pelo Presidente dos Estados Unidos ou pelos governantes dos seus países.

- Como há uma possibilidade de vinte e quatro por cento de sobrevivência da vida na Terra, estão a ser construídas estações orbitais que albergarão vinte a cem mil pessoas. Metade dessas pessoas, serão escolhidas por critérios de fertilidade, saúde e variedade genética. A outra metade será selecionada pelo seu valor como líderes ou profissionais. Os vossos familiares, como reconhecimento para convosco, serão incluídos nestes dez a cinquenta mil. Pensem assim: se houver um milagre e a Terra permanecer viável, eles viverão porque vocês foram escolhidos para esta missão.

- Nos computadores estão pastas sobre como deverão proceder, mas parte da informação só será acessível dentro de um ano. O líder da vossa missão, designada como polar pois está mais perto do polo sul de Ganimedes, é o Andrew Kline, com o cargo de Vice-Presidente para Ganimedes e o oficial de segurança, com a função de manter a paz e implementar a autoridade atribuída ao Vice-Presidente, é o Luca Zuriaga. Depois de se juntarem aos colonos acidentados, será incorporado nos Marines como Oficial. O mandato do Andrew é de um ano, após o que se procederá conforme a constituição de Ganimedes, libertada nessa data. Amanhã ao meio dia receberão uma mensagem do Presidente dos Estados Unidos.

- Toda a sorte para ti, querida Mariah que sinto como minha filha. Prometo tomar conta dos teus pais. Sê feliz. Forte abraço para todos de quem vos inveja e vos deseja a melhor das sortes desse mundo.

O Prof. Crane desvaneceu-se. Mariah chorou convulsivamente. Sofia abraçou-a e os outros ficaram mudos. Crane tinha-se dirigido a Mariah de uma forma familiar, como era de esperar, mas Sofia sentia-se devastada pelo facto do tio a ter ignorado. Nem uma frase. Sofia não pertencia ao círculo íntimo daquela gente? Passara meses e meses, lá em casa e era tratada como uma desconhecida. Sentia-se parte da família e agora era excluída da forma mais fria. Quando se muda para outro estado, as pessoas despedem-se e desejam-se boa sorte. Quando se vai para o estrangeiro, abraçam-se e prometem escrever, mandar fotografias. Ela foi enviada para a periferia

de Júpiter e nem uma palavra.

Andrew estava sentado no cadeirão do meio, com Luca à sua direita e Sofia à sua esquerda.

- Luca, aceitas a missão de segurança que te foi atribuída? perguntou calmamente Andrew. Fez-se um silêncio tenso. Era a primeira intervenção do Vice-Presidente Andrew. Luca não era americano, porque haveria de entrar naquela coisa, de obedecer fosse a quem fosse? Por outro lado a sua sobrevivência e a sobrevivência hipotética dos seus pais, dependia dos ianques. O passado ficara para trás. Ia abraçar o futuro, ia fazê-lo sem a irredutibilidade que o seu mestre tanto criticava e ia procurar a paz.

- Sim, com certeza, anuiu.

Os outros olhavam para eles, com um ar entre o dramático e o incrédulo. Só Steven parecia estar apenas zangado.

- Alguém se opõe a que eu assuma a chefia do grupo? perguntou Andrew.

Silêncio.

“Ele já tem o seu gorila e agora é que pergunta se tem apoio?” pensou Sofia.

- Nós não nos conhecemos, disse Andrew olhando para as duas raparigas abraçadas, à exceção da Mariah e de ti ...

- Suren. É Sofia Suren.

- Peço desculpa, mas ainda não memorizei os nomes de todos; eu sei que nós não nos conhecemos e, se assim entenderem, pode-se escolher outro método para nos organizarmos. As decisões que tomarmos terão de ser colegiais.

- Por mim tudo bem, replicou Sofia. As pessoas de que gosto, têm a data da sua pulverização marcada. Não sou candidata a nada neste Gulag no fim do mundo.

- Outras opiniões? pediu Andrew

Pierre Tollmache tinha um ar sofisticado e culto. Era tipicamente urbano. Tinha uma testa alta e usava óculos circulares de aro de aço azul. - Ficas tu, disse.

Os outros acenaram que sim e Steven ficou imóvel.

* * *

A nave era branca por fora e tinha três pisos. No topo estava a torre de comando, onde dormiriam. A meio havia um piso com a zona de trabalho, incluindo o laboratório e, na base, as áreas de serviço com uma cozinha, chuveiros, armazenamento, um miniginásio e acesso à câmara de descompressão que permitia a saída para o exterior. Abaixo disso havia um porão com ferramentas de exterior e a rampa com o Rover Ganimediano.

As grandes janelas da nave, óculos redondos, mostravam uma noite negra onde

as estrelas brilhavam sem a ofuscação do sol. Júpiter não era visível. A abóbada artificial era transparente, invisível. A cápsula estava numa planície totalmente gelada e ao longe, no horizonte, esboçavam-se algumas elevações. A temperatura exterior marcava duzentos e cinco graus Celsius abaixo de zero. A bastante distância, talvez oito ou nove quilómetros, era difícil dizer, antes das colinas, viam-se os vultos de várias naves próximas umas das outras.

Andrew e os seus companheiros abriram os portáteis, para tomarem conhecimento da missão.

Havia um mapa tridimensional de Ganimedes, com as suas duas faces, a rica em crateras e a mais clara com sulcos e montanhas, onde eles se encontravam. A sua localização bem como com o posicionamento das naves logísticas e da outra nave tripulada tinha uma margem de erro uma margem de erro máxima de dois quilómetros.

A geração de energia da colónia era nuclear e posteriormente seria fotovoltaica porque era possível o fabrico de painéis solares a partir de minerais dos afloramentos rochosos onde estavam implantadas as hemicúpulas, bem como era possível a construção de novas hemicúpulas para albergar a população à medida que esta crescesse. Os reatores nucleares, cuja vida estimada era de oitenta anos, sustentariam a comunidade até que a energia solar fosse suficiente. Apesar de designada como energia solar, a maior parte da energia provinha de Júpiter. A vantagem de Ganimedes é que era um dos raros corpos celestes do sistema solar que possuía, tal como a Terra, uma magnetosfera que o protegia das radiações cósmicas, facilitando a construção de abóbadas relativamente finas. Centro da sua cúpula um dos reatores era de grandes dimensões e os outros eram os que alimentavam os motores elétricos das naves. Por energia suficiente não se entendia a mera manutenção das pessoas vivas, mas sim a construção das biosferas com plantas de diversos tipos no interior das cúpulas e a multiplicação futura das cúpulas. A auto suficiência energética solar deveria ocorrer dentro de sessenta anos, havendo uma reserva de vinte anos de nuclear.

Eram duas missões paralelas: uma de manutenção da comunidade com saúde para o seu crescimento demográfico e a outra de construção das biosferas. A diminuta dimensão da comunidade humana e a dificuldade na comunicação e visita aos outros dois grupos de colonos, impedia a geração de novas tecnologias que não fossem variantes da tecnologia terrestre, durante, pelo menos, quatrocentos ou quinhentos anos. Mesmo assim tinha-se decidido pela existência de um presidente único para o planeta, com vice-presidentes nos dois outros grupos. Só nessa altura e só se se mantivesse um taxa de natalidade muito alta, haveria massa crítica para que os Ganimedianos pudessem retomar o progresso. Ocorreria uma perda de conhecimentos e de diferenciação inevitáveis e esse processo seria muito rápido nos

primeiros cento e cinquenta a duzentos anos. Um dos principais riscos identificados, era que a maternidade constante das mulheres levasse a uma masculinização do poder. Previam-se que essa masculinização induziria o aparecimento de um tipo retrógrado de machismo, entre a quarta e a sétima geração de Ganimedianos, com eventual reversão a partir daí. Como a vida humana estava dependente de meios artificiais gerados por tecnologia terrestre, uma guerra civil, levaria, com uma probabilidade de noventa e cinco por cento, à extinção do Homo Sapiens. Sendo a guerra um fenómeno essencialmente masculino, o pico do machismo era considerado o pico do risco de extinção. O conceito de destruição mútua garantida, impediria essa guerra desde que os níveis educacionais se mantivessem elevados. A perda de diferenciação transitória dos colonos tinha o risco da perda da compreensão desta noção, na chamada fase de tribalização entre a quarta e a sétima gerações. A educação era, portanto, uma das missões fundamentais para a sobrevivência da espécie durante cerca de duzentos a trezentos anos. Se tudo corresse pelo melhor, dentro de quatrocentos e cinquenta ou quinhentos anos era possível retomar-se o progresso global do conhecimento, pois nessa altura, dada a informação disponível nos sistemas informáticos e a qualidade genética da população, atingir-se-ia a massa crítica necessária à produção de ideias ao nível do que se encontra na Terra hoje. Essa fase era vital pois seria nessa altura que Vénus teria atingido a maturação necessária à vida humana e o transporte de Ganimedes para Vénus seria uma tarefa ciclópica, mas vital pois Ganimedes era um planeta com francos limites à colonização. Os seus recursos estavam dependentes dos afloramentos rochosos e eram escassos. A maior parte de Ganimedes estava coberta por gelo, sem rocha perto, e por isso as reservas minerais esgotar-se-iam dentro de menos de setecentos anos. Deviam por isso olhar para si próprios como Venusianos fora de casa.

Existiam, numa visão mais ampla, três metas: a primeira era a auto sustentabilidade das biosferas no planeta, a segunda, a do regresso à base zero – ou seja, a uma geração tão evoluída como a dos fundadores - e que se atingiria eventualmente dentro de cinco séculos e por fim a partida em direção a Vénus, na altura terraformado pelas bactérias lançadas da Terra com o fim de digerir a sua atmosfera, arrefecendo o planeta e tornando-o semelhante ao planeta azul. Em Vénus terraformado os seus descendentes poderiam andar ao ar livre como outrora acontecera na Terra.

Todo o conhecimento possível de copiar, estava depositado no servidor da nave de cada uma dos três grupos de missões. Esse conhecimento incluía materiais em todas as línguas, expurgados tanto quanto possível, da propaganda ao ódio. Havia programas educativos desenhados a pensar em cada geração de Ganimedianos até à sétima, altura em que era certo que os Ganimedianos deixariam de os seguir.

Nas primeiras gerações o ensino da manutenção dos equipamentos era vital, tal como era essencial o ensino dos factos e valores favoráveis à paz. A sétima geração teria entre cinquenta e cem mil Ganimedianos, ou Venusianos, e nessa data, Ganimedes ainda não seria um planeta suficientemente coberto por cúpulas. Mas nessa fase as transformações ocorridas, serão de tal forma visíveis que mesmo pessoas menos evoluídas poderão ver com os seus olhos que sobreviver no planeta é possível, esgotadas as reservas vindas da Terra, e isso será um enorme estímulo à continuidade de um projeto que nessa altura será já uma lenda.

Os mentores do programa de colonização temporária de Ganimedes, estavam convencidos que era possível terem sucesso na transferência interplanetária do Homo Sapiens Sapiens mesmo com o escasso número de pessoas enviadas.

Depois de lida a introdução à missão, os membros da tripulação passaram esse dia a perceber como funcionavam os principais sistemas da nave necessários às atividades de vida diária, nomeadamente a alimentação, a habitabilidade e a higiene.

Todos retiveram a condição contraditória: para a Terra e os seus entes queridos sobreviverem Theia teria de se precipitar sobre Júpiter e nesse caso eles morreriam. Mariah perguntou a Sofia se alguma vez lhe tinha constado que havia grupos de cientistas a desenvolverem bactérias para terraformar Vénus. Sofia nunca tinha ouvido tal coisa. Mas o mundo era feito de fachadas falsas construídas para esconder outras fachadas, também elas falsas. Já não sabia nada.

No dia seguinte o presidente dos Estados Unidos, Emílio Cardoso falaria. Era um homem sério.

Capítulo 13

Emílio Cardoso, o Breve

Dia 22 de Agosto, ao meio-dia em ponto os oito colonos estavam sentados na sala de reuniões, aguardando a comunicação presidencial. A véspera tinha sido um dia de silêncio e mesmo entre Sofia e Mariah houve poucas palavras. Ao meio-dia e um minuto o écran acordou. Tocou uma música instrumental inspiradora, que partia de uma suave nostalgia para atravessar um período épico e finalmente atingir uma serenidade e plenitude esperançosas. Durava menos de três minutos. Era um hino.

Apareceu uma imagem da Terra vista do espaço, com a lua no campo visual. Essa imagem aproximou-se da Nova Inglaterra e depois de Washington e da Casa Branca, terminando na sala oval.

O Presidente dos Estados Unidos, Emílio Cardoso, parecia que se encontrava fisicamente ali. Estava sério, talvez cansado, mas sereno e olhava diretamente para eles como se os visse. “*Caros colonos fundadores, caro presidente William*”.

- Foi com retemperadora certeza do dever cumprido que fui informado de que os Estados Unidos e as nações aliadas, conseguiram fazer chegar três grupos de colonos a Ganimedes, com marines, cientistas e engenheiros, dois em posicionamento equatorial e um mais polar sul. A missão para Ganimedes ganhou muito com os preparativos que os Estados Unidos tinham feito previamente para colonizar e minerar Marte. Foi uma sorte terem tido esse projeto.

- Alimentamos a esperança de poder enviar uma grande frota de naves vazias que permitirão o transporte maciço de Ganimedes para Vénus dos vossos descendentes dentro de quinhentos anos, mas a dimensão dessa iniciativa dependerá do evoluir da situação. Vénus recebeu uma enorme massa bacteriana e inúmeras sementes de plantas e ovos de insetos foram lançados no espaço de forma a aterrarem em Vénus dentro de quatrocentos e cinquenta anos. Vocês, quer os escolhidos de entre os voluntários quer os enviados em obediência ao superior interesse da espécie, têm a mais nobre das tarefas alguma vez empreendida pelos netos de Adão: a de continuarem a viagem da humanidade, desde o seu aparecimento, há milhares de anos, até ao momento em que vos foi pedido que abandonassem o jardim terrestre, e iniciassem a construção de uma nova casa para o homem no planeta Ganimedes e, no futuro, em Vénus – a nova Terra em preparação.

- É uma missão de sobrevivência para vós e é, para o resto da humanidade, uma

missão que nos permitirá morrer em paz, se necessário. Mas é, antes de mais, a passagem de nós, como pais, para vós como filhos, do testemunho de uma memória de mais de treze mil anos de civilização. Há treze mil anos, em Gobekli Tepe, na Turquia, antepassados nossos, ainda nómadas, ainda sem terem descoberto a agricultura que permitiu uma revolução económica e demográfica, construíram um templo, fundando a civilização humana. Construíram um templo sem que tivessem tempo livre para o fazer, pois continuavam a ser meros caçadores e coletores, sem reis nem príncipes, sem senhores nem servos, em que cada pequeno grupo de famílias era uma nação em si mesma, em constante movimento, calcorreando todos os seus dias para que houvesse alimentos para si e para os seus filhos, em guerra sem fim com as tribos vizinhas. Construíram-no sem que sobrassem recursos para tal empresa, pagando o preço da fome e do frio.

- Edificaram-no porque, fosse por uma revelação pré bíblica cuja lenda se dissolveu no curso do tempo, fosse por motivos que ainda não compreendemos, o seu mundo mudou intimamente, deixando de ser apenas o que podiam ver, tocar, ouvir ou cheirar, para passar a incluir uma orquestra de coisas invisíveis:

- A memória de nós que queremos que perdure além de nós. O mundo das ideias que sabemos verdadeiras, das flores que nascerão na próxima primavera e das paisagens que existirão algures. Os nossos netos e os netos dos nossos netos que não conhecemos ou nunca conheceremos, mas já amamos. A paixão que nos abala e nos dá felicidade. A sede de justiça que procuramos sem fadiga, a paz que tantas vezes só conquistámos na guerra justa, as perdas que aceitamos por um bem maior e tantas outras coisas que fazem dos homens, homens.

- De todas as coisas invisíveis, há duas que prevalecem sobre as outras:

A primeira é a capacidade de sentir o que os outros sentem, fazendo com que a vida do nosso vizinho seja já parte da nossa, antes que possamos fazer contas para saber se ganhamos ou perdemos com a sua presença. A segunda é, historicamente e hoje, a fé que renasce em cada geração de que a morte não é mais que um rito de passagem para uma vida onde se encontra a causa primeira, o motor imóvel que move a natureza sem ser movido por ela. As duas concorreram para a maior descoberta de todos os tempos. E não foi nem a roda, nem o fogo, nem a agricultura, nem a escrita. A maior descoberta da história do Homem foi a Paz, esse oásis que alargamos desde há milénios, roubando território ao deserto que sobeja depois da guerra. Essa ligação umbilical ao outro homem e a pulsão em direção a Deus, invisíveis mas reais, levou-nos a nós, americanos e povos das demais nações livres, a juntar braços num último esforço, antes de se acabar o nosso tempo, para semearmos humanidade em Ganimedes.

- Depositamos em vós, que sois a semente, estas outras para que cuideis delas: A liberdade, porque ninguém nasce escravo; a tolerância para com o erro, porque

ninguém sabe tudo; a intolerância para com a injustiça, porque o futuro tem de ser melhor que o passado; o respeito por aqueles que buscam a verdade, porque a verdade existe, mesmo que nem todos a possam ver; a memória do passado, porque provimos dum ventre que nos antecedeu; a igualdade à partida, porque todos nascemos nus e a diferença à chegada, porque nem todos percorremos os mesmos caminhos. Estes valores foram difíceis para nós na Terra e serão difíceis para vós, nesse planeta gelado mas seguro que vos podemos dar. Passem-nos aos vossos filhos e ensinem-nos a transmiti-los aos filhos deles. Se desesperarem, olhem para as imagens que vos deixamos da Terra e acreditem que nascerá um jardim igual em Vénus.

- Caros Venusianos, se acontecer o improvável, e nós acreditamos em milagres, a população terrestre sobrevivente que terá sido colocada em órbita, não terá condições para vos ajudar durante muito tempo, pois será sua a tarefa de reconstruir a Terra. Se isso se der, o vosso grupo tem autonomia para proliferar e devem contar aos vossos filhos e netos que entre Júpiter e o Sol há aliados deles, preparando o reencontro dos dois braços da humanidade dentro de alguns séculos.

- Boa sorte para todos”.

A imagem desapareceu. Surgiram legendas que anunciavam que o Senador Tyrell Hendriks iria falar dentro de momentos e que ele seria o seu interlocutor até ao evento disruptivo.

No seu discurso o Presidente dos USA situara a relação do homem com a guerra numa forma bem distinta da que o pai biológico de Luca posicionara, no apontamento escrito nas margens de um velho livro. Mas onde o seu pai terminara com a guerra como fundação do homem, o Presidente terminara com a paz como salto civilizacional numa pré-história que conhecera até aí apenas o conflito permanente e, mais, mantinha a expansão do “oásis da paz” como a fronteira que as civilizações devem alargar.

- Hendriks não é o nome daquele tipo horrível dos animais de fusão, no laboratório de engenharia biológica avançada do Pentágono em Houston? perguntou Mariah à Sofia.

- É, respondeu-lhe Sofia.

- Mas constava que ele era psicótico, não constava?

- Ouvi dizer que tinha voltado, depois de baixa médica, e se tinha metido na política, disse Sofia.

Capítulo 14

Tyrell Hendriks, a Ascensão de um Gênio

O Senador Tyrell Hendriks era um homem atarracado, de 61 anos de idade, descorado em líxivia, com cabelo escuro em que espreitavam aqui e ali pinceladas brancas, que não esmoreciam o contraste com a pele de vitiligo e os olhos azuis gelo. Tinha uns óculos de massa e apresentou-se com um fato negro sem gravata. “*Caros Venusianos do grupo polar*”, começou Hendriks.

- Espero que tenham gostado do discurso do Presidente Cardoso, sobre a comovente bondade de Deus e dos seus partidários na Casa Branca. Falemos agora das coisas reais. Este programa inclui seis grupos de voluntários e um grupo compulsivo. Os voluntários são auto suficientes. Vocês, no grupo polar, foram escolhidos por nós por terem genes favoráveis. É certo que têm também competências úteis, muito úteis, ao sucesso da missão. Dado o número muito restrito de pessoas a enviar, o pool de eleição estava limitado a quem tivesse certas competências, mas não foi esse o *primum movens* da escolha. O objetivo é a disseminação dos vossos genes, que eu escolhi pessoalmente por serem vantajosos, através da reprodução. Por motivos de segurança genética, colhemos-vos óvulos e espermatozoides cirurgicamente, para uso futuro caso ocorram efeitos secundários da platina. Essas amostras seguirão para Ganimedes em próximas missões, mas esperemos que não tenham de ser usadas pois exigem pessoal médico com mais experiência que o enviado para esse planeta.

- Há também o problema dos russos e dos chineses. A genética deles não presta, pois nada disso foi tido em linha de conta na escolha das pessoas. Eles estão a leste da genética hodierna. Escolheram pessoas poderosas, militares e cientistas físicos. As suas competências biológicas são residuais. A nossa equipa de amostragem está a tentar obter o máximo de informação possível e a que até agora recebemos das lideranças deles, é do pior, em termos de genes recessivos com potencial de dano futuro. Quanto a independentes e Indianos, esqueçam tudo isso. Não vai acontecer. Ganimedes é um salto longe de mais para amadores.

-Vou explicar outra vez: a vossa missão é manterem-se vivos e terem bebés. A segunda parte não parece difícil. A primeira parte é um pouco mais complicada porque com o amadorismo da agência espacial europeia, a vossa nave gémea, o reator nuclear, a paleta de exosqueletos, duas paletes de robots pluripotenciais de curso vital linear, os dez robots lupiformes de combate, um armazém de ferramentas

e todas as reservas logísticas, foi parar perto da fronteira da abóbada, numa zona irregular. Há lá comida, tecidos, medicamentos e consumíveis médicos, sementes, reagentes químicos, abrasivos, peças sobresselentes e impressoras 3D. Essas coisas são vitais à missão. Durante o Inverno, até chegar a Primavera artificial gerada pelo reator nuclear externo não vai ser possível visitarem a outra nave, mas mal aqueça um pouco, serão reunidos com os sobreviventes da outra nave, se os houver. Se não os houver ponderar-se-á transferir-vos para o equador para junto dos outros grupos. Têm de pôr as naves logísticas operacionais, seguindo instruções que vos deram. Como a reserva de alimentos da vossa pequena nave não dá para os meses de Inverno, vamos ver quando é que o tempo melhora um pouco com o aquecimento da cúpula, para vocês irem buscar comida ao frigorífico. O ideal é esperarem por temperaturas acima dos cento e quarenta graus negativos pois o Rover abaixo dessa temperatura pode avariar-se. Aproveitem as próximas semanas para estudarem os dossiers que estão nos portáteis e respeitem a hierarquia que vos foi dada. Falamos mais tarde.

O écran enegreceu.

- Que sabem deste cavalheiro? perguntou o vice-presidente Andrew Kline, voltando-se para Sofia e Mariah. Era a primeira vez que alguém falava com um tom normal. Até aí fora silêncio, entrecortado por palavras curtas e formais, por vezes tenso.

- Tive um acidente numa estufa de evolução dirigida e fui fazer uns exames num hospital em Houston, cidade onde ele trabalhava, começou Sofia. Na altura o Prof. Crane que é amigo da Mariah, apareceu com ele, apresentando-o como um embriologista e geneticista famoso. Parece que tinham feito tropa juntos como voluntários na Força Aérea, apesar de Hendriks ser mais velho. Ele é médico de formação e muito vaidoso. Nunca teve treino clínico, mas tratava os médicos do hospital como colegas, sem se constranger por eles não lhe devolverem o reconhecimento. Falou-me do seu trabalho científico numa área que designou por xenogravidez, que envolvia a indução de tolerância de forma a usar como barrigas de aluguer, fêmeas de uma espécie para o embrião doutra. Gracejou que o seu sonho futuro era poupar as senhoras ao trabalho de parto, implantando embriões humanos gerados in vitro no útero de outros animais. Depois, pôs um tom sério e disse que a ética, a bendita da ética, não permitia tais avanços, mas permitia o aborto. Matar embriões humanos não levanta problemas. Dar-lhes uma chance xenouterina, isso não. Achava até que proporcionaria às mães uma experiência única: fazerem o trabalho de parto dos seus próprios filhos, recebê-los quentes nos seus braços, cortar-lhes o cordão umbilical, cuidar deles cheias de saúde desde a primeira hora. Tinha feito alguns avanços de transplante embrionário entre espécies, mas não tinha

ainda o modelo certo. Lá chegaria. Outro interesse seu eram os animais de fusão. Gabava-se de ter encontrado uma solução para o problema do número de cromossomas ser diferente entre espécies. Três facile, disse. Mostrou-me algumas fotos de animais de fusão e eram monstros, sem interesse a não ser para orgulho que suscitavam no seu criador. Um que recordo era uma espécie de morcego grande em que as asas eram verdes, capazes de fotossíntese. Não sobreviveu e se sobrevivesse não servia para nada. A sua última mania era a velha história da congelação e descongelação de animais vivos, com preservação da viabilidade. Ele detestava alemães, mas disse-me que tinha aprendido muito com os teutónicos e que estava a cinco anos de conseguir ter sucesso. Perguntei-lhe se havia alguma coisa com musgos e ele não fazia ideia. Como me deu o seu mail, um dia pedi-lhe o nome de alguns autores pois não encontrara nada de entusiasmante na minha pesquisa da literatura; ele riu-se e disse-me que eram autores de 1943-46 e se desenterrasse alguma coisa com ervas, dir-me-ia, mas achava que os teutões não tinham ido por esse caminho porque eram médicos.

- Mais tarde Crane disse-me que o tipo era um desviante. Aconselhou-me distância desse género de gente. Perguntei-lhe a quem se referia e ele só me disse que as pessoas da evolução animal acelerada não eram de confiança. Colaboravam demasiado com a tropa, faziam lobby permanente junto dos políticos e das igrejas, por causa dos impedimentos éticos que sofriam. Era raro um que se aproveitasse. Mais tarde constou que ele tinha tido um surto psicótico, mas que, posteriormente, fora reintegrado. E é o que sei, terminou Sofia.

- Bom, agradei-me ver os meus genes elogiados, mas não gostei que o encómio viesse de um leitor de experimentação médica alemã de 1943, avançou Andrew. Estamos aqui para ficar, por isso temos de compreender como funciona cada parafuso desta maquineta. Não há pastas secretas para ninguém. Estamos todos nisto e não há truques. Temos de ver com cuidado se há algum sistema vídeo ou áudio na nave que esteja a transmitir dados para fora, seja para o equador seja para a Terra. Outra coisa é que nós fomos, sem exceção, subtraídos pela força às nossas vidas. Não devemos lealdade nenhuma a esta gente até prova em contrário, nem podemos acreditar de ânimo leve numa palavra do que esta gente nos diz.

- Esta gente inclui o vosso presidente, recordou Pierre Tollmache.

Pierre falava duma forma clara que, apesar de não ser conclusiva, refocava sempre o problema e dava-lhe a solução mais convincente, mesmo se apresentada como provisória.

Um investimento desta magnitude, continuou, tem de ter uma explicação racional. Não é facilmente substituível e não acredito que na Terra a vida prossiga como business as usual. Alguma coisa ocorreu e esse Hendriks também há de querer

garantir o seu lugar nos dez mil eleitos em órbita, se é como nos foi dito. O seu sucesso depende do nosso sucesso. Mas concordo com termos os olhos abertos – terminou, num inglês marcado pelo sotaque gaulês.

- Crane é boa pessoa, murmurou Mariah.

- Há uma coisa que me intriga: como é que a Sofia e a Mariah vieram juntas nisto? Duas amigas e ambas alfas em termos genéticos? Não bate certo, disse o Steven Boyd.

- É verdade. E se o Crane e o Hendriks são azeite e água porque é que ambos intervieram nesta coisa? questionou Pierre.

- E porque é que eu sou vista como uma candidata a parideira profissional aos vinte e oito anos? acrescentou Larissa. Não seria melhor quem começasse essa carreira mais cedo?

- Bom, Crane também comentou a nossa diversidade genética, disse Caroline. Que a genética foi considerada tenho a certeza.

- Podes ter, anuiu Sofia. Reconstruir uma espécie animal a partir de menos de cento e sessenta exemplares é quase impossível. Nós seremos muito menos que isso.

- OK, mãos à obra, disse o Vice-presidente. Vamos dividir tarefas e teremos um brainstorm diário às cinco da tarde.

- Demoraram quase doze semanas a descobrir como funcionava a nave polar, sendo evidente que tinha sido projetada originalmente destinada a Marte e não a Ganimedes, muito mais frio, ao mesmo tempo que se iam conhecendo melhor. A ideia de que se teriam de reproduzir era recorrente nas suas mentes, mas tinham tomado uma decisão: Zero paixão e zero sexo até se reunirem com os sobreviventes da outra nave. Não havia contracetivos e, principalmente, essas ligações num grupo tão pequeno, iriam levar a divisões tanto piores quanto mais cedo a coisa acontecesse. Precisam de mais informação do que a que constava dos computadores e os tripulantes da outra cápsula, sendo voluntários, deviam saber. Como poderiam sair e entrar na abóbada se o Rover congelava a temperaturas abaixo de cento e quarenta graus, como se reuniriam com os outros humanos implantados perto do equador, quais os detalhes da engenharia das hemicúpulas, só muito superficialmente abordadas nos seus computadores e, principalmente, para que serviam os robôs lupiformes de combate?

Não era certo que o modelo de namoro e família tradicional fosse ali o mais vantajoso. Poderiam ter de separar a reprodução do amor. Isso estava em cima da mesa e significaria uma sociedade totalmente diferente da que conheceram na Terra. As crianças seriam educadas, se se avançasse para esse modelo, por toda a

comunidade.

Para evitar que se criassem laços foi decidido que, temporariamente, ninguém falaria do seu passado. Fugir-se-ia igualmente da comunhão de ambições para o mundo vindouro.

Falava-se apenas numa coisa com significado emocional: reunirem-se com as pessoas do grupo desviado, os voluntários. O plano funcionou muito bem durante muito tempo, sem contactos pessoais e sem grande esforço por parte de praticamente ninguém, com a exceção de Sofia e Luca em que o afastamento exigia esforço crescente dos dois lados.

* * *

Luca não tinha conhecimentos sobre nada do que interessava ao grupo naquele momento. *“Para que sirvo eu, o filho de um bombeiro e de uma doméstica, neste canto do sistema solar?”* questionava-se. Decidiram que faria treino físico aos restantes tripulantes, para manter as pessoas saudáveis e em forma. Na prática, Luca tinha apenas de manter a equipa em boa forma, no minúsculo ginásio em que os aparelhos, apesar de presos ao chão, eram bastante versáteis. Evitava os movimentos bruscos para impedir a pulverização interna da platina na medula óssea. No ambiente de auto restrição quasi-marcial que adotaram, Luca era o único a ter acesso ao corpo dos outros. Só ele tocava nas pessoas, com a exceção das duas amigas Sofia e Mariah que eram muito próximas uma da outra.

Começou a questionar-se que elementos físicos externos, poderiam dar-lhe pistas para aquela coisa dos genes que Hendriks tinha escolhido e pelos quais tinha aparentemente mandado matar uma desconhecida, um conhecido e um amigo seus, em Lisboa. Tinha mostrado estar disposto a matar fosse quem fosse, para o trazer a ele e aos tais genes.

Luca observava nos corpos dos colegas a sua flexibilidade, coordenação e força de movimentos. Um dia, num treino, Sofia apanhou-o a olhar para ela de forma fixa e disse-lhe uma coisa inesperada:

-Não dá para ver, Luca. Podes olhar de todos os ângulos, mas não vais ver senão a expressão externa dos genes – o fenótipo, se eles forem dominantes. Os genes não se veem a não ser com a ajuda da ciência e da observação de gerações. Vais ter de arriscar quando chegar a hora de escolher uma companheira.

O corpo naturalmente musculado de Sofia, podia não ter mistérios que ultrapassassem a genética usual, mas Luca percebera que o seu olhar tinha um brilho e se desviava do seu. Talvez fosse por pressentir a perturbação que ele disfarçava perto dela. Sofia era bem falante apesar de económica nas palavras. Era claramente

física e tinham de comum o secundarizarem o cuidado com os outros, à descoberta da verdade. Já, por exemplo, Mariah e Andrew priorizavam os outros; Mariah espontaneamente e Andrew por princípio. Mas as diferenças entre Luca e Sofia eram continentais, bem superiores ao que tinham em comum.

Luca começou a ler o que podia sobre nutrição e sobre anatomia, nomeadamente muscular e esquelética, mas depois a leitura tornou-se um vício. As palavras, como as ouvira da boca do velho advogado, estavam por toda a parte nos livros. A nave era uma biblioteca de Alexandria dos tempos modernos, com informação sobre os assuntos que pudesse imaginar; mas as palavras surpreendiam-no mais que a informação que continham. Além da sua natureza singular, a leitura protegia-o da interação com os outros, de que fugia por serem tão diferenciados. Preparava-se para uma vida em que a tecnologia era onnipresente e em que iam inventar uma sociedade com regras nunca vistas e tinha mais tempo livre que os outros.

Lia vorazmente, para surpresa dos seus companheiros que o haviam tomado como o gorila de serviço. Às vezes lia horas fora, e reparou que a noite despertava, em dois membros da equipa, comportamentos bizarros. Larissa deitava-se sempre depois de toda a gente e era a primeira a acordar. Ficava de vigia e só quando as pessoas se deitavam é que ela adormeceria. Ele nunca a tinha visto dormir, para ser mais exato. Devia ter medo ou coisa parecida, mas como estava sempre fresca, sem olheiras, não lhe devia fazer mal. Pierre parecia um sonâmbulo e andava pela nave à noite sem acender as luzes. Era um sonâmbulo que não abria os olhos. Numa noite Luca atravessou-lhe uma perna na frente e ele parou antes de lhe tocar e depois pigarreou um pouco e contornou-a. Sem abrir os olhos.

Em Ganimedes o dia é muito mais curto que na Terra, mas o número de segundos, minutos e horas mantiveram-se os mesmos por convenção. Mesmo assim, desde o primeiro dia, Luca continuou a despertar às mesmíssimas sete horas que na Terra. Sabia sempre que horas eram sem olhar para o relógio. Nunca tinha reparado que esse detalhe era tão perfeito.

Passaram doze semanas e eles dominavam bem a cápsula, tendo-se apercebido que aquilo era uma nave espacial sofisticadíssima, décadas à frente de qualquer coisa que conhecessem. Começavam a ansiar pelo encontro com a missão dos voluntários. Sentiam-se prontos para os ajudar a ativarem as naves logísticas mal aquecesse um pouco, mas infelizmente não aquecia.

Foi então que Andrew os informou que havia um problema.

Capítulo 15

Inverno Sem Fim, Loucura e Queda

Não era a comida. Era a energia.

O Inverno polar Ganimediano era muito mais duro que o marciano e nave fora inicialmente desenhada para ir para Marte, via-se bem. Faltavam dois meses para a temperatura subir por ação do reator nuclear externo. O plano de poupança de alimentos estava a funcionar e podia ser que chegasse, se apertassem um pouco. Mas a energia não ia dar. A temperatura tinha-se mantido sempre muito baixa no exterior, quase sem variações e o consumo de energia era superior ao previsto. Pelos cálculos do Andrew e do Pierre, tinham no máximo energia para quatro semanas. Faltavam pelo menos mais oito semanas para o calor chegar. Não era possível aguentarem quatro semanas sem energia porque a reciclagem do oxigénio, da água e a manutenção da temperatura iriam falhar.

Steven que era piloto, concordava. Não havia chance de sobrevivência sem energia.

Precisavam de hidrogénio para alimentar as células das baterias e não havia que chegasse. Tinha de ir buscar algum às naves de carga e se não o encontrassem, tinham de trazer as baterias das naves logísticas, a não ser que os voluntários sobreviventes os pudessem ajudar de alguma forma. Tentaram por diversas vezes comunicar com eles sem sucesso. Quantos teriam sobrevivido?

A Terra nunca respondia às comunicações deles, a não ser com uma lacónica mensagem que dizia “*As comunicações ganimedianas só serão respondidas em situação de emergência com risco de vida. É favor consultarem os manuais disponíveis no sistema*”. Iam entrar em conjugação solar e com o sol pelo meio, entre eles e o centro de controlo em Houston, não haveria comunicações.

Os tipos do equador também nunca respondiam, porque não havendo satélites em órbita ganimediana, as comunicações polares teriam de ir via Terra e assim se manteriam até ao aquecimento da cúpula, altura em que chegariam os primeiros satélites de comunicações vindos dos Estados Unidos e da Agência Espacial Europeia.

Tinham de sair para testar o Rover em baixas temperaturas. O vice-presidente Andrew decidira, após ouvir quem se quis pronunciar, que o primeiro teste seria feito por alguém sorteado. Procederam a sorteio informático e calhou a Caroline Furst. Luca opôs-se à escolha da Caroline. Falta de massa muscular. Não tinha

condições. Nos testes do equipamento tinha revelado alguma dificuldade em levantar-se do chão com o fato quando se colocavam as balas de oxigênio, apesar do fato ser muito flexível. Caroline não ligou a esse argumento, o que era de certa forma compreensível pois não ia passear de balas, mas sim conectada ao depósito do Rover. Luca insistiu que não fazia sentido. Ia-se treinar uma pessoa e, quando chegasse a hora da verdade, teria de ir outra?

- Não é um treino, é um ensaio ao equipamento, explicou Andrew.

Luca insistiu numa votação. O vice-presidente disse que não tinha posto nada à votação e que se houvessem objeções elas deveriam ter sido colocadas antes de se combinarem as regras, não depois do sorteio. Luca repetiu: Era um caso especial. A perda do Rover, por exemplo, seria fatal. Andrew disse-lhe que o assunto estava encerrado. Luca teimou e voltou a teimar e o Vice-Presidente fartou-se e ordenou ao oficial de segurança, Luca Zuriaga, que tomasse medidas para garantir a obediência à autoridade presidencial, do responsável pelo treino físico do grupo. O ambiente foi tomado pelo mutismo: Andrew ordenava ao Luca que usasse da força para calar o Luca. Passados cinco segundos intermináveis, Zuriaga respondeu-lhe, “*ordem cumprida senhor Vice-Presidente*”. A tensão passou.

Desceram até ao nível um e prepararam a saída do Rover. Os procedimentos foram revistos várias vezes. Caroline afastar-se-ia duzentos metros da nave e faria um trajeto circular de trezentos e sessenta graus em seu torno. Depois, aproximar-se-ia até cinquenta metros da nave e esperaria duas horas para que se desse o equilíbrio térmico com o exterior. Repetiria a essa distância um novo círculo completo, confirmando que o solo não estava danificado pela aterragem.

Caroline saiu. O Rover portou-se lindamente na primeira volta e os seus sete companheiros exultaram de alegria. Esperou duas horas, mas após o equilíbrio térmico o Rover não se mexeu. Estava pregado ao chão, congelado, não andava. A revisão do sistema, mostrou a ativação da função de navegação por satélite, que não existia, e não era possível desligá-la por intervenção à distância. Decidiu-se que Caroline sairia do Rover e faria o reajuste via hardware, segundo as instruções do Andrew. A tarefa não foi tão fácil como o previsto. Caroline estava exausta após cerca de uma hora de tentativas, porque não tinha saído com extensores de oxigênio e por isso usava a bala que era pesada. Tinha sede. Andrew ordenou que Caroline trouxesse o cabo de tração do jipe até à distância que pudesse e, quando se sentisse demasiado cansada, o largasse. A equipa de recurso, Luca e Larissa, trariam o cabo, ancorando-o na nave e tracionando o Rover. Caroline conseguiu libertar o cabo, mas após cinco metros disse que estava exausta e recebeu instruções para se dirigir à nave. Veio dolorosamente, mas a dez metros tropeçou numa irregularidade do piso e caiu numa pequena vala. Ficou numa cova de cabeça para baixo e com dificuldade

em levantar-se. Pediu para esperar dois minutos para descansar antes de se tentar levantar outra vez. A sua voz estava mais monocórdica do que o habitual. Depois, Caroline disse que estava farta das balas de oxigénio e tirou-as para se levantar. Tinha enlouquecido. Andrew gritou-lhe que parasse imediatamente e mandou Larissa sair para a ir buscar. Mas Caroline continuou e, sem o peso das balas de oxigénio, conseguiu levantar-se dirigindo-se para a nave a passo muito lento. Larissa equipava-se tão depressa quanto possível. Andrew ajustou o software para obterem uma monitorização à distância do fato. O que viram congelou toda a gente: a temperatura interna do fato era de dez graus negativos e o oxigénio tinha acabado há mais de uma hora.

Luca manteve-se na antecâmara e Larissa tinha já entrado na cabine de depressurização, quando Caroline chegou. Estava a tiritar de frio mas o seu olhar era de alívio feliz por estar entre camaradas.

Andrew convocou uma reunião de revisão do acidente para dentro de uma hora. No início da reunião, Caroline Furst, já recomposta após um banho quente, foi instada a reportar o que acontecera.

Quando saiu da plataforma, o cabo de alimentação de energia que conectava o fato de Caroline ao Rover desconectou-se. Preparava-se para ir desligar a navegação por satélite, quando, ainda no Rover, se deu uma rotura espontânea do depósito de oxigénio líquido e uma disfunção da válvula das balas e por isso todo o gás desapareceu, escapando da balas para o depósito e daí para a atmosfera. Como ela tolerava bem a falta de oxigénio não valorizou o incidente. Estava a pé a puxar o cabo de tração do jipe em direção à nave, quando viu o alerta de falta de energia. Decidiu baixar a temperatura interna do fato para dez graus mas o fato não aguentou e ela começou a descer. Com o frio teve dificuldade em levantar-se da cova, mas insistiu para não dar parte de fraca, depois dos comentários do Luca, e decidiu tirar as balas de oxigénio para ficar mais leve.

Os sete astronautas estavam siderados, olhando para ela sem perceberem nada do que tinham percebido tão bem.

- Importas-te de repetir a parte do tolerares bem a falta de oxigénio? perguntou finalmente Sofia Suren.

- Tenho uma maior concentração de proteínas de armazenamento de oxigénio que as outras pessoas. Mais mioglobina, mais neuroglobina e mais citoglobina. Tolero melhor níveis altos de ácido láctico. Várias coisas. Se fizer uma boa pré-oxigenação duas horas sem respirar não custam nada. Mais do que isso é complicado, concluiu.

Caroline armazenava oxigénio como o sangue do camelo armazena água.

- És diferente, comentou Mariah.

- Tu não és, Mariah? Não somos todos? perguntou Caroline.

Ficaram mudos. “No cabelo sou, disse finalmente, sorrindo, a cientista de Colúmbia. É loiro verdadeiro, não é pré-oxigenado”. Riram-se as duas como só as mulheres fazem. Os outros não. Era a primeira vez que no seu íntimo cada um assumia porque estava ali: eram todos mutantes.

Andrew estava furioso, mas disfarçava. Mal, mas disfarçava. O seu tom de voz tinha aquela qualidade de não transmitir a tensão que se via no seu rosto, pensou Pierre. Há pessoas que mantêm a serenidade na postura, mas são traídas pela voz. Outras, como Andrew, são o contrário e isso é uma vantagem pois a face é sempre mais difícil de interpretar que a voz. A face vem do coração que é mutável, mas a voz vem da alma que é mais perene. Na aparência, é claro, pois na verdade nem uma nem outra são garantia de nada. O comprimido certo, um betabloqueante, um ansiolítico, um inibidor da recaptação da serotonina e lá se vão boa parte das dicas que procuram os interpretadores de sinais exteriores do caráter. É por isso que as ações definem tão melhor as pessoas que a pose, o tom, as próprias palavras, cogitou Pierre.

Andrew, dirigindo-se a Caroline, disse-lhe que ela tinha mudado a temperatura para menos dez graus e não dez graus. Talvez pelo cansaço. O fato portara-se bem e descera a temperatura interna na perfeição. Tinha havido vários erros em cadeia. Erro na saída com baterias leves de curta duração, por iniciativa do Luca e sem que a equipa soubesse. Erro na não deteção por parte de Caroline do desligar do cabo da bateria durante quase quatro horas. Erro na não monitorização à distância das condições internas do fato, visto estarem todos focados no Rover. Erro na decisão de não avisar o comando da falta de carga da bateria. Erro na decisão de vir em direção à nave em vez de se reconectar ao veículo para restabelecer a carga da bateria. Erro ao digitar menos dez graus em vez de dez graus. Erro ao interpretar a descida da temperatura do fato como falência de equipamento e não falência de programação. Erro ao não comunicar o arrefecimento ao comando. Oito erros em sequência, mesmo dando de barato a sua tolerância à falta de oxigénio.

- Oito erros em cadeia, repetiu o Vice-Presidente. Os dois mais graves foram a não monitorização à distância a partir da nave e o ego da Caroline que não quis pedir ajuda.

- Pensei que dessa infantilidade estavas tu livre, Caroline. Erro meu. Reunião terminada, finalizou Andrew.

A reunião estaria terminada, mas Andrew incumbiu Steven de perceber outro detalhe: a rotura do oxigénio e a disfunção das válvulas que permitiu o fluxo inverso de oxigénio das garrafas para o Rover. Steven Boyd viria a concluir que se tratou duma avaria propositada, pré-programada pela Terra. Uma conspiração para os

impedir de sair da nave. Andrew achou a conversa de Boyd uma infantilidade de conteúdo persecutório. Era ilógica. Ficou alerta para com o carácter de Boyd. A última coisa de que precisavam é que alguém enlouquecesse de verdade.

Luca também estava fulo, não com Caroline, mas com o americano. *“Regras a mais e flexibilidade a menos”*, pensou para si mesmo. *“As regras são muito boas mas são sempre uma simplificação das nuances infinitas da realidade. Caroline era a pessoa errada para avançar sozinha”*.

Depois de jantarem, Luca encontrou as quatro mulheres a conversarem em tom resguardado. Aproximou-se delas e disse-lhe, foste corajosa Caroline, mas da próxima vez pede ajuda. Estamos aqui para isso. Mariah olhou para ele e disse-lhe que estava muito feliz por a Caroline ter voltado, mas que o Andrew tinha razão, tinham havido muitos erros em cadeia.

- Luca, bastava um dos erros não ter acontecido e o risco tinha passado ao lado, confirmou Sofia. Temos de aprender com os erros e melhorar os procedimentos, concluiu.

- Tens uma certa razão Sofia, respondeu o Luca. Até já. *“Malditas americanas, vindas de todo o lado, mas todas com a mesma conversa. Mudava o molde mas mantinha-se a receita. Os procedimentos. Os erros em sequência. Não seria melhor abrirem os olhos, olharem para a cara das pessoas e escolherem os tipos certos? Ainda se tivessem mandado a Sofia, se é que tinha de ser uma mulher. Agora a loira frágil. Só faltava da próxima vez mandarem Mariah para o desastre ser completo”*. Estava a comer aquela comida há doze semanas. A comida, como a roupa, os talheres, tudo, caía mais devagar que na Terra, mas enquanto noutras coisas a pessoa se habituava a essa leveza, nos alimentos fazia impressão pois a falta de peso na boca acentuava o seu carácter esponjoso. Lisboa para si era agora umas Amêijoas à Bulhão Pato ou uma Carne de Porco à Alentejana, seguida de Sericaia e café de saco. Nunca mais os veria. Na nave o menu era pouco mais que papa gasificada para comer com colheres de plástico. Para ele, pelo menos. A australiana era como os americanos e o francês ainda se tinha safo com alguns sabores escondidos na despensa. Ele e eu, pensou - ao menos a comida francesa ainda se come. Mas, dos sabores portugueses, tinham mandado para Ganimedes pão de Mafra desidratado e sardinha em lata, sem a lata e tinham-nos guardado para a passagem de ano, imaginava. A listagem dos alimentos presentes nas naves de armazenamento também não augurava nada de bom. Era a ideia que eles tinham da comida portuguesa. *“Têm tecnologia para mandar uma pessoa para outra galáxia e quando o sujeito lá chega, sardinha em lata”*, pensou Luca.

O Vice-Presidente convocou o Luca Zuriaga, eram talvez dez da noite. Andrew era um homem novo, mais alto que os outros tripulantes, com caracóis castanhos claros e algumas sardas na pele. O cabelo castanho claro tinha um discretíssimo tom avermelhado, sem que fosse ruivo. Quando Luca Zuriaga chegou, Andrew estava sozinho, a fazer modelações computacionais de poupança de energia. Não parecia satisfeito com os resultados. Senta-te por favor, disse ele. Há medida que o tempo passara Andrew tinha reforçado a sua autoridade. Longe iam os tempos em que propusera decisões consensuais. Era mais velho que a maior parte dos outros e tinha conhecimentos fulcrais, o que ajudava.

- Luca, senti antagonismo do teu lado em todo este processo do Rover.
- Discordei do envio da Caroline.
- Percebi isso. Querias ir tu?
- Acho que dada a possibilidade de se tratar de um trabalho fisicamente difícil devia ser um homem a ir.

- Por exemplo tu.
- Era o ideal.
- Numa daquelas naves há dezenas de exosqueletos mecanizados. Achas um homem com um exosqueleto é mais forte que uma mulher com o mesmo exosqueleto?

- Não sei como funcionam os exosqueletos, mas o que aconteceu no Rover não teria acontecido comigo.

- Uma criança com um exosqueleto é tão forte como tu, Luca, porque a força está no sistema. As mulheres têm de ser incluídas em todas as tarefas desde o início e na futura colónia a força vai estar nos sistemas mecanizados. Se tu te ferires e ficares diminuído não serás excluído. E, principalmente, há uma fase de debate e há uma fase de execução das decisões. Na fase de debate todos devemos falar livremente. Tu não exprimiste, como tantas vezes não exprimes, a tua opinião, mas quando o resultado final não é o que pretendes, queres começar de novo. Não entendo isso.

- Nos sistemas mecanizados devemos optar por quem melhor uso deles fizer. Não por moeda ao ar. É certo que não entro em todas as discussões. Lembro-me do meu pai dizer que não vale a pena discutir todas as diferenças com todas as pessoas, porque em noventa por cento dos casos as questões resolvem-se por si e poupam-se batalhas em vão.

- Pois poupam. Mas aí estás a jogar com probabilidades. Se ocorrer a tal probabilidade que tinha dez por cento, ninguém se vai esquecer que na fase de formação da decisão, tu não te manifestaste contra. Ficaste calado. Podes escolher as batalhas que queres travar, mas tens que aceitar as derrotas que surgirem

naquelas que não travaste. Ficaste derrotado logo quando as não travaste e se a sorte soprar do teu lado foi a sorte que ganhou, não tu,

- Com o calor do problema real a queimar-nos os pés, toda a gente se vai esquecer de como se tomou a primeira decisão se ela não for boa e toda a gente se vai concentrar em como se vai tomar a segunda, a certa, ripostou o Luca.

- Ninguém se vai esquecer. Ninguém. Toda a gente sabe que outro problema há de surgir e é bom que nos entendamos no que toca ao processo que gera decisões certas.

- Muitas batalhas, muitos inimigos, disse Luca.

- Não Luca. Quando as batalhas são de ideias, não geram inimigos.

- Gostava de te ouvir dizer isso no tempo da Inquisição, do Estado Novo ou até da Revolução de Abril.

- No tempo da Inquisição não existia ainda a América. Não sei o que é o Estado Novo, mas soa a uma coisa muito velha e as revoluções são sempre passageiras. Ora nós estamos em Ganimedes para sempre. Esse tempo para mim nunca existiu e para ti devia morrer. És cristão?

- Sou católico, sublinhou o lisboeta.

- Ias à missa?

- Sou católico não praticante.

- Não és católico. Não há católicos não praticantes, Luca. A única forma de se acreditar numa coisa, é acreditar nos atos que essa coisa implica, disse o Andrew. Eis uma ideia que os latino-americanos percebem mal.

- Não sou latino-americano, sou europeu.

- Sim e talvez esteja errado, mas imagino o ambiente palavroso, hierárquico, de egos patriarcais e nostálgico de um passado de grandeza ibérica perdida, em que crescestes. Bem diferente do pão-pão, queijo-queijo da inteligência focada nos factos e da integridade específica de quem vive de acordo com a verdade em que acredita.

- Julgo que a verdade incluiu nuances entre o branco e o negro, diz o Luca.

- Mas não pode incluir as desculpas do costume para se chamar branco ao negro quando dá jeito e negro ao branco quando convém. Entre as palavras e os atos tem de haver alguma correlação. Se não, não há confiança nas palavras.

- As palavras e os atos são mundos próximos, mas não são o mesmo mundo. No fim de tudo os factos e o seu contexto prevalecem. É preciso ter a versatilidade de reconhecer quando o cenário muda, se se quer decidir bem. Agora, quando dou a minha palavra, cumpro-a, enfatizou o europeu.

- Interessam-me mais as coisas ditadas pelos atores que as ditadas pelos cenários porque eu escolho sempre os atores e raramente os cenários. Mas pensa que talvez não tenha dificuldade em mudar uma decisão que se revele errada, mas não posso aceitar que na fase de debate nos prives da tua opinião, para que ela surja

em crise às cinco para a meia-noite. Continua a cumprir tua palavra quando a dás, mas gostava que desses a tua palavra mais vezes.

Luca olhou para ele e não respondeu. Andrew estava a cerca de um metro e quinhentos anos de distância de si.

- O Rover? mudou de assunto Luca.

- Vamos buscá-lo amanhã de manhã, disse-lhe o vice-presidente.

Luca agradecia que ele não tivesse abordado o assunto da mudança das baterias por outras mais leves. Mas antes de mais sentia-se feliz consigo próprio. Doze semanas de leitura e conseguira falar com o vice-presidente de igual para igual. Se calhar saía aos seus pais biológicos, aos seus pais dos livros. Prometeu frequentar uma universidade se um dia a vida lho permitisse.

Luca e Steven saíram e trouxeram o cabo. Amarraram-no e o Rover foi tracionado até à plataforma. O GPS foi desligado, pois ainda não existiam satélites GPS em Ganimedes.

Na reunião de brainstorm, Andrew pediu planos de ação. Steven Boyd perguntou se Andrew tinha avisado as pessoas da sua descoberta da avaria pré-programada do Rover. Andrew disse que estava a rever os dados e que essa conclusão tinha de ser validada. *“Valida então também um detalhe: no video as horas dos relógios de pulso do Professor Crane e do Senador Tyrell Hendriks eram a mesma, mas a de Emílio Cardoso era outra. A intervenção do Presidente não foi em directo - era uma gravação”*. *“Vamos rever isso Steve”*, disse o Vice-Presidente que de seguida instou Luca a falar. Luca propôs que saísse sozinho com o carro para bater o terreno até às naves logísticas e contactar os voluntários sobreviventes. De início todos preferiram que fossem dois elementos, até porque não se sabe como iriam reagir os outros colonos que tivessem sobrevivido, mas Luca argumentou que a segurança no contacto com os voluntários dependia exatamente dele, pois mais ninguém ali tinha treino de combate. Referiu com brevidade a sua passagem pelo Karaté, Boxe e MMA. Para além disso o risco principal da missão não eram os outros colonos que deviam estar desejosos de se encontrarem com eles, era uma avaria do Rover e, nesse caso, as reservas de energia e oxigénio que permitiriam o regresso ou o socorro, suportariam pior duas pessoas que uma. O plano foi aprovado dessa maneira.

Nesse dia seguinte saiu com o veículo de exploração. Em vez do flexível fato ligeiro, levou um standard que com as baterias e balas triplas era pesado. Sentia ansiedade em relação ao que iria encontrar. Haveria sobreviventes? Porque nunca tinham respondido às tentativas de contacto feitas pela nave branca? Teriam eles um Rover capaz de circular no frio profundo de Ganimedes? Se era assim porque nunca

tinham vindo visitá-los?

A escuridão era absoluta e o céu bonito – apesar de ficar um pouco aquém das descrições fantasiosas que se ouviam do espaço. Naquela noite via-se bem Júpiter e era gigantesco. Dos óculos da nave não se percebia a coisa tão bem – Júpiter, visto de Ganimedes, era um gigante. Os faróis do Rover tinham um alcance inusitado e em breve as naves logísticas viram-se no horizonte. Àquela temperatura o jipe deslocava-se a uma velocidade de oito quilómetros por hora no solo plano, com a camada de gelo sobre a qual o rodado do jipe deixava as suas marcas. Um planeta virgem recebia a humanidade.

A imensidão recordava-lhe a sua travessia atlântica. Mas lá era uma imensidão habitada pela tormenta e aqui era a imensidão imóvel, suspensa como uma fotografia antiga encontrada numa casa desabitada e tão silenciosa quanto ela. O único ruído de Ganimedes era a sua própria respiração. Parecia até que ouvia o sangue pulsar nas fronteiras e nos ouvidos como se fosse ao mesmo tempo ator e espectador de si próprio. Ele, como espectador, via-se como ator a representar o enredo da sua vida, num quadro cénico de irreabilidade palpável. A partir de dois terços do caminho os binóculos de fotodeteção múltipla, mostravam as naves aquecidas e próximas umas das outras. Tinham viajado milhões e milhões de quilómetros e cometido todas o mesmo erro em relação à abóbada, mas um erro cometido com enorme precisão. Exatidão nível zero; precisão nível vinte, como diria o seu amigo Pierre.

O seu amigo Pierre... era a primeira vez que pensava nele nesses termos. O nome Pierre fazia soar a tecla de amigo no piano do seu peito. Percorreu mentalmente todos os sete refugiados da nave branca. Andrew, amigo. Sofia, amiga. Mariah, amiga. Steven, companheiro. Companheiro? Recordou-o novamente e o piano interno tocava a nota companheiro. Esforçou-se para que saísse um tom de amigo, mas nada. Larissa e Caroline também companheiras. Seria este cisma definitivo ou estariam, um a um, a migrar de companheiros de tragédia para amigos de jornada, à medida que o tempo prosseguia o seu caminho?

Tinha tido de se afastar deles para sentir a amizade. Percebia agora o que tinha visto nos olhos gelados de Caroline, quando ela saiu do fato a menos dez graus: A alegria de voltar a casa. Ele já não queria a liberdade da imensidão, queria o calor do lar da nave polar branca. Lar? Recebia com estranheza os seus sentimentos e com mais estranheza as palavras que vestiam esses sentimentos. Mas sentia também a memória do aconchego do casulo quente, com os seus óculos iluminados e o refúgio que oferecia do vento vácuo daquela terra de ninguém. O polo sul de Ganimedes era tão inóspito que transformava qualquer guarita metálica numa cabana romanticamente protetora, uma prisão de onde quase não podiam sair, numa cidadela hospitaleira onde sonhavam chegar, tal era a densidade antivital desse vácuo.

Percorreu as suas vivências prévias àquilo tudo, procurando que tecla tocariam

as pessoas que deixara noutra vida e não apareceu ninguém. Esquadrinhou a sua memória, de norte a sul e de leste a oeste, e não encontrou nada a não ser o presente. O espaço cósmico não era o vazio no sentido da ausência de preenchimento, não era o nada por confronto com as coisas e muito menos era o estar-se sozinho para sermos nós próprios. Era um estar-se só afastado de nós próprios. Era o vazio, como um antimundo, um nada palpável, vigilante e ameaçador.

Um isolamento absoluto, em que vemos os nossos passos e ouvimos a nossa respiração como que projetados numa tela branca de cinema, mas nos vamos afastando dessa tela. Eu a divorciar-me do meu corpo salpicado de platina. Prisioneiro num plano branco glacial, na ausência dum horizonte, duma irregularidade, duma imperfeição. Um bisturi ácido, que numa só hora de viagem, vivissecava a sua memória, reduzida ao presente, sem lembrança da vida passada nem esperança de vida futura, numa autópsia sofrida sem a anestesia da morte.

A Terra era a terra prometida e o Éter Cósmico era o inferno dos ostracizados, já não só dos outros, mas de si mesmos.

O mundo e a alma são duas partes da mesma coisa e é por isso que se lacrimejarmos sentimo-nos um pouco como se chorássemos, se gargalharmos sentimo-nos um pouco como se ríssemos e se formos confundidos com uma estrela famosa, por momentos somos uma estrela. Sem o mundo sensível, sem a aferência que traz notícias tangíveis, dos odores, dos sons, do calor ou do frio, da cor ou das formas, das superfícies que tateamos, das sensações internas do nosso corpo, sem nada disso, ficamos à deriva, como um balão perdido dentro de nós próprios. Sem a ancoragem ao mundo, roídas que iam sendo as cordas dos sentidos que tinham fundeado a sua alma no porto da sua carne, acordavam ideias desconexas, memórias mal vindas, ilusões vívidas, temores sem causa, tempo sem horas. Escorregava a passos largos para os braços da loucura, abandonado no limbo, na desesperança de que haja fim e no esquecimento de que tivesse havido alguma vez princípio.

Queria voltar à nave mãe que o deserto gelado transformara no seu porto de abrigo. Mas antes, mesmo rangendo os dentes, expulsaria a loucura e cumpriria a tarefa a que se propusera. Contactaria o grupo de voluntários, trazendo hidrogénio a bem se possível, a mal se necessário.

As naves logísticas eram enormes, dez vezes maiores que a deles. Eram cinza escuro e não tinham qualquer abertura para o exterior, um janelo que fosse. Os outros colonos teriam vindo nessas naves? Ou não haveria mais ninguém? O seu impacto no solo era visível, pois este tinha cedido de tal forma que a nave mais afastada estava inclinada como a torre de Pizza e havia uma fratura em socalto do

chão onde pousara. A amartagem não devia ter sido pera doce. Tinham três foguetões de reposicionamento que se estendiam quase do chão, perto dos pés que as firmavam e se prolongavam até mais de metade da altura da nave. O Rover tinha demorado uma hora e meia de viagem para lá chegar. Afinal estavam a doze quilómetros.

A seguir às naves surgia a alta encosta, tão branca como o chão da planície. Quinhentos metros ao lado e tinham-se destruído todas. Não viu nenhuma nave com aspeto de ser tripulada.

Chegado às cápsulas, filmou-as não só com a câmara que tinha no capacete e que transmitia o que ele via para o comando, mas também com a câmara de espectro alargado que capturava para além da luz, radiações não visíveis. Decidiu circular entre elas com o veículo para registar imagens em trezentos e sessenta graus.

Três estavam muito próximas e uma, a Torre de Pizza, mais além. Da nave tripulada nem sombra. Onde estaria?

Viam-se as plataformas de acesso às logísticas impecavelmente conservadas. Não tinha aspeto de terem sido nunca abertas por ninguém.

Saiu do Rover, desconectou a tubuladura de oxigénio e os cabos de energia. Dirigiu-se à entrada da primeira nave e acionou a plataforma elevatória de acesso. Subiu um pouco e depois testou o sistema de abertura com o feixe laser da face externa do punho. A porta abriu-se. Lá dentro uma câmara de pressurização e a leitura de uma temperatura interna de cinco graus negativos. Ouviu então a voz do vice-presidente Andrew.

- OK Luca, missão cumprida. Para teu sossego informo-te que não concordo que houvesse uma avaria pré-programada no Rover e a hora do relógio de pulso do presidente durante a sua intervenção televisiva era compatível com um discurso em direto. Steven enganou-se. Testa a abertura das outras.

Apetecia-lhe entrar de imediato mas a ordem fora clara. Estranhamente Andrew não dissera uma palavra sobre a inexistência da nave dos voluntários nas redondezas.

- Vou prosseguir, disse Luca. Como viram não se avista qualquer nave com aspeto semelhante à nossa.

- Pois não, respondeu Andrew. Parece que estamos sozinhos.

A segunda nave era uma réplica da primeira, mas a terceira era diferente pois em vez de uma pirâmide cónica era cilíndrica. Subiu para a plataforma e viu que a porta tinha o símbolo de risco radioativo – era o gerador nuclear pesado.

A quarta que, mais distante, estava inclinada era também cónica. Do alto da plataforma, via que a outra nave não estava apenas inclinada. Tinha aberto uma espécie de comporta e via-se equipamento interno. O chão estava visivelmente fraturado no último terço da distancia entre as duas naves.

-OK, comando, estão a ver o defeito no solo? OK, comando. Comunico.

Silêncio. Testou o sinal e viu que estava sem sinal. A nave nuclear bloqueava as comunicações. Tinha de descer para saber se ia conferir o estado da nave inclinada. Pegou na câmara de espectro alargado e filmou a nave à distância. Desceu até ao Rover e confirmou que estava sem sinal pois estava em conjugação com a nave nuclear que se interpunha entre si e a nave polar. Observou a nave cónica com os binóculos e viu que um alçado com paliçadas de exosqueletos estava em posição de abertura parcial: tinha rodado talvez setenta graus. A nave não estava partida, mas tinha-se ativado o sistema de abertura. Ou alguém o tinha ativado. Talvez os outros colonos. Não era certo que se conseguisse fechar. Talvez a sua carga estivesse perdida se não pudesse ser exposta ao frio extremo ou se caísse caso a inclinação da nave piorasse..

Decidiu aproximar-se com o todo-o-terreno, com a prudência de, antes, fixar o fino cabo de tração traseiro à nave nuclear. Como o cabo traseiro tinha seiscentos metros, dava e sobrava para se aproximar da outra nave. Conduziu até cerca de duzentos metros dela. Os exosqueletos eram de vários tipos mas todos duma perfeição lapidar. Seriam mouros de trabalho. Apesar da falha no solo que condicionava um degrau, este era plano e só muito próximo da nave passava a ser em declive. Saiu do Rover e fixou o cabo de tração dianteira do veículo ao seu fato. Permitia trezentos metros de alcance, mais que suficiente. Ia aproximar-se e colher uma amostra do gelo que cedera para perceber porquê e, em seguida, tentar perceber o que acontecera com a logística, se era habitada e talvez encerrar o alçado aberto, salvando a carga.

Adiantou-se não mais de trinta metros depois da falha em socalco e decidiu colher a primeira amostra do gelo em profundidade. Colocou a vareta oca auto rotativa e programou-a para perfurar vinte metros, mas não tinha atingido ainda os sete quando o chão tremeu.

O local não era seguro. Precipitou-se para o carro. Mais valia deixar ir a nave de carga e esquecer a vareta. O principal era o hidrogénio para as baterias da nave polar. Regressou por isso para dentro do Rover e fez marcha atrás rapidamente. Mas antes de conseguir chegar ao Rover, o chão cedeu e ele caiu no vazio uns trinta metros ficando a balançar preso ao jipe pelo cabo de tração.

Parecia o livro de Cliff Burton Richard balouçando na cozinha do velho carvoeiro.

Capítulo 16

O Mistério vindo do Passado

A viseira do capacete estava estalada em estrela. Tinha batido com a cabeça na pedaleira lateral do Rover e com as baterias não sabia onde. Olhou para cima: caíam pedaços de gelo a enorme velocidade em direção ao solo como que atraídos por uma estranha força magnética e uma das seis rodas do jipe estava suspensa no ar. O seu coração rodava a cento e vinte à hora. Temia que a racha da viseira levasse a uma despressurização do fato ou que a vibração soltasse platina no seu organismo. Na verdade, o planeta que ele habitava não era Ganimedes, mas o interior do fato espacial. Só aí havia pressão, oxigênio e temperatura à dimensão humana. Na Terra essas eram coisas certas, não valiam nada, mas ali eram um oásis e ele vivia dentro desse oásis. O veículo parecia estável, apesar de tudo, e a carga das baterias mantinha-se boa. Tinha de subir, pois temia que o solo cedesse e o Rover caísse. Olhou para baixo para registrar a imagem, mas tinha ficado sem câmara frontal. Era uma gruta gigantesca. No passado Ganimedes devia ter tido água líquida, talvez devido a atividade vulcânica e Luca percebeu que há milhões de anos os veios subterrâneos que vinham da montanha tinham escavado a gruta. Só não percebia o que aspirava os torrões brancos congelados para a queda acelerada.

Tocou no botão para acionar a subida mas ele estava encravado. Lembrou-se que tudo era redundante naqueles sistemas e acionou o botão com o feixe laser. Caraças, tinha ligado o botão de descida rápida e caiu outros trinta metros. Soltaram-se mais pedaços de gelo que se mergulharam a pique no abismo, mas o Rover não se mexeu um milímetro. *“Ufa. Está preso à nave nuclear, reviu”*. Sentiu-se estúpido pois tinha cometido um erro, como a Caroline, mas a ideia de atracar o Rover à nave nuclear fora boa. Era isso que ele queria explicar ao Andrew - as pessoas certas para as missões certas. *“Muito bem”*, ia subir. Olhou para baixo uma última vez e não viu nada de especial para além do soldado que guardava a gruta.

- O soldado?!

Observou melhor: Era um jogo de sombras tão perfeito que enganava. *“Que azar não ter a câmara. É mesmo enganador”*. Felizmente tinha uma visão excecional e não se deixava lograr pela primeira ilusão no escuro. Ativou o botão de subida até ao carro. Chegado lá em cima foi preciso uma força descomunal para conseguir trepar. Subiu para o Rover e atravessou-o até descer pela parte traseira. Estava exausto, suava. Baixou a temperatura do fato para quinze graus. Positivos.

Afastou-se cinquenta metros do veículo e desprende o cabo do seu fato antes de acionar a tração do cabo traseiro que atracava o jipe a um dos pés da nave. Acionou-a lentamente e o Rover foi puxado progressivamente. Saltou para dentro do veículo e pensou que outro tripulante no seu lugar não tinha escapado. Talvez o Andrew ou a Sofia, que eram mais atléticos, tivessem conseguido trepar o capota do jipe. Provavelmente nem eles.

A imagem das sombras, com a ilusão do soldado, de espingarda ao ombro, guardando a entrada da gruta em Ganimedes, na periferia de Júpiter, voltou-lhe ao espírito. Não regressaria ali pois a nave logística dos exosqueletos tinha-se afundado mais uns bons três metros. Estava perdida.

“*Estúpido, estúpido*”, repetia para si próprio enquanto fixava outra vez o cabo dianteiro do jipe no fato e retornava na direção do precipício que se abria para a caverna. Mas tinha de ir ver. Tinha de ter a certeza absoluta que era uma ilusão. Não que achasse que era possível, com uma pressão exterior incompatível com tudo, com cento e noventa graus de temperatura negativa, que estivesse um sentinela a vigiar uma cave a centenas de milhões de quilómetros da Terra. Já fora tido por bobo pela polícia de dois países, mas um soldado, um feijão verde, a guardar um veio subterrâneo no deserto gelado de Ganimedes, já só se no Olimpo os deuses se tivessem reunido de propósito para esculachar o histrião. Sim, era uma falsa imagem, construída com 99,9 por cento de probabilidade. Mas ele precisava dos cem por cento vírgula zero. Caso contrário, o cancro da dúvida corroê-lo-ia para sempre. Desculpa Sofia, desculpa Andrew, desculpem todos, prometo não vos contar a verdade para vos proteger de mim, jurou, enquanto olhava para o sinal de rádio apagado, bloqueado pela nave nuclear.

Caminhou cuidadosamente até à borda da entrada superior da gruta, deitou-se no chão de gelo seco e espreitou pela margem da chaminé lá para baixo. Ligou os projetores mas nada era claro. Levantou-se lentamente. Conferiu as baterias e o oxigénio. Ia descer. Ainda parou a meio da descida. Cento e cinquenta e cinco graus negativos. A descida foi de pouco mais de cem metros até ao solo rochoso. A temperatura registava cento e trinta graus negativos. Olhou para o soldado que estava à entrada do veio norte e não o viu. Foi-se embora disse para si próprio. Vivia das sombra e reflexos da sua lanterna e tinha desaparecido tão depressa como aparecera. “*Muito bem, eu precisava desta certeza rapazes*”. Olhou para cima.

-Vou voltar, disse.

Mas não voltou. Ainda iniciou a subida, tracionado pelo cabo, mas no seu cérebro o vórtex das hipóteses não parava: e se o soldado Ganimediano tivesse fugido dele? E se fosse um dos colonos desaparecidos e se tivesse assustado? Ele estava de arma ao ombro e sem fato espacial - e se tivesse fugido do frio? brincou

consigo mesmo Parou. Balouçava a setenta metros do solo da gruta. *“Porque é que lá em cima estão duzentos graus negativos, a meio da viagem cento e cinquenta e no chão da formação rochosa cento e trinta? Onde vem o calor?”*

Desceu de novo. Tinha de ter a certeza que não havia gente debaixo do chão, colonos ou outros, em grutas, na vizinhança de Júpiter. Soltou o cabo e garantiu que ele ficava seguro no solo. Era o seu passaporte de retorno. Aqui já circulou água no passado, pensou, olhando para uma pedra rolada enquanto ia para a entrada do veio norte da gruta. Talvez nem desse para passar pela entrada do filão estreito da gruta. Não ia correr o risco de rasgar o fato e morrer com a descompressão.

* * *

Quando chegou, viu que estava com sorte pois a porta estava aberta. *“A porta?”* O seu coração batia duzentas vezes por minuto. *“Está aqui uma porta. Uma porta! Vou voltar para lhes dizer”*, recuou atabalhoadamente dez passos. *“Para lhes dizer o quê?”* parou. *“Que no caminho descobri que a Terra é o Paraíso, o Espaço é o Inferno, o soldado fugiu e a porta da caverna em Ganimedes estava aberta?”*

Regressou à porta. Agora a luz da sua lanterna nas rochas projetava uma sombra idêntica à de um soldado na parede. Era a mesma imagem que tinha visto de outro ângulo. O soldado não existia, mas a porta era uma porta, sem margem para dúvidas. Um artefacto feito por alguém inteligente. Era palpável, era real. Não estava a ter alucinações. Transpô-la e avançou por um veio com estalactites e estalagmites, mas sem vestígio de água em qualquer estado. O sensor de temperatura marcava agora cento e dez graus negativos. *“Onde vem o calor?”* repetia. Continuou durante cerca de cento e cinquenta metros, tendo cuidado para não lacerar o fato. No fim encontrou uma nova porta. Empurrou-a, mas ela não cedeu. Pegou na picareta de titânio que trazia no fato para colher amostras e usou-a para elevar a porta como se fosse um pé de cabra. Não foi fácil. Caiu alguma ferrugem. Voltou a empurrá-la, ela abriu-se e ele acedeu a um vasto espaço.

“O que é isto?”

No interior de um hangar de dimensões titânicas, com talvez quinhentos metros, por oitenta de altura e noventa de largura, dezenas de enormes blocos de gelo transparente tinham no seu interior, em formação cerrada, soldados congelados. Eram blocos mal arrumados sobre outros blocos, uma coisa abissal: estava ali um exército inteiro. Olhou para o rosto dos homens congelados. Não eram estátuas, eram pessoas. Com a exceção dos oficiais e sargentos, a sua idade variaria entre os dezoito e os vinte anos se se atendessem à pele, mas seriam mais velhos se valorizássemos a expressão empedernida. O hangar era uma formação natural que

sofrera a intervenção de alguém. No teto, num canto, a cobertura tinha cedido parcialmente – era a nave logística a afundar-se. Ligou as saídas de som para o exterior e gritou “*Ei, ei*”. Apenas um leve eco se ouviu, quase nada. “*Sou um colono da nave polar, vinda da Terra. Está aqui alguém?*” A baixa pressão atmosférica em Ganimedes garantia silêncio. O sensor de temperatura marcava noventa graus negativos. Um forno. “*Quem o ligara? Seria já o reator nuclear externo?*”

Escrutinou como olhar a esmagadora nave central daquela catedral fantasmagórica, até encontrar, na outra extremidade, uma comporta de grandes dimensões. Tentou abri-la mas era de todo impossível.

No capacete os sensores de carga indicavam descida das baterias para os níveis de reserva. Diabo, as malditas pilhas estavam disfuncionais com a pancada. Tinha de voltar ou morreria congelado. Baixou a temperatura do fato para cinco graus e iniciou o caminho de regresso tão rápido quanto possível. Quando chegou ao local onde deixara o cabo encontrou-o no mesmíssimo lugar. Engatou o cabo no fato e iniciou a ascensão, ao mesmo tempo que o cabo começava a repor a carga do fato; mas a meio do trajeto o cabo parou. “*Corte de energia*” piscava o sensor. “*Qual falta de energia? A energia do cabo vem do Rover e dá para dias*”. Ligou a bateria do fato ao cabo para proceder à alimentação a partir da sua própria bateria e desligou o aquecimento do fato. O cabo, em modo de alimentação externa, subiu lentamente cerca de quarenta metros e a temperatura desceu até aos quinze graus negativos nesses minutos. Depois voltou a parar. Estava a cinco metros da superfície. Tentou subir a pulso mas não tinha força. Não podia largar as balas de oxigénio como tinha feito Caroline porque morreria sem oxigénio antes de chegar ao jipe. Os seus músculos começavam a ter dificuldade em cumprir as ordens que o seu cérebro lhes dava. Abriu o software da tração do jipe e viu que estava ativada a função de transporte humano em segurança. Provavelmente o sistema tinha detetado o alto atrito do cabo com a rocha, na abertura superior da caverna e cortado a energia para proteger o astronauta do risco de rasgadura do fato na chaminé. Desligou-a e voltou a acionar a ascensão na forma manual de carga não sensível de novo a partir do Rover. Entretanto a temperatura interior do seu escafandro tinha descido para os vinte e dois graus negativos, mas a carga estava a ser repostada a partir do cabo. Redefiniu a temperatura para quinze graus positivos. O rotor do Rover trouxe-o para cima rapidamente e na transição do poço de acesso à gruta para o solo conseguiu proteger-se do embate com o antebraço direito protegido pelo cabo da picareta de titânio. Rezou para que o fato não se rasgasse à medida que era arrastado no gelo em direção ao jipe. A temperatura ainda atingiu os cinco graus positivos, mas depois a bateria morreu. Com a fricção deviam ter-se cortado os fios que traziam a eletricidade do Rover para o fato. Quando chocou contra a frente do Rover, a bola de gelo que se acumulara antes de si desfez-se, mas dentro do fato

estavam menos trinta e cinco graus e a viseira estava mais riscada. Estava caído em frente ao capot e os músculos não lhe obedeciam. Via mal através do capacete. Apareceram na sua mente as imagens do cadáver do Quiroga desfeito no frigorífico da sala de autópsias e Luca gritou “não, não, hoje não”. Num último assomo de energia explosiva levantou-se e atirou-se para o carro ganimediano. Embateu na lateral direita e caiu no chão. Via o cabo de alimentação dependurado. Quarenta graus abaixo de zero. Não conseguia falar e estava paralisado. Os olhos estavam presos numa carapaça de lágrimas congeladas. Fixou, antes de adormecer, os baços olhos no cabo e arrancou balisticamente o polícia que dormia ao volante pela janela do carro, uma vez mais. Esvaiu-se.

Acendeu-se uma hora depois com o barulho do alarme da falta oxigénio na primeira garrafa. A temperatura do fato era de quinze graus positivos. A alimentação estava ligada apesar do encaixe ser imperfeito. Sentia frio, mas agora os seus membros já obedeciam, apesar de trêpegos. Arrastou-se para o jipe. Sentou-se e conectou todos os cabos e tubos. Subiu o alvo da temperatura para vinte e dois graus e readormeceu.

- “*Luca responde. Se estás a ouvir, responde*”. Andrew chamava-o incessantemente. O comando tinha redefinido a frequência das comunicações e na posição onde estava já os ouvia.

Depois apareceu a voz da Sofia:

- Luca acorda. Mexe-te. Responde.
- Olá Sofia, respondeu o Luca, ouvindo do outro lado gritos de alegria.
- Que se passa, onde estás que não te detetamos?
- Estou na zona das naves logísticas, parcialmente bloqueado pela nave que tem o reator nuclear, a doze quilómetros de vocês. É inacreditável o que eu descobri: Não fomos os primeiros a chegar a Ganimedes, Andrew. O planeta é habitado e não é há pouco tempo.

Capítulo 17

Azul

- O que dizes, Luca? Repete, pediu Andrew. O sinal é mau, não ouvi.

- Há novidades Andrew. Novidades que mudam tudo. Já falamos.

- Põe-te a caminho porque estás fora há mais de sete horas e tememos pela viabilidade do Rover.

A viagem de regresso demorou um pouco menos de uma hora e meia. O Rover tinha-se portado bem e ambos entraram em segurança na rampa da nave. Andrew deu-lhe uma hora para se recompor, enquanto eles estudavam os dados do fato e do Rover. Tomou um banho quente, enquanto imaginava como seria o curso das coisas se houvesse outro astronauta português naquela nave. Esperar uma hora para ele se recompor, como tinham feito com a Caroline, eis uma coisa que não iria acontecer. Talvez esperassem um segundo ou dois. Ali parecia que era mais ele que queria contar o que sabia do que os outros queriam ouvir. Surreal, pensou. Nunca aprenderei a sentir a vida assim. Tomou um grama de paracetamol. Serviram-lhe uma iguaria que estava escondida no fundo da despensa: Café e pão com sardinhas e no fim seis cerejas do Fundão. Como a quase totalidade dos alimentos eram uma espécie de pudins gasificados, aquela amostra de comida verdadeira pareceu-lhe divinal. Uma das coisas que os atraía era saberem que nas naves logísticas haveriam alimentos que não eram os batidos, os purés e pudins que a nave polar branca tinha para oferecer.

Luca descreveu o que encontrara. Lembrava-se de quase tudo apesar do choque térmico. Não tinha dúvida que os guerreiros que vira não eram estatuetas, uma versão Ganimediana do exército chinês de terracota. Eram pessoas congeladas, sem nenhum aspeto alienígena. Eram todos de ascendência europeia, do sexo masculino e estavam fardados com roupa militar de Inverno, de aspecto retro. Anos sessenta ou cinquenta, não sabia. Não tinha retido símbolos ou bandeiras. Todo o cenário era onírico, na escuridão, com a luz da sua lanterna a acender o gelo no meio da noite ganimediana. Não podia negar que fossem americanos, mas não vira negros – eram brancos, todos ou pelo menos os que vira. Se tivesse de apostar diria que eram russos. Quantos aos colonos nem sombra deles.

A verdade não os surpreendia - atropelava-os. Alguém já se tinha instalado em Ganimedes de armas e bagagens há muito tempo. Ou não passaria aquilo tudo duma alucinação provocada pelo frio?

Podia ser. Os fatos não tinham gravações de imagem, mas tinham registos de

altitude, de temperatura e dos botões / comandos ativados. Tudo batia certo com a história do Luca. Ele tinha descido abaixo da superfície e a temperatura tinha subido no exterior do fato. A picareta de liga de titânio tinha sido usada. Os rotores de enrolamento dos cabos tinham sido usados.

O Rover tinha-se portado muito bem. Tinham, depois desta incursão, mais confiança no veículo e os parâmetros de operação manual foram otimizados. Andrew desenhou um programa de modo crise que facilitava as coisas. Todos queriam saber o que havia na caverna, mas o prioritário era a sua sobrevivência e essa estava dependente de arranjar energia.

Carregaram o Rover com material de expedição prolongada e enviaram-no por autodrives para o local da paragem junto à primeira nave logística, onde funcionou na perfeição o programa de descarregamento automático. Fizeram um segundo envio com o mesmo propósito.

Os fatos robustos, de sobrevivência de longa duração, tinham menos mobilidade pois não seguiam a filosofia de segunda pele, e usavam mais energia pois havia vários elementos de servo controle. Uma característica dos fatos era a sua resistência às radiações.

- Cada fato destes é uma mini nave espacial, confirmara Steven.

Tinham um revestimento interno de compressão pneumática alternada que almofadava o fato como um colchão antiescaras, para dormirem dentro dos fatos. Os sistemas de controlo da humidade, de limpeza da pele por sonicação de superfície e a depuração de moléculas voláteis era de ficção científica. Uma vez a Caroline tinha decidido vestir um fato robusto em vez de tomar banho e proclamava que era o melhor SPA onde já tinha estado. Era inesperadamente confortável estar despida dentro do fato e ela disse que achava sexy imaginar toda a gente nua dentro dos fatos.

- Todos nus dentro do teu fato Caroline? fingiu espantar-se Sofia.

- Isso é um convite? quis saber Pierre.

- Porque no te callas, devolveu-lhe Caroline.

Tinha entrado suja e suada e tinha saído limpa e perfumada. Não percebia sequer porque é que mantinham o banho com aquele sistema de limpeza a seco espetacular.

Por causa do preço, explicara-lhe o Vice-Presidente Andrew. Cada fato custa dez milhões de dólares e o sistema de manutenção da integridade cutânea é responsável por dois milhões. É bom que os poupes. Tinham um sistema de alimentação líquida carregável a partir de garrafas no exterior com auto limpeza dos canais. O problema das saídas muito prolongadas era a bexiga e, principalmente, os intestinos. Por limpeza intestinal, seguida de obstipantes, que fizessem, tinham sempre de levar os sistemas de drenagem perineal em saídas superiores a dois dias.

Já sabiam que aqueles dispositivos não duravam meses e esperavam que funcionassem melhor durante períodos mais curtos.

Foram seis preparados para uma sortida de uma semana. Na nave ficaram o Steven e a Larissa. O Rover tinha um modo de dois lugares e um modo de seis lugares, indo a carga pesada em espaços laterais traseiros, “à bolina”. Era uma lagarta articulada de seis rodas em que, dados os giroscópios, cada par de rodas se equilibrava independentemente. Chegados à primeira nave entraram e descobriram logo as balas de hidrogénio. Carregaram as balas na lagarta ganimediana e enviaram-na de volta à nave mãe, por autodrive, onde descarregou as botijas. Perfeito.

A descida para a gruta foi feita pelo Luca, a Sofia e o Andrew, depois de pousarem baterias, oxigénio, alimentos e ferramentas, incluindo um computador portátil robusto, no chão da gruta. Pela primeira vez Luca levou consigo as ferramentas específicas da sua missão: armas. Camuflaram parte do depósito logístico com a cobertura de invisibilidade Camaleão, de segunda geração. Funcionava muito bem. Comunicaram à superfície a localização do depósito pois quem não soubesse onde ela estava não o via.

Antes de avançarem, Andrew recordou Luca da razão de ser das suas armas: facilitar a sua fuga individual para a superfície. Não havia nenhuma possibilidade de, em caso de confronto, eles sobreviverem a alienígenas inteligentes na terra deles: seria tiro, descompressão, morte. Se surgisse um conflito, Andrew e Sofia eram descartáveis. Luca devia tentar atingir a superfície para defender a retirada de Pierre, Mariah e Caroline para a nave mãe que de seguida se ejetaria para realocização, mesmo sob a condição de Inverno, para perto doutra estação no equador, pilotada por Steven. Luca também era descartável.

Andrew ia à frente, seguido por Sofia a dez metros e Luca vinte metros atrás.

“São dois dos três génios de serviço”, pensou Luca. *“É uma decisão de qualidade duvidosa serem eles, dos mais brilhantes do grupo, os descartáveis. Fica só o Pierre se estes morrem”.* Mas a decisão fora tomada e ele não falara na fase de discussão. Agora, as regras eram cumprir a decisão. Fá-lo-ia sem hesitar um segundo. Eles eram descartáveis e seriam descartados. Isto se conseguisse abandonar a Sofia, o que se lhe afigurava tão provável como chegar um milímetro além do infinito. Se havia coisa que ele guardava do seu pai, era uma intolerância absoluta à agressão contra mulheres e crianças. Andrew não sabia isso, é claro, mas Luca morreria sempre, por mais irracional que fosse essa solução, se a sorte o colocasse entre uma ameaça e uma mulher.

Atingiram a porta. Fizeram várias leituras e obtiveram amostras. Quando no

laboratório o Steven as validou, carregaram o primeiro drone e lançaram-no. Parecia um desperdício gastar um dos dois drones com amostras de uma porta e de rochas da gruta, mas em caso de não regressarem podiam ajudar a equipa a perceber a natureza da ameaça. Era tecnologia humana em Ganimedes como parecia ou tecnologia desconhecida, alienígena até prova em contrário? Avançaram até à porta dianteira, cento e cinquenta metros à frente. Estava aberta como Luca a deixara. Era espantoso que o Luca a tivesse conseguido fazer ceder pois era uma porta estanque, selada, do tipo que se vê nos submarinos. Provavelmente teria um defeito de fabrico ou tinha sido anteriormente forçada de dentro para fora.

* * *

Quando entraram e ligaram os projetores não acreditaram nos seus olhos: milhares de soldados nazis das SS estavam congelados em colunas de blocos de gelo azulado, ultra transparente com cinco metros de largura, três de altura e cinquenta de comprimento em duas fiadas de homens por bloco, comandadas por um oficial e um sargento. As suas faces, a sua pose, a sua farda e as suas armas, não deixavam dúvidas ao sistema de reconhecimento de imagens históricas. Eram soldados alemães do tempo da segunda guerra mundial. Em Júpiter.

À frente encontraram um grupo que confirmou as suas suspeitas. Trezentos soldados espanhóis da Divisão Azul. A Divisão Azul que combatera ao lado dos alemães, muitos estoicamente, na frente russa. O sistema de reconhecimento garantiu: homens com o equipamento usado no cerco a Leninegrado. Andrew questionou Sofia sobre se era possível saber se estavam vivos ou se eram cadáveres preservados.

- Eles não estão vivos, o que não quer dizer que estejam mortos. Estão parados no meio desse cruzamento. A morte é definida pela sua irreversibilidade. Estão em animação suspensa. Podem evoluir para morte ou para a ressuscitação, explicou Sofia.

- E descongelá-los? questionou Andrew.

- Seria, em principio, matá-los. Não dominamos a técnica da descongelação / reaquecimento, disse Sofia.

- Ninguém investia esta fortuna para guardar milhares de cadáveres. Tem de haver uma maneira de os trazer de volta, comentou Andrew.

- Não sei se lhes convinha a eles e duvido que nos conviesse a nós, disse Luca. Ambos olharam para ele. De facto a sua discussão era académica.

- Vamos dar uma vista de olhos. Será que há alguma informação sobre a sua presença aqui e de como reverter mais tarde o processo? questionou Andrew.

Na gigantesca nave central da empolgante basílica não havia mais nada além dos blocos de gelo e seus habitantes silenciosos que esperavam, não se sabia por quem nem por quê. Sofia achou que seria bom colherem amostras do gelo para estudos mais detalhados na nave. A comporta com mais de catorze metros de altura e sete de largura que se encontrava no fim do hangar, estava selada. Não havia nenhum sistema de abertura pelo lado de dentro. Provavelmente só por fora, mas como é que se chegava ao lado de fora? Colheram amostras por corte a laser da porta gigantesca, da atmosfera e da parede rochosa da gruta. Fotografaram os rostos e as placas identificativas dos oficiais. Seguiu tudo no segundo drone.

A temperatura da gruta tinha descido e eles não encontraram nenhum sinal de qualquer sistema de aquecimento ativo. Eram as próprias paredes da gruta que eram mais quentes que a atmosfera e lentamente essas paredes estavam a arrefecer, perdendo calor para a superfície. Andrew convocou uma reunião de crise via videoconferência.

- O frio vem da superfície e está a desequilibrar o estado térmico anterior da caverna, disse Sofia, no início do brainstorm. Não é impossível que venha do gerador externo mas é improvável pois isto existe há muito tempo e o gerador nuclear externo chegou pouco antes de nós.

- É possível que as duas primeiras portas tenham sido abaladas por existir previamente uma pressão positiva na câmara do exército gelado, em relação à pressão da atmosfera, disse Steven.

- A questão é avisar ou não a Terra. Saímos de conjugação solar muito em breve, colocou na mesa Andrew.

- Porque não haveríamos de avisar? surpreendeu-se Caroline.

- Porque aquele tipo, o Hendriks, pelo que disse a Sofia, dedicava-se à congelação e descongelação de animais, relendo artigos e outros documentos alemães. Estes soldados são alemães. Ele pode optar pelo nosso sacrifício para obter informação sobre este processo ou até apenas para guardar segredo – disse Pierre.

- Será que esta tecnologia poderia salvar pessoas na Terra no caso do embate que se prevê? lançou Caroline.

- São muitos genes masculinos ... deixou cair Mariah.

- Tens razão, disse Pierre. Esses milhares de pessoas, caso nos enviassem mulheres congeladas, acelerariam o povoamento de Ganimedes, houvesse condições para lhes dar oxigénio, água e alimentos.

Enviar mulheres congeladas. A ideia era arrepiante. Mas talvez fizesse sentido numa mente como a de Hendriks.

-Também serviriam para colonizar Vénus daqui a quinhentos anos, se fossem descongeláveis quando lá chegassem, disse Andrew.

- Estes paralelepípedos encaixavam bem em foguetes espaciais, disse Luca.
Não avisariam a Terra.

Capítulo 18

Revelação

- Mas como é que os alemães puseram essas pessoas em Júpiter em 1943? perguntou por fim Larissa.

- E se tinham essa tecnologia porque é que perderam a guerra? cogitou Luca.

- É muita coincidência darmos com isto. Quem nos diz que foram os alemães que os enviaram? ponderou Sofia.

- Podem ter sido os Russos, disse Pierre. Podem ter descoberto os alemães congelados dentro da própria Rússia e terem-nos enviado para aqui para terem vantagem sobre nós no futuro, disse Pierre.

- Nesse caso porque não enviavam soldados Russos congelados? questionou Luca. Estes quando acordarem dificilmente irão estar do lado dos russos.

- Pode ser que o processo de congelação-descongelação os deixe amnésicos, imaginou Larissa.

- Podem tê-los encontrado após a segunda guerra mundial, descoberto ao longo dos anos como se descongelam, mas nunca terem dominado a técnica de congelamento propriamente dita, disse Mariah.

- A arte está principalmente no congelamento, confirmou Sofia, e trata-se de impedir que se formem cristais de água que rompam as membranas das células durante esse processo, pois aí quando se descongela as células rotas morrem. Não há solução conhecida para esse problema no ser humano. Nos raros animais congeláveis / descongeláveis há nichos de água em estado líquido mesmo abaixo de zero graus ou dá-se uma desidratação quase completa previamente.

- Quem nos garante que as naves de carga aterraram nesta zona por erro de posicionamento? - atirou Pierre.

- Como assim? perguntou Andrew.

- Se calhar o erro de aterragem foi o da nossa nave, as outras estão todas juntas e só a nossa está desgarrada, justificou o francês.

- Por onde andará a outra missão de colonos? questionou Larissa.

- A outra? Nós não somos colonos, afirmou em tom de certeza absoluta Luca. Mas ninguém lhe ligou.

- Não vejo colonos nenhuns, além de nós, disse Pierre.

- Eu não vejo nem os colonos nem a nave dos colonos, confirmou Larissa.

- Se não há ninguém além de nós e estão aqui congelados estes tipos, qual é a nossa

missão afinal de contas? questionou-se Sofia?

- Se tivessem sido os russos a enviar este exército talvez a nossa missão seja destruí-los, disse Pierre.

- Não somos voluntários, disse Mariah. Porque viríamos com tal missão?

- Nós somos colonos nenhuns, rematou Luca outra vez, mas os outros ignoraram-no novamente.

- Sim, não viemos voluntariamente e que a nossa escolha foi influenciada por motivos genéticos, é consistente com a intervenção do Crane e do Hendriks, disse Andrew. O puzzle nesse aspeto bate certo. Não estamos aqui apenas para limpar o sebo a esta divisão alemã, viemos para ficar e ter bebés como eles dizem.

- Temos cicatrizes típicas da recolha de óvulos, pelo menos em três de nós, acrescentou Larissa, fazendo referência ao facto que todas haviam reparado que Sofia não fora intervencionada.

- Eu também fui operada. Vocês não percebem, mas quando eu puder explico-vos, acrescentou Sofia.

- Desculpa se não comentei nada contigo Sofia, disse Mariah, mas não tens cicatrizes no mesmo local que nós.

- É possível que estejamos a ser influenciados por termos sido raptados, mas temos de retestar a hipótese da nossa missão aqui ser outra e não apenas a de colonizar este planeta, por extravagante que pareça, disse Andrew.

- Colonizar ... desdenhou em voz baixa Luca. Essa é boa. Colonizar.

- Talvez tenhamos já desencadeado o processo de destruição destes homens sem sabermos, só por termos entrado neste hangar, aventou Pierre.

- Temos de saber mais. Temos de recolher muito mais informação, concluiu Andrew.

Pierre, Caroline e Mariah desceram à gruta, levando mais ferramentas, após deixarem uma antena de retransmissão no solo. Estavam desejosos de ver com os seus próprios olhos o exército de gelo. Quando chegaram perceberam que a coisa ultrapassava o que haviam imaginado. Mariah fez uma festa não no rosto de Sofia pois não chegava lá, mas no capacete sobre o rosto. Devia ter tido a coragem de comungar junto da amiga, o pasmo de todas por ela não ter sido operada. Sofia esboçou um sorriso triste, mas piscou-lhe um olho com a cumplicidade de uma irmã. Depois Mariah olhou para Luca e Andrew e disse-lhes “*Olá Ganimedianos*”.

- É impossível estarem toneladas de alemães congelados aqui, Mariah, respondeu mal disposto Luca.

- Mas aqui nos encontramos, meu amigo, disse Pierre olhando a divisão militar glaceada. E suspeito que em breve teremos notícias do estudioso da experimentação médica alemã de 1940, a dar-nos instruções que esclarecerão tudo.

- Também tenho esse pressentimento, confessou Mariah. A verdade vai bater-

nos à porta com grande estrondo e vai vir pelo punho de Tyrell Hendriks.

- Quem nos disse que estamos em Júpiter? delirou Sofia.

- Ah, pois é ... disse Luca.

- Que dizes? estranhou Andrew, olhando para a Sofia.

- Continuas a ignorar o que eu digo? perguntou Luca dirigindo-se a Andrew.

- Quem nos garante que estamos em Ganimedes? repetiu Sofia tentando entender a sua própria pergunta.

- Estaríamos aonde? espantou-se Larissa.

- Olha viajamos no tempo e estamos na Sibéria em 1943, atirou Luca.

- Na Terra é que não é. É demasiado frio e não há atmosfera, disse Caroline.

- Mas é verdade que não estamos em Ganimedes, confirmou Steven Boyd, o geólogo que ficara com Larissa na nave. Acabei de receber a análise das rochas que me enviaram pelo drone. São totalmente incompatíveis com um planeta da orla exterior à cintura de asteroides.

- Estamos onde geólogo? inquiriu o Vice-Presidente.

- Marte. Estamos em Marte.

Silêncio.

- É por isso que o Rover deixava marcas no gelo. Aquilo não é só água gelada há uma eternidade, é gelo seco, dióxido de carbono no estado sólido. Existe em grande quantidade em Marte, disse Larissa em voz ciciada.

- E nem vestígios de dióxido de carbono há em Ganimedes, expirou Sofia.

- As pedras roladas, os veios subterrâneos, as estalagmites e estalactites exigiam rios a correr durante séculos. Nada que água derretida por um vulcão pudesse explicar. Fomos burros, concluiu Mariah.

- Desde o início a missão sempre foi Marte. A nave foi desenhada para Marte. Nunca ouvi nenhum cientista falar nessa fantasia de lançar toneladas de bactérias em Vénus e muito menos sementes e ovos cinco séculos depois, percebeu Sofia Suren.

- Há muita coisa por explicar. A história de Ganimedes foi-nos contada pelo próprio Presidente Cardoso. Faltam-nos dados. Temos de reunir mais informação antes de concluirmos que não estamos em Júpiter, concluiu Andrew.

- Ei, malta, venham ver isto, chamou Pierre, que se acercara da comporta que encerrava o enorme hangar. Parece um sistema de abertura por código.

Aproximaram-se. No chão Pierre levantara uma laje e descobrira um dispositivo com um teclado alfanumérico. Em baixo estava inscrita uma expressão complexa, ininteligível.

- É um código, disse Mariah.

- Não pode ser um código de entrada direta, avisou Andrew.

- Pois não. Temos de o traduzir através do código máquina do sistema enigma, apostou Pierre.

O sistema Enigma era o sistema de encriptação eletromecânica usado pela Alemanha durante a segunda guerra mundial. Ligaram ao Steven e à Larissa que procuraram no servidor informático o algoritmo do código Enigma alemão que os britânicos haviam decifrado. Exportaram o software para o portátil que o grupo da caverna tinha consigo e Andrew procedeu à descodificação. Quando desenscriptaram o código obtiveram três nomes alemães Eva, Klara e Edmund. Eles introduziram-nos no teclado, ouviram o arrancar de um motor e a comporta começou a mexer-se. Primeiro afastou-se da parede, com queda de pó e terra; depois abriu-se deslizando paralelamente à fachada da gruta. Os seis entraram numa câmara muito mais estreita e muito mais profunda, atravessada por uma ponte metálica. À esquerda e à direita, rasgados nas paredes da rocha viam-se socacos horizontais. Muitos estavam acima e, mais dramaticamente, em baixo, num tremendo poço. Eram varandas ou enormes prateleiras, preenchidas com cubos de gelo transparente e em cada um desses cubos uma mulher branca congelada quase nua. As mulheres teriam entre 17 e 20 anos talvez, à exceção de algumas um pouco mais velhas que se encontravam vestidas. À esquerda e à direita as varandas de pedra estendiam-se por mais de cinquenta andares ao longo de todo o hall.

“*Os genes femininos*”, pensaram.

Atravessaram o longo hall até uma nova comporta e aí uma vez mais um teclado no solo, sob uma laje, e o mesmo código Eva, Klara e Edmund. Introduziram-no e a comporta atrás deles fechou-se, para depois se abrir a enorme porta da frente. Avançaram ao longo de um corredor, com saídas de ar, ultrapassando duas portas de menores dimensões, todas seladas e todas com o mesmo código.

Estas não se abriam por um mecanismo motorizado, mas sim por uma roda. Eram portas de um cofre-forte inspiradas na engenharia naval submarina. Para se abrir uma, tinha-se de fechar a anterior. A certa altura perderam o sinal rádio, deixando de comunicar com a nave. Tentaram voltar atrás mas não encontraram nenhum mecanismo de libertação da abertura das portas no sentido contrário. Decidiram ir em frente e, após terem passado a terceira porta, e subido uma escada esculpida lateralmente num poço na rocha, venceram uma quarta e quando a começaram a abrir, soprou pó da escada pelas frinchas da porta, entrando na divisão que se adivinhava.

Era uma sala clássica de paredes estocadas e chão de madeira corrida que se iluminou à sua entrada. Na mobília austera predominava a madeira maciça. Vários quadros, escudos e brasões antigos decoravam as paredes e junto ao teto que era também de madeira, mas mais clara, observavam-se saídas de ar de vários tipos. O interruptor de luz estava à entrada da porta tinha-se ativado automaticamente. O termómetro registava noventa e cinco graus negativos, mais baixa que a das galerias

iniciais, e havia na parede direita um termóstato e medidores de pressão, oxigénio, dióxido de carbono e humidade, todos analógicos. À esquerda encontrava-se uma enorme águia metálica, pintada a negro, dourado e vermelho e pousada num promontório de pedra. Era simultaneamente assustadora e atrativa.

Depois de algum tempo a olharem a austera sala, passaram a porta para a galeria seguinte. Mas antes disso Luca apagou a luz e apontou os holofotes para a águia e viu pelo jogo de sombras que o promontório rochoso tinha uma escada esculpida. Voltou a ligar a luz e a escada desapareceu. Entre a forma das pedras e a pintura sobreposta a escada não se via, como se fosse um camaleão perfeito, não de cor, mas de formas. Luca subiu a custo os estreitos degraus com o fato espacial. Lá de cima via-se a ampla sala mas nada de mais. Voltou-se para trás e ficou em frente à cara da águia. De perto era tão perfeita e hipnotizante como de longe. Os olhos pareciam vivos, reais, como se o olhassem. Ficou-se a fitá-los e depois com dois dedos carregou neles simultaneamente. Ouviu-se um estrondo de queda e no pavimento abriu-se um pequeno compartimento. No seu interior um teclado Enigma.

Decifraram o novo código, MIL SÉCULOS e ouviram um mecanismo de abertura. A parede onde se encontravam os medidores analógicos de temperatura e outros parâmetros abriu-se e deu-se um rápido fluxo de ar ganimediano da sala para dentro duma vasta câmara metálica blindada de cor branca e baixa luminosidade. A pressão no interior da câmara era muito baixa, perto do vácuo. Lá dentro, no interior de uma massa paralelepipedica pentagonal azulada opalescente pela presença de micro bolhas de um gás não identificado estavam sentadas duas estátuas geladas.

* * *

A rocha de gelo tinha sido escavada até à zona central, mas não era possível identificar os dois indivíduos em animação suspensa. Estavam 125 graus negativos dentro da enorme arca frigorífica. O centro que estava esboroadado tinha faces anfractuosas, percebendo-se que não o gelo não tinha sido derretido nem submetido a corte por serra mecanizada. O generoso entalhe ia até um Braço com uma águia de menores dimensões, mas no resto idêntica, à que se via cá fora e a cruz suástica. Os olhos da águia tinham sido pressionados e estavam para dentro. Desde que tinham entrado no segundo hall daquela base subterrânea, não tinham pronunciado uma palavra mas todos pensaram o mesmo: o sarcófago gelado tinha sido violado e um qualquer tesouro fora roubado. Seria o livro com a descrição do método de aquecimento e reanimação dos corpos? Seria uma arma secreta? Seriam instruções para uma força que surgiria mais tarde? Uma mensagem testamentária? Uma revelação doutro tipo? O que quer que fosse interessara sobremaneira a alguém que já tomara posse do achado.

Tiveram que fechar a porta, voltando a carregar nos olhos da água gigante, para poderem continuar. Atravessaram mais seis portas tipo submarino com o mesmo mecanismo e na última, que se abria para dentro, foram cuspidos para o chão por um ciclone de vento que os lançou a mais de dez metros de distância. O fato de Sofia rasgou-se e ela recordou aterrorizada a descompressão na estufa em Violet Street. Mas não houve silvo nem ferver de saliva na boca. Só frio. Levantou-se e viu Luca de pé, com o capacete do fato espacial retirado. Respirava normalmente. Entraram na divisão seguinte e deram com um espetáculo de horror.

Um bunker cheio de corpos mumificados e esqueletos, alguns militares, mas a maioria vestida com batas brancas como se fossem cientistas ou médicos. Muitos tinham sido projetados pela corrente de ar que encheu o túnel donde eles vinham. Eram velhos. Retiraram os capacetes como o Luca e respiravam normalmente apesar da temperatura muito fria. Encontraram aposentos que revelavam que naquele bunker as pessoas tinham vivido uma vida relativamente confortável. Luca retirou o fato espacial e os seus dispositivos, ficando despido no frio com o corpo marinho de platina. Dirigiu-se a um armário, retirou roupa ligeira do seu tamanho e vestiu-a. Quando olhou para trás os outros estavam parados a olhar para ele, estrangeiro, nu, ao frio.

- Não precisamos dos fatos, disse Luca.

Andrew acenou com a cabeça em sentido de autorização e todos escolheram roupa quente alemã que vestiram, com resguardo, deixando os pesados fatos robustos para trás. Estava mesmo muito frio, apesar do Luca ter dificuldade em perceber esse facto simples.

- Temos sinal, descobriu Andrew olhando para o rádio. Nessa altura ouviu-se a voz de Steven *“a nave polar sofreu um forte abalo como se se afundasse em direção a um ramo da vossa gruta; todos os alarmes de movimento, temperatura e pressão dispararam”*. *“Estão a ouvir-me?”*, *“Estão a ouvir?”* *“Sim Steven”*, disse-lhe Andrew. *“A abóbada deve estar a ceder. Vais ter de arriscar levantar voo para reposicionamento equatorial, junto doutro dos grupos de colonos”*. *“E vocês?”* retorquiu Larissa. *“Estamos bem, encontrámos oxigénio”* respondeu Andrew. *“Tenho de ir pois o Steven está a iniciar a ignição dos foguetes”* ouviu-se Larissa Mayamba Lee. *“Esperemos que a cúpula não ofereça grande resistência à saída da nave”*. Silêncio de novo.

Estavam sozinhos no Bunker. Não havia regresso possível à nave polar.

- É escusado eles levantarem voo. Ou isto é uma alucinação coletiva e não está a acontecer ou quem nos mantém vivos mantê-los-á a eles também, sussurrou Luca.

- Cala-te, disse Sofia. Estás numa base espacial subterrânea, com câmaras de despressurização e múltiplos sistemas de regulação da atmosfera e da temperatura. Sim alguém a construiu, mas tu descobriste-a cedo demais e por mero acaso.

Ninguém toma conta de nós.

- Para Sofia, disse-lhe com voz baixa mas firme Andrew. Não há discussão racional quando nenhum de nós percebe nada do que está a acontecer. Vamos continuar.

Prosseguiram ao longo de várias portas que agora se abriam com outro código – as palavras OPERAÇÃO GLACIAR 1946. Sem as baterias dos fatos espaciais as lanternas perdiam rapidamente a carga. Deram com uma escada que após vários lances estava cimentada por cima. Era impossível progredir mais. Voltaram para trás e viram uma parede, num patamar, com rachas tão grandes que nelas cabia um dedo. Luca pegou na pequena picareta de titânio e começou a martelar a parede de alto a baixo. De início caíam apenas pequenos fragmentos, mas depois apareceu uma espécie de fibrocimento que se esboroou libertando pó. Cuidado, pode ter amianto, avisou Caroline. Taparam a boca e o nariz com a roupa à exceção de Caroline que entrou em apneia, pegou na picareta e acabou de abrir um buraco grande que chegasse para passarem. Estava escuro como breu porque as lanternas se apagaram. Não se via nada. Pierre entrou, tateando e disse-lhes deem-me a mão. Eles obedeceram instintivamente e Pierre avançou na cegueira completa assobiando baixinho.

- Estamos numa espécie de coletor de grandes dimensões, informou Pierre.
- Não cheira a água parada, disse Mariah.
- Está seco, esclareceu Pierre.
- Como é que sabes para onde vamos? perguntou Sofia.
- Pelo eco do assobio, não ouves? questionou Pierre.
- Sabes bem que só tu ouves, respondeu Luca.
- Pierre Tollmache, o morcego de Lille. Davas um bom filme, gracejou Mariah.
- Ou o Vampiro Tollmache, disse Caroline.
- Vampiro não, corrigiu Mariah. Vampiro ainda me devorava na escuridão.

Dispenso.

- Fala por ti querida, discordou Caroline.
- Estou-te a ouvir Caroline, avisou Pierre. E lembra-te que já te vi nua uma vez.

Conseguiram rir os seis, naquele recanto improvável que o destino lhes reservara no sistema solar. Prosseguiram durante quarenta minutos em fila indiana por túneis cegos de escuridão. A certa altura Pierre avisou: - Está aqui uma escada metálica. Subiram-na até uma tampa selada que conseguiram abrir sem especial esforço, saindo para a superfície gelada do planeta, do lado de fora da cúpula que continha a nave polar e as naves logísticas.

4ª Parte
O Sexto Continente

Capítulo 19

O Início

Andrew, Luca, Pierre, Sofia, Mariah e Caroline subiram a escada que ligava os túneis da base subterrânea ao exterior, abriram as escotilhas que davam para a superfície polar e apareceram de imediato dois jipes com soldados que os cercaram. Estavam no meio da rua duma movimentada cidade na neve.

Steven e Larissa já tinham iniciado a contagem decrescente para a ignição dos foguetes da nave espacial, quando brilhantes raios de luz entraram pelos óculos da cápsula, e se ouviu um ruído ensurdecedor. Dois helicópteros pesados anunciaram *“Somos Forças Especiais de Alta Montanha do exército Norte-Americano. Abandonem o veículo espacial neste momento; a falência em cumprir esta ordem de imediato levará à nossa entrada forçada na nave ou à sua destruição”*. Saíram e foram rodeados por militares armados, com fardamento de proteção de risco Nuclear Biológico e Químico, que os conduziram para um helicópteros que levantou voo. Do ar viram dezenas de veículos militares estabelecerem um perímetro de segurança em torno da gruta. Paraquedistas desciam de helicópteros de assalto por cabos em direção à chaminé de acesso à caverna subterrânea. Os alemães estavam tramados.

A cúpula artificial tornou-se visível e além dela havia um complexo militar. Era noite lá fora mas uma lua prateada de dimensões inusuais iluminava a planície gelada. Para fora daquela cidade perdida, tudo era deserto sem vitalma. E foi sem sinais de vitalma que voaram durante uma hora até à costa, onde se encontrava um porta-aviões com a conhecida bandeira de estrelas sobre azul e riscas vermelhas e brancas. Mal aterraram e foram conduzidos para uma sala onde já estavam Sofia, Mariah, Caroline, Andrew, Pierre e Luca, ainda vestidos com roupa alemã. Chegaram dois militares que os mandaram higienizar as mãos com uma solução alcoólica e lhes deram máscaras e luvas. Depois entrou Tyrell Hendriks, vestido de bata branca e luvas de cirurgião. Ele olhou com ar divertido para a roupa dos seis e ordenou-lhes que se sentassem a alguma distância dele.

- Como devem ter percebido a Operação Antártida serviu para garantir a vossa quarentena e treino para a verdadeira missão, a vossa partida para Marte, explicou-lhes Hendriks. Houve depois o inacreditável serendipismo. Escolhemos aquela zona da Gronelândia para construir a base de testes porque é das mais frias, desabitadas e seguras no hemisfério norte – era a coisa mais parecida com o planeta vermelho que

nos servia. A Antártida seria o ideal mas ficamos pelo nome, pois a verdadeira anda muito movimentada nos últimos tempos. O custo do arrefecimento é mais baixo e há menos curiosos do que haveria no Alasca. Os alemães devem ter pensado o mesmo. O que me impressiona, é como é que eles na década de quarenta conseguiram aquele feito. Para além do aspecto de logística militar, há o aspecto científico. Temos de tirar o chapéu aos filhos da puta. Quando percebermos qual é a fórmula, no caso dela funcionar, vamos dar um salto na criopreservação. Só podemos agradecer a vossa descoberta.

- Coisas mais práticas, continuou Hendriks: vocês partem para Marte dentro de escassas semanas. O vosso grupo é um pouco heterogéneo, mas tem uma dinâmica que funciona.

- Quanto tempo estivemos adormecidos?, questionou Caroline.

- Três semanas, respondeu Tyrell. Bem-vindos de regresso ao passado.

- Mas Marte não ia ser destruído por Theia? perguntou irónica Sofia Suren.

- Não, nada disso, cara colega. O apocalipse não é um jogo de bilhar cósmico, é um tiro direto à Terra, menina sortuda de bons genes. O bom Cardoso acreditava no Pai Natal e se soubesse que Marte escapava ia querer mandar para lá toda a gente atirando uma moeda ao ar. Com Ganimedes já não tinha essa ilusão, percebia que tínhamos de escolher quem mandamos para os confins do sistema solar. Vocês ...

- Quero ver os meus pais antes de partir, interrompeu firme Mariah.

- A Terra está condenada e está a ser muito complicado segurar as coisas, avançou Hendriks. Isto está um inferno. Os russos e os chineses têm a vida facilitada porque usam de mão pesada e já está. Nós estamos com dificuldade em manter a ordem, desde que se espalharam rumores de que vem aí o fim. Neste momento achamos que o embate vai ocorrer quase de certeza. Theia é um planeta muito escuro, demos com ele por sorte. Não reflete a luz do sol e está a passar Saturno, direito à Terra. A certeza absoluta da sua trajetória só se terá no atravessamento da órbita de Júpiter, dentro de menos de dezassete meses pois é aí que se vai acelerar e desviar, apontando a nós. Oficialmente a probabilidade de se escapar com danos parciais que permitam o repovoamento subiu para vinte e quatro por cento e a probabilidade de não mudar nada na Terra subiu para três por cento. Seria um saco com quatro bolas: uma branca e três pretas mas eu, pessoalmente, estou convencido que a probabilidade de escaparmos não ultrapassa os dez por cento por causa das luas que acompanham o planeta principal.

- Quero ver os meus pais antes de partir, repetiu Mariah.

- Uma branca e três pretas, Mariah. No melhor dos casos são essas as chances que os teus pais perdem se te virem.

- Porquê? Porque têm de perder seja o que for por um abraço.

- Porque, apesar dos boatos e da agitação que eles promovem, estamos a tentar não revelar os factos até às eleições presidenciais. Faltam semanas para as eleições e ninguém pode falhar. Os teus pais saberão que estás viva mal tenhamos um novo presidente e saberão que a tua chance está em Marte e a sorte deles estará em órbita.

- Mas o presidente Cardoso...

- O presidente Cardoso morreu. Um louco assassinou-o. Era um homem complicado, acreditava no improvável e duvidava dos factos reais. Quem manda agora é o Presidente Magnuson, o antigo Vice-Presidente. Felizmente o novo comandante em chefe é mais prático, compreende bem a ciência envolvida e ele próprio pondera ser enviado para Marte, num segundo tempo, para antagonizar a presença das lideranças russa e chinesa. Vocês vão pois muito bem acompanhados.

- Porque é que assassinaram três portugueses antes de me raptarem? questionou Luca.

- Nós só matámos o lutador para obter confirmação sobre um fenótipo enzimático fulcral da tua saliva. Lembras que lhe cuspiste na cara? Fulcral. Precisávamos de saliva e estávamos no limite do prazo. Ninguém te mandava usar uma pasta de dentes barata que desnaturava o enzima da tua saliva na escova de dentes. O lutador viu o nosso agente quando ele ia colher uma amostra de saliva tua na cara dele e é tão fácil descrevê-lo como é fácil reconhecê-lo. O bruto tentou atacá-lo e só fugiu quando viu que estava armado. Se saíssem do ginásio dez tipos, o nosso laboratório na cabine de posicionamento podia ser capturado. Um SOS da polícia portuguesa para a Interpol e os russos apercebiam-se de qual era o nosso alvo cedo demais. Os moscovitas mataram o segundo porque se baralharam, convencendo-se que era ele o alfa e aparentemente ele resistiu. Mataram a terceira para tu fugires de casa para o seu regaço, quando acharam que te podiam deitar a mão vivo. Se não tens acordado e saído do quarto, a equipa de terraplanagem deles tinha eliminado os polícias, os teus pais, o teu mano, os vizinhos que se metessem e tinha-te levado a ti. Segundo as comunicações que intercetámos, tu fugiste para o lado ilógico, o que surpreendeu os eslavos. Já connosco é diferente. Só usamos a força quando não há alternativa, num assunto de vida ou de morte para a humanidade.

- Que assunto é esse, interrogou Andrew?

- Vocês já sabem. São os vossos genes.

- Que têm de especial os meus genes? quis saber o Luca.

- Explicarei isso pessoalmente, a cada um de vós.

- E o ataque ao barco carvoeiro?

- Foi a terraplanagem dos russos. Estavam aborrecidos contigo e preocupam-se pouco com danos colaterais.

- O que é isto no nosso corpo? perguntou Sofia apontando para as miríades de míni discos de platina na pele.

- Bluff. Só existe na pele. Uma justificação para serem tão pesados em Ganimedes. Em vez de cinquenta e seis quilos devias pesar vinte lá. Tínhamos de ter uma explicação para que isso não acontecesse e assustar-vos para evitarem andarem aos saltos, já que nesse caso podiam perceber que caíam mais depressa que as outras coisas. A comida, os talheres, as ferramentas e até a roupa, tudo foi insuflado com micro bolhas de hélio para serem menos densas e a atmosfera da nave foi enriquecida com árgon para ser mais densa, de forma a que as coisas caíssem mais lentamente, parecendo que a gravidade era menor. Custou-nos os olhos da cara.

“O gelo, pensou Luca, foi por isso que o gelo na gruta caiu àquela velocidade – não tinha bolhas de hélio”.

A reunião acabou, mas mais tarde foram convocados um a um por Hendriks. Luca entrou e viu o senador de pé, olhando através de uma janela.

- Vou dizer-te porque te escolhi. Os outros andam há anos a serem preparados, abrimos-lhes portas atrás de portas sem eles saberem. Tu não, foste uma descoberta de última hora. És portador de várias mutações espontâneas dominantes. Uma permite-te maior rapidez motora. Identificámos uma mutação semelhante no cadáver que exumámos de um lutador mestiço famoso de Hong Kong, mas era recessiva e a tua é dominante. Permite-te movimentos balísticos com correção terminal. Valorizamos mais a rapidez do que a força e para a força temos um bom candidato alemão. Vês bem de noite e tens uma calcificação óssea que parece independente da carga, o que é bom em ambiente de gravidade baixa. Mas a mutação chave para nós é a que te dá boa adaptação ao frio. Marte será sempre frio, será sempre Inverno. Está mais longe do Sol que a Terra e não há engenharia planetária que mude esse facto. As luas de Júpiter e Saturno que nos interessam são frias. Durante a época glacial, se as pessoas fossem como tu não precisavam de se ter acoitado no sul. Essa tua adaptação é interessante não apenas nas tarefas em hipotermia extrema, mas até na criopreservação, nos modelos animais em que injetámos o teu gene. Curiosamente, mutações mais imperfeitas desse tipo acontecem nos judeus como tu. Isto tem uma certa piada porque os alemães de trinta e quarenta do século vinte gostavam muito da adaptação ao frio e muito pouco de judeus. Parece que queriam colonizar a Sibéria, a Gronelândia e a Antártica, mas nós congelámos-lhes o plano, disse Hendriks, rindo-se demorada e inapropriadamente. Mantiveram uma unidade médica muito ativa no cerco a Leninegrado para identificar quem sobrevivia melhor. Muitos eram espanhóis...

- Eu não sou judeu, interrompeu o Luca, lembrando-se da palhaçada com o bigode do carnicheiro de Berlim nas ruas de Lisboa.

- Ai és, és, desferiu-lhe Hendriks. Os teus pais adotivos não são, mas o teu pai

biológico era.

Luca tinha convicções humanas e filosóficas fortes, mas nunca as relacionara com ideias políticas ou visões históricas. Ainda assim, o facto de lhe dizerem que tinha ascendência judaica, fazia com que o bigode com que se mascarara numa noite, em rapazola, lhe provocasse um constrangimento que não sentira antes.

* * *

Foram transferidos para Houston onde ficaram de quarentena, sem contacto com outras pessoas para além das que apareciam com o equipamento de proteção biológica. O seu treino mantinha-se intenso e os míni discos de platina foram-lhes removidos da pele.

Tinham acesso à televisão, mas não à internet. Nas notícias a batalha política estava ao rubro. O investimento dos US na indústria espacial e afim, aproximava-se dos vinte por cento do produto interno, na Europa dos oito por cento, na China constava que era trinta e dois por cento e na Rússia chegava a quarenta e cinco. Ninguém acreditava nas razões apontadas para a corrida espacial. Eram excessivamente artificiais. As reservas estratégicas de cereais e petróleo estavam a ser usadas sem reposição completa, levando à queda do preço dos combustíveis e dos alimentos. A manutenção de infraestruturas tinha sido quase suspensa e as tropas americanas no estrangeiro estavam a voltar aos US. Seiscentas bases militares dos US foram encerradas e radicais tentavam ocupar o vazio. A pressão deixou de ser ultrapassável. A informação estava demasiado disseminada para ser contida.

A Trindade convocou uma segunda reunião de lideranças em Seattle. Pai, Filho e Espírito Santo, analisaram em detalhe a situação. A sua invenção duma ameaça planetária estava a ficar perigosa. A primeira fase de investimento maciço no espaço, ocorrera por intervenção dos governos e dos grandes grupos económicos – os Estados por acreditarem na ameaça planetária e os privados por terem entrado numa espiral de crescimento catalisada por quem sabia a verdade e por quem tinha tido acesso ao governo e acreditava que o bluff era verdade.

Infelizmente houvera um erro na modelação por parte da equipa do seu agente na NASA, Anthony Crane. A trilateral lançara balões orbitais e criara espelhos virtuais que funcionavam como vírus informáticos e alteravam os dados dos grandes telescópios mundiais, fazendo-os ver a ameaça que não existia. Os homens do voluntarista Crane, tinham decidido, sem autorização de ninguém, transformar o robot informático que controlava os espelhos implantados via internet, num camaleão para lhe dar maior invisibilidade. Quando Crane chegou, vaidoso, com o novo modelo de engenharia informática invisível, como lhe chamou, já a NSA tinha

implantado muitos espelhos informáticos em todo o lado e a conjugação dos velhos espelhos com o novo software tinha resultado numa inflação imprevista da ameaça virtual. Antes disso Crane tinha empurrado uma mutante destinada a Marte, para os braços da família dos seus melhores amigos e colocado a filha desses seus amigos, no grupo das criaturas que iam mesmo para o planeta vermelho. Na comunidade de informações e aeroespacial que não pertencia à Trindade, isso criou a ideia de que a ameaça era muito grave: até o Crane estava a tentar salvar a filha única dos principais amigos.

Depois teve de se dizer em segredo ao Presidente Cardoso que Marte afinal também ia à vida e Ganimedes é que era, para ele aprovar um investimento maciço em foguetões para transportar as pessoas de Júpiter para Vénus no futuro e para abandonar a ilusão de que era possível plantar meio milhão de pessoas em Marte, ainda por cima escolhidas à sorte. Os foguetões viriam a ser necessários mais tarde para pré-condicionar Marte, mas a coisa complicava-se cada vez que se mudava de versão.

O Filho, que representava, entre muitos outros, o grupo aeroespacial, insistira que o Espírito Santo se tinha precipitado ao lançar os espelhos pois a última palavra era técnica e seria dada por si. O Espírito Santo não esquecia que o Filho havia introduzido melhorias informáticas inesperadas de última hora, sem avisar quem mandava e quem mandava eram eles. O ótimo é inimigo do bom. Os Serviços Secretos estavam tão furiosos que só não tinham eliminado Crane, por especial pedido do Pai. Afastaram-no, mas era tarde de mais.

Entrava-se agora na fase de aceleração vertiginosa da jogada, que ocorreria quando a “ameaça” fosse tornada pública. Infelizmente, o novo modelo de simulação de Crane, em vez de dar uma probabilidade de destruição da Terra de quinze por cento, dava uma probabilidade de setenta e tal por cento. Pior, a alternativa de simular a queda de Theia em Saturno não era permitida pelo novo modelo. Só podiam usar Júpiter. O novo sistema podia ser informaticamente invisível, mas era menos flexível e tirara-lhes o controlo do tempo. Tinham de esperar por Júpiter.

Depois da perda de Cardoso, o novo Presidente Magnuson convocara eleições antecipadas, coisa não vista nos Estados Unidos, e a Trindade não tinha tempo de promover um candidato seu à presidência. Magnuson revelara-se menos influenciável que o antecipado. Ainda aventaram a possibilidade de abortar todo o processo, mas o risco era insustentável. Se o planeta fantasma desaparecesse de repente dos telescópios, sem explicação, todos os países iam juntar esforços para perceber como fora possível o engano de tantos cientistas e dariam com o logro. Ninguém queria ter o FBI à perna – era melhor não acordar o cão adormecido. Seriam todos presos e alguns corriam risco de pena capital.

A coisa tinha ganho uma dimensão demasiado grande. Tornar pública a

“ameaça” ia multiplicar por dois ou três os investimentos e por dez os lucros que viviam da ameaça fantasma, mas, por outro lado, ia lançar não cem mas dez mil novas iniciativas independentes de seguimento do simulacro negro. Não era certo que a NSA e os seus aliados, conseguissem implantar espelhos informáticos em todos os novos observatórios que espreitassem o céu ou pelo menos que conseguissem sabotá-los. Podiam lançar mais balões orbitais para enganarem os médios telescópios, mas não era fumo que chegasse para as miríades de pequenos em localizações diferentes ou até móveis – precisariam de mais intervenção informática da NSA e mais sofisticada. Felizmente o corpo celeste era tão preto que não espantaria ser difícil de ver.

Tinham de esperar até que o espectro chegasse a Júpiter. Aí era fácil mimetizar a sua queda sobre o gigante gasoso e, de seguida, desligar a intervenção informática e aniquilar as esferas orbitais.

Ia-se entrar na fase dita dura do bluff.

* * *

Num fórum internacional promovido pelo novo presidente americano, com o apoio do Conselho de Segurança da ONU, os governos dos grandes países desenvolvidos e da Rússia e da China, anunciaram que havia provas de que Theia, um objeto cósmico negro de enormes dimensões estava em rota de interceção da órbita terrestre e as nações com tecnologia nessa área preparavam uma resposta que impedisse o desastre. Os estados não se comprometiam com probabilidades concretas de colisão. As nações não envolvidas, nomeadamente muitos pequenos países europeus e asiáticos, o Brasil e a Índia, indignaram-se por não terem sido alertados.

A prevista aceleração vertiginosa da produção de bens e serviços ocorreu pois o mundo entrou em verdadeira economia de guerra. Todos os países desenvolvidos cresciam a dois dígitos enquanto o desemprego desaparecia. A indústria espacial crescia por toda a parte. Os países com base tecnológica, aliaram-se à Europa e aos Estados Unidos num esforço conjunto, assinando uma Entente. Posteriormente, por pressão da opinião pública, criou-se uma trilateral entre a Entente, a Rússia e a China para a amplificação dos projetos orbitais terrestres.

A possibilidade de colocar um valor bem superior de pessoas em estações orbitais para depois repovoar a Terra, era real caso a ameaça se confirmasse. Seriam cem a duzentas mil pessoas em órbita.

Outra área em explosão era a biotecnologia. A necessidade de adaptar microrganismos a ambientes diversos levou a um redobrado interesse na genética dos extremófilos. Sementes eram produzidas e armazenadas para permitir a

reconstituição de uma civilização pós apocalíptica, com um clima modificado. Uma das áreas que se libertou finalmente de todas as restrições foi a área animal.

- Não há planetas vegetais; o próprio planeta é um animal, insistia Hendriks debaixo de um mar de microfones e câmaras de televisão.

Não bastavam ovos. Eram necessárias reservas de embriões in vitro de inúmeras espécies de mamíferos e ele assumia a missão de colecionar esses embriões, para que houvesse futuro. Era ainda importante obter rapidamente animais modificados, mesmo seres híbridos entre o animal e o vegetal. Todos os Vídeos e Youtube's mostravam o morcego verde de Hendriks.

Quer a necessidade da implantação futura dos embriões de mamíferos em úteros pluripotenciais, quer a noção de que a crise desestimulava a gravidez feminina, levou à implementação de programas de transplante embrionário entre espécies e ao desenvolvimento de animais que aceitassem, depois de condicionamento imunológico e angiogénico, uma xenogravidez. Um embrião de uma espécie crescendo no útero doutra.

No covil de Hendriks, entre o bisturi e a genética, não ressurgiam apenas os animais de fusão pelos quais havia sido objeto de procedimento disciplinar no passado, abria-se uma caixa de Pandora de todos os seres malditos, sem vestígio de coleira ou intenção de açaimo.

A animação suspensa beneficiou também de investimentos vultuosos. De Marte não vinha apenas boa sorte, vinha também muito dinheiro que era disponibilizado a rodos aos centros de investigação. Para coordenar estes esforços foi criada uma agência internacional por parte da entente, a Agência Biogénica para a Reconstrução da Biosfera.

Hendriks, o colecionador, preparava uma Arca de Noé com animais que nunca tinham visto a luz do dia e ninguém suspeitava que quem construía a Arca era a mão que mandara vir o Dilúvio.

Magnuson que assumira a Presidência dos US convocara, com apoio do Congresso, as eleições antecipadas a título excepcional para obter legitimidade reforçada e o senador Tyrell Hendriks acabou por ser escolhido para o número dois da equipa, candidato a vice, após os escândalos que afastaram as duas primeiras opções de Magnuson. A vitória da dupla Magnuson / Hendriks foi tangencial, pois o presidente era acusado de ter colaborado com Cardoso na ocultação do desastre que aí vinha.

O nome do vice presidente foi aceite pela Entente para liderar a Agência Biogénica.

Tyrell Hendriks retirou a animação suspensa da Agência e integrou-a num grupo autónomo de colaboração com o Pentágono, dedicado à preservação de longa duração da consciência. Teria duas divisões, a antiga dedicada à transferência da

mente humana para suporte sólido, computadorizado, e a nova de conservação em suporte nativo, com ou sem preservação da ansa aferente, eufemismo usado para manter congelado, em estado de animação suspensa, só do cérebro ou todo o corpo. Mas o Pentágono removeu a divisão de transferência da mente para suporte sólido do grupo de colaboração e integrou-o na sua divisão de inteligência artificial. Hendriks enfureceu-se com a soldadagem, mas Magnuson tirou-lhe o tapete dizendo que a tropa também precisava de brinquedos para se entreter. O Vice-Presidente não detestava apenas alemães. Detestava rodas dentadas, robôs e programas de inteligência artificial. Se se precisava de melhorar a inteligência, porque não a humana?

Depois passou-lhe. Os seus colaboradores convenceram-no que uma transferência da mente para suporte sólido era um arquivo morto, um cemitério de dados. Se quisessem torná-la funcional iam precisar de um suporte biológico e aí entrava Hendriks outra vez. O que não convinha era antagonizar Magnuson. Esqueceu a fúria e retomou o velho entusiasmo em grande estilo. O empolgamento do político era difícil de entender para alguns. Porque é que o senhor, sabendo que tinha setenta e três por cento de probabilidade de morrer, mantinha uma pressão interminável sobre o desenvolvimento de tecnologias cujo fruto viria tarde demais?

- Se estivermos perdidos de todo, perdidos estamos; se houver alguma chance de não estarmos perdidos, eu tenho ordens do Presidente para garantir que usaremos essa fresta de oportunidade para nos salvarmos, duma maneira ou doutra, respondia o Vice – Presidente Tyrell Hendriks. E qualquer passo que possamos dar agora será um passo que estaremos à frente, no futuro.

* * *

Os oito mutantes tinham passado de raptados a voluntários, não porque sofressem do Síndrome de Estocolmo, mas porque as suas ligações ao mundo eram tais que serviam melhor o seu destino indo que ficando. Souberam que iriam partir três naves de Houston que se juntariam à nave militar com oito jovens oficiais dos marines, um dos quais general, bem como um precoce major, e à nave de engenharia que já estavam há algum tempo em Marte. No início Steven, tentara fugir para visitar a irmã mais nova, Alícia Boyd que estava doente, e, para não desestabilizar a equipa polar, como lhes chamavam, tinha sido separado e alocado à segunda nave de engenharia. Antes de partirem souberam que o grupo polar passaria a integrar dois pilotos da NASA, o Comandante Peter Bryant, do Texas, e a copiloto Diane Nishimura, uma sansei brasileira. Nenhum dos dois era mutante.

Na véspera do dia da partida, após os últimos exames médicos individuais,

Luca Zuriaga foi levado por uma operacional fardada para um compartimento de descontaminação agradavelmente mobilado. As cores claras, o tapete no chão, a iluminação indireta, contrastavam com o ambiente tecno-minimalista de Houston. A operacional, antes de o deixar disse-lhe, sorrindo, que ia ter uma visita muito especial de pessoas que gostaria de abraçar sem o equipamento de isolamento, mas isso não era possível.

Abriu-se uma porta e entraram os seus pais e o seu irmão Luís.

Apesar dos fatos de proteção biológica abraçaram-se os quatro longamente. Os três adultos sabiam que não era provável que todos sobrevivessem, mas mesmo que o improvável ocorresse nunca mais se veriam. Era um adeus definitivo. Sentaram-se e o seu pai quis saber todos os detalhes da sua vida, desde o momento em que dois polícias desvairados tinham entrado na sua casa de madrugada e selado o seu quarto. No fim acreditou que o filho iria mesmo para Marte e que tinha uma maior chance de salvação. És forte e és culto filho. Sê justo e serás feliz.

Luca não esperava a palavra culto como adjetivo que o seu pai lhe atribuísse. A sua mãe quis saber quem ia com ele, nomeadamente como eram as suas companheiras femininas e desejou-lhe que fosse feliz no novo mundo. O irmão pediu-lhe para não ir, para ficarem todos juntos como antigamente, dizendo-lhe que fazia sempre os trabalhos de casa todos e já era cinto laranja de judo. Luca prometeu-lhe que voltaria num Natal e que sabia que ele um dia seria cinto negro. Contaram-lhe que tinham iniciado de forma secreta os treinos para a colocação numa estação orbital e que o Luís conseguia completar todos os exercícios antes de toda a gente. *“Porquê secreta?”* perguntou Luca. *“Ninguém sabe que foste escolhido para ires, disse-lhe o pai. A polícia continua à tua procura para te prender, imagina”*.

Descreveram-lhe que correntes de solidariedade atravessavam Portugal inteiro e Fátima tinha tido uma enchente de dois milhões peregrinos. A mole humana era de tal forma que a NASA tinha publicado uma fotografia tirada do espaço, da luz dos milhões de velas. Apesar do medo havia um frenesim de amizade, as pessoas aproximavam-se umas das outras e faziam novos amigos todos os dias.

Abraçaram-se a última vez e Luca foi levado.

Sofia pôde ver os pais e a avó Suren. Soube que Eric, o rapaz que gostava dela, tinha morrido num desastre de automóvel. A avó contou-lhe um segredo de família: a primeira princesa da dinastia Suren, tivera um terrível desgosto de amor na Terra. Uma paixão física tão intensa que a tinha toldado, trazendo para o seu palácio um monstro em forma de homem que destruiria a sua família e ameaçaria toda a cidade de Tabriz. Ao ver a cidade desabar, traída pela sua paixão, com uma lancinante dor, a princesa ordenou que lhe cortassem as próprias mãos pois nunca mais queria sentir a pele de um homem. Partiu sem mãos com um enorme séquito para o verdadeiro

céu, que está por cima do céu azul, em busca de exílio e talvez de um enamoramento divino que se tocasse com o coração e não com as mãos. Porém, perdeu-se lá no alto porque a escuridão era total e os cavalos do seu séquito, procurando uma saída, calcorrearam o céu perfurando a abóbada celeste cem mil vezes. Após meses sem norte, um dia ela descobriu, no céu, que o amor da sua vida não era um deus, mas um homem comum que estivera sempre ao seu lado servindo-a invisível no seu séquito e o seu coração acendeu-se iluminando o mundo. Apaixonou-se de tal forma com o coração que desejou amá-lo à flor da sua pele. Foi então que se deu o milagre: nasceram-lhe umas novas mãos. Esse milagre aconteceria desde então numa em cada duas gerações nos Suren. A luminosidade do seu amor fortaleceu-se porque juntava o fogo do corpo à luz do coração e atravessou as miríades de orifícios na cúpula cósmica - é esse o brilho que vemos no firmamento. Enquanto durar essa paixão, cintilarão as noites transparentes. Passaram séculos. A princesa envelheceu ao lado do seu príncipe e, apesar das suas mãos ainda se apertarem com a adoração de sempre, sentem-se prontos para partir para um outro céu que existe ainda acima desse céu. Mas sabem que nesse dia as estrelas se apagarão. Por isso, contam as horas para que surja outra princesa Suren, acima das estrelas e se apaixone como eles, acendendo o seu coração e a sua pele, deixando-os partir em paz.

Tu, minha querida, és essa princesa. Vai e enamora-te lá no alto, com o coração e com a pele, para que haja luz no firmamento. Vai, sabendo que nós todos os dias olharemos a noite e saberemos pelas estrelas que a tua felicidade perdura.

Sofia abraçou a avó que não veria mais, jurando-lhe que seria feliz por si própria e por ela. Perguntou-lhe se era verdade que perdera um dedo do pé na infância e ele tinha nascido de novo, como lhe contara num sussurro o falecido avô, mas os pais nunca confirmaram. Sim querida, disse-lhe a avó. Tu és como eu, uma Suren.

Abraçou os pais e disse-lhes que não acreditassem nos vendedores de maus augúrios e que voltaria para eles mais cedo do que pensavam. A mãe disse-lhe que se protegesse e não corresse riscos agora que sabia do dom de se recuperar de feridas profundas. Ela prometeu tentar. Sofia pediu-lhes uma última coisa: tinha deixado uma carta na página de Tabriz no velho atlas da Pérsia, na casa da avó. Era importante que uma cópia digitalizada da carta fosse enviada por mail para a Casa Branca, o FBI e a CIA, a partir dum computador público para a sua família não correr perigo.

Mariah recebeu a visita dos pais. Em Colúmbia quer ela quer Sofia eram famosas e toda a gente sabia que tinham sido escolhidas para partir. O tio Crane tinha falecido num acidente com o seu jato particular e eles tinham abandonado a sua casa nova e regressado à casa antiga. O pai não sabia se havia de dar graças ou

pedir perdão por ter trazido para o seio da família uma raposa como Crane. Contou-lhe que o tio tinha perdido a mulher e uma filha de doze anos num acidente e essa criança era de uma aparência gemelar com Mariah. Anthony Crane quando a viu na rua, um dia, pensou ver a própria filha e seguiu-a até dar com eles. Aproximou-se da família para estar com ela. Tinha-a incluído no programa para a salvar, como se fosse sua filha verdadeira, sem nunca dizer nada aos seus pais. Crane deixara-lhe uma mensagem vídeo mensagem pessoal que os pais lhe entregaram.

Capítulo 20

A Coleção

Sofia contou a Luca que o seu colega Eric tinha sido assassinado, tinha a certeza. Tinha essa intuição. Toda a gente em Colúmbia sabia que ela ia para Marte o que a deixava na desconfortável posição da “escolhida”. Luca confessou o seu espanto porque que a sua própria ida para Marte era secreta em Portugal. Nem as autoridades policiais sabiam.

Quando Mariah chegou ao quarto, colocou a Pen USB 7.0 no seu portátil. Crane estava nervoso e suado. Disse-lhe que Mariah não era mutante e que falsificara o seu genótipo para enganar Tyrell, convencendo-o que ela tinha genes de variantes de dois pigmentos fotossintéticos, uma xantoperina e uma ficoeritrina, bem como de cloroplastos modificados. Se se conseguissem desreprimir esses genes, ela poderia exprimir capacidade de fotossíntese rosa, diminuindo a sua necessidade calórica em quinze por cento durante o dia. Crane sentia uma afeição paternal por ela, pois Mariah parecia, nas feições e no carácter, ser a filha Mary que ele perdera na infância. Queria salvá-la, se se confirmasse a destruição da Terra.

Depois, Crane avisava-a duma ameaça em curso. Tyrell Hendriks tinha iniciado há escassos anos um programa de fusão embrionária, usando as células sexuais que colhera de sete membros da equipa polar e recentemente incluía nesse programa espermatozoides do oitavo elemento. Tyrell conseguira fundir dois processos observados na natureza:

Um é o quimerismo, muito comum por exemplo no sagui, e que resulta da fusão de dois embriões no útero da mãe. O sagui quando nasce tem uma mistura de células de dois irmãos imbricados num só – é uma quimera.

O outro processo é o parasitismo sexual, frequente em certos peixes das profundezas oceânicas, onde já não chega luz e que são semelhantes ao tamboril. Nesses demónios marinhos o macho, minúsculo, depois de nascer procura, morde e funde-se com uma fêmea muito maior, dissolvendo nela os seus lábios num beijo para sempre. Integra-se parcialmente no seu corpo, fertilizando-a durante toda a vida.

Uma das dificuldades em conseguir o parasitismo sexual em vertebrados é a rejeição imunológica, pois o macho seria rejeitado como um corpo estranho à fêmea, como se fosse uma infeção. Ao conseguir a junção dos dois fenómenos in alter uterus, Hendriks ultrapassou o problema da rejeição pois gerava através do quimerismo um irmão e uma irmã quase gémeos. Ou seja, se o macho fosse resultante de uma fusão de células dele próprio e duma fêmea sua irmã e se essa

fusão entre quimeras se desse dentro dum útero durante a fase embrionária, não haveria rejeição clássica.

Faltava-lhe apenas um útero. Ora esse útero conseguiu-o usando um modelo humanizado de cabra montanhesa. Adicionou-lhe um cocktail de promoção da angiogénese e foi um sucesso até às dez semanas de gravidez. Aí as cabras abortavam as quimeras humanas, pois a xenogravidez – um feto duma espécie num útero doutra – ainda levanta problemas por resolver.

O que ele fez a seguir foi juntar uma quimera de dois embriões masculinos muito novos com uma quimera de dois embriões femininos mais velhos, conseguindo uma quimera nova, com material genético de quatro gâmetas: dois óvulos e dois espermatozoides. O parasita quimérico masculino vive dentro do quimérico feminino, atrofiando boa parte dos seus órgãos, mas preservando os órgãos reprodutores.

Conseguiu primeiro isto no sagui. O parasita macho é uma quimera em que predominam células de dois machos, mas tem também algumas células das fêmeas, e vive no abdómen da fêmea, que é uma quimera predominante de duas fêmeas, mas com algumas células dos machos. O parasita está dentro do abdómen da fêmea, que parece normal, tendo apenas uma barriga um pouco maior. O macho consegue engravidá-la consecutivamente. Cada sagui fêmea de fusão, gera filhos de dois pais e duas mães constantemente. Mal sai duma gravidez, inicia-se outra.

Os filhos naturais, que não são resultantes da implantação dentro do útero dos embriões de fusão, são potencialmente bebés normais, mas podem ter uma de duas mães e um de dois pais, dos quatro fundidos na quimera complexa. Já as suas mães não são normais e têm vida curta porque sofrem de tumores da pele e muitas doenças autoimunes, principalmente artrites graves. Todas as quimeras têm esse problema, essas doenças que se originam na excessiva aceitação ou na excessiva rejeição de si próprios. Em pouco tempo as mães ficam anquilosadas, com as articulações destruídas pelas artrites graves, a visão prejudicada pelos olhos vermelhos, inflamados por uveítes sucessivas, mas continuam a ter filhos atrás de filhos até morrerem de cancro. Os filhos, repito, são à partida normais.

Testou isto em embriões humanos que sofriam duma anomalia que os fazia nascer sem cérebro, pois achava que assim não seria acusado de provocar sofrimento a pessoas, e a coisa funcionou razoavelmente. Para além dos tumores e da artrite, um efeito secundário é que a primeira gravidez, no caso de fusão humana, ocorre ainda na fase fetal: a bebé quimera, já nasce grávida: uma menina com um meio irmão incorporado no seu abdómen e que a engravidou ainda ela era um feto. Essa gravidez no modelo humano é sempre ectópica, ou seja ocorre fora do útero, e Tyrell extrai-a cirurgicamente. A primeira experiência falhou porque a bebé que nasceu grávida, teve uma hemorragia por causa dessa gravidez fora do útero que

Tyrell não esperava.

A vantagem desta técnica é que Hendriks pode obter, com poucas combinações, filhos de todos os pares possíveis entre vocês os oito. Não precisa de esperar que as meninas entrem na puberdade para as engravidar, elas já nascem grávidas.

Basta-lhe colher os embriões das gravidezes das quimeras e fazer fusões com outros embriões em úteros de cabra, abrir-lhes a barriga e pôr-lhes um meio irmão gémeo lá dentro, e, por fim, metê-las no útero duma menina quimera. Ainda por cima como as meninas quimeras têm gravidezes fora do útero, podem ter ao mesmo tempo duas gravidezes: uma dentro do útero dum embrião manipulado e outra ectópica, na barriga mas fora do útero, em que o pai é o meio-irmão gémeo que lá vive como parasita. Se o meio-irmão gémeo crescer muito Tyrell opera a menina e tira-lhe o parasita. Repetindo esses passos, em escasso tempo espera conseguir bebés que tenham todas as mutações favoráveis que vocês têm. Está próximo de obter o super-homem que busca. Repito que as quimeras que resultam da fusão de vários embriões não são normais, mas dariam à luz bebés normais – se Hendriks não interrompesse a gravidez, fazendo uma nova fusão. Dito doutra forma, haverá filhas, netas, bisnetas e trinetas tuas que serão quimeras parasitadas, mas a partir dos tetranetos nascerão crianças normais. Muitos tetranetos em muito pouco tempo e muitos deles serão geneticamente excepcionais.

Sei que parece horrível dizê-lo, mas o método acaba por ser simples e rápido. Consegui atrasar o uso dos teus óvulos durante uns anos, mas no fim ele quis uma reserva fresca de óvulos e espermatozoides de vocês os oito. Ele só não usaria as tuas células sexuais se eu revelasse que tu não eras uma mutante interessante, que és normalíssima. Mas se eu fizesse isso tu serias excluída do programa de transferência para Marte e isso, Mariah, iria perder a tua vida. Vivi muitos anos em mentira e, nesta hora, sinto a obrigação de te dizer a verdade.

Se a Terra for de facto destruída, as quimeras morrerão. Se não for, travarei uma cruzada, corra os riscos que correr procurando-o a ele e a todas as cópias que possa guardar das suas experiências. Prometo-te isso tal como te prometi proteger os teus pais. Sabes que eu sou forte. Tu também tens de ser forte e tens de avançar para Marte pois não é segura a tua presença na Terra. Agora que já tem os vossos genes, Tyrell usará a primeira desculpa para se livrar de vocês. Apesar desta má notícia, tens uma hipótese de sobreviver que a minha filha não teve e que nós não teremos. Invejo-te minha filha e desejo-te toda a sorte possível no novo mundo.

Mariah parou um momento a imaginar as suas filhas parasitadas pelos seus filhos, num incesto continuado e cego, nascendo já grávidas de embriões com o mesmo destino. Duvidou que a queda de avião de Anthony Crane tivesse sido um acidente e percebeu que Tyrell Hendriks, à sua escala, não era uma pessoa muito

melhor que os nazis de que ele tanto escarnecia.

Não verteu uma lágrima. Convocou todo o grupo e só Steven não pôde aparecer. Passou o vídeo. Ela e Sofia tiveram de explicar por mais de uma vez, a lógica complexa da fusão planeada por Hendriks. Sacrificava três ou quatro gerações de seres que nunca entenderiam a sua tragédia porque morreriam de cancro, trisavós antes do fim da infância, grávidas de fetos grávidos, anquilosadas por artrite e parasitadas por meios-irmãos. No fim nasceria o desejado, o homem novo com o cardápio completo dos genes de Mariah e dos sete mutantes da nave polar.

Andrew era de Houston e lembrava-se onde ficava o antigo laboratório de Hendriks, pois já lá entrara numa visita de adolescente nos seus tempos desviantes de pirataria informática. Não era longe dali. Lembrava-se como se fosse hoje de como lá entrar e dos detalhes do sistema de geração de códigos de acesso. Hendriks tinha, seguramente, mudado os códigos, mas talvez não tivesse mudado o programa de geração de códigos, pois era médico e não informático.

Larissa e Caroline ficavam como manobra de distração e os outros cinco avançaram após o pôr do sol. Estava nevoeiro e ainda não tinham chegado ao limite exterior da base quando foram cercados por agentes sem farda duma força armada especial. Os cinco mutantes foram detidos já na periferia do Spaceport, depois de despistarem a polícia militar normal que fazia a segurança às instalações. Luca por pouco não escapou, rolando para uma valeta, mas foi intercetado pelo comandante da força, de rosto descoberto e um olho totalmente branco que parecia estar particularmente atento aos seus movimentos, de pistola em punho, sorrindo. *“Atira essa pistola para o chão rapaz”* disse-lhe. Foram presos, algemados de pés e mãos e amordaçados. O líder do grupo apresentou-se como Nolan Dimmick, declarando ser a pessoa certa para resolver todos os problemas deles. Estavam a ser empurrados para dentro de uma carrinha decrépita quando surgiram do nevoeiro, não se sabe de onde, dois jipes pretos de vidros fumados e motor elétrico. Seis homens, de óculos escuros em plena noite, rosto tão inexpressivo como o de jogadores de póquer, fato e gravata, empunhando pistolas com silenciadores, saíram dos jipes. Nolan reagiu e ainda matou um, mas de seguida eles abateram todos os captores. Dimmick não voltaria para casa no próximo Natal.

Quatro dos agentes barraram-lhe o caminho e disseram-lhes para desaparecerem para fora da base e, enquanto os cinco se afastavam, viram o quinto disparar três tiros no rosto de Nolan Dimmick. Ele tinha violado uma qualquer regra daquela gente e eles tinham-lhe estragado o funeral de caixão aberto, tão comum nos estados do sul, pois não havia funerária que reconstruísse as suas feições desfiguradas.

Saíram do Spaceport e foram para debaixo dum viaduto onde discutiram a sua situação. Quem quer que fosse que os tinha atacado queria eliminá-los sem que

ninguém soubesse. Podia ser uma força com acesso oficial ao Spaceport ou ter entrado na base clandestinamente. Mas quem os salvara também não queria que partissem para Marte pois expulsou-os da base.

- Mas alguém tem de querer que nós partamos, disse Pierre. Caso contrário não estaríamos aqui.

- Tens razão, concluiu Andrew. Têm de ser três grupos antagónicos. Pelo menos.

- E também pelo menos um faz jogo duplo perante o outro e é por isso que nos queria fazer desaparecer sem deixar marcas, juntou Pierre.

- Caroline e Larissa correm perigo, tenho de tentar ir buscá-las, lembrou Luca.

- OK, decidiu Andrew. Esperamos por ti duas horas. Se não apareceres continuamos o plano de ataque ao laboratório do Hendriks.

Luca apareceu apenas meia depois com as duas amigas. Tinham sido convocadas ao gabinete de Hendriks por um telefonema do próprio, mas o carro da polícia que as foi buscar desviou-se do caminho, dirigindo-se para fora da base. Foi aí que Luca o avistou, atacando-o projetando uma pedra a alta velocidade que destruiu o para-brisas, despistando o veículo. Não havia dúvidas: era Tyrell Hendriks que os queria abater. Provavelmente já teria o que pretendia deles: os seus genes.

Redobramos na vontade de invadir o seu laboratório. Era improvável que o antigo centro de investigação se mantivesse ativo, mas não era impossível pois estava perto do Spaceport de Houston que o Senador gostava de visitar. Além disso não tinham plano alternativo. Avançaram os sete na névoa. Pelo caminho, Luca derrubou, em knock-out, seguranças, polícias e militares com tal facilidade, que os companheiros perceberam que Zuriaga não era apenas um livresco perito em armas - era uma máquina medieval de combate, fugido duma qualquer fábula por contar.

Chegados ao laboratório, perceberam que Tyrell Hendriks cultivava o passado, colecionava o passado, era incapaz de abandonar o passado. Tinha um museu de tudo o que conseguira, depois vinha o seu laboratório e a seguir uma exposição de antecipação do que esperava conseguir. Um museu do passado e um museu do futuro. Era médico e louco e, para si, o mundo normal não passava da alucinação dos sons.

Tudo estava habitado por estátuas de cera de si próprio, nas suas várias idades, quer as passadas quer as futuras, em divisões que comunicavam com os laboratórios como se fossem capelas com as estações da paixão de Cristo na Via Crucis duma igreja católica. Impressionavam mais as últimas e a primeira. A primeira relatava não o seu nascimento humano, mas o seu aparecimento. Ao invés do ventre duma mulher ele provinha dos próprios elementos da natureza, o ferro, o fogo e o gelo. As

últimas estações, as que se reportavam a factos que não tinham acontecido, não eram menos perturbantes. Era um homem com um plano. O seu sonho de hoje era o seu sonho de sempre, estava a construí-lo no mesmo local de sempre e a um passo de chegar ao fim. Essa última estação não era a sua morte, mas a sua glória. Eterna. Seria Presidente dos USA e Chanceler do Sistema Solar. No fim aparecia acompanhado pelo seu pai, que era mais novo que ele. Dir-se-ia que suplantava Cristo, pois ascendia aos céus sem ser crucificado, optando por um caminho menos doloroso. Percorreram os laboratórios e deram com a zona de produção dos embriões de fusão, seus filhos, dentro dos úteros animais. Cópias e cópias de embriões de fusão com escassos dias de vida, sem forma humana, pouco mais que mórulas, quimeras congeladas numa fase precoce, impecavelmente rotuladas segundo os alelos genéticos, identificadas e prontas para serem implantadas. Eram o primeiro degrau da última escadaria.

Eles, os oito amigos, eram o campo de colheita, mutantes capturados, alimentados e mantidos como servos para que Tyrell Hendriks garantisse através da martirização dos seus descendentes, durante as gerações que fossem necessárias, a emergência de um ser humano mais capaz de colonizar o sistema solar. Só depois seriam “libertados” e enviados para um mundo distante. Primeiro deixavam neste mundo a seminal origem de si próprios, para o génio jogar aos deuses. Não percebiam porquê, para que se dedicava ele a tal tarefa se se via no horizonte a chegada do apocalipse que, passado Júpiter, cuspiria sem piedade a sua sementeira de homens novos para o fogo duradouro do sol. Mesmo que o ser humano sobrevivesse em estações orbitais, quando voltasse encontraria uma Terra muito diferente, sem laboratórios, cidades, eletricidade ou civilização que suportasse aquele projeto tão maligno como sofisticado.

Passada a zona dos seus embriões quiméricos congelados em fase microscópica, seguindo um corredor, deram com uma grande porta blindada, selada com um código e batizada com a palavra latina *Collección*.

A decifração do segredo de abertura, feito pelo software do portátil de Andrew demorou e crescia a ansiedade do passar das horas. A certa altura, Luca, que se encontrava sentado no chão afastado dos outros, que em círculo sobre o portátil discutiam alternativas de decifragem, disse em voz alta mas enfasiada: usa o emulador do Enigma dos Suevos. Ficaram a olhar para ele, tentando perceber o que queria dizer com Suevos, mas depois a expressão Enigma do código alemão da Segunda Grande Guerra, afastou a eclética palavra e permeou a sua mente, aclareando-se neles que Luca falava do código nazi. Usaram-no e funcionou. Tyrell Hendriks tivera a ideia de aproveitar o sistema de encriptação daqueles que designara como filhos da puta, para selar aquela ala, ao invés do gerador de códigos que Andrew conhecia.

Quando se abriu a porta, entraram num museu, uma vez mais do futuro e não do presente ou do pretérito. Inúmeras redomas de média dimensão, que comunicavam com um aquário ciclópico que eles atravessavam através de um túnel de acrílico transparente, ancorado em estruturas de aço como numa mina. No interior de cada redoma estava um feto humano de muitas semanas, preservado, com a placenta, a noventa graus negativos. Não embriões quase microscópicos, mas fetos perfeitamente formados, bebés por nascer, de forma e rosto humanos. Pior, não eram embriões de fusão, fruto de manipulação genética e embrionária. Era uma coleção. Cada painel, que se acendia à medida que alguém se aproximava, descrevia as características desses fetos provindos de diversos países, dessas futuras pessoas e a sua classificação. Numa fiada mais abaixo, junto ao chão, em recetáculos menores, como pequenos quadros ou molduras, múltiplas cópias gemelares, em estadio de mórula ou de embrião, do feto que estava em cima, na redoma. Não eram clones: eram gémeos. Não havia dois iguais, no estadio fetal mais avançado de bebé por nascer, mas apenas várias cópias da fase embriológica inicial. De reserva. Dezenas de cápsulas vidradas com fetos de todo o mundo em animação suspensa pelo frio extremo, colados ao vido do aquário que os aprisionava, de olhos abertos como se vissem os visitantes. Uma coleção de sementes humanas, congeladas depois de brotarem as primeiras raízes e se esboçarem as primeiras folhas, prontas para reimplantação uterina no despontar duma nova humanidade, fossem aliados ou serviçais do homem novo.

“Esta unidade está blindada do resto do laboratório”, disse Pierre que adivinhou os pensamentos nos rostos tensos de Sofia, Mariah e Luca. “Se o resto desaparecer isto manter-se-á. Esta parte da estrutura foi desenhada para ser facilmente transportada de forma autónoma para outro lado” disse Andrew.

Passado o imenso túnel que atravessava o aquário, com a sua coleção de pessoas, havia uma outra porta, tão blindada como a primeira e que encerrada a zona autónoma. De seguida, um corredor vazio que terminava numa nova porta encimada pela palavra *Cunabula* e bordejada com o subtítulo “*Homo Glacialis Eximius*, HGE – 1ª geração”; a nova subespécie humana. Não se tratava nem do presente, nem do futuro, mas de uma nova forma verbal: o futuro mais-que-perfeito.

Aberta também pelo Enigma, entraram na nova ala, que não era mais que um infantário de crianças reais e que por sua vez dava para a rua. Eram todas meninas de aspecto doente. Na sua pele viam-se tumores dispersos que cresciam como cogumelos ulcerados. Eram crianças anquilosadas, grávidas de barrigas desproporcionais ao seu tamanho e o seu sistema imune não devia ser apenas tolerante ao parasitismo sexual, porque estavam infetadas. As mais velhas não deviam ter mais de cinco anos e, prova da sua humanidade, ao verem as jovens

invasoras, chamaram pela mãe que não tinham estendendo os braços. Os seus rostos não permitiam a dúvida: traços de filhas, netas ou bisnetas deles, dos mutantes alfa. A dor que todos sentiram foi a dum punhal nas costas.

Tyrell preparava já o primeiro Homo Glacialis Eximius, apesar de ter uma coleção de fetos donde talvez extraísse mais genes para versões melhoradas. Luca sentiu a expressão “glacialis” como pessoal. Era pessoal. A dor deu lugar a uma raiva difícil de conter, a um turbilhão de imagens, fotogramas mentais que ele revia em zapping procurando um caminho que o levasse a Tyrell, o inimigo. Confirmou que tinha consigo uma arma de mão, uma pistola roubada a um dos polícias militares do carro despistado na Base de Houston.

Sofia pegou num telefone e ligou ao 112, dando notícia da existência de meninas doentes, abandonadas à sua sorte naquele local. Pediu muitas ambulâncias para as muitas meninas. Não sabia o nome da rua, mas sabia as coordenadas GPS. O laboratório, no seu todo, era um complexo enorme. Uma capital da ciência. Como entre os cinco invasores existiam informáticos, engenheiros e cientistas, conseguiram anular os sistemas de deteção de calor ou fumo e arranjar combustíveis. Confirmaram que os fetos que se localizavam nos aquários do túnel blindado nada sofreriam pois tinham ventilação e alimentação elétrica próprias, separadas do resto.

Mal viram aproximarem-se do infantário as equipas do 112, pegaram fogo à metrópole de crueldade. Incendiaram aquele Inferno, queimando-o até aos mais subterrâneos alicerces. Ardeu todo, com a exceção da unidade autónoma da coleção de fetos normais vindos de todo o mundo. Ardeu o laboratório levando com ele parte do passado, parte do presente e, tinham esperança, parte do futuro.

Destruído o laboratório os sete voltaram a reunir para decidirem o que fazer depois de se afastarem rapidamente. Ouviam-se sirenes da polícia por todo o lado e helicópteros voavam no céu varrendo o chão com poderosos holofotes.

Para além de Hendriks e dos seus homens, Luca ainda era procurado pelos longos braços da Interpol, sinal de que não havia lugar seguro para si fosse onde fosse.

- Nem para ti nem para nenhum de nós, disse Andrew.
- Há um lugar seguro onde nenhum deles pode alcançar-nos, sussurrou Pierre.
- Marte, respondeu Luca. Temos de voltar ao Spaceport. Ninguém nos espera lá.
- Quantas horas temos? perguntou Larissa.
- Uma hora, disse Mariah. Uma hora.
- Vamos, ordenou Andrew. O tempo escasseia.

Capítulo 21

Haverá Praia em Nova Frígia

Todas as televisões abriram com a notícia do acidente que destruíra um laboratório militar em Houston, enquanto Tyrell Hendriks lançava uma das maiores caças ao homem alguma vez vistas no Texas. Policias, cães, guarda nacional. Soltou tudo.

Os sete que haviam arrasado o laboratório, foram substituídos em segredo por outros astronautas no programa espacial por ordem de Hendriks. No lançamento, os substitutos vestiam fatos espaciais onde se liam os nomes de Sofia, Mariah, Luca, Andrew, Pierre, Larissa e Caroline. Acenaram à multidão, com os capacetes fechados, e avançaram direitos à nave. Entraram na rampa que conduzia ao elevador de acesso à cápsula espacial de grandes dimensões, filmados por todas as cadeias de televisão. Ainda hesitaram antes de acederem ao elevador, como seria de esperar, pois iam numa viagem sem regresso. Quando saíram do lento elevador voltaram a acenar à multidão bem mais entusiasmados e entraram para a nave felizes.

Quando Hendriks foi informado que tinham sido encontrados, amarrados no elevador, os substitutos secretos dos sete membros da equipa polar, a contagem decrescente para o lançamento ia no menos doze. Pegou de imediato no telefone vermelho direto e ordenou aos berros a suspensão do lançamento da nave espacial, mas do outro lado pediram-lhe que tivesse calma e repetisse a encomenda, dizendo que era da Pizza Hut. Solicitavam também a morada e um telefone de contacto. Saiu do gabinete e correu para a central de comando e controlo, vociferando para pararem já, mas o ruído das palmas pela ascensão da nave polar nos céus, impediu que o ouvissem. Era tarde demais - os mutantes iam a caminho de Marte.

Pediu o filme de segurança do elevador e descobriu que os sete já lá se encontravam, quando os substitutos entraram. Também lá estavam quatro homens armados, de fato, gravata e óculos escuros que manietaram os substitutos. Ampliou os rostos dos quatro homens e foram fáceis de identificar: eram todos a cara chapada do próprio Tyrell Hendriks.

Sete minutos depois recebeu um alerta do Espírito Santo. Era uma notificação de perigo máximo: haviam escaramuças entre serviços secretos por toda a América, mas a NSA tinha detetado uma operação ilegal da CIA em larga escala, dentro das fronteiras do Texas. Desconheciam o que é que a CIA queria ou sabia e temiam uma guerra civil entre agências dos Serviços Secretos. Era indispensável que a Trindade

fizesse uma reunião magna de emergência e que o Vice-Presidente Tyrell se mantivesse com segurança pessoal reforçada 24 horas por dia, pois receava-se que fosse um alvo. Lá fora os familiares dos novos argonautas, assistiram ao lançamento dos gigantescos foguetões. Eram uma coisa do outro mundo.

* * *

O mail com a digitalização da carta que Sofia guardara no velho atlas viajou no éter rumo aos seus destinatários, com o programa de um jogo ou de um vírus que ela não compreendia, mas cuja perigosidade suspeitara. Quando caiu no FBI foi remetido para a secção de seleção de mails segundo a importância dos crimes que relatavam indo cair na parte de baixo duma longa lista de queixas aparentemente mais graves. Ao dar entrada na Casa Branca foi reenviado para as relações públicas que agradeceram o envio e prometeram dar-lhe o tratamento mais adequado. Mas a CIA tinha um software de deteção de nomes relevantes que apanhou o nome de Anthony Crane. Foi reenviado para a Secção da Guerra das Estrelas em milissegundos e duas horas depois tinha sido reencaminhado a segurança informática. No dia seguinte depois o telefone tocou no gabinete do diretor da secção da Guerra das Estrelas e este não gostou do que ouviu. O diretor do serviço de segurança informática da CIA estava alarmado com o que lhe tinha dito o engenheiro informático que analisou o software. Conferenciaram com o Diretor Geral da CIA que os ouviu com atenção e lhes agradeceu o bom trabalho. Não lhe disse nada como era habitual, mas fez dois telefonemas: Um para Houston onde deu ordem para uma operação armada no interior dos Estados Unidos. O comandante local ainda estrebuchou dizendo que era ilegal, mas o Diretor Geral assumiu a responsabilidade. O segundo foi para o chefe de gabinete do Presidente dos Estados Unidos pedindo para ser recebido nas próximas quatro semanas. Quando lhe perguntou que assunto devia agendar para a ordem de trabalhos, o Diretor da CIA disse-lhe que era sobre a legalidade duvidosa do apocalipse.

* * *

Andrew manteve-se como Vice-Presidente. Na nave principal viajava Francisca William, a presidente, bem como a divisão médica militar que incluía um Cirurgião Geral e um Ortopedista, ambos com treino em trauma, um Pediatra, um Obstetra e um Internista. A nave era maior que as demais, transportando dois pilotos e catorze outras pessoas. A terceira era uma nave de construção de estruturas, com oito engenheiros e um piloto.

Francisca tinha recebido relatórios sobre os membros da sua equipa e sobre os

mutantes. Para além da sùmula clàssica, tinha-lhe chegado jà apòs a descolagem um resumo nã oficial, de proveniência desconhecida, em que se detalhava a açã de Luca Zuriaga no assalto ao laboratòrio de Hendriks. Tratava-se de uma montagem dos vùdeos de segurança, desde a base espacial de Houston atè ao ataque. Luca nã era apenas ràpido e eficaz em combate: Era audaz. Buscava o espanto do adversàrio e usava a breve paralisia que a surpresa provoca sempre, para vencer o inimigo. Parecia nã apenas que ele era atraído difusamente pelo perigo, mas que buscava avidamente o encontro direto com a ameaça. Era um suicida a quem os dados tinham oferecido uma improvável longa carreira ou era, à sua escala, uma exceção; muito diferente dos cientistas, militares e engenheiros que ela conhecera e que acabara por liderar, quando entrou no projeto Biosfera 4, um ecossistema hermeticamente fechado, isolado do resto do ambiente terrestre em que se testou a capacidade de mimetizar a autonomia e o equilíbrio da biosfera terrestre. Francisca ingressara nesse projeto como simples psicóloga, especializada em psicologia social. A sua missão era estabilizar o grupo dada a má experiência anterior da Biosfera 2, em que se verificaram divisões e conflitos graves que questionaram a continuidade da experiência. Infelizmente também aí não foi possível impedir a progressiva divisão em fações antagônicas e, desta vez, não houvera nenhuma descida dos níveis de oxigênio, como aconteceu na Biosfera 2 e em menor grau na Biosfera 3b, que ajudasse a explicar a agressividade tardia dos membros da equipa. Desistiu de pacificar pelo consenso a pequena comunidade enclausurada e optara pela gestão do medo como modo de unir as pessoas. A sua ascensão até à liderança da Biosfera e a sua defesa de que seja qual for a circunstância que leve um Estado a deixar um território – mesmo uma pequena biosfera - mais tarde ou mais cedo aparecerá outro, impressionou toda a gente e fora essa capacidade de se impor que a elegera para liderar Marte. Francisca explicou posteriormente que o Estado surge por geração espontânea acima de um número crítico de adultos e como o seu nascimento é atribulado por ser dúplice ou tríplice na fase do tribalismo, a única forma de diminuir a dor associada a esse parto é falar muito, falar sempre, mas manter-se focado na construção da forma final do Duque desde o primeiro dia. Olhando Luca nos filmes, Francisca achou que teria de ter cuidado com ele, dada a postura de caçador solitário desse felino. A grande maioria das pessoas cumpre instintivamente ordens sem as discutir, desde que sejam apresentadas com algum ritual, de que o formalismo, que apresenta as ordens como regras universais, é o exemplo de ritual dominante. Não interessa grande coisa a substância da norma nem a sua racionalidade propriamente dita e menos ainda quem com ela lucra. Monte-se um cavalo com os arreios certos e desate-se a dar instruções de cima para baixo e serão executadas. Provindo elas de quem tem um cargo ou um título e o homem corrente instintivamente seguirá a multidão. *“Um pastor ou um vaqueiro, meia dúzia de cães*

de guarda e a manada pode dezenas ou até milhares de membros, mas comportar-se-á como um corpo único”, explicou Francisca na entrevista após o seu sucesso na Biosfera. Nalgumas culturas, nomeadamente no oriente, a obediência estrita às regras é vista até como sendo moralmente superior: cumprir as normas, as regras, gera previsibilidade e paz aparente. *“O rebanho no seu apogeu encontra-se no extremo oriente”*, sintetizara Francisca nesses anos que agora pareciam tão longínquos. Na sua forma mais evoluída o Duque descobriu que deve falar manso e nunca acusar o não complacente de ser um opositor, mas sim um incumpridor. As lideranças amadoras criam opositores, as profissionais incumpridores. Isto mesmo que seja bem visível para todos que quem não obedece é esmagado sem justiça ou piedade pelo Engomado, para que se saiba: usa-se em sequência a força, à luz do dia mas sem espalhafato, passo após passo, pois se não cumpriste isto és penalizado com aquilo e senão cumprires esse aquilo isso é um novo crime e por esse novo crime serás punido com aquela outra medida, resultando no fim da sequência que é capaz de esbulhar uma família do seu salário, dos seus parques bens, da sua casa, porque não pagou uma portagem ou minudência similar. Pelo caminho vai falando sempre, falando muito, dizendo que o desconhecimento das regras por parte da vítima só pode beneficiar o próprio Estado, que vai, é claro, tratando de mudar as regras com quanta frequência pode para que ninguém as conheça, a não ser os seus serventuários. Quando o Estado acusava o desviante de ser um perturbador da ordem, um subversivo, um opositor, punha o acento tónico na racionalidade das ordens e isso era um erro. O Duque para ser mais eficaz deve retirar da equação qualquer aspeto substancial do não conforme e descrevê-lo apenas como violador da legalidade e da ordem. Aí sim acende a resposta genética automática da maioria da manada que obedece primeiro e, ou nunca questiona a regra ou o faz de forma pueril. O “incumpridor” ficará isolado, desgarrado, alvo fácil para os cães de guarda. Luca suscitava preocupação em Francisca: não fazia automaticamente parte da manada e o uso simples duma ameaça externa podia ser ou não ser suficiente para tornar o seu comportamento previsível pois Luca tinha traços psíquicos de lobo solitário. *“Ora mesmo se a Ocidente a obediência cega ao Estado não tem o mesmo prestígio que tem no Oriente, há povos que, como se dizia do alemão, no limite obedecem ao tipo que gritar mais alto”* dissertou nos idos pós Biosfera, Francisca William, explicando que várias são as estradas que se podem tomar para chegar a Roma. Mas no extremo Oeste, entre holandeses, franceses, mediterrânicos ocidentais e anglo-saxões e seus herdeiros norte-americanos, há a figura do livre pensador na sua forma mais simples e a do lobo solitário na sua forma mais imprevisível. *“Esse é o único predador conhecido do Engomado na sua infância, já que na idade adulta um Estado só pode se capturado por outro Estado”*. Francisca teria cuidado.

A travessia até Marte foi encurtada para três meses pelos novos motores de

propulsão elétrica, alimentados por reatores nucleares que aceleraram durante seis semanas após o escape terrestre e travaram as naves nas outras seis.

Durante a viagem os mutantes aproximaram ainda mais uns dos outros. Descobriram que a vida de todos eles estava polvilhada de improbabilidades. A família de Suren em Tabriz, apesar de conotada com a esquerda pró-soviética, tinha sido salva e ajudada a fugir da Pérsia, durante a repressão direitista, por nazis. Andrew e Caroline eram filhos únicos de mães solteiras que juravam terem engravidado virgens. Pierre tinha tido um tumor germinativo testicular na infância, sendo transferido para os USA para um tratamento experimental. Durante o internamento lembrava-se de ter visto no mesmo hospital um miúdo que tinha a certeza ser Steven Boyd, o ruivo. Todos tinham sido ajudados nas suas carreiras por desconhecidos, muitas vezes de forma misteriosa ou exótica. Luca Zuriaga tinha sido defendido, depois de preso, por um advogado muito caro e quem lhe pagara fora um benemérito inominado, pois os pais não tinham dinheiro.

Luca sentia que as teclas da amizade distinguiam agora, não amigos de conhecidos, mas melhores amigos de simples amigos. Luca, Andrew, Pierre, Sofia e Mariah eram melhores amigos, como na infância. Nunca soube se Caroline, Steven e Larissa, se apercebiam da existência dos dois círculos de afetividade fechados um sobre o outro. Um círculo com oito camaradas e, por dentro desse, um círculo com cinco almas gémeas. A fronteira era uma membrana fina como a de uma bola de sabão, mas intransponível. Quando Marte surgiu nos óculos na nave, deram-se as mãos, olhando a sua nova casa, mas a ténue membrana, a película da bola de sabão, manter-se-ia em torno dos cinco, impenetrável.

Em órbita solar perimarciana puderam ver as inúmeras naves logísticas de carga flutuando no espaço.

* * *

Após o início da viagem, Theia, passara a órbita de Saturno e souberam que era um planeta rochoso, com uma massa dez por cento superior à Terra, apesar de ter um diâmetro bem maior. Tinha não só duas luas gigantes que se orbitavam uma à outra e ao planeta principal, mas também uma lua pequena, densa, mais perto do planeta. Mas a grande novidade foi outra. Os Estados Unidos conseguiram divergir um cometa gigante, vindo da nuvem de Oort, muito rico em árgon, mas com nitrogénio, água, metano e oxigénio, e apontaram-no a Marte. Cem foguetões, mil ogivas termonucleares de grande potência lançados pelo Pentágono tempo antes e a força gravitacional de Neptuno fizeram o milagre. O encontro do objeto de cem biliões de toneladas com Marte ocorreria dentro de quatro semanas, ou seja dois meses antes de chegarem e, se tudo corresse na perfeição, ganharia uma atmosfera

mais favorável.

Essa notícia e a divulgação na Terra, da dimensão da Missão de Sobrevivência Humana em Marte da Entente levou a que a China e da Rússia anunciassem a fusão operacional das suas missões e o fim da trilateral com os USA e na Europa. Apesar da colaboração Sino-Russa, estes manteriam projetos coloniais separados, bem como mantinham a intenção, não assumida, de enviar as suas lideranças para o planeta vermelho. Por outro lado, a hipótese de Marte ter uma atmosfera que, não sendo respirável, era compatível com o aquecimento planetário e a liquefação da água, levou ao financiamento da modificação de algumas estações orbitais terrestres com vista à sua transferência para Marte, caso a Terra não sobrevivesse. A imprensa especulava sobre quem seria enviado e segundo que critérios.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo, reuniram-se de emergência a terceira vez, agora em Minneapolis, e as coisas correram mal. Não era uma reunião restrita às chefias, era uma reunião magna.

Um dos representantes do Filho estava furioso com o curso dos acontecimentos e havia muita desconfiança entre as múltiplas faces daquele Juno.

Na Trindade cinco homens representavam o Pai, sete o Filho e três o Espírito Santo. Mas só apareceu um do lado dos serviços secretos.

As outras duas facções protestaram ter vindo apenas a liderança máxima do Espírito Santo. Não fora o acordado. Queriam ouvir cada uma das três principais forças com capacidade bélica que integravam o braço armado da organização.

O enviado que presidia aos dissidentes dos serviços secretos, explicou que os problemas eram maiores que o antecipado. Muito maiores. Tinham a CIA à perna. Os outros dois representantes do Espírito Santo estavam a ser fisicamente seguidos pela CIA em pleno território nacional americano. Por si só, a vontade da CIA, que estava proibida de atuar dentro dos USA, correr esse risco, explicava bem a gravidade da situação. Declarou que, por outro lado, não tinha conseguido impedir o Pentágono de atirar o cometa gigante contra Marte. Impossível. O Espírito Santo suspeitava que o Pentágono e a CIA tinham agendas diferentes, apesar de ambos serem seus inimigos potenciais, mas ainda não havia informação suficiente sobre o que se passava. Várias escaramuças físicas entre forças de várias agências, cursaram com perdas de vidas humanas, como acontecera no Texas. Aí, em Houston, acrescia que o Pai tinha voltado a extravasar os limites do seu papel e tinha tentado fazer o trabalho do Espírito Santo, dando à CIA um pretexto para eliminar todo o comando envolvido e ao Pentágono a certeza que alguma coisa de ilegal se passava sob a asa da Vice-Presidência.

O cavaleiro primeiro do Filho, ligado à indústria aeroespacial, não aceitou a

explicação. As Chefias do Pentágono e os seus ex-amigos da CIA eram demasiado fortes? Tretas. Era sabotar-lhes os computadores a partir dum agente implantado na China. Enquanto eles se distraíam com os mongóis, era esperar que o planeta-embuste caísse em Júpiter para acabar tudo em bem. Estavam a um minuto disso.

Mas o Espírito Santo suspeitava que, depois da cena de Houston, o Pentágono já tinha dado com a tramoia toda, mas como beneficiavam dos investimentos do governo, queriam continuar a ser enganados para além de Júpiter. Queriam empurrar a Trindade para uma solução em que o teatro terminasse no retorno do planeta que ameaçava a Terra, à nuvem de Oort. Se o planeta fantasma se afastasse sem desaparecer, mantinha-se algum nível de alerta e o investimento na Guerra da Estrelas continuaria.

Isso é uma loucura, respondeu o cavaleiro segundo do Filho, representante da indústria da informação. Eles não fazem ideia de como a coisa foi montada. O bluff não vai aguentar. Depois das modificações introduzidas por Crane, o modelo tem vida própria, não é um robot que se possa redirecionar. É um animal informático, um camaleão, e agora sabe-se que vai morrer contra Júpiter. Mexer-lhe é expô-lo.

O cavaleiro terceiro do Filho, da indústria mineira, foi o mais duro. Insistiu que se Marte ficasse com uma atmosfera demasiado densa não se podiam lançar asteroides com metais preciosos contra ele. Ardiam mais de dois terços na atmosfera, o resto espalhar-se-ia por uma vasta área e com isso perdiam-se milhares de milhões de dólares seus e dos seus aliados da eletrónica. Podia até desaparecer por completo a margem de lucro em relação a uma solução de exploração do fundo oceânico. E ficando as coisas demasiado boas para uma colonização precoce de Marte, quem garantia que os colonos não esperneavam quando vissem os asteroides a chover-lhes em cima?

O Pai, o Espírito Santo e o cavaleiro primeiro do Filho garantiram a fidelidade dos colonos. O segundo manteve-se neutral, mas os quatro cavaleiros restantes tomaram o partido do cavaleiro terceiro. Convenceram-se que havia uma segunda agenda: colonizar Marte em larga escala, mesmo antes de haver tempo de depositar lá minério, como estava combinado.

Facilmente se quebra o invisível cordão umbilical da confiança, bem mais vital entre os faltosos que entre os cumpridores e cinco cavaleiros do Filho abandonaram Minneapolis e desertaram da Trindade.

Hendriks deu um murro na mesa e exigiu uma clarificação do Espírito Santo e dos dois cavaleiros do Filho que se mantinham na organização. O Vice-Presidente, cavaleiro primeiro do Pai, recordou que tinha cedido aos interesses da indústria aeroespacial e ao Espírito Santo, e entregara os espécimes necessários à otimização de um homem adaptado à colonização do espaço. Respeitara a exigência do Espírito Santo, de captura de exemplares naturais e apostava exclusivamente no cruzamento

sexual, já em Marte: zero manipulação genética do seu lado. Identificação, captura e entrega. Jogo limpo. Oito espécimes de variantes genéticas extremas em que as mutações, mesmo que poligénicas, eram dominantes e tinham sido bem caracterizadas. Essas mutações permitiriam ao novo homem sobreviver no espaço. A resistência ao frio, a resistência à privação temporária de oxigénio, a capacidade de memorizar fotograficamente instruções dadas a longa distância em caso de crise, um padrão de sono independente do ritmo circadiano terrestre, a resistência a infeções epidémicas que facilmente eliminam pequenas comunidades, uma capacidade de cicatrização excecional, a capacidade de prescindir da visão sendo capaz de andar na escuridão absoluta e a orientação tridimensional num ambiente sem referências, e, eventualmente, capacidade fotossintética por pigmentos animais recém-descritos. Quando conseguissem conjugar num homem todas estas características, a indústria aeroespacial e o Espírito Santo teriam um ser muito mais capaz de proliferar nas colónias. Tudo natural, insistiu Hendriks, que, à constituição desenhada para a especificidade de Marte, acrescentara quatro atos únicos que seriam revelados um por ano e que levariam à disseminação desses genes através de cruzamento sexual natural, ao longo das gerações. Francisca William garantira-lhe o cumprimento dos atos únicos, desde que lhe dessem a ela um título sonante.

Os interesses primários do Pai eram outros, enfatizou. Ele e os outros quatro cavaleiros do Pai viviam da intervenção genética. Andar à caça e fazer cruzamentos era para produtores de cães. O seu negócio exigia sempre manipulação. Além disso, se a coisa estoirasse o Filho perderia muito, mas sobreviveria. Parte do Pai incorria em perigo de pena de morte e desde já avisava que não ia sozinho.

Os restantes participantes voltaram a afiançar o acordo anterior. O fantasma ia a caminho de Júpiter, desapareceria sem deixar rasto, engolido pelo planeta gigante, e a operação extinguiu-se numa morte tão súbita quanto a do planeta fantasma. Quisesse a liderança do Pentágono o que quisesse, a coisa morria ali. Era um compromisso de sangue de cavaleiros. Conseguira-se já muito.

O Espírito Santo tinha ainda de perceber que jogo jogava a CIA e porquê, mas as suas ações ilegais tornavam-na vulnerável à sua decapitação a curto prazo pela presidência e o vice-presidente devia aproveitar esse erro da CIA para aticar contra ela Magnuson. Pagariam uma indemnização aos brutos dos mineiros, à malta da eletrónica, da energia e das finanças, para os acalmar e tudo ficaria bem. Agradeciam a Hendriks a sua flexibilidade e propuseram uma candidatura sua à presidência dos Estados Unidos, caso o Presidente Magnuson não aguentasse a pressão psicológica e pedisse a demissão.

Hendriks tinha ficado desiludido com a eliminação de Anthony Crane e voltou a falar no assassinato de Cardoso. O Espírito Santo repetiu que tinha sido um louco. Eles não tinham nada a ver com isso. Nada. Uma coisa era um cientista

desconhecido, outra um Presidente. Bastava ter-se lido a ficha militar desse Crane para se perceber que jogava sempre em vários tabuleiros e nunca cumpria as regras até ao fim. Se tivessem tido algum papel no que toca à morte de uma figura como o Presidente, o FBI e o congresso não os tinham largado mais. Ora o FBI parecia parado, a leste. Seria suicídio beliscarem sequer um Presidente.

Hendriks comentou que não sabia se a Francisca William, escolhida pelo Espírito Santo, era mais previsível que Crane, escolhido pelo Filho a conselho do Pai. Abordou o caso do incêndio do seu laboratório, que estava convencido não se ter tratado de acidente mas sim um ataque com ligação à fuga dos mutantes e lamentou ter-se sentido sozinho nessa contrariedade. Por isso tinha atuado com uso da força. Perdera património muito valioso, algum insubstituível, e o Espírito Santo não aparecera a tempo. Que queriam que ele fizesse? Que assistisse, sentado, à casa a arder e aos incendiários a fugir? Quis saber se uma candidatura sua às presidenciais era consensual e todos o garantiram, apenas com uma exigência do Espírito Santo: tinha de deixar os alemães da Gronelândia em paz, para evitar os anticorpos do Pentágono. Hendriks disse que se dentro de dezoito meses não tivesse sucesso nos seus esforços para dominar a animação suspensa, entregava a sua coleção de alemães ao Pentágono.

O Espírito Santo recordou que o termo “coleção” caía mal no goto do Pentágono e Hendriks devia fugir do seu uso em reuniões com a tropa. Mas aceitou as garantias do Vice-Presidente e todos aplaudiram o novo candidato.

Tyrell Hendriks ficou mais descansado. Garantiu que forçaria a decapitação do Pentágono e da CIA nas próximas quatro semanas, sendo contudo óbvio que a nova liderança da tropa continuaria a não ser da Trindade. Os seus homens estavam ainda em posições demasiado baixas da hierarquia. Mas enquanto os novos chefes aqueciam o lugar, ganhava-se tempo. Com a CIA ainda era pior pois não tinham ninguém de confiança lá dentro. Houve fumo branco, mas todos sentiam que o génio crescera demasiado e ameaçava não caber de volta na lâmpada de onde se havia libertado. Quando a reunião acabou, já todos pediam que Júpiter chegasse depressa, para impedir que a sua ópera bufa se transformasse numa ópera trágica.

* * *

A nave dos Marines e a primeira nave de engenharia, acompanhadas de múltiplas naves logísticas, levantaram de Marte e posicionaram-se em órbita solar perimarciana, para escapar ao cometa, gastando-se nessa operação muito combustível que teria mais tarde de ser repostado pela Terra. O cometa trazia um spin elevado quando entrou em órbita de Marte e a força gravitacional provocou a sua rotura, fragmentando-o em mais em mais de 450 objetos que adotaram órbitas

espirais sobre o planeta. Uma chuva de pequenos asteroides gelados, que se desfaziam em fragmentos menores, muitos deles passando ao estado gasoso, dada sua riqueza em árgon. A visão desses inúmeros anéis espirais colapsantes que se cruzavam e se entrecortavam, enquanto choviam do espaço sobre Marte, era inesquecível. Ao estilhaçarem-se na superfície de Marte levantavam milhões de toneladas de gelo e pó que de seguida se redistribuía na superfície. Os caleidoscópicos arcos íris duraram perto de dois meses, no fim dos quais o planeta vermelho era menos vermelho e mais branco dado o gelo e mesmo neve depositados. A frota em que se incluía a nave polar aproximava-se do rendez-vous, mas a sua trajetória foi modificada para que entrassem em órbita alta. Só duas naves de carga se perderam por colisão com pedaços do cometa, mas nenhum satélite artificial marciano sobreviveu.

O sucesso da colisão ultrapassou todas as expectativas, pois para além dos constituintes do próprio cometa, o seu impacto térmico, principalmente na zona polar, levou à sublimação de toneladas de gases. A pressão atmosférica subiu para o equivalente a oito mil metros de altitude na Terra, menos que a altitude do Everest. A temperatura média elevou-se doze graus no equador e vinte e cinco graus nas regiões polares, prevendo-se que continuaria a subir progressivamente ao longo de várias décadas. A radiação cósmica e solar era melhor filtrada pela nova atmosfera, onde se esboçava o aparecimento de algum ozono na zona equatorial. Essa região ficara com temperaturas diurnas sempre acima de zero e, na estação mais quente, com temperaturas positivas vinte e quatro horas por dia. Pela primeira vez em milhares de milhões de anos, voltariam a correr rios em Marte, pelo menos no equador e, durante o Verão, nas regiões tropicais. Os musgos e os líquenes que Sofia preparara ainda seriam únicos nas latitudes mais frias, mas nas tropicais outras plantas podiam ter a sua chance mal o oxigénio subisse um pouco. O poeira vermelha tinha diminuído bastante. O ar continuava irrespirável, mas bastava agora uma máscara de oxigénio e roupa com aquecimento ativo, forrada com filtros contra as radiações. Os fatos espaciais podiam ficar em casa nas saídas de curta duração, nas regiões mais quentes.

Quando a notícia do êxito chegou, foi recebida com festejos na Terra como se toda a humanidade pudesse dar o salto de oitenta milhões de quilómetros que escassas dezenas de eleitos estavam a dar. O povo via nisso um sinal de bom augúrio, chuva depois das orações em tempo de seca e uma prova de que tudo era possível. Marte era crescentemente conhecido nos media como a Nova Terra. O sucesso foi um aval à maturidade da indústria aeroespacial, uma prova do poder do Pentágono na sua capacidade de lançar vetores para o espaço exterior, mas ficou no ar a dúvida sobre se o processo de aprovação presidencial tinha seguido as regras

habituais, uma vez que não havia registo de que o velho presidente Emílio Cardoso tivesse dado tal ordem.

Magnuson apelou à unidade de todo o mundo e substituiu a liderança das forças armadas por figuras consensuais, de forma a que todos empurrassem o barco da nação americana no mesmo sentido. Não achou contudo oportuno mexer na CIA que manteve a mesma chefia.

* * *

A Presidente mandou lançar um punhado de microsatélites de levantamento geográfico e geológico do planeta, após o que Andrew que não tinha tido contacto com Steven Boyd desde a sua tentativa de fuga de Houston pediu para falar com ele para saber novidades do estado de Marte. Quando ele surgiu no écran da nave de engenharia, principalmente para fornecer dados sobre a resposta da crosta marciana ao aumento da pressão atmosférica e à liquefação de lençóis de água, foi difícil reconhecer nele o antigo companheiro da nave polar. Estava tão zangado como sempre, mas mais envelhecido, distante e frio. Estava diferente.

- A crosta portou-se bem na nossa zona de interesse, sintetizou Steven. Os abalos iniciais acalmaram e são neste momento irrelevantes. Nunca foi dramático, mas mexeu mais do que esperávamos. O planeta não está seco, ainda há magma a boa temperatura e eventualmente não tão longe da crosta como isso. Há alguns reservatórios superficiais de água perto da zona escolhida para pousarmos e quando a lama sedimentar vão ser lagunas com uma profundidade razoável.

- Ouvi dizer que a novidade é que debaixo duma extensa porção das zonas baixas do planeta há um oceano congelado e o solo sólido nesses territórios não tem mais de um a três metros de espessura, comentou Andrew. Que achas?

_ Não acho nada, respondeu Steven Boyd.

- Steven, a poeira como está?

- A velocidade do ar à superfície anda na casa dos 20 a 30 km hora. Ainda há alguma poeira mas menos que o mês passado.

- A visibilidade não é um obstáculo? interrogou Andrew.

- Nunca foi.

- Por ti podemos descer, meu amigo? perguntou o vice-presidente.

- Não mando nada e não somos amigos, retorquiu Steven.

- Toma conta de ti, despediu-se Andrew.

- Nós vemo-nos lá em baixo, terminou Steven.

Steven Boyd parecia falar inglês, mas na verdade falava uma língua índia. Aquele pronome *nós* era um nós não inclusivo. Era eu e quem estiver comigo, mas tu não. Eu e os meus contra ti e os teus, como o sétimo pronome do idioma mãe da

antiga Língua Geral do sudeste do Brasil, o Tupi.

A frota estava pronta para a descida. A primeira nave a amartar seria a nave dos marines, seguida das naves de engenharia, da nave presidencial e por último, da nave polar. Na Terra tinha-se optado por fazer dois novos lançamentos, mesmo antes das quatro iniciais testarem o solo pois os Russos e Chineses também iam avançar a qualquer instante.

A nave dos marines fez a trajetória esperada, pousando perto da linha de costa a norte da Cordilheira Górdia, marginando a Planície Amazónica. Batizaram o local da colónia como Nova Frígia, no norte da cordilheira, quase a meio caminho entre a Mensa Amazónica e o sul de Lycus Sulci. Alguns chamavam-lhe só Frígia ou Colónia Frígia. As suas estruturas prévias, mais no interior, tinham desaparecido sem rasto após a queda do cometa. O local parecia menos inóspito que o esperado. Haviam lençóis de água a alguma distância, mas bem identificáveis à vista desarmada, zonas de gelo e bastante terra vermelha firme. Via-se também no horizonte, a nordeste, o formidável vulcão, o Monte Olimpo, com os seus mais de vinte e dois quilómetros de altura. O local foi batido pelos marines nos dois Rovers da nave e os pontos de ancoragem das outras quatro cápsulas escolhido.

A visão do novo continente impôs-se como um adeus à Terra e todos se prepararam para construir uma nova humanidade em Marte. Luca despediu-se do passado com a melodia que convocava Druidas adormecidos no futuro, trauteando a música de embalar que ouvira no alto Atlântico, da boca da avó americana. Os seus amigos nunca tinham ouvido essa melodia que parecia uma harpa celta tocando Habanera Gris, mas com um tom simultaneamente mais esperançoso e mais terno, apaixonando-se imediatamente por ela. Luca não se recordava das palavras, mas o som e o tom estavam lá. Pediram que a trautesse mais uma vez e Pierre acompanhou o trautear de Luca, assobiando de forma tão melódica e densa que os pôs em pele de galinha. Não era um assobiar comum, era um instrumento com uma musicalidade a meio caminho entre o canto da voz humana e uma flauta. Luca calou-se e Pierre continuou cantando a toada através do fabuloso assobiar. Riram-se como se fossem colegiais. Como era possível uma coisa tão simples e tão bela ter-se mantido em segredo entre eles, depois de meses de proximidade diária? Andrew confessou que pensava que sabia assobiar até ter ouvido Pierre.

- Vamos assobiar juntos a música do Luca, desafiou-o Pierre. Começaram os dois a assobiar num dueto quando um dos pilotos que na viagem se aproximara bastante do grupo, Diane, se colou a eles e então já não era um dueto, era um coro que depois de uma primeira vez, teve de repetir uma segunda vez aquela balada. Sorriam enquanto olhavam para Diane. Talvez houvesse gente boa entre os

voluntários.

Irrompeu no peito de Luca, sem ter sido convidada, a sonora tecla da amizade. A intransponível membrana da bola de sabão que fechava o círculo dos cinco amigos, abriu-se a ordens de Sésamo e deixara entrar uma sexta pessoa. Não com palavras ou atos, mas com um sorriso e a fantasia duma música.

Já todos tinham reparado no sorriso solto que não retirava mistério ao rosto asiático da piloto que falava a língua de Luca, mas agora viam alguma coisa mais. Porque seria ela voluntária numa missão sem regresso ao planeta Terra? Quem teria voluntariamente deixado para trás? Por que mérito teria sido escolhida se não nascera mutante?

Amartada a nave dos marines, a duas dos engenheiros, a nave presidencial de seguida e a polar por fim tocaram o solo sem abalos. A nave presidencial era tão grande que tinha sido montada em órbita terrestre. Como a gravidade de Marte era menor que a da Terra foi possível pousar nesse planeta sem se desfazer. A temperatura exterior era de cinco graus Celsius e a pressão aceitável e os astronautas saíram para o exterior poucas horas após a chegada. Os marines tinham razão: o planeta parecia menos inóspito, com o seu céu verde esmeralda claro do metano, de laivos avermelhados de terra, as manchas de gelo e, à distância, os lagos descontínuos, vermelho escuros. Zuriaga olhou para os arredores do novo povoado com outros olhos. Era possível viver ali.

Capítulo 22

As Amazonas

Luca sentia-se impotente quando recordava as pessoas que ficaram para trás, nessa ilha gigante pintada de alvo, entre Marte e o Sol. Saberá com clareza o que aí vinha o Luís? Teria medo? Que desolação não o poder proteger nem a ele nem aos seus pais. Que seria feito do Tomás? Onde estariam os seus colegas das artes marciais? Como reagia a família americana que o acolhera na costa da Virgínia? Recordou-se do seu pai lhe dizer que era culto e desejar que fosse justo. Tentou lembrar-se da Joana, a antiga namorada, mas sobrepôs-se-lhe o rosto de Sofia Suren. Tinha tido sorte por causa de uns genes que tinham a ver com o frio e com a rapidez, mas estava num planeta que era para aquecer. Qual a vantagem de descendentes seus tolerarem melhor o frio? Qual a vantagem, fora das artes marciais, de ser rápido num mundo que seria sempre altamente sofisticado? A última coisa que lhe passaria pela cabeça seria praticar artes marciais, artes de guerra, num planeta virgem, a desbravar e com meia dúzia de habitantes. Pelo contrário, percebeu, a sua chegada a Marte era finalmente a oportunidade que esperava para encontrar o sonho duma vida simples e pacífica.

- Queres saber quais são os trunfos fenotípicos dos meus fantásticos genes, Luca? perguntou-lhe Sofia que se aproximara sem ele a ver.

- Quais são?

- Cicatrizar bem, conseguir imaginar em três dimensões objetos geométricos e manter a forma dos olhos em microgravidade.

- Microgravidade? questionou o lisboeta.

- Sim. Durante a viagem por exemplo. A minha visão não se deteriorou por deformação dos globos oculares como a de muita gente.

- Mas vais voltar a fazer a viagem de volta?

- Não. Isso não me serve para nada. E a visão tridimensional, fazem-na os computadores. É isto que entusiasmo Hendriks e foi isto que me salvou.

- Porque me vieste contar isso?

- Estavas com cara de quem não percebe o que está a fazer nesta terra. Como eu. Talvez a tua amiga japonesa nos possa explicar melhor.

Luca fingiu não ouvir a alusão a Diane Nishimura.

- Não percebo nada, disse. Contou-lhe qual era a vantagem dos seus genes.

Estou agradecido por ter tido a chance de sobreviver, mas os assassinatos em Lisboa, as experiências de Hendriks em Houston e tudo o resto... às vezes é irreal, fico com a sensação que vou acordar a qualquer momento.

- Eu já não tenho esses sonhos, Luca. Cortei com o passado no dia em que parti para este mundo. Olho para os anos que vêm aí. Espero apenas que a Francisca William seja uma pessoa decente.

- Também eu, Sofia. Espero encontrar finalmente paz.

Os mutantes ficaram surpreendidos quando viram a presidente. De alguma forma não tinham a imagem de que ela pudesse ser tão nova. Era de ascendência africana e tinha alguns traços andrógenos que reforçavam o seu exotismo.

“O teor de oxigénio é de pouco menos de sete por cento, vinte milímetros de mercúrio, o que torna a sua extração direta da atmosfera muito mais barata que a síntese”, foi a primeira frase da presidente Francisca William na reunião geral dos colonos.

Nem boas vindas, nem apresentações, nem enquadramento histórico. Nem uma palavra que valesse um centavo sobre a tragédia em curso que os trouxera ali. Era óbvio que o que lhe interessava era a ação.

“Com a nova atmosfera, podemos usar balas de oxigénio muito mais leves pois podemos misturar o oxigénio das balas com a atmosfera de Marte, o custo energético da manutenção da temperatura é irrelevante. O custo da manutenção do diferencial de pressão desapareceu e as naves vão ser ajustadas à pressão marciana. A coisa está portanto muito facilitada. Fica a questão alimentar, para o sucesso da missão estar garantido. Meus senhores, a engenharia planetária tem razões para estar na moda e é possível que este planeta seja domesticado ainda na nossa geração”, disse William triunfante, com um sorriso nos lábios.

Era evidente que com ou sem desastre a ameaçar a Terra Francisca viria sempre para Marte. Tinha nascido na Terra por engano.

Os voluntários bateram palmas entusiásticas, à exceção da Diane e dos dois religiosos, que pareceram agradados, mas não eram de grandes aplausos. Dos oito convertidos só Pierre e Andrew aplaudiram fugazmente. Haveria nos sete mil milhões de pessoas abandonadas na Terra alguém que os aplaudentes amassem?

Em seguida Francisca apresentou os planos para a amartagem das naves logísticas. Discutiu-se a sua localização no terreno, sobre levantamentos topográficos tridimensionais em monitores de alta resolução, tendo em conta a sua carga e outras características específicas. Os engenheiros apresentaram planos detalhados para a construção da futura vila marciana. Do Futuro, Francisca escolheu dissecar demoradamente as miudezas.

- Gostei de te ver aplaudir. Vejo que gostaste do êxtase triunfalista, Pierre, sussurrou sarcasticamente Sofia, no fim da reunião.

- Paris vale bem uma missa, Sofia, respondeu-lhe Pierre.

- E isso quer dizer...?

- Lições da História de França, Sofia.

No fim do dia Sofia aproximou-se de um dos óculos da nave e viu Luca novamente fora da cápsula, ao frio, acompanhado pela brasileira a olharem a trajetória das naves logísticas que se aproximavam da superfície, com as mochilas às costas onde estavam as pequenas balas com reserva de oxigénio. Ela também saiu, tão curiosa com a proximidade entre os dois como com o espetáculo aeroespacial. Quando se aproximou, ele disse-lhe, sem se voltar para ela, “*Seria estranho que nós, que somos os mutantes é que fôssemos normais, não seria?*”. Ambos pressentiam naquela gente, os voluntários, uma glória e uma imprecisa cobiça que envenenava a prudência. Com exceção de Nishimura, cuja crescente adesão ao grupo dos mutantes se mantinha um mistério.

- Como soubeste que era eu? intrigou-se Sofia.

- São os meus olhos, esclareceu Luca. Deformaram-se com a microgravidade e agora tenho uma visão de 360°.

Riram-se os três com a ingenuidade dos últimos resquícios da adolescência que os abandonara, enquanto o sol se punha alaranjado turvo no horizonte de metano, turvo com o pó vermelho de Marte. As máscaras de oxigénio tinham microfone, filtros e saída de som de tal qualidade que lhes permitiam falar livremente na nova atmosfera.

As naves de carga começaram a descer e a amartar uma a uma, irrepreensíveis, em grande número e contendo muito de tudo. Uma coleção infindável de sementes, fertilizantes, bactérias, fungos, plâncton, algas, ovos de insetos e outros invertebrados, bem como os famosos extremófilos, líquenes e musgos que a Sofia e a Mariah tinham otimizado para Marte. Medicamentos, consumíveis e equipamento médico, incluindo o robotizado. Maquinaria desenhada usando os mesmos componentes, garantindo que uma máquina pudesse ser canibalizada para fornecer peças para outra, mais importante, que entrasse em falência. Tinham um revestimento antimagnético para não atraírem o pó rico em ferro. Existiam laboratórios miniaturizados e fábricas em escala reduzida totalmente robotizadas que produziam painéis fotovoltaicos, a partir de mineração local, impressão 3 D para a produção de ferramentas e peças diversas, míni centrais nucleares anteriormente usadas na propulsão elétrica dos foguetões e algumas máquinas com a nova tecnologia auto replicante. Havia estufas de tripla parede compartimentada para a produção de vegetais alimentares que a nova atmosfera de Marte tornava seguras e de baixa manutenção.

Numa das primeiras noites, Sofia acordou sobressaltada. Pensando no revestimento antimagnético das máquinas ocorreu-lhe que as formas de vida não animal preparadas para Marte tinham uma característica genética que prejudicaria o sucesso da terraformação. O defeito exprimir-se-ia com a interação ambiental entre o excesso de ferro e metais magnetizáveis na superfície do planeta e a subida rápida da temperatura e do oxigénio. Nas que ela preparara, só os tardígrados escapavam e sozinhos não serviam para nada. O erro genético pareceu-lhe fácil de corrigir, bastando a utilização de um vetor viral com um gene comum nas bactérias siderofílicas.

De manhã comunicou isso à presidente que informou Houston. Suren tinha razão. Viria uma nave com um laboratório para fazer a mudança dos espécimes em Marte e os centros de investigação na Terra usariam esse gene em todos os organismos que preparassem para serem usados em Marte. O impacto da mudança foi tão importante que a Science incluiu uma fotografia de Sofia Suren na capa de uma edição dedicada à engenharia planetária sob o título “Planetary dialogues: First Martian major contribution to planetary science”

As naves não necessitavam estar dentro das estufas pois as pessoas podiam circular à pressão atmosférica marciana, com máscara, no exterior, ficando as naves à entrada das estufas, o que libertava mais espaço para a produção alimentar e para convívio, desporto e serviços numa estufa cívica. Era aí que estava colocado o ginásio de fitness e uma das coisas que surpreendia era, não apenas estar tão bem equipado, mas ser tão confortável. A decoração era cuidada e quente. Um dia a Presidente William encontrou o Luca no ginásio e revelou-lhe que a decoração tinha sido escolhida por ela, nomeadamente a área de personal training e reabilitação. Nesse aspeto ele tinha sorte.

Depois havia a coroa da joia: uma escavadora vulcanizadora que construía túneis automaticamente, selados por vulcanização do solo por pressão sónica combinada com fusão laser. Desde que não faltasse energia, a sonificação ultra focada que induzia microfraturas ou pré liquefação na crosta, facilitando o trabalho de corte das lâminas de diamante, garantia que estas durassem cem anos. Na sua interface com o solo, a máquina cortava apenas uma fina secção periférica, como se fosse o perímetro de um círculo. O miolo do túnel ficava como uma coluna sólida assente em esferas formadas pela compactação do pó fundido, e cortada depois em secções, para remoção posterior. Não se gastava energia a pulverizar a rocha que fazia o lúmen da galeria, ao contrário do que acontece na tunelização tradicional. A máquina era grande e pesada e, por isso, só havia uma. Mas as galerias eram uma valiosa redundância da cadeia de sobrevivência, em relação à estufas.

Todos tinham presente a bomba relógio que se dirigia à Terra para a extinguir e a necessidade de receberem do planeta mãe tantos recursos logísticos quanto

possível. A chegada em breve das missões russa e chinesa também era vista por Francisca como um perigo muito real. Os marines montaram um perímetro de defesa em torno de Nova Frígia e, dentro desse, um segundo perímetro de segurança. Depois de cada decisão, a presidente William questionava o general comandante sobre se os militares a aprovavam. Eles tinham sempre a última palavra técnica. Quando chegou a segunda vaga de naves tripuladas, a população da colônia aumentou para setenta e oito pessoas. O investimento que uma humanidade sem futuro estava a fazer para garantir a sobrevivência daquelas dezenas de privilegiados, era inesperado aos olhos de Luca.

Amartaram depois as missões mono nacionais, primeiro a chinesa e depois a russa. Localizaram-se a alguma distância da colônia internacional, apesar de relativamente perto uma da outra. A missão chinesa era composta por dezanove pessoas e a russa por dezasseis. Havia uma coisa que as missões chinesa e russa tinham trazido que a Colônia mal possuía: combustível líquido em grande quantidade. A Colônia era uma viagem só de ida; não traziam bilhete de regresso. As outras tinham claramente na agenda um eventual regresso. Outro aspeto que o comandante dos marines salientou foi que a reserva logística quer de chineses quer de russos era diminuta. Eles não cuidavam da existência de uma terceira ou mesmo segunda geração em Marte, parecendo apostados na sua sobrevivência individual. As lideranças desses países não tinham vindo e a CIA tinha informado a colônia que a russa talvez fosse na vigésima terceira hora, mas a Chinesa tinha decidido ficar numa estação orbital. A sua chegada aumentaria a colônia russa talvez para vinte e oito pessoas e o líder russo traria a esposa, mas ambas mantinham um claro domínio masculino. Na verdade, apesar da presença de gente com formação técnica, eles eram todos militares. A missão russa tinha uma característica *sui generis*: todas as naves eram Rovers gigantes, podendo deslocar-se, alimentadas pelos painéis fotovoltaicos, durante anos consecutivos.

- Os russos estão sempre a inventar, comentou William.

O processo de construção das galerias sofreu um contratempo porque atravessou vários veios paralelos de minério radioativo e a análise geológica obrigou a um pedido especial de colaboração da Terra. O subsolo de Marte tinha, na região que escolheram como base, mais atividade radioativa que o esperado e a sua distribuição era duma heterogeneidade periódica, mas a Terra confirmou que os níveis de radiação, mesmo nas zonas de maior intensidade, não constituíam perigo para o assentamento.

A Constituição da Colônia foi precocemente libertada por ordem de Francisca William que a anunciou numa segunda reunião de todos os fundadores. Determinava

que o Presidente seria sempre uma mulher durante sete gerações e o seu mandato duraria enquanto mantivesse capacidade reprodutiva ela própria. Perderia o mandato cinco anos após a última gravidez. Quando deixasse de poder ter filhos seria substituída por uma candidata escolhida por eleição de entre cinco propostas pelo comando militar, composto por ela própria, a vice da altura, o General Comandante do Corpo de Marines, o Oficial de Informações, o Oficial de Engenharia, o Decano dos religiosos e o Juiz Mor. A vice presidente seria também uma mulher, mas no seu caso a questão da fertilidade não se punha, sendo até desejável que fosse uma mulher mais velha e mais experiente que a presidente. A primeira presidente não tinha vice feminino e na sua perda o comando militar escolheria uma presidente provisória até à eleição. A partir da sétima geração as eleições seriam inteiramente livres.

Apesar dos traços securitários, as liberdades ocidentais estavam garantidas na constituição à exceção de uma: a defesa de ideias que implicassem a superioridade global do género masculino estava proibida por dez gerações. Quem o fizesse de forma consistente seria erradicado da colónia. Como prova de boa vontade o padre da colónia, por decreto papal extraordinário, era uma mulher, ao contrário do que acontecia com o pastor protestante que era um homem. O machismo fora identificado como um risco para a sobrevivência duma sociedade, simultaneamente sofisticada e em que as mulheres eram supostas terem um filho de dois em dois anos, durante toda a sua vida fértil. Esse assunto fora já apresentado no passado a todos os colonos na fase de treino na Terra.

Havia ainda um ato único, não constitucional mas fisicamente fundador: na Colónia havia um colono portador de um gene dominante que lhe dava vantagem física sobre as outras pessoas. Era uma vantagem que tinha a ver com a tolerância ao frio, a rapidez, a conjugação entre a rapidez e a coordenação e, em menor grau, maior força muscular, resistência da massa óssea à baixa gravidade e melhor visão com pouca luminosidade. A conjugação dessa vantagem com o facto da comunidade ser pequena e das mulheres terem de dar vinte e quatro anos da sua vida à maternidade sucessiva, levava à decisão de ter submetido esse colono, antes da partida, a um bloqueador Y que fazia com que quase só tivesse filhas.

Para evitar a criação de um clã familiar fisicamente mais forte, esse colono só poderia casar depois de todas as mulheres de Colónia Frígia terem engravidado com os seus genes e nenhuma mulher poderia casar antes de ter uma filha desse colono. Os genes vantajosos seriam disseminados e o facto de haver trinta e oito meias irmãs na colónia não era problemático. Na segunda geração marciana só mulheres herdariam o gene forte, ajudando a criar uma geração enriquecida em amazonas que bloqueasse a ascensão precoce do machismo.

O nome do colono seria revelado pessoalmente pela presidente. Quanto mais depressa se desse a gravidez dos elementos femininos, mais depressa esse assunto seria ultrapassado, deixando de perturbar o assentamento. Depois, as pessoas seguiriam a sua vida. A imposição de gravidezes por ordem hierárquica na primeira geração era uma exigência terrestre conhecida e aceite pelos voluntários e seria implementada a partir da hora zero.

Quando Francisca anunciou esse facto, os membros do grupo polar perceberam de imediato donde tinha partido a ideia daquele ato único: do ex-líder do laboratório que eles tinham incinerado em Houston. Foi um choque sentirem no novo mundo a mão da besta.

Andrew questionou qual era a sua posição como Vice-Presidente, uma vez que a constituição, que entrara em vigor antecipadamente, não previa vices masculinos. Recordou também que ele não havia sido informado que havia na colónia um grande fecundador.

William respondeu-lhe que ele tinha razão e estava, desde já, liberto das agruras do cargo. Agradecia-lhe o espírito de missão que havia demonstrado durante aqueles meses. Disse-lhe que como não fora um voluntário desde a primeira hora, não fora informado da presença, não de um fecundador, mas de um dador genético. Todos os não voluntários tinham genes especialmente favoráveis, mas que não eram socialmente tão disruptivos, como acontecia com a destreza física numa comunidade pequena. A presidência não prescindia da prerrogativa de implementar todos os atos únicos que levassem à doação genética fosse de quem fosse.

Os religiosos também não estavam a par do programa de gravidezes por ordem superior e não o aprovaram. A padre católica afirmou que a sugestão de a incluir, tendo ela um voto de castidade, era reveladora de uma insensibilidade grosseira por parte de William. O Pastor protestante apoiou-a inteiramente. Todo o programa era contra os ensinamentos bíblicos. Foram ambos afastados, saindo imediatamente da reunião escoltados por marines e passando a viver quase como eremitas. A Presidente percebia a vantagem de diminuir a assimetria de género e quem não percebesse seria assinalado.

O ato extra constitucional ia ser implementado. Francisca proibia que o assunto dominasse as conversas de Colónia e nem graçolas seriam admitidas. Era um facto físico predeterminado. Pertencia ao passado ainda antes de ter ocorrido. Estava imposta sobre os atos fundadores extra constitucionais de pendor genético uma regra de silêncio, de tal forma férrea, que estavam impedidos registos para memória futura desses eventos. As mulheres engravidariam por inseminação artificial, à exceção de nove em que o estudo dos mucopolissacáridos femininos não garantia de forma tão eficaz a retardação Y e a geração de filhas em vez de filhos. Essas colonos, uma

compulsiva e oito voluntárias, seriam aconselhadas à inseminação natural que ocorreria com garantia de confidencialidade. Para que não houvesse inibições ou má língua, a Presidente assumia desde já que apesar dela própria não ser uma das nove pessoas em causa, ela usaria o método natural, a título de exemplo. Nessas nove mulheres, se ocorresse uma gravidez com um feto masculino após inseminação artificial, essa mãe teria de proceder a duas gravidezes com o método natural para garantir duas filhas com o gene forte. Mas era uma opção das mães. O maior número de mulheres na primeira geração era um desequilíbrio mínimo, pois esperava-se que, como acontece na Terra, nascessem um pouco mais de rapazes que raparigas. A baixíssima densidade de mutações patológicas recessivas do colono em causa, fazia com que não houvesse risco de doenças genéticas futuras pela ligeira endogamia seminal dos fundadores. O general interveio apoiando a Presidente e elogiando a sua coragem e frontalidade.

Nessa noite Diane Nishimura foi ter com o Luca que conversava com Sofia, depois do jantar.

- Olá garanhão, ouvi dizer que tens a sedução facilitada, disse-lhe ela sorrindo.

Ele não devolveu o sorriso.

- A explicação dada pela William não me convenceu, disse o Luca. Traz-me más memórias.

- Que memórias? perguntou Diane.

Luca contou-lhe, em breve resenha, a visita que tinham feito ao colecionador de pessoas em Houston e o tenebroso infantário onde tinham descoberto descendentes seus fundidos com descendentes doutros mutantes, numa infâmia que não deixava dúvidas de que Hendriks era inimigo da espécie humana.

- Percebo onde queres chegar, mas são coisas diferentes, interveio Sofia. É verdade que os teus genes são uma vantagem nesta terra e podem condicionar um desequilíbrio no futuro.

- Talvez ela seja uma naturalista por convicção, disse Diane Nishimura, tentando aliviar a tensão. Vais ver que há um segundo ato único que diz que ela é a grande provadora.

- Ha, ha, não conseguiu deixar de rir Luca. Uma coisa te garanto, avançou Luca, no sítio de onde venho poucos dos meus amigos teriam compaixão por mim.

- E do sítio de onde eu venho nem um único rapaz teria pena de ti, rematou Diane.

- Vocês parecem que foram da mesma turma no secundário, comentou Sofia.

- Temos em comum uma segunda pátria que é a língua portuguesa, explicou o Luca.

- Isso é suposto fazer algum sentido? perguntou a americana.

- Sim, se leres Pessoa, disse lisboeta.

Dias depois, Francisca William iria visitar o Luca à área de personal training e perguntar-lhe-ia quem mais sabia que era ele o transmissor dos genes fortes. Ele disse-lhe que Sofia e Diane estavam a par, porque eram muito próximos, enquanto ficava na dúvida se o hálito presidencial não teria um travo alcoólico. É claro que isso não podia ser, pois não existiam bebidas alcoólicas em Marte, mas os sentidos às vezes traem-nos. William esclareceu-o então que Sofia era a não voluntária a que ela se tinha referido e seria a primeira recetora. Teria, repetiu, de usar o método natural dados os resultados dos exames médicos. Havia a vantagem acessória de a comprometer com o processo desde a primeira hora, dado o espírito de pedreira livre dessa mutante. Francisca queria o assunto resolvido o mais depressa possível. Não queria problemas. Também não queria que houvesse ligações emocionais triangulares indevidas. Queria trinta e oito gravidezes, ou trinta e sete se a padre insistisse no radicalismo. Ponto final.

Luca manteve o silêncio.

- As recetoras serão informadas de quem é o dador no primeiro dia de ovulação e passarão de imediato à inseminação, natural ou artificial, continuou Francisca William. Tomaste banho há quantas horas? perguntou a Presidente.

- De manhã, respondeu-lhe Luca.

- Muito bem. Manterás esses hábitos de higiene matinal enquanto não acabarmos com este processo tão doloroso para todos. Agora despe-te.

- O quê?

-Despe-te Luca.

- Porquê? pareceu opor-se Luca, sentindo o sangue acelerar na sua pele. Ele despir-se-ia, mas havia a questão de quanto devia resistir, pois neste ofício de enganar a consciência há que usar a dose certa.

- Despe-te, rapaz, não resistas. É uma ordem, ajudou-o Francisca.

Ele despiu-se

-Agora deita-te na marquesa.

Ele deitou-se e William começou a desnudar-se, ela própria, arrumando calmamente a sua roupa de forma a que não se enrugasse.

- Mas não se tinha decidido quem era a primeira recetora? ainda perguntou ele.

A presidente prosseguiu, não respondendo, e ficando cada vez mais nua.

- E será Luca, disse-lhe por fim. Eu não estou em fase de ovulação. Só quero garantir quer está tudo bem contigo. Tiras a roupa interior ou precisas de ajuda?

Luca ainda fez um esforço para se manter tão relaxado quanto possível. Sentia-se dividido e ainda desejou que o seu corpo se desligasse. Mas sabia que as

hormonas próprias da idade, seguiriam o seu caminho. E elas começaram a traí-lo, lentamente. A presidente sentara-se, nua, sobre as suas coxas, de frente para ele, vendo-se que percebia o que ele tentava fazer, ou melhor, não fazer.

Riu-se, brevemente. Depois recompôs-se, ajeitando o cabelo.

- É engraçado, vocês os europeus não serem circuncidados, sussurrou-lhe, inclinando-se sobre ele. William sorriu, desvelando os dentes brancos e humedecendo os próprios lábios. Após aqueles de meses de clausura, não foi preciso mais.

Luca Zuriaga teve a certeza que era a álcool o sabor de Francisca. Ela fixou-o sempre nos olhos. Estava tudo bem com ele. Enquanto se vestia, William confessou, como se falasse para si própria:

- Eu não era assim. De facto há qualquer coisa no poder que modifica as pessoas. Não é mau.

Saiu.

Luca não se levantou logo. Ao contrário do que imaginara, na sua alma não perdurou a efémera felicidade do seu corpo. Sofia dissera-lhe um dia, enigmaticamente, que chamavam Marte àquela pedra mas ela achava que se tratava de Vénus. Luca tinha agora provas de que a deusa era de Marte, mesmo se por vezes tivesse a silhueta roliça de Vénus e um travo a Baco.

A Presidente de início parecia ter achado que estava tudo bem com ele, mas deve ter sido tomada pela incerteza, pois nos dias seguintes voltaria para confirmar tudo outra vez. Não era particularmente bonita, mas o seu corpo era generoso e o seu rosto invulgar, com alguns traços talvez índios e os seus lábios ligeiramente carnudos da herança africana, dilatavam-se quando suava. Com um pouco de sorte, o lobo solitário amansaria um pouco. Um dia dir-lhe-ia, *“Sofia entrará em ovulação e eu farei as minhas contas. Eu própria a trarei cá pela mão quando chegar a altura certa. Ela é um presente meu para ti e tu serás um presente meu para ela”*.

A Presidente acabou por engravidar e nunca mais apareceu. Escassas semanas depois surgiu-lhe Sofia, entregue pela Presidente. Trazia nas mãos um par de vendas. Os cegos também amam.

À mudez constrangida de Luca, ela esclareceu:

- Paris vale bem uma missa.

- Que queres dizer com isso? sussurrou-lhe ele.

- Lições da história de França.

A totalidade dos outros colonos do sexo feminino, optou pela inseminação artificial e de facto fizeram bem, pois dessas gravidezes nenhuma gerou um rapaz. A presidente nunca quis saber se fora Sofia, mas estava certa que as mulheres da

colónia foram informadas, uma a uma, que a opção pela inseminação artificial era a única disponível. Sofia era tão clara quanto fosse preciso até o seu ouvinte perceber bem. William fora a exceção tolerada por Suren em nome de um bem maior.

A colónia enchia-se de pequenas amazonas bebés e nenhuma se parecia com Luca. Eram o rosto das mães. Um dia a americana fez as suas malas e tocou à porta de Luca. Ele viu-a, com a bagagem de uma vida, e rendeu-lhe a sua, sem precisarem de explicações. Não estavam autorizados a viverem juntos, mas não esperavam por permissões fosse de quem fosse. O seu comportamento deixava-os bem vistos aos olhos dos religiosos, de Diane, de Pierre e dos demais mutantes, mas enervava indistintamente a Presidente William. Na colónia não havia contraceptivos - porque é que Sofia não engravidava?

Luca nunca foi integrado nos Marines. Ficou sinalizado. Sentia-o quando se cruzava com os militares que o olhavam como se ele fosse uma quinta coluna de Tyrell Hendriks.

Tinha a sua piada.

A aproximação entre Diane Nishimura e Pierre Tollmache também passava cada vez menos despercebida, seguindo o desafio de Luca e Sofia. E também Diane não engravidava.

A montagem das instalações progredia bem, a ritmo muito intenso. Durante o primeiro ano acabaram de erguer a totalidade das estufas, iniciando-se as operações de mineração e fabris, como a produção de painéis fotovoltaicos. Os robots vinham programados para as atividades repetitivas mesmo que complexas, como a agricultura, a produção mineral e a transformação industrial. Para as tarefas variáveis usavam os exosqueletos, que sendo mais lentos, tinham a força e precisão necessárias para as trabalhos simultaneamente pesados e imprevistos. No fim desse primeiro ano, os vegetais semeados cresciam já exuberantemente nas estufas campaniformes e estava-se a um passo de garantir toda a alimentação da colónia. Iniciou-se o levante de barreiras anti pó, pois enquanto não existissem plantas no exterior, as tempestades de areia eram frequentes.

À medida que mais e mais água se liquefazia, corriam riachos irregulares em direção à planície amazónica e medravam aqui e ali os musgos e líquenes a céu aberto. Ver essas plantas era extasiante: um segundo planeta no sistema solar esboçava formas de vida não totalmente dependentes do homem.

Os militares instalaram sistemas de defesa e deteção precoce, muitas vezes redundantes em torno da colónia e testaram os dez lobos mecânicos de combate autónomo – robots biomiméticos de aspeto lupiforme, armados de metralhadoras pesadas e miras laser.

Marte, o deus da guerra, visitava crescentemente as decisões políticas. O general falava muito duma coisa que era o Ine. Quando Pierre lhe pediu se o podia esclarecer o que era isso do Ine, o comandante respondeu-lhe que Ine era o inimigo.

-Quem é o inimigo neste planeta vazio? quis saber Pierre.

-É quem vier armado e vier por mal, explicou o General que comandava os marines, com um traço de escárnio no rosto.

-Mas em quem está a pensar?

-Em ninguém em especial...qual é o seu problema Pierre? Pensei que tinha a preparação ideal para entender figuras abstratas, como a de inimigo potencial.

-Sim, compreendo, assegurou Pierre, mas é uma abstração muito vívida neste sítio. Para quê tanta preocupação se os russos e os chineses estão tão longe de nós?

-Esqueça os Russos e os Chineses, aconselhou-o o major Alverca, o oficial de campo do general. Esqueça esses pobres diabos que lutam por comer e respirar.

-Mas não seria melhor diminuirmos o esforço contra o inimigo abstrato e concentrarmo-nos mais nas dificuldades concretas do dia a dia e que são que baste para termos com que nos entreter? insistiu Pierre.

Nessa altura, a voz da Presidente que parecera até aí estar concentrada noutras coisas, fez-se ouvir com meridiana clareza:

-Pierre, desde que há homens há lobos e, nesta colónia, não abatemos cães de guarda só porque não vemos os lobos.

Pierre suspeitou de ciência certa que William, o general e o seu oficial de campo, sabiam mais do que aos outros fora dito.

Capítulo 23

A Febre do Ouro

Uma sexta-feira de manhã a colónia recebeu um alerta confidencial da Terra: arrancara com sucesso o reator de fusão nuclear, em Cadarache, no sul de França. Depois de décadas de tentativas, o homem, à beira dos últimos dias, conseguira domesticar a energia que faz do sol, o Sol. Bastava água, simples água, para se produzir a mais limpa e a mais eficaz das energias. Só os Estados Unidos, a França e escassos aliados sabiam, pois desde a deterioração das relações internacionais, a Índia, a China e a Rússia tinham saído da organização que financiava o reator, o ITER.

Se descartarmos o calor que emana do núcleo da Terra, toda a energia da natureza, a que alimenta as plantas, aquece o ar e os oceanos, provém do Sol. Ora o que é o Sol senão uma central termonuclear à escala supra escalar? Agora, no sul da Gália, uma equipa de engenheiros e físicos tinha posto um pequeno sol dentro de um frasco. A dificuldade de pôr uma estrela num vaso, não era acender um sol, era, há muitos anos, arranjar um frasco. Um frasco que não derretesse com a energia da estrela, por pequena e caseira que fosse. Pois bem, arranjava-se um frasco e a sua alma mater estava numa liga que continha um metal chamado Irídio. Era uma liga desse metal que suportava, sem ceder, as altas temperaturas que o cadinho eletromagnético atingia para manter a míni estrela suspensa sem tocar superfície nenhuma, enquanto água fervia a seiscentos graus na altíssima pressão da câmara, acionando os geradores de energia elétrica. A estrela mãe podia apagar-se um dia que na Terra haveria sempre calor e luz. Não fosse estar a meses de ser pulverizada, por um planeta gelado e negro que viera de além da Nuvem de Opik-Oort, para destruir a grande arca onde proliferavam os descendentes da arca de Noé.

Comparar a fissão nuclear que a humanidade dominava há décadas, com a fusão que agora domava, era como comparar a força de um gatinho bebé com o vigor um Tigre da Malásia. Foi com grande excitação que, de França, enviaram pelo espaço, numa viagem de seis minutos, a receita encontrada para gerar energia sem fim. O homem não acendera apenas um novo fósforo - mimetizava a obra de Deus e um dia os seus descendentes poderiam repetir o feito no planeta esmeralda. Bastava encontrarem uma fonte de Irídio. O reator terrestre só funcionaria duas ou três semanas, pois o anel de Irídio devia ter quinhentas e trinta toneladas e tinha tão só cento e vinte e sete, dada a escassez do precioso metal. O fino anel provocaria um

sobreaquecimento da máquina que teria deser desligada ou a míni estrela romperia o fino frasco e, ou explodiria ou desceria, fundindo o solo, até ao centro da Terra. A expressão “*bastava encontrarem uma fonte de Irídio*” era um pouco além da linha de horizonte da razoabilidade: Quase não havia Irídio na Terra. O Irídio é um metal de raros asteroides e raros meteoros. O metal terrestre original, afundara com o ferro, em direção ao núcleo do planeta, quando há milhares de milhões de anos a rocha era líquida. Mas em Marte a coisa era diferente. Steven Boyd ao estudar os dados científicos que Francisca lhe forneceu, vindos dos microssatélites de exploração planetária enviados para fazer um levantamento detalhado do planeta após o choque do cometa gigante, tinha descoberto que a atividade tectónica pós impacto tinha exposto há escassos meses um enorme meteoro que atingira Marte há talvez quinhentos e cinquenta milhões de anos, riquíssimo em Irídio, Ósmio e Ródio quase puros e que jazia na fronteira entre a zona polar e a zona glacial a caminho do polo sul, como um fruto que a receita de produção de sois tornara subitamente maduro para ser colhido. Tinham sorte os filhos da Terra em Nova Frígia, pois a nova arca era herdeira de Irídio, o metal pesado, e era tão puro que não se perderia tempo em refinamentos.

O meteoro e a sua cratera estavam entre o mar de Argyre e Maraldi. A presidente Francisca William convocou o conselho de crise. Não era uma crise da velha morte – era a crise de uma nova natividade. Tinham recebido os planos de como construir centrais de fusão em Marte. Com essa energia sintetizariam o oxigénio como se fosse pão e derreteriam a água dos polos marcianos como se fosse manteiga, encurtando a terraformação do planeta para talvez três gerações. A temperatura, desde o enriquecimento da atmosfera com metano por parte do cometa gigante, há escassos meses, iniciara a sublimação de milhões e milhões de toneladas gelo seco, subindo a pressão atmosférica para valores pouco superiores às verificadas no pico Everest. Mais e mais água se liquefazia no subsolo. Suspeitavam que na planície de Hellas já se podia navegar de barco. O seu nome fora modificado nos mapas para Mar de Hellas.

As pequenas amazonas e os seus irmãos pescariam nos novos oceanos e, mais fantástico, se Marte se perdesse, marchariam para Europa ou para Titã, tivessem consigo a fórmula do verdadeiro fogo, não o que queima carvão, madeira ou palha, mas o que arde nas estrelas e cria o carvão, a madeira e a palha nos planetas que as orbitam. “*Munidos dessa lanterna, tenhamos Irídio, percorreremos o Sistema Solar seguros. É imperioso deitar a mão ao metal. Se pudermos enviar uma boa fatia para a Terra a tempo, isso pode salvar dezenas de milhar de pessoas antes do fim do mundo, pois tornará a vida em órbita da Terra estável por muito maior prazo*”, disse Francisca. “*Em troca pediremos equipamento para montarmos reatores de fusão em Marte, com o muito Irídio que sobrar. Não conseguimos, sozinhos,*

fabricar esse equipamento”, completou. Precisavam dos aliados que tinham entre Marte e o Sol.

- O problema, continuou a Presidente, é que viemos com pouco combustível para ir buscar o metal ao polo e o relançar em direção à Terra. O tempo escasseia e eu não quero avisar a Terra antes da hora certa da existência deste trunfo em Marte, ou posso desencadear uma guerra civil pela sobrevivência entre as diversas potências no planeta mãe. Da Terra não podemos receber combustível líquido que aliás viria sempre tarde demais. Eles estão já a fabricar as centrais enquanto juntam todos os grãos de Íridio que as minas deles têm. Os foguetões eletr nucleares funcionam bem no espaço mas são incapazes do pulso curto de energia necessário da atingir a velocidade de escape da gravidade de Marte. Os Chineses e os Russos têm muito desse combustível pois vieram poucos, mas com a ideia na volta.

Steven, que era piloto, ofereceu-se para levar o Irídio para a Terra em segurança Mas o Major dos marines disse que isso seria um desperdício de recursos pois uma cápsula com um modo de sobrevivência humano consumia muita energia. Francisca concordou e acrescentou que Steven tinha vindo para Marte por outros motivos que não a competência como piloto, aludindo ao facto de ser um mutante.

- Irídio, ródio e ouro como nos baús do sonho, murmurou para si próprio Luca. Francisca olhou para ele e, como não dissesse mais nada, ela lançou o desafio:

- Propostas?

- Que lhes podemos oferecer em troca do combustível?

perguntou Larissa.

- Temos muita coisa, mas só depois de se confirmar o fim da Terra é que eles vão dar valor a essas coisas. Nessa altura será tarde. Agora, para eles nada vale mais que o bilhete de regresso, disse Pierre.

- Precisam manter-se vivos até à data do voo ... disse um Marine.

- E quem vai lhes cortar o ar? Nós? questionou Andrew.

- Mas se os informarmos das verdadeiras probabilidades de extinção da Terra, talvez eles acordem. Aparentemente ambos têm a ilusão que a possibilidade de regresso é muito maior do que a que verdadeiramente é, pensou em voz alta o piloto Peter Bryant.

- O problema é que eles não vão obter essa confirmação do lado deles e não vão confiar em nós. Vão achar que lhes falamos nisso para lhes sacar o combustível, apostou Pierre.

- Podemos acelerar a montagem do telescópio e deixá-los fazer as contas por si mesmos depois de verem as imagens que nós capturarmos, propôs Mariah.

- Qual é o tempo mínimo para pôr de pé o telescópio, perguntou Francisca ao Oficial de Engenharia, que era astrofísico de formação.

- Três semanas.
- Mas eles têm alguém que saiba fazer contas e perceba que estão a ver o que está à vista? perguntou o major.
- Os russos sim, os chineses não, disse o Oficial de Informações. Vão ter de enviar as contas para a Terra e de lá pode vir a resposta oficial e não a verdadeira.
- Mas mesmo não sabendo fazer as contas, têm engenheiros capazes de as perceber se nós as fizermos, pensou Larissa em voz alta.
- Temos condições militares para tomar conta do combustível pelos nossos meios? inquiriu Francisca William.
- Temos. Se atuarmos antes deles sonharem com isso, respondeu o general.
- Qual é o alvo mais fácil? interrogou Francisca.
- O alvo chinês, propôs o comandante. Ambos estão entre Thilis e o sopé de Albor Tholus, mas o controlo do alvo chinês parece mais exequível sem perdas do nosso lado. Os chineses trouxeram maior redundância de combustível e os russos são mais truculentos.
- Vamos montar o telescópio e vamos colocar uma força perto do combustível deles. Se acreditarem nas nossas contas, percebem que enviar Irídio para a Terra e receber de volta componentes para centrais de fusão termonuclear é favorável para nós, para eles e para os terráqueos. Se não perceberem, ficam sem o combustível na mesma. É bom para todos, quer eles percebam à primeira quer à segunda, determinou Francisca William.

- “*Terráqueos*”. Pela primeira vez chamamos publicamente terráqueos às pessoas da Terra, comentou Sofia ao jantar.
- É verdade disse Mariah, arrepiou-me.
- Ainda me arrepia, confirmou Pierre.
- Acho que tu vais ser convocado para ir na missão, Luca, disse Andrew. É trabalho noturno na pista de gelo.
- Ouvi dizer que sim, anuiu Diane, é o que consta.
- OK, retorquiu Luca. Faz-me bem arejar um pouco e é com gosto que descubro que afinal os Marines precisam de ajuda.
- Não te embeveças por uma chinesa, aconselhou-o Diane Nishimura. Lembrete que elas são senhoras na cozinha e cozinheiras na sala.
- Isso é conversa de japonesa – riu-se Luca.

O alvo escolhido foi o oriental. Estava um dia mais perto, o combustível era em maior quantidade e eram militarmente menos temidos que os russos. O grupo expedicionário incluía os oito marines, o general, o Oficial de Informações, todos os pilotos masculinos, Luca e doze outros peritos, homens e mulheres. Entre os peritos, estavam dois mutantes que haviam conquistado a confiança da Presidência e do

comandante dos marines pela sua inteligência e capacidade de negociação: Andrew e Pierre. Partiram trinta. Usavam fatos robustos boa parte do tempo e equipamento leveiro quando saíam dos jipes.

A fase inicial da viagem foi mais fácil. Um dia de percurso em terreno duro, depois dunas que haviam absorvido a água que caía do cometa gigante e depois a planície.

Os sulcos da zona de terreno mais firme, onde estava implantada a Colônia, tinham acumulado água no seu fundo, criando lagos muito compridos, serpiginosos, mas pouco largos. Eram profundos e a água era mais clara do que parecia ao longe. O aspecto escuro devia-se à cor do terreno e à riqueza de minerais de ferro. Como os sulcos tinham, grosso modo, a mesma orientação, dirigindo-se para a bacia amazônica, não era necessária a sua transposição, circulando os jipes paralelamente aos lagos.

Apesar do pó vermelho que se levantava com o vento ser maior na área das dunas, a caminhada prosseguiu a bom ritmo. Quando proliferassem as plantas, as tempestades de pó diminuiriam ainda mais. Na zona de transição implantaram a primeira antena de retransmissão de comunicações encriptadas. Os satélites da Entente que chegariam a qualquer momento não pareciam de confiança.

O território das dunas estendia-se vastamente em direção à planície amazônica. Os Rovers eram rodados e tinham muita carga; por vezes afundavam-se, tendo de ser rebocados por outros. Se a carga fosse menor progrediriam mais depressa. No fim do trânsito sobre as dunas houve uma tempestade de areia que os obrigou a pararem durante vários dias. Dispuseram os jipes marcianos em círculo e construíram uma barreira com um muro de rochas improvisado para travar o vento que vinha das dunas, usando os exosqueletos.

Chegaram ao limite da planície amazônica no início da qual implantaram a segunda antena que varreria boa parte da bacia. O caminho através da planície amazônica era mais longo, mas mais seguro e foi esse que seguiram, em direção a Thila e depois Albor Tholus. O solo era muito plano, sendo naquela área constituído por uma camada de pó e sobre essa uma outra de fina lava seca que tinha escorrido há milhões de anos do vulcão do monte Olimpo e que constituía uma cutícula debaixo da qual adormecia o oceano gelado. Tinha cada vez mais riachos que gelavam durante a noite e corriam durante o dia, vindos do continente, rumo a noroeste. A bacia era de dimensão continental, daí ser denominada amazônica, mas conheciam-na no assentamento como bacia oceânica, pois seria coberta por água à medida que esta derretesse nas terras altas, mas principalmente quando o gelo, escondido sob o fino solo, derretesse formando o mar que cobriria todo o polo norte do planeta – o Oceano Boreal. Ao contrário da Terra, onde há mais mar a sul e mais continente a norte, em Marte seria o contrário ficando hemisfério norte uma

superfície líquida contínua, salpicada de ilhas.

Percorreram, ligeiros, uma grande distância no chão de lava e por fim iniciaram a subida em direção à base chinesa. Os chineses tinham amartado numa zona de solo híbrido com rochas azuladas como se via a ocidente da colónia americana, na direção do grande vulcão, numa depressão que esboçava dunas menos arenosas. O levantamento de altimetria feito pelos satélites subestimava a dimensão das pedras e estas eram mais altas que o esperado. Os Rovers não podiam passar por cima de muitas, tendo de as contornar. Dividiram a carga para que um veículo ficasse mais leve e fosse à frente marcando as pistas mais céleres e deixando sinalizadores eletrónicos nas veredas aconselhadas. Quem olhasse de cima não veria nada mas quem tivesse um decodificador do sinal encriptado via uma estrada serpenteando entre as rochas, como se fosse um jogo de computador. O regresso seria muito menos demorado. Esse caminho das pedras foi o mais lento e trabalhoso da viagem.

Chegaram à zona das colinas que subiam para a depressão onde os chineses tinham amartado. Essas elevações constituíam uma defesa murada natural da cratera da estação oriental. Aproximaram-se de noite, partindo da baixa cordilheira que emoldurava a cratera, receando que os chineses tivessem sensores de movimento a esse nível, mas não encontraram nada. Após a subida das colinas, viram a estação ao longe. Implantaram no topo da colina uma antena baixa. Os chineses tinham tido azar porque o movimento subterrâneo da água derretida estava a estender-se em direção à sua estação e parte dela estava já sobre lama. Tinham amartado no que era o fundo dum futuro lago, pelo que parecia àquela distância pelo matizar geográfico da cor do solo. A viagem dos sete carros durara quase quatro semanas.

Chegaram às imediações da estação chinesa, deslocando-se de noite e ficaram desconcertados. Várias naves logísticas tinham ficado parcialmente destruídas na amartagem, pois o terreno tinha-se liquefeito em lama debaixo duma camada seca superficial.

Não havia estufas a funcionar - as duas únicas que tinham tentado erguer tinham ardido e desabado. Felizmente a nave mãe e os foguetes estavam preservados e a estação criogénica de combustível líquido estava a funcionar. O aquecimento de Marte tornara a manutenção do combustível líquido arrefecido mais oneroso em termos de energia e eles, mau grado as perdas que tinham sofrido com a amartagem, tinham priorizado essa opção sobre a construção de instalações mais confortáveis. Estavam a investir tudo no regresso.

* * *

Quando se iniciou o contacto entre a Colónia e os chineses, a Presidente William não conseguiu falar com o comandante da estação. O seu interlocutor era

um oficial de segunda linha que comunicava por escrito, lentamente e num Inglês impossível. Nunca logrou que se obtivesse a confiança necessária para que comunicassem por imagens ou voz, aceitando os oficiais chineses apenas a comunicação por texto. Os chineses, contudo, pareceram desejosos em estudar os dados do telescópio marciano que confirmava que Theia ia a caminho de Júpiter, numa trajetória assassina para a Terra.

Após três dias de negociações e esclarecimentos, alguns básicos, os chineses propuseram que se dividisse a colónia internacional entre eles e os colonos e todo o combustível ficaria para os americanos e aliados.

William recusou. A negociação não era fácil porque o Inglês deles era mau e não pareciam valorizar à primeira, coisas óbvias como o oxigénio, a água e a comida, passando a aceitar o seu real valor tempo mais tarde. Eram estranhos os orientais. Queriam os manuais de utilização dos equipamentos que os americanos lhes ofereciam e insistiam em preferir imagens e gráficos a texto. Não sabiam usar a tecnologia americana e temiam que depois de chegarem a acordo, não lhes dessem formação?

Os chineses contrapropuseram ficar com um quinto da Colónia de imediato e levarem para lá as suas coisas. William propôs que se integrassem na comunidade da Colónia de igual para igual – um homem, um voto. Teriam de aceitar a constituição da Colónia.

Os chineses insistiram na divisão. William recusou e eles pediram três dias para pensar.

O general achava a base chinesa muito parada. Haveria feridos por causa do incêndio? Nunca ninguém saía das naves e gastavam luz para manter tudo aceso, dia e noite. Mandou o Luca a pé fazer uma observação de proximidade da estação asiática, acompanhado de dois dos dez lobos mecânicos que tinham levado com eles. Foi uma caminhada noturna de seis horas para lá, ao frio. A lama ora congelada, ora mole não ajudava. Quando chegou Luca não viu ninguém. Mandou os dois lobos e as suas câmaras de filmar não detetarem qualquer movimento. Avançou para as naves que tinham as portas escancaradas e entrou nelas. Estavam abandonadas. Havia sinais de saída precipitada do local e descuido na preservação do que ficou. A estação tinha sido deixada à sua sorte. O controlo do combustível líquido estava em modo automático, havia objetos espalhados, armazéns abertos, munições no chão e tinham levado com todas as armas. Para espanto do comando, Luca descreveu que eles tinham uma unidade astrofísica apontada a Theia e o que pareciam ser muitos cálculos da trajetória do planeta negro.

- Quando os contactámos já eles deviam saber das verdadeiras probabilidades da Terra acabar, suspeitou o oficial astrofísico. A liderança deles decidiu não vir porque a amargura foi um desastre. Porque raio queriam tanto

saber dos nossos cálculos? – eles têm-nos todos feitos aqui.

- É gente bizarra, disse o general.

- Partiram há muito tempo, percebeu o Luca. Mas para onde?

Capítulo 24

Audax, Ditalcus, Minurus?

- Foram para Nova Frígia, disse Pierre.

- O quê? duvidou o General.

- Teoria do jogo. Foi a cartada de Roma contra Cartago. Nós vimos cercá-los com as nossas forças superiores e eles anteciparam-se e foram tomar a colónia que deixámos desprotegida. Vão capturar as nossas mulheres e filhas, insistiu Pierre.

- Luca teve um flash com a Sofia, os restantes companheiros e as suas bebés, as pequenas amazonas.

- Eles têm de saber o perigo que correm e têm de saber já, disse o português.

O comandante olhou para ele breves segundos e informou a presidente William da suspeita de que os chineses estivessem armados até aos dentes, a caminho ou até já às portas da colónia. Estabeleceu-se um gabinete de crise.

- Se pediram três dias para pensar é esse o tempo de que precisam para cá chegar, suspeitou Francisca William.

- A defesa militar do perímetro da colónia está fortemente prejudicada pelas pistas que os nossos Rovers deixaram ao sair. Eles perceberão que esse não é território minado. Ao que acresce que todas as pessoas treinadas no uso dos exosqueletos de combate e todos os lobos estão aqui – avançou o major Alverca.

- Temos de saber o que se passa com os russos. Se os chineses e os russos estão juntos, a situação é desesperada, pois as competências conjuntas permitem-lhes reativar a Colónia se optássemos por encerrá-la, desligando-a. Os russos conhecem bem a nossa tecnologia, dadas as décadas de colaboração espacial conosco, percebeu Francisca.

- Os chineses por si só terão dificuldade em gerir o nosso equipamento, pelo que se percebeu das negociações com eles. Aconselho que procedamos a ensaios para um shutdown de toda a colónia como política de terra queimada e se resista até nós chegarmos aí - isto caso os russos não estejam com eles. Se estiverem estamos perdidos, aventou o general.

Pierre discordou.

- Estão lá 48 adultos e 38 bebés. É muita gente. Mesmo que fiquem debaixo de ocupação chinesa, no longo prazo sobreviverão. Quantas vezes na história uma cultura domina a outra e as pessoas adaptam-se. Não é raro os vencedores militares adotarem o modo de vida dos conquistados, principalmente quando são minoritários.

- A liderança Chinesa na Terra pode mudar-se de armas e bagagens para a

nossa colônia e nessa altura ninguém te diz que serão minoritários, retorquiu o general.

- Uma alternativa seria avisar a Terra. Se os chineses souberem que qualquer foguetão seu será abatido talvez cedam, propôs um marine.

- Não vamos exportar a nossa guerra para a Terra, decidiu Francisca William. Resistiremos, até para valorizar o nosso lado numa possível negociação.

- Como é que os chineses souberam que as nossas forças saíram em direção à estação deles? questionou o Oficial de Informações. – Terão um satélite militar sobre nós? Haverá um espião dentro da missão? O cometa tinha destruído, na sua pulverização e queda sobre o planeta, todos os satélites. Mesmo das míni luas só Phobos, por milagre, sobrevivera, pelo que a hipótese de uma satélite chinês não era plausível. A Presidente deu permissão ao Oficial de Informações para analisar todas as comunicações e ordenou ao Oficial Informático que as descriptasse. À medida que a libertação das comunicações ia sendo conhecida, criou-se um desacerto entre a Presidente William e o General, porque se soube que alguns meses atrás, uma missão da Agência Espacial Europeia tinha lançado muitas toneladas de microrganismos extremófilos no Mar de Hellas, provenientes do Instituto Pasteur e William emitiu um comunicado de veemente protesto, pela ação europeia não ter solicitado previamente a aprovação pela colônia. Na resposta, os Franceses disseram que não reconheciam Francisca William como interlocutora. Esses assuntos eram tratados dentro da Entente. Mais tarde, os Alemães do Max Plank, usando vetores da Agência Espacial Europeia, e os Japoneses, usando foguetões próprios, lançaram toneladas de algas e plâncton na água pré-peparada pelos extremófilos do mar de Hellas e Francisca tinha feito um aviso formal à França, à Alemanha e ao Japão de interceção balística, de qualquer foguetão não norte-americano que se dirigisse a Marte, sem autorização da colônia. Depois, pela sua própria mão, tinha incluído como alvos os códigos de todos os veículos terrestres que não viessem assinalados como norte-americanos. Os franceses não ligaram, mas os alemães e os japoneses responderam, um mês depois, que a produção de oxigénio pelo mar de Hellas era uma verdadeira chaminé, responsável por mais de cinquenta por cento da produção de todo o planeta e que era do interesse da colônia o uso das tecnologias testadas em Hellas.

Posteriormente surgiram duas mensagens que não foi possível descriptar completamente, enviadas por alguém do sistema de contra confirmação diplomático do circulo da presidência, a pedir ajuda à Terra para minerar o Irídio no polo sul de Marte. As mensagens foram devolvidas como não lidas provavelmente por erro de endereçamento, por interlocutores aparentemente privados pois não faziam parte da lista dos correios oficiais terrestres e não tinha havido nova tentativa de as reenviar para um endereço correto.

O General não reconhecia à Presidente autonomia para fazer uso específico de ameaça militar sem que isso lhe fosse comunicado a ele por motivos técnicos. A Presidente tentou explicar-lhe que era bluff político e que ao general não competia a diplomacia. Ela estava a picar os USA, para fazerem os prometidos lançamentos maciços de musgos e líquenes que tanto sucesso estavam a ter localmente perto de Nova Frígia e era imperativo fossem pulverizados à escala planetária, mas as gravações dificilmente suportavam tal interpretação pois Francisca tinha mesmo modificado os códigos de disparo automático de mísseis e só ela seria avisada antes desse fogo pelo sistema informático. O mal-estar só desapareceu quando foi atropelado por um espanto doutro campeonato: meses após o envio para a Terra de estudos de difração de RX dos veios de minério radioativo que as galerias atravessavam, o tal miolo que a tuneladora não triturava deixando com cilindros de rocha sobre rodas de esferas de pós fundido e compactado, Marte tinha recebido um dossier científico classificado de ultrassecreto e que revelava que haviam sido achadas num dos segmentos do miolo do túnel, dezenas de placas metálicas com quinhentos e sessenta a quinhentos e oitenta milhões de anos. Como vinha classificado como segredo científico de tipo físico e não biológico o dossier não chegara a ser aberto por escassez de tempo. Ainda não tinham saído do segundo choque quando a descriptação também permitiu descobrir um terceiro segredo que obliterou de vez o nascente conflito entre William e os Marines: confirmava-se que haviam dois ou mesmo três espiões na colónia que forneciam dados sensíveis para fora. Menos de meia hora depois os registos revelavam que em ocasiões diversas eles tinham respondido a pedidos de informação vindos do exterior e as palavras passe ativadas não deixavam dúvidas: Luca Zuriaga e Steven Boyd eram traidores certos e uma terceira palavra passe raramente usada, mas que pertencia ao sistema de contra confirmação diplomático próprio do staff presidencial apontava para alguém do círculo da própria Francisca William como eventualmente também envolvido.

Depois de um momento de perplexidade, a presidente Francisca William desprezou essa informação. Um dos traidores de Viriato não podia ser o próprio Viriato. Instruiu o Oficial de Informações para monitorizar as comunicações com os chineses em tempo real, avisando-a quando ocorresse a próxima, única forma de detetarem o usurpador de identidades.

- Vocês vão dividir-se em três grupos, planeou a Presidente que retomara o sangue frio e o comando sobre a colónia. O primeiro, com mantimentos e um extrator portátil de oxigénio permanece na estação chinesa para a reabilitar. Ficam aí todas as mulheres do grupo para proteger a capacidade reprodutiva. O grupo militar principal regressa armado e com o mínimo peso possível, à colónia. O comando decida se quer trazer os pesados exosqueletos de guerra ou se os deixa aí para os trabalhos de

reabilitação. Quando estima que chegarão cá? perguntou a presidente ao general

-Estimo que chegaremos dentro de dez dias se conduzirmos vinte e quatro sobre vinte e quatro horas.

- Um grupo especial chefiados pelo Andrew, com o Pierre, o Luca e um piloto dirigem-se à periferia da estação russa para ver se continuam lá, preparando-se para negociar com eles. Eu vou saber notícias da Terra sobre atividade sino-russa recente, determinou a Presidente

“Manter a capacidade reprodutiva. Está com feras à porta para a devorarem e ela pensa na capacidade reprodutiva”, pensou Luca.

Dividiram-se assim em três grupos. Militares e pilotos a caminho de Colónia Frígia, levando os dois lobos; cientistas e engenheiros ficavam na estação chinesa e um comando com capacidade de negociação dirigiu-se à estação russa.

A viagem do comando implicou atravessarem a depressão assimétrica da cratera onde estavam os chineses, subirem a colina limite sul e descerem em direção aos socos que anunciavam o planalto onde assentaram os russos.

Da terra houve notícias, dadas por Hendriks pessoalmente. A China tinha disparado dois foguetes em direção a Marte, a partir duma base militar. Tinham a suspeita que se tratavam de ogivas para atacar a missão russa e a missão internacional, se falhasse a sua captura pelas forças terrestres chinesas. Era um trunfo negocial com os Russos, mas um problema para a colónia. Deixariam em modo automático o sistema de defesa antimísil na estação internacional, ou americana como lhe chamavam, trancado para os dois mísseis em viagem contra Marte. Durante o caminho em souberam da decisão draconiana da Presidente William: mandou armadilhar a colónia com bombas, nomeadamente o reator nuclear principal com bombas térmicas, pois os pequenos reatores exteriores já estavam nas mãos dos chineses, uma vez que os sensores de movimento detetavam tropas na periferia. Nessa altura o Oficial de Informações alertou William que estavam a ocorrer comunicações entre os chineses e a colónia a partir dum local improvável: o reator nuclear.

* * *

Quem estivesse no reator estaria com pouca mobilidade pois tinha de vestir equipamento de proteção contra as radiações. A presidente dirigiu-se imediatamente ao reator que estava com fraca iluminação interna. Para ganhar tempo e ter vantagem na mobilidade, William vestiu apenas proteção ligeira contra as radiações. Entrou no centro de comando do reator e Steven Boyd recebeu-a à meia-luz, sem que tivesse vestida qualquer proteção contra as radiações, sem surpresa, como se a ela chegasse até atrasada.

Francisca William perguntou-lhe, sem redondilhas, porque tinha traído Marte. Ele respondeu-lhe que morreria no dia em que partira da Terra e que Marte era uma pedra que não lhe dizia nada. Era o único dador de medula compatível com a sua irmã mais nova que sofria de Neuroblastoma. A compatibilidade estava em confirmação final e no dia da despedida Steven descobriu que a colheita que fizera por segurança, tinha ardido no incêndio que destruiu o laboratório de Hendriks. A irmã tinha de fazer um transplante. Steven tinha implorado para ficar mais uns dias para repetir a colheita e salvar a irmã. Tyrell Hendriks horas antes da partida pareceu aceitar, mas depois disso os tipos de Hendriks tinham-no enviado na mesma de imediato para o espaço, deixando a sua jovem irmã sem solução, entregue à morte individual mesmo antes da morte do planeta.

- Que culpa temos nós da tua tragédia? retorquiu William.

- A de estarem vivos. Acabarei com quantas pessoas puder, da raça das que se aliaram a Hendriks como tu.

- Não tenho qualquer aliança com esse sujeito, pelo contrário. E há tragédias maiores e as pessoas não decidem matar toda a gente – disse, dura, Francisca.

- Não há tragédias maiores, sua vaca cega, cuspiu com ódio líquido Steven. Eu vejo o que tu não vês burra e vejo-o mil vezes. Tudo o que vi nunca esqueci mais. Olho uma folha dum livro e decoro a sua imagem de tal forma que não preciso de o ler naquele momento – posso visitar a minha memória e lê-lo mais tarde. Vejo agora e sempre o olhar de medo da minha irmã quando adoeceu, com o detalhe que na altura vi. Os mais pequenos movimentos da sua face, dos seus olhos, da sua íris estão comigo sempre. Não esqueço nada. Todos os dias morre nela a esperança, nos meus braços. Todos os dias não. Todas as horas. Não sabes o que é isso, sua psicopata ambiciosa.

- Lamentamos, encerrou Francisca William. Traíste Marte. Não há forma de te prender e o inimigo que serves é letal. Levantou o braço e apontou a arma a Steven. Em trinta e três anos de vida ela nunca tinha morto ou sequer visto morrer ninguém. Ele ficou imperturbável olhando-a com ódio, já não líquido mas mais puro, cristalino. Nesse instante William apercebeu-se que ele tinha acedido à central de monitorização de movimento e estava a desativar os sensores, abrindo a porta aos mongóis. Francisca cerrou os dentes com tanta intensidade que estes rangeram e disparou três tiros, na certeza que ele jamais esqueceria os mil detalhes da face que o executava, vivesse mil anos ou vivesse um segundo. Matou-o alvejando-o no coração. Em situações limite, se alguém tem de fazer um trabalho sujo que seja quem o ordena, escreveria a Presidente no seu diário. Mas Steven Boyd, em vez de cair, estilhaçou-se em mil fragmentos. Francisca não atingira Boyd, mas a sua imagem refletida num espelho. A presidente correu procurando Steven no labirinto de refletores que ele montara, mas encontrou apenas um Rover que fugia da colónia

em direção ao invasor.

Francisca determinou que se confirmasse a selagem do túnel em construção, injetando oxigénio dentro da galeria. Transferiram água, armas, o último extrator de oxigénio, de baixo débito, alguns mantimentos e duas UPS para o túnel.

Enviaram os últimos cinco Rovers em modo automático para o deserto, com equipamento vital. Era uma zona cheia de grandes pedras azuladas, de cristais muito duros mas bastante espaçadas, permitindo que os jipes passassem entre elas.

Todos os colonos desceram para os túneis que ficavam dentro do perímetro central de Colónia. Na revisão das comunicações parecia que Steven não tinha avisado os chineses do arranque da construção dos subterrâneos. Fizeram o shutdown energético e informático da Colónia e removeram fisicamente servidores informáticos que levaram para o seu esconderijo debaixo do chão. Ou os chineses traziam supercomputadores ou ia-lhes ser difícil repor a colónia em marcha.

Quando os chineses chegaram à colónia americana, já sabiam que o seu golpe não seria imprevisto pelas vítimas.

Os invasores entraram em Nova Frígia, mas encontraram tudo desligado e tudo vazio. Só os sistemas vitais das estufas das plantas e outros organismos eram alimentados por UPS de último recurso. Percorreram a Colónia, nave a nave e estufa a estufa e não encontraram ninguém. Ao longe viram a poeira dos Rovers que se afastavam, mas decidiram não ir em sua perseguição. Não havia nada no deserto frio e só a estação russa restava funcional. Nunca poderia suportar a chegada de colonos em quantidade, como acontecia com aqueles que abandonavam a colónia. Ou voltavam e morreriam depois de um período de escravidão ou não voltariam e morreriam na mesma.

Mas ao contrário do que imaginavam os americanos, passados dois dias os ocupantes reacenderam a colónia e conseguiram ir abrindo as naves logísticas e os armazéns um a um sem despoletar as minas. A presidente William tinha deixado sensores na colónia e ficou siderada quando descobriu que os chineses tinham posto boa parte das coisas a funcionar em tão pouco tempo. Steven só podia estar a coordenar pessoalmente o ataque às pessoas que traíra e mesmo assim era surpreendente.

William ponderava fazer detonar os alimentadores dos extratores de oxigénio e os poucos aparelhos de eletrólise a curto prazo, para pressionar o inimigo. Nos primeiros dois dias de esconderijo, os subterrâneos tinham arrefecido mais que o esperado e o calor era usado para manter as bebés vivas. A possibilidade das bebés morrerem de frio era inimaginável, mas a energia fazia falta para a produção de oxigénio, o reaproveitamento da água, a monitorização do inimigo e por isso era gerida com pinças. A vulcanização das paredes dos túneis, se era um bom selante em termos troca de gases com a atmosfera marciana, já era um péssimo isolante

térmico. Os mais de sete dias que os marines demorariam a chegar eram excessivos e o seu esconderijo seria inabitável antes disso. A situação tornava-se desesperada.

Na noite do segundo para o terceiro dia Larissa Lee que ficava sempre de vigia porque não dormia nunca - não precisava de dormir a não ser vinte e quatro horas de três em três meses – julgou ouvir movimento próximo da entrada. Esperou, imóvel, e depois teve a certeza: uma das portas seladas de entrada nos túneis começou a ser mexida do lado de fora.

Larissa avisou William que mandou que se retirassem as bebés para uma galeria lateral e deu ordem para se preparar uma linha de defesa antes da porta de selagem intermédia. Caroline e Larissa propuseram que se abandonasse o túnel pela saída de emergência que só se podia abrir do interior e se negociasse com o invasor, nem que fosse para ganhar tempo. Francisca respondeu que os que aí vinham morreriam e não valia a pena negociar com mortos. Depois logo se veria. Resistir pelas armas passou a ser a palavra de ordem quando a voz de fogo fosse dada. O silêncio era sepulcral e só se faria fogo quando ela desse ordem. Depois, fariam explodir toda a alimentação elétrica armadilhada e saíam rapidamente para a superfície usando a escuridão para um grupo liderado por si combater os invasores e um segundo comandado por Sofia procurar refúgio.

O selo de estanqueidade foi violado e alguém entrou, pé ante pé. Quando o silêncio era mais fundamental duas bebés começaram a chorar. Tinham sido descobertas.

* * *

Quarenta e oito horas antes, o grupo de Luca chegara à estação russa. Ao contrário da chinesa, aquela tinha tido sucesso na amartagem e estavam todos lá, em grande azáfama. Os socacos do planalto permitiam uma aproximação mais segura pelo lado oriental. Estacionaram o veículo já com as luzes da estação bem visíveis, implantaram uma antena e Luca aproximou-se da estação russa camuflado e a pé pois um Rover seria seguramente detetado. Ficou quatro horas em observação numa tenda auto-expansível, usando binóculos fotodeteção múltipla de alta resolução, vendo os movimentos do adversário. Eles estavam demasiado relaxados – seguramente não tinham dado pela presença da pequena força da entente. Descobriu que os russos tinham montado uma biosfera ao lado da qual se adivinhava uma máquina qualquer, secreta, que tinham protegido com uma cobertura muito fina que deixava adivinhar a forma dum aparelho de médias dimensões que, apesar da cobertura ser opaca, não parecia ser um jipe. Luca abandonou a tenda durante a noite e desligou o aquecimento elétrico do fato para o calor do seu corpo não ser facilmente detetado pelos sistemas automáticos de infravermelhos dos russos. Depois decidiu descartar a bateria para ficar mais leve, guardando-a junto a uma

rocha que marcou. Bastava o peso das pequenas garrafas de oxigénio na sua mochila para o atrasar e ele queria ser rápido. Apesar da escuridão Luca via bem. A leste da estação russa o terreno, passados os socacos ficara irregular com lances de lama com cristais de gelo que rangiam sob seu peso, abertas de terreno seco, bem delimitados, zonas de gelo que se desfazia com os seus passos revelando lençóis de água finos, tudo com pedregulhos separados uns dos outros por dezenas de metros. Era uma paisagem fantástica, uma espécie de pantanal vermelho e branco, poliédrico, salpicado por grandes pedras castanhas como a côdea escura do pão de milho. Atingiu a estação eslava, evitando ser visto e entrou sob o oleado descobrindo que tratava de uma máquina tão inesperada como primitiva: um helicóptero. Fotografou-a. Cortou um pedaço da lona, identificou os sensores automáticos de infravermelhos e cobriu-os com a lona para que eles não detetassem a força invasora. Regressou ao veículo com dificuldade pois não conseguiu encontrar a pedra onde escondera a bateria de aquecimento do fato. O vento que soprava entre os socacos e a queda progressiva da temperatura dentro das roupas desaceleravam a sua progressão, mas nada disso se comparava como que tolerara na estação experimental que imitara Ganimedes na Gronelândia.

Na nova atmosfera de Marte, o helicóptero era uma vantagem estratégica que mudava as regras do jogo. O piloto Peter Bryant reconheceu a aeronave - era um R 44 de última geração, modificado. Ele tinha pessoalmente um R 22 dos antigos na Terra. O pequeno aparelho de fabrico original americano tinha a vantagem da baixa manutenção e fora modificado pois percebia-se que tinha para além dos depósitos de combustível, depósitos de comburentes – oxigénio. Outra adaptação ao seu uso em Marte é que era descarnado pois fora pensado para ser pilotado com fatos espaciais ligeiros e atmosfera pouco densa. As hélices eram maiores e da variante silenciosa, facilmente reconhecível pela perfuração do seu corpo para injeção de gás com indução de fluxo laminar e uma espécie de Z nas pontas, também para diminuir a turbulência.

Apesar deles não terem trazido fatos espaciais, o plano era arriscarem a hipotermia e voarem em direção à colónia, para tentar travar a invasão. Talvez se o inimigo que avançava sobre a colónia visse o helicóptero, percebesse que a sua janela de oportunidade se encerrara. Montaram uma manobra de diversão: Camuflaram o carro marciano com a bandeira chinesa e roubaram durante a noite provisões aos russos, com grande estrondo para acordar os eslavos. Luca, ao volante do jipe, fugiu em direção a uma zona lamacenta, disparando alguns tiros no caminho e abandonando o veículo perseguido pelos moscovitas a meio do percurso, passando-o para piloto automático. Quando os russos que o perseguiam se aperceberam do logro, já o rotor da aeronave rodava a bom rodar. Os três ocidentais

voavam em grande ânimo para a Colónia, apanhando Luca no caminho.

Durante a viagem viram os carros dos marines que progrediam com dificuldade no terreno rochoso. Eles tinham ouvido o aparelho voador e olhavam incrédulos para a surpresa que vinha do ar. Amartaram e Andrew e Pierre que estavam gelados, foram substituídos pelo general, o major e outro marine. O Heli estava pesado, mas ia chegar à Colónia.

Andrew iniciou as conversações com os russos. Não foi fácil porque eles estavam enraivecidos e por vezes, na fúria, desatavam a falar russo e não se percebia nada. Andrew explicou que a base americana estava sob ataque chinês e a máquina voadora era-lhes vital. Não havia outra maneira de obterem a aviação de que necessitavam para salvar a colónia que era internacional e não americana. Explicou-lhes que a China tinha enviado um míssil dirigido à base russa para a fazer desaparecer do mapa. Como as suas naves eram todas Rovers gigantes, tanto as logísticas, como as tripuladas, era bom que saíssem do sítio onde estavam.

Horas depois os russos disseram que Moscovo não detetara nenhum lançamento da China mas de facto identificaram dois projéteis a caminho de Marte. Agradeceram a informação mas exigiram o heli de volta, apesar de saberem que isso nunca aconteceria. Mesmo retirando o ataque chinês da equação, um helicóptero militar em Marte era uma tal vantagem que quem a tivesse nunca a largaria. Andrew negociou a compra do aparelho em troca de uma mini central de fissão nuclear, um extrator de alto débito de oxigénio da atmosfera e um tratado de paz

Os russos aceitaram desde que fossem duas centrais nucleares e dois extratores, apesar de desconfiados, pois parecia-lhes muito por helicóptero que nunca mais veriam. Duas mini centrais de fissão - os americanos tinham uma em cada foguetão elétrico - seriam a fonte de energia que podia facilitar o sucesso da aventura russa em Marte e os extratores de oxigénio atmosférico eram fantásticos.

* * *

O selo de estanqueidade do acesso aos túneis foi violado e deu-se uma intrusão silenciosa a passo militar. No silencio que as escondia mais que a escuridão, duas bebés começaram a chorar revelando a presença dos colonos nos subterrâneos. Sentiram-se perdidos. Foi então que ouviram “*Sofia, Francisca, está aí alguém?*” Reconheceram a voz de Luca e precipitaram-se para ele. Como tinha chegado tão depressa?

- De helicóptero, disse o Luca. Os russos são tramados. Viemos cinco. Quatro estão na periferia. Foram apanhar os Rovers que vocês puseram em andamento e eu vim a pé fazer uma exploração noturna. Lá fora estão onze graus negativos, mas aqui também está frio. Vocês sabem porque é que os chineses estão a escavar buracos em

toda a colônia? perguntou Luca.

- Não fazemos ideia, talvez sejam trincheiras ou armadilhas. Temo-nos mantido aqui em máximo silêncio e os sensores a que temos acesso mostram que eles têm mais de metade da Colônia a funcionar. Estamos espantadas com a capacidade deles e suspeitamos que Steven continua a ajudá-los, disse William.

- É verdade, sublinhou o Luca. A Colônia está parcialmente iluminada, continuou, mas para além do nosso material eles têm equipamento muito pesado com eles. A única explicação é que tivessem outra base em Marte, porque o que vimos abandonado perto dos pântanos não bate certo com o movimento que há à superfície.

- Provavelmente eles já cá têm a sua liderança vinda da China e passaram-nos a perna – avançou Francisca. Estamos a considerar fazer explodir as minas que deixámos nos alimentadores dos extratores de oxigénio para ver se eles têm muitas reservas liquidas ou se vinham a contar com os nossos sistemas, disse a presidente.

- Talvez eu deva fazer um levantamento mais detalhado do que se passa à superfície. Vocês trouxeram os mapas completos da localização das minas e dos sensores de movimento? perguntou o Luca.

- Sim, esclareceu Francisca William. Vamos enviar uma cópia aos homens que temos na periferia para eles poderem entrar sem serem detetados. O general veio?

- Está com o grupo. Há inativadores dos sensores para eu me mover com maior rapidez?

- Há. Faz o levantamento do terreno à superfície e regista imagens.

Luca saiu com os inativadores, uma bala de oxigénio pequena e um depósito de oxigénio liquido para encher a bala quando ela se esgotasse. Aproximou-se do núcleo da Colônia onde vira, de longe, bastante movimento e viu guardas longilíneos, muito altos a guardar várias instalações. Aproximou-se deles e os binóculos de infravermelhos mostravam que eles irradiavam muito pouco calor, não exalavam vapor de água, se é que expiravam, e não usavam balas de oxigénio. Nem os que circulavam nos seus estranhos veículos de lagartas, nem os que faziam guarda em pé às instalações. Luca aproximou-se mais e filmou-os, mas viam-se mal com a falta de luz. Vigiou-os durante duas horas e não havia dúvidas: eles não usavam balas de oxigénio, eram altíssimos e não tinham armas visíveis.

Voltou para os túneis e descreveu o que descobrira à presidente. Ninguém tinha uma boa explicação para aquilo. Talvez fossem fatos espaciais com armas e micro extratores de oxigénio integradas e um circuito expiratório integrado para não se ver a expiração. Eles tinham de ter oxigénio para respirar como toda a gente. Se tivessem micro extratores portáteis estes seriam alimentados com que energia? E como é que tal tecnologia tinha sido desenvolvida por um país como a China?

Nessa noite avançaram lentamente para os túneis os quatro colonos que estavam na periferia, cada um com o seu jipe. Rezavam para não serem detetados.

Três dos médicos e os dois religiosos, ficaram com os bebês nos subterrâneos, consumindo menos energia que ficava para aquecer as bebês. Os túneis mantinham-se incógnitos para os invasores. O ortopedista e a obstetra, seguiram com todo o restante grupo para as imediações da colónia.

A comunicação de longa distância com o exterior só ocorrerá à queima-roupa do nosso ataque para evitar a deteção, determinou o general. No deserto radioelétrico de Marte não havia coisa mais fácil de identificar que comunicações. Qualquer walkie-talkie era um farol na noite. O grupo que abandonou o esconderijo dividiu-se em duas colunas. A mais numerosa entrou nos Rovers que saíram para a periferia e uma pequena unidade ficou para a tentar infernalizar a vida dos chineses através de sabotagem seletiva.

Quando os Rovers chegaram à periferia, o general comunicou com o grupo que ficara na base chinesa e soube duma notícia inesperada: todos os chineses estavam mortos nos arredores da base. Tinham tido morte violenta, aparentemente em combate, vítimas de armas desconhecidas que impunham queimaduras extensas. Vários tinham sido parcialmente devorados. Comunicaram em seguida com os russos e a conversa foi tensa - tinham recebido notícias de Moscovo que apontavam para que os alvos das ogivas que vinham a caminho de Marte fossem a bases russa, que já se encontrava em movimento para fora do sítio de amartagem, e a base chinesa. Não a estação americana.

- Quem tinha lançado os mísseis interplanetários? A China não parecia. Estaria a Índia na jogada?
- Se não são os chineses que estão na nossa base quem é? perguntou a presidente ao general.
- Os homens que ficaram na colónia têm de saber quem enfrentam antes de se iniciarem ações armadas, determinou o comando militar.

* * *

Luca e o grupo que ficara na colónia, esperaram que o dia nascesse para adquirirem imagens de alta definição dos invasores. Quando as viram aperceberam-se que não pareciam seres humanos, aquelas coisas que não respiravam. Eram seres com cerca de dois metros e dez de altura, com um aspecto insectoide, em tons de vermelho escuro, de cabeça triangular e com olhos muito grandes e negros. Pareciam Louva-a-Deus, magros, só com uma antena lateral e sem asas. Moviam-se pouco durante o dia e mais durante a noite. As luzes da colónia estavam ligadas, com baixa intensidade para pouparem energia que estava afetada pelos cortes que Francisca William tinha feito. Já o aquecimento estava em valores normais. Não gostavam do

frio. Do solo revolvido por vezes disparavam géisers de vapor e luz que ele tapavam de seguida. Haveria tubuladuras enterradas? Como é que então os colonos nunca tinham dado com elas durante um ano inteiro?

A certa altura houve uma escaramuça e um foi destruído com uma espécie de lança chamas de feixe estreito e alta pressão. Ficou a contorcer-se no chão e os outros foram à sua vida ignorando-o até que se pôs noite e então reuniram-se vários em torno dele e aparentemente comeram-no entre gritos horrorosos, quer de festa dos comensais quer de pavor da refeição. Eram Louva-a-Deus canibais.

O comportamento selvagem para com o seu camarada ferido, agudizou a necessidade de protegerem as bebés. Luca e o seu grupo abandonou a base e juntou-se ao que estava na periferia passando as informações. A questão era simples: seria possível o planeta ser habitado e aqueles animais terem inteligência suficientemente parecida à humana, para aprenderem a língua inglesa, apesar de defeituosamente? Como tinham desencadeado a negociação com Steven ? Que tinham a oferecer-lhe? Se quem eram não se sabia, sabia-se de certeza que tinham sido eles quem tinha destruído a estação chinesa. Provavelmente seriam pouco numerosos pois a missão estava em Marte há muito tempo e só agora tinham aparecido num número que rondava os sessenta a oitenta. Foi decidido avisar os russos e os dois grupos de colonos - o que vinha a caminho e o que reabilitava os foguetões chineses, já que corriam risco óbvio se fossem atacados de surpresa.

Os humanos não podiam sobreviver fora da base marciana e a Presidente determinou que tomariam a Colónia pela força. Como havia bebés a gelar nos túneis, a resposta militar não podia depender da chegada dos marines quem vinha a caminho.

Mariah perguntou se não deviam avisar a Terra, mas Francisca disse-lhe que não, nem pensar. Foi nessa altura que Larissa, a vigia, anunciou um grupo de ocupantes saía da base e vinha na sua direção.

Os insetos tinham tomado a iniciativa.

Capítulo 24

Suicídio

Os ocupantes da colônia detetaram as comunicações dos colonos muito perto da base e perceberam que, se não tinham ido longe, era porque tencionavam voltar. Dois grupos com sete Louva-a-Deus escarlates, cada um comandado por um oitavo mais alto, saíram da base em dois carros de tipo blindado, vermelho argila, de lagartas e seteiras laterais por onde poderiam fazer fogo com proteção. Traziam dois tipos de armas – os lança-chamas incorporados nos braços direitos das armaduras e uma espécie de fuzis. As seteiras eram móveis sobre dois eixos e tinham extensores dos lança-chamas, alimentados pelo depósito central do carro. Os Louva-a-Deus podiam adaptar as suas armas de armadura nos extensores que assim ganhavam muito maior alcance - em vez de atingirem cem metros, com os extensores os lança-chamas atingiam mais de três mil metros. Uma das vantagens dos estreitos pulsos de fogo descontínuo dos lança-chamas era que, mesmo que falhassem o alvo, desde que atingissem a sua proximidade obrigariam o inimigo a abandonar a sua posição pelo aumento dramático da temperatura. Outra era que o seu trajeto era visível podendo o tiro ser corrigido facilmente.

Ainda bem que os marines tinham optado por não vestir os exosqueletos blindados de combate, pois contra os lança-chamas de nada valiam. Aqueceriam matando o seu tripulante em segundos.

Os fuzis eram suficientemente estreitos para entrarem na ranhura das seteiras, tinham silenciadores e as suas balas eram explosivas. Eram usados quando o inseto não queria que a sua posição fosse detetada facilmente, já que essa era uma desvantagem dos lança-chamas.

O general mandou sair um Rover com o major e um grupo de colonos para atacar o assentamento pelo lado oposto ao deles. Deixou os insetos aproximarem-se o suficiente para não poderem voltar atrás e depois mandou sair a força aérea. Em breve, porém, os colonos ficaram ao alcance da linha de fogo dos lança-chamas e começaram a ser alvejados.

Tudo ardia em torno das posições dos marines que recuaram rapidamente. A sua sorte era praticamente não haver vegetação, para além de escassos líquenes e um ou outro núcleo de musgo. Menos rapidamente recuaram os civis, tendo um dos seus carros sido atingido nas rodas por um pulso de fogo líquido. Os civis, em que

se incluíam Sofia, Diane e Caroline, abrigaram-se atrás de uma enorme rocha vermelha. Os Louva-a-Deus escolheram-nos como alvo e projetavam o infernal fogo colante contra a rocha. Os tiros da manobra de diversão tentada pelos marines de nada valeram pois não incomodavam os blindados. Os humanos só não estavam indefesos por causa do helicóptero que tinham roubado aos russos. A rocha vermelha foi aumentando de temperatura, acabando por se fraturar ruidosamente em três pedaços, exibindo o seu interior de cristais azulados. O fogo líquido que penetrou entre os fragmentos matou instantaneamente um colono e queimou os três dedos de fora da mão direita de Sofia. Os civis correram para outra rocha. Sofia gritava de dor. O fogo cola que a atingiu ardeu ainda mais quando ela lhe lançou água. Continuava a queimar mesmo após Caroline ter abafado a zona com um pano e a mordida daquele fogo do inferno aproximava-se perigosamente do corpo da mão, pondo em risco a mão inteira. Só parou quando o Ortopedista lhe garrotou o antebraço, injetou morfina e amputou os três dedos que caíram no chão, ardendo até serem cinza. Sofia adormeceu.

O helicóptero pilotado por Peter Bryant, voava rente ao solo vermelho, rasando as rochas dispersas e fez um círculo largo de forma a caçar os veículos por trás. Largou sobre o primeiro carro uma bala de oxigénio e uma mina térmica. Os carros não tinham proteção contra ataques aéreos pois eram parcialmente abertos por cima. A explosão foi tremenda e morreram os 8 insetos carbonizados e o fogo iluminou toda a base e arredores. A inesperada onda de choque na atmosfera densa de árgon cuspiu o helicóptero no momento em que largava a segunda bomba que por isso falhou o outro carro. Enquanto se afastava, os Louva-a-Deus recuperaram do abalo e fizeram fogo cerrado quer com fuzis quer com lança-chamas. O piloto ainda conseguiu equilibrar o helicóptero mas teve de ganhar alguma altura e foi, nessa altura, atingido de raspão na face direita do pescoço.

O tiro de fuzil arrancou-lhe o sistema de alimentação de oxigénio. Subitamente ficou a respirar a atmosfera de Marte, pobre em oxigénio. Olhou para trás para pedir ajuda ao co piloto, um colono, mas ele estava tombado de lado, morto pelos tiros do Ine. As costas e a nuca carbonizadas por um pulso dos lança-chamas, estavam a arder.

Peter Bryant respirava rapidamente para tentar absorver algum oxigénio, mas sem proveito. O esforço brutal para respirar era pior que não respirar pois os músculos respiratórios consumiam tanto oxigénio nesse trabalho que ainda sobrava menos para o resto do corpo. Era um catch 22, uma loose-loose situation.

A sua visão começava a ficar alterada e só conseguia ver em frente, como se tivesse umas palas ou voasse dentro de um corredor. Atravessou o céu da colónia onde alguns insetos dispararam frontalmente contra ele. Ganhou altitude para lhes fugir. Apanhou o oxigénio do companheiro morto, mas este tinha uma pequena fuga

perto da máscara. Teve de lançar o corpo ardente do co piloto para fora da máquina voadora, pois a temperatura era já insuportável e algum do fogo cola começava a gotejar para o chão do helicóptero que agora também ardia. O calor era doloroso e o Peter Bryant auto injetou-se com uma seringa de morfina. Mal saiu fora do alcance dos lança chamas, aterrou e extinguiu o fogo do helicóptero com neve carbónica. Apesar da morfina, continuava a arder-lhe o peito. Despiu a farda e viu que tinha sido atingido por uma gota gorda de fogo cola no peito, sobre o coração. Atirou-lhe água mas ainda ardeu mais. Abafou-a, mas continuava a arder. Já não tinha neve carbónica. Raspou o peito com uma faca, gritando de dor, tentando amputar o demónio queimante, mas isso serviu apenas para aprofundar o fogo na sua carne. Injetou mais morfina e a dor passou.

Olhou para o seu peito que agora sangrava abundantemente: uma artéria intercostal tinha rompido. Lembrou-se da história dos buracos carbonizados, escavados profundamente por aquela cola demoníaca de fogo liquido que devorou os corpos dos chineses. Preencheu a ferida com hemostático para diminuir a hemorragia, mas percebeu que a seguir era o coração. Ao fim de cinco minutos o oxigénio do colega começou a alarmar o sinal de reserva. Ia acabar.

Voltaria a falta de ar, depois a visão em túnel e finalmente a morte.

* * *

Levantou voo. Voltou a falta de ar e a visão em túnel. Peter Bryant ouvia ainda bem mas via já muito mal. Ao fundo, dançavam e soltavam urros de vitória duas festas de Louva-a-Deus: uma na colónia que ele tinha sobrevoado e outra no blindado sobrevivente que reiniciava a marcha em direcção aos colonos da periferia.

Respirava dificilmente. Atravessou Nova Frígia sem saber se fora atingido ou não novamente pelo inimigo. Já não sentia nada a não ser a sufocação. Guiou-se mais pelo som dos gritos e do fogo do blindado que o via regressar, do que pelo controlo visual fino e mergulhou como um samurai dos ares, um kamikaze, sobre o foco de som. Nem tudo estará mal quando acaba mal, mas ou foi o fogo do blindado que parou para que a maioria dos insectoides o abandonassem ou o frio que lentificava os seus gestos ou a necessidade de voar tão rente ao solo quanto possível: o facto é que se interpôs uma grande rocha azulada entre ele e os animais, impactando-se nela a aeronave que se destruiu com uma explosão tal que iluminou a face ocidental da cordilheira. Os colonos tinham perdido a força aérea.

Os Louva-a-Deus do blindado festejavam estridentemente, com drapejantes guinchos medonhos que lembravam o zurzir de asas de libelinha. Os que saíram do carro voltaram a entrar, rumo à eliminação dos marines e colonos. Não viram o outro samurai, o que resistia ao frio, o que tivera a ilusão naïve que não precisaria da arte da guerra num planeta virgem, a estrear pela humanidade, ignorando que onde há

homens haverá guerra. O kamikaze terrestre galopava veloz, atacando o carro do lado oposto do helicóptero, com uma mina térmica em cada mão. Depositou-as numa lagarta do blindado, e depois retirou a garrafa de oxigénio e deixou-a também no carro. O oxigénio tinha um efeito potenciador sobre as minas e o conjunto varreu o blindado do mapa e o fogo colante projetou-se no céu esmeralda, interrompendo o seu estouro, o festim das criaturas, num um fogo de artifício psicoticamente irreal. Foi tão tremendo o epílogo que mais alto que a explosão se ouvia o silêncio dos Louva-a-Deus que ficaram na Colónia. Dois blindados enviados, dois blindados destruídos. Não sobreviveu nenhum inseto da força expedicionária.

O general ainda o agarrara pelo ombro, mas os seus dedos resvalaram quando Luca se precipitou para a maratona que só terminava no Ine, ouvindo, longínquo, o comandante vociferar que o heli ia voltar contra o carro e ele não se safava.

Sem oxigénio e sem ver nenhum Rover na sua direção, Luca Zuriaga sabia que terminara ali a sua jornada no sistema solar. A distância a que estavam os colonos era muito grande. Deitou-se para morrer, pedindo a Deus que salvasse Sofia Suren e todos os outros, principalmente as suas meninas. Tinha atravessado milhões de quilómetros e várias vidas num só ano. Despediu-se deste mundo.

A meio do sufocante caminho para a morte, apanhado na armadilha da atmosfera de Marte, sentiu uma vontade de que as coisas acelerassem e sobreveio uma curiosidade sobre o além. Depois ouviu uma voz suave: toma, respira. Era Caroline Furst que o havia seguido, sorrindo. Deu-lhe o oxigénio e disse-lhe, *“salva a nossa menina e se alguma coisa me acontecer entrega-a ao cuidado dos meus pais na Terra, para que tomem conta dela”*. Correu de seguida sem oxigénio pois resistia longamente sem respirar. Luca tentou sentar-se pois Caroline estava com o rosto e a voz deformadas, aparentemente queimada, mas não conseguiu pois estava exausto. Quando recuperou, levantou-se e viu um jipe com o general dos marines que tinha avançado e o apanhou. Luca pediu-lhes que voltassem para recuperar Caroline que lhe parecera gravemente queimada, mas o general e os marines olharam para ele como se ele estivesse a ver coisas.

- Ela está lá trás e está ótima, ainda agora a vimos. Alucinaste, civil.

Alucinou como, se tinha uma garrafa de oxigénio com ele?

Os restantes invasores da base que saíram para ver o que era aquilo, não deviam estar muito saudáveis pois nos binóculos um ou outro tropeçava e caía, levantando-se com dificuldade. Filhos da mãe, pensou o Luca, olhando os repelentes seres. Se descobrem os bebés é o fim. Foi nessa altura que chegou o Rover com Sofia e Caroline que tinha o casaco de Larissa vestido. Choravam. Larissa Mayamba Lee tinha sido encontrada morta no caminho, roxa, sufocada por falta de oxigénio. Roubara o casaco do fato de Caroline, colocara uma peruca loira de uso médico, cobrira a face e corraera atrás de Luca quando este partiu rumo ao blindado.

Desobedeceu tanto como ele desobedecera, mas viveu menos tempo. Suicidara-se pois ele era a única chance de salvação da sua filha, como no passado a sua bisavô Mayamba se sacrificara, para que os netos, incluindo a mãe de Larissa, pudessem viver de cabeça levantada, longe da humilhação imposta pelos colonos portugueses no norte de Angola.

* * *

Luca já se tinha recomposto do perigo de morte por asfixia, mas ainda não se tinha recomposto da desconvoação do seu próprio funeral, a que assistira. O suicídio de Larissa e o medo da perda das meninas aspirava-o para o inimigo com mais declive do que o que o tinha atirado na corrida contra o carro blindado. Era uma coisa magnética, inegociável que se fundia com o facto de mesmo não tendo perecido, já se ter despedido da vida e feito o luto de si mesmo.

Francisca ordenou que esperassem pela noite, para atacarem em conjunto a base a coberto da escuridão, mas Luca desobedeceu e avançou para a colónia, sem pensar duas vezes ou avisar alguém. A vida que agora vivia era uma vida extra como se ele fosse um personagem post mortem de si próprio. Não se pode abrir uma porta aberta e não se pode matar quem já morreu. Chegada a sua hora, tinha a imortalidade dos mortos. Libertou-se doutras lealdades que não as que tinha para com Sofia, as suas filhas e a memória de um pai que lhe pedira para ser justo, e avançou segundo antigas regras suas. Ia midriático, branco como a cal e irreduzível uma última vez, vender cara a sua velha pecha. Repetiu para si, o soneto Obra Inacabada. Agora eu. Roubaram-me o Futuro? Roubaram nada. Como nos tempos das artes marciais, tinha mais por intenção vencer que cumprir as regras.

O distante neto de Viriato, a quem os romanos imputavam um inusual fascínio pela guerra, penetrou no coração de Nova Frígia em passo de Massai naquele fim de tarde. O romanos pintaram essa paixão, não como sendo da guerra pelo ouro, pelo poder, pela paz ou pela fama, mas como a paixão da guerra por si mesma. Porém, enganar-se-iam na descrição do descendente do bárbaro ocidental: este avançava para se interpor entre as suas filhas e o seu algoz, atravessava-se entre o destino que estava escrito e um destino alternativo, que ele redigiria pelo seu punho, usando como pena o seu punhal e como tinta sangue. O seu ou o de quem viesse. Quem vai para combate disposto a morrer vai sempre disposto a matar.

Aproximou-se deles. Viu um diferente dos restantes pois tinha uma mochila às costas. Percebeu que ele dera com o alçapão que dava acesso aos túneis e às bebés. Respirou fundo várias vezes e depois descalçou-se e tirou a máscara para ser mais leve e insonoro ainda. Avançou com o punhal cristalino, na sombra, focado no

inimigo, no mais apneico dos silêncios, mas ele quase o viu, olhando na direção da sombra por onde Luca progredia. Zuriaga esgueirou-se para trás de um painel fotovoltaico e esperou, imóvel. Não podia respirar porque o ar de Marte era irrespirável. Os seus pés arrefeciam mais que o desejável nos onze graus negativos da noite equatorial marciana. Finalmente o inseto virou-se para o lado oposto e Luca rasteirou-o e, caindo ele, cravou-se em sucessão rápida três vezes a lâmina no que parecia ser o tórax. Três tiros balísticos de arma branca e o animal tingiu-se de sangue vermelho vivo, sem um ai.

Luca correu até ao local onde tinha a bala de oxigénio e voltou a respirar, repondo os níveis de oxigénio no seu sangue e calçando-se temporariamente. Estava posicionado entre as feras e o túnel das crianças e era uma comporta de aço contra o tsunami que viesse. Demorou a recompor-se mais tempo do que imaginara. Na próxima incursão iria com a bala de oxigénio. Apesar do seu peso dificultar a progressão no terreno, evitava que voltasse a sufocar. Respirar era um assunto sério naquelas paragens. A colónia tinha construído fiadas de barreiras com cerca de noventa centímetros de altura para reter o pó vermelho que soprava com o vento e passá-las com o peso da garrafa era mais difícil. Atacou um segundo inimigo chegando até ele no último instante, quando a besta se virava com o barulho. O insectoide morreu caindo sem respeito ao silêncio de que Luca era discípulo naquelas horas. Refugiou-se na câmara de descompressão de uma nave enquanto um terceiro se aproximava, atraído pelo barulho. Dentro da câmara, a luz era intensa e Luca não tinha um recanto para se esconder. O Louva-a-Deus que vinha podia dar o alerta. Não deu - o inseto acercou-se da nave sem ver o cadáver do comparsa. Pronunciou umas palavras ininteligíveis e esperou. Depois tateou a parede interna da entrada sem entrar no compartimento. Recuou uns passos e cuspiu fogo com o lança-chamas para dentro da câmara de descompressão. Dois pulsos de fogo líquido bastaram para a temperatura ser uma fornalha. Luca saltou da frigideira frontalmente contra o invasor e no cavalo alado o seu corpo era a dura lança, e a sua adaga de diamante a fina lâmina, voando à velocidade possível para varar o inimigo antes do próprio Luca morrer carbonizado.

O Louva-a-Deus estava a sete metros da entrada da câmara, voltado para a sua porta e com o lança-chamas apontado, pronto a disparar. Luca não esperava que ele se tivesse afastado tanto e a garrafa de oxigénio atrasava-o. Via-o em câmara lenta, enquanto acelerava direito a ele. Sete metros, cinco metros, lançou o longo punhal, três metros, a curta espada trespassou o coração do inimigo, um metro e Luca saltou para o fogo atingindo-o com o punho cerrado num dos desmedidos olhos triangulares. O inseto estava imóvel e dele nunca veio fogo. Luca atingiu-o com tal força que ambos foram projetados, caindo o inseto morto numa duna de pó vermelho, com o coração sangrante, o vasto olho esquerdo colapsado e Zuriaga

sobre ele. Luca ergueu-se e retrocedeu para o seu abrigo.

Estava ofegante e tentava perceber o que se tinha passado. O peso das garrafas tornava impossível os ataques mais velozes. Tinha de voltar à estratégia da apneia. Mas o que o deixava confuso era ter sobrevivido ao ataque do inseto, ou melhor, ao não ataque do invasor. Porque é que ele não tinha disparado o lança-chamas? Porquê? Alguma coisa o tinha paralisado. E o que tentara fazer quando tateara a entrada da câmara de descompressão onde Luca se escondia? Era um puzzle de peças que não encaixavam umas nas outras.

Luca demorou ainda mais tempo a restabelecer-se. Escolheu um quarto alvo. Respirou profundamente. Avançou na sombra, aproximando-se do inimigo mas, como acontecera com o primeiro inseto, o Louva-a-Deus voltou-se para o seu local de abrigo, olhando longamente nessa direção. Luca susteve a respiração enquanto pôde e, no último momento, antes de desfalecer saltou sobre o inimigo que tentou de imediato disparar o lança-chamas. Por uma fração de segundo não regurgitou o fogo cola – a lâmina de Luca chegou primeiro ao seu pescoço. Estava desesperado com falta de ar e nem pôde confirmar que o golpe que desferira fora mortal para o invasor, pois correu para onde tinha deixado o sistema de respiração. Olhou para trás e, para sua sorte, o Louva-a-Deus estava caído, imóvel, morto. Era o segundo que se apercebia dos seus movimentos na obscuridade. Quatro mortos. Quatro difíceis. Eles deviam ouvir muito bem apesar da atmosfera rarefeita de Marte, pois perscrutavam o seu local de aproximação por escuro que fosse. Luca voltou a lembrar-se das bebés. Tinha os pés gelados e feridos porque se descalçava antes de cada sortida, para garantir o silêncio. Maldita audição das bestas.

Escolheu um quinto alvo aproximando-se entre placas fotovoltaicas quando inesperadamente deu com outro Louva-a-Deus. Quase chocou com ele pois estava a meio metro de si, numa esquina. Ficou imóvel – se a besta que se encontrava de costas se voltasse ele abatia-o apesar de saber que isso iria chamar a atenção do inseto que escolhera como quinto alvo e estava a quinze metros, olhando para longe na mesma direção que o que estava perto. Luca recuou lentamente, mas por azar pisou uma caixa de cartão que colapsou com o ruído que a atmosfera marciana permitia. Mal soou a caixa que esmagara, Luca ergueu a lâmina para abater o Ine, mas ele manteve-se imóvel. Não tinha ouvido. Nem ele nem o que, a quinze metros, era o alvo inicial do Luca. O europeu recuou até ao esconderijo inicial, prescindindo da caçada. Voltou a rever toda a cena. Eles não ouviam bem, ouviam mal. Tinham olhado anteriormente na sua direção, mas não porque o tivessem ouvido. Que se passava? Nada é pior que um inimigo que não se compreende. Eles deviam ser extraterrestres com sentidos que Luca não imaginava. Não, nada disso, percebeu de súbito. Era a luz. Eles não suportavam a luz.

Capítulo 26

Contra-Ataque

Por isso tinham toda a base à luz da vela e por isso o Louva-a-Deus que lançara fogo para o interior da câmara não o vira: estava temporariamente cego pela luminosidade que saía da câmara após o disparo do lança-chamas. Não o viu e por isso não reagiu. O que ele procurava com a pata na entrada da nave era o interruptor para desligar a luz.

- Passam o tempo a olhar para o lado escuro que lhes é mais confortável e como eu avanço pela sombra na escuridão, pensei que me ouviam, discerniu. Vêm bem de noite, mal de dia e não ouvem nada. Se fossem uma guarda avançada do planeta negro, percebia-se pois lá não parecia haver luz. “É um planeta errante sem sol, pensou. Do ponto de vista evolutivo a visão tinha-se adaptado à baixa luminosidade” Ocorreu-lhe depois que quando saiu do beco que dava para a porta do ginásio em Lisboa, teve de se proteger da luz do candeeiro que lhe dava na cara e teve uma ideia fabulosa. Arranjou um flash de máquina fotográfica numa nave e colocou-o no fundo de um funil de cartão improvisado, colado justo. Aproximou-se de um insectoide e disparou-lhe o flash na cara. Ele ficou cego e cambaleou, aproveitando Luca para o atacar, abatendo-o. Escolheu outro alvo. Abordava-os pelo lado iluminado e quando se voltavam disparava o flash e atingia-os de seguida, amparando a sua queda para manter o secretismo mortal.

Comunicou a sua descoberta via rádio ao general: Aquilo mudava as regras do jogo. Esqueceu-se que as comunicações eram tão fáceis de detetar em Marte como é ver ao longe um homem que avança na noite com uma lanterna na mão: quem a tem pode ver alguma coisa, mas muito mais depressa é visto por quem o vigia.

Os insetos de imediato se agitaram: perceberam a presença de comunicações humanas no interior do coração da base confirmando que as linhas de defesa dos sensores de movimento tinham sido violadas. Reprogramaram os sensores de movimento e lançaram-se numa caça ao homem que se viria a tornar num combate mais sangrento do que esperavam. Luca conhecia Nova Frígia como as suas mãos e eliminou mais seis ocupantes, sempre com a mesma técnica. Escolhia um inimigo, hiperventilava, retirava a máscara, avançava pelo lado iluminado, disparava o flash, rasteirava-os e disparava golpes repetidos através da carapaça, dura mas perpassável pela lâmina de diamante. Ia calçado pois o silêncio já não era

importante. A certa altura viu um diferente dos outros, mais imponente, de dois metros e meio e peito em quilha. Devia ser uma chefia. Atacou-o mas os golpes resvalaram no seu tórax, mais resistente. O insectoide ao cair rolou e do chão jorrou ar a alta pressão. Luca atingiu-o de novo com toda a fúria e a carapaça desconjuntou-se, com braços robotizados e um género de andas com giroscópios que se separaram. O invasor gritou “*hilfe, feindlichen angriffe*” e libertou-se da armadura para fugir. Por baixo daquela tralha estava o corpo de um terrorista de forma humana. Luca amaldiçoou a sorte pois, agora que percebia que eram homens, não tinha coragem de o matar a sangue frio. Entendeu a alma reacionária a todo o progresso, muito pré revolução francesa, que verberava quem inventara as armas de matar à distância. Atingiu-o com um golpe na cabeça e ele colapsou e, com o bandido em síncope, atravessou-lhe o coração com o punhal: uma vez apontado aos grandes vasos e a segunda ao apex, em movimentos tão rápidos de entrada e de saída no seu peito que nem parecia estar a matar uma pessoa. Mas estava. Engoliu em seco e cerrou os dentes. Sentiu o que sentiram sempre os velhos opositores do progresso militar: A cobardia não está em ter uma força maior ou ser capaz de matar à distância correndo um risco menor que o opositor. A cobardia é matar a limpo. Só quando vê o branco dos olhos do inimigo, a sua expressão e a sua tragédia, o homem justo pode ter a certeza que o horror da execução a que o condena é ultrapassado pelo horror do mal que ele representa. Esse inimigo não era extraterrestre – eram homens germanófonos, apostados em usar a surpresa e o medo contra os colonos, tal como tinham feito contra os chineses. Fechou a válvula para parar a saída de oxigénio do solo e depois voltou atrás para respirar. O suor alagava-o. Avisou o comando do novo facto. Voltava a mudar tudo.

Observou a armadura parcialmente desconjuntada e percebeu que era um exosqueleto mais evoluído que os dos colonos. Na guerra tanto são vítimas quem morre em combate como quem mata e aquele inimigo era desumano. Que quereriam de Marte? Vestiu o exosqueleto vermelho de Louva-a-Deus e viu que era muito intuitivo de usar. Levantou-se. A coisa era fácil. Tinha reservatórios de oxigénio que diziam durar para duas horas depois de desconectados dos depósitos subterrâneos. A arma principal, o lança-chamas, era apontado com uma mira e lia a temperatura atingida no alvo. O visor transformava a noite em dia clarificando não apenas os objetos quentes, mas também os metálicos mesmo que frios, como fios de arame, mas curiosamente a luz mesmo brilhante não incomodava. O Ine não sabia que aos comandos do grande Louva-a-Deus vermelho estava Luca e não uma das suas chefias. Estavam tempo demais em postos fixos, sobre os depósitos de oxigénio que os alimentavam. Fingiam não respirar e só desligavam o aporte do gás vital para se dirigirem a outro depósito. As armaduras comuns tinham reservas pequenas de ar que não davam para mais de trinta minutos de autonomia sem garrafas. Por isso

tinham escavado o solo e por isso por vezes pareciam surgir géisers do chão quando se partia ou se abria uma válvula. Tornaram-se alvos fáceis. Aljubarrota era possível naquele anoitecer em Nova Frígia.

Quando o comando inimigo se apercebeu da dimensão das sucessivas baixas, os agressores, numa última ofensiva, saíram todos à caça dos colonos que não imaginavam tratar-se de um homem só. Desta vez vinham de garrafas de oxigénio às costas e usavam carros para se deslocarem. O Louva-a-Deus gigante de alma marciana, com um flash numa mão e o lança chamas no outro braço lançava o caos no ocupante alemão. Entretanto chegou o major, um perito em ações subversivas, com o seu grupo. Apesar de terem disparado os alarmes dos sensores de movimento já nem isso ajudava aos invasores que estavam desorientados. Vários caíram nas armadilhas que ele lhes preparou, esticando cabos de nylon transparente, um dos raros materiais que eles não viam, à altura certa para os derrubar quando circulavam nos rápidos carros ligeiros de lagartas ou fazendo explodir depósitos de oxigénio enterrados quando passavam os jipes dos insetos. Finalmente o general dos marines e restantes homens entraram em combate, ativando os restantes sensores de movimento numa altura em que já ninguém os monitorizava. Vieram também os dois lobos que os Rovers tinham largado na sua viagem quando atingiram uma distância que garantia a autonomia das baterias dos robôs até à colónia, desde que se deslocassem de dia pois o frio exigia que parassem de noite para pouparem eletricidade. De início ainda fizeram estragos, mas os insetos destruíram-nos com armas de sobrecarga eletromagnética. Nessa fase já tinham perdido tudo e o comando inimigo deu ordem de retirada. Os seus últimos carros partiram, abandonando a colónia.

Um Rover com o general, um marine e um piloto dirigiram-se para a entrada do túnel para confirmar a sua segurança, com receio que Steven Boyd tivesse, entretanto, informado os terroristas da sua existência. Os atacantes abandonavam Nova Frigia em direção a leste nos seus veículos mais rápidos que qualquer Rover. O general e os dois homens que o acompanhavam já tinham aberto a porta de entrada da galeria subterrânea quando um último carro semiblandado retardatário, que se afastava, travou a fundo. Era um jipe diferente, mais rápido ainda, parcialmente blindado e com uma pequena bandeira de comando geral. Um Louva-a-Deus de dois metros e meio, tão imponente como a chefia que Luca abatera, olhava para os americanos e hesitava. Deu ordem de retorno e avançou muito rápido sobre eles. Os marines abriram fogo mas os seus tiros não penetravam a blindagem. O general estava na entrada da galeria e só tinha uma maneira de escapar: entrar nos túneis e tentar selar a entrada do lado de dentro, mas isso iria expor o esconderijo das crianças. Mandou selar a entrada por fora e estacionou o jipe marciano sobre ela. Os Louva-a-Deus puderam matar pela última vez: Os colonos foram atingidos em cheio

pelos lança-chamas. Arderam até ficarem carbonizados. Outro grupo de Marines, entretanto chegado, catapultou várias minas térmicas sobre o Rover e este retrocedeu, abandonando a base.

Cerca de uma hora mais tarde, na noite Marciana, viram um foguetão levantar em direção ao céu. Tinham partido. Depois, uma série de explosões. Destruíram os foguetões que ficaram para trás.

Os que não fugiram tinham combatido até ao fim à exceção de dois que se renderam. Falavam inglês com sotaque e alemão fluente, percebendo-se que era alto alemão, provavelmente vienense. Tinham sido submetidos a um tratamento amnesiante não se recordando de nada do seu passado distante, mas conseguiam evocar algumas coisas recentes. Eram mercenários e vieram para aniquilar os colonos e ocupar as três colônias. Sabiam que havia forças especiais de alta montanha anglófonas no polo sul de Marte para levar o Irídio. As ordens que tinham recebido eram simples: queimem-se os dedos, mas fiquem os anéis que fazem falta para novos dedos – as instalações eram para ser preservadas. Se antes de morrerem os colonos enviassem notícias para a Terra deviam ser notícias de terror para que não viessem mais colonos ou sequer ajuda militar – daí os disfarces inumanos que não respiravam e o fantasmagórico horror canibal a que tinham submetido algumas vítimas. Questionados sobre este detalhe disseram apenas “*cumprimos ordens*”. Tinham em ambas as mãos chips de identificação no interior do segundo metacárpico que permitiam, por acréscimo, a sua localização e até a paralisação das duas mãos em tempo real por ordem dada à distância.

Quem os enviara não tinha percebido ainda que Francisca mais depressa mandava a sua gente morrer em combate do que choramingava fosse o que fosse à Terra, em que não confiava e de que procurava tanto fornecimento tecnológico como distância política. A paz interna em Marte, acreditava Francisca, só sobreviveria enquanto houvesse a sombra duma ameaça externa e essa viria do único sítio possível: do Planeta Azul. Antes disso que ter de encontrar um inimigo interno substituto.

* * *

Caroline correu no primeiro Rover civil que chegou ao assentamento. Precipitou-se para a entrada do túnel onde as bebés gelavam. Os restantes colonos correram para os túneis atrás dela procurando as bebés. Tiveram de remover o Rover queimado que impedia o acesso ao esconderijo. As galerias estavam enregeladas. As bebés encontravam-se umas sobre as outras enquanto os três médicos e os dois padres se tinham abraçado em seu redor, tentando aquecê-las com o calor dos seus próprios corpos quando acabou a energia. Dos cinco adultos três

não tinham resistido à hipotermia profunda e morreram sobre as bebês. Dois outros estavam pendentes, balouçando sobre a morte. As bebês, apesar de arrefecerem mais depressa que os adultos, estarem com temperaturas centrais muito baixas e terem as lágrimas geladas como orvalho, estavam com os olhos abertos e muito agudos.

Estão vivas, gritou Caroline.

Os genes de Zuriaga tinham salvo as meninas que por uma vez festejava o facto de Francisca William e Hendriks terem razão. As meninas estavam vivas. O ortopedista e a obstetra tentaram reanimar os colegas sem sucesso. Morreram os três. Foram sepultados no primeiro cemitério dedicado aos heróis da Guerra da Sobrevivência, juntamente com Larissa e as cinzas do general e das restantes vítimas. Os dois religiosos estavam em coma hipotérmico mas os dois médicos conseguiram salvá-los. O milagre tinha sido seletivo, escolhendo as duas pessoas que serviam a Deus, contra as três que se faziam passar por Deus.

A Presidente ficou particularmente abalada com a morte do general. Nomeou, contrafeita, o segundo oficial mais graduado dos marines, o major, para comandar a força militar.

Apesar dos feitos históricos de Luca na Guerra da Sobrevivência, a Presidente tinha aceite muito mal a sua iniciativa de entrar em Nova Frígia sozinho, desobedecendo aos planos estabelecidos e fez-lhe saber isso através da Sofia. Francisca William estava reconhecida mas não podia aceitar mais comportamentos como aquele em tempo de guerra.

- Se tens alguma influência sobre ele, vê se lhe explicas que a tolerância foi muita, mas esgotou-se e ou ele obedece às ordens do Comandante em Chefe, às minhas ordens, ou não viverá connosco. Não há ninguém que me custe mais irradiar da colónia, mas não hesitarei um minuto se ele se repetir a si mesmo uma vez mais que seja.

Sofia não recordava ter visto em ninguém na sua vida, uma sombra sequer de tanta ingratidão.

O major, recém-nomeado comandante, o Oficial de informações e o Oficial de Engenharia analisaram as trajetórias dos mísseis interplanetários e descobriram que eles iriam destruir a base chinesa e o local da base russa. Nenhum se dirigia à base americana. Fizeram cálculos para determinar retrogradamente o ponto de lançamento e era provável que tivessem sido lançados dum ponto do hemisfério ocidental norte, talvez da Gronelândia.

A Presidente convocou um conselho de crise restrito, com o major dos Marines e o Oficial de Informações. O golpe parecia obra de alguém nos Estados Unidos. Provavelmente não seria o mesmo grupo que enviara os mercenários pois esses queriam preservar as instalações e eliminar as pessoas. Talvez fosse um grupo que pretendia obter uma contra resposta russa ou chinesa, fosse em Marte fosse na Terra.

Quem enviara os mercenários enviara também as tropas de alta montanha que tinham ido buscar o Irídio ao Sul e só podia atuar a partir do interior dos Estados Unidos, pois não se via que outro país pudesse mover meios de tal dimensão. Seria uma organização que estava em conflito com a Presidência Norte-Americana e que soubera muito cedo do sucesso no sul de França, talvez até antes do governo federal. Muito antes, ou não teriam tido tempo para a manobra de antecipação que estava a ser levada a cabo para caçar o Irídio. O heroísmo dos mutantes na guerra da sobrevivência, excluía que eles fossem uma quinta coluna ao serviço dessa força. Marte confrontava três grupos nos USA: o Estado Federal, um grupo com capacidade para lançar mísseis interplanetários e um grupo capaz de projetar mercenários no terreno em Marte. Se na Terra essas forças se voltassem umas contra as outras, haveria uma segunda guerra civil americana. O novo comandante dos marines, o major Alverca, comentou com a presidente que o incomodava um detalhe de comportamento militar - o facto dos mercenários serem tão tenazes e tão insensíveis, fazia-o pensar que eram homens com longa experiência de combate.

Os russos já estavam perto de Nova Frígia, cruzando a planície amazónica onde se formavam lençóis de água com um a dois metros de profundidade, em áreas imensas que as lagartas das naves atravessavam a vau. Nalgumas zonas o mar escondido no subsolo já derretera e as estações móveis partiam a fina superfície sólida de lava em placas que se afundavam no abismo em liquefação, com grande perigo para a nave. Os americanos sugeriram-lhe que saíssem da bacia e seguissem o caminho mais lento da montanhas, mas os russos sabiam que o tempo estava contra eles. Temiam não conseguir chegar ao território das dunas, de onde poderiam subir até Nova Frígia, mas temiam mais ainda chegarem tão tarde que os americanos, europeus e japoneses tivessem tido tempo de encerrar a janela de oportunidade que a sua aproximação física mantinha aberta. Duas das naves logísticas dos russos afundaram-se depois de quebrada a fina rocha vulcânica que separava a água superficial do oceano subterrâneo. As naves tripuladas desfizeram-se de tudo o que fosse pesado para retirar uns gramas às suas toneladas. Viajavam de portas abertas prontos a saltar para a água caso a cápsula mergulhasse. Tinham sangue frio que chegasse para continuarem a negociar ao mesmo tempo que o chão se desfazia sob as suas lagartas, insistindo nos extratores e nas duas centrais nucleares apesar do heli roubado já não existir. No assentamento americano e internacional a sua bravura era admirada, percebendo-se que aquela travessia ficaria como um episódio épico na história do planeta, quer sobrevivessem quer não, mas Francisca William recusou dar-lhes o que pediam. Andrew tinha extravasado as competências que ela lhe tinha delegado, explicou a presidente, que lhes fez uma contra proposta: uma cidadã russa ficava vice-presidente e todos os russos podiam aderir à colónia, respeitando a constituição. Após dois dias de conferências eles concordaram, sem consultarem

Moscovo. Conseguiram atingir a costa e subir das praias até Nova Frígia. Quando chegaram as suas naves andantes foram recebidas em festa. As pessoas abraçavam desconhecidos a quem agradeciam duas coisas que geralmente não se agradecem a ninguém: o simples facto de existirem, de estarem ali no inóspito deserto, e o não se ter confirmado que vinham por mal, o terem reembainhado as suas armas antes de as levantarem contra os colonos.

No discurso de boas vindas, Francisca William, com Nova Frígia engalanada com dezenas de bandeiras Marcianas desenhadas por um oficial russo, tendo a seu lado a Vice-Presidente Aleksandra Smolenskii, declarou unilateralmente a independência do Planeta Marte e estabeleceu como política a aceitação de novos colonos desde que jurassem respeitar a soberania e a constituição Marcianas. Marte, declarou Francisca num palanque que bordejava um riacho intermitente de lama magnética, proveniente do degelo da cordilheira Górdia, seguiria um caminho diferente do da Terra. Não criaria múltiplas nações, nem se dividiria em múltiplas línguas como ocorrera na Babel terrestre. A história desses separacionismos na Terra, era a história de conflitos sem fim que acompanhavam a colonização do planeta azul pelo homem. Era a história das mil tragédias e dos mil egoísmos nacionais. A dificuldade de reunir o que nasceu separado era bem visível no planeta mãe. Em Marte, a unidade do planeta e a unidade constitucional democrática seriam seminais. O planeta nascia unido e manter-se-ia unido. Sabiam que a Terra só percebia a lógica do fogo, e que teria a tentação, que aliás já tinha tido, de atacar o planeta esmeralda para tomar conta das suas riquezas. Esperavam que tivessem aprendido alguma coisa com a Guerra da Sobrevivência e com a integração da colónia Russa na nação marciana.

Com esses dois episódios Marte selou a sua autodeterminação. Percebia que em relação a outros planetas do sistema solar, se estabelecessem colónias espaciais. Mas Marte não era uma colónia espacial por dois simples factos: Não era um objeto cósmico estéril, mas sim um planeta em fase de progressiva terraformação autossustentada, e fora povoada por pioneiros que haviam jurado não voltar nunca mais à Terra. Propunham à Terra que abandonasse a postura imperial sobre o sistema solar e seguisse o caminho da cooperação. Propunham um novo tratado de Tordesilhas, dividindo o sistema solar. Dois terços dos asteroides seriam terrestres e o terço exterior Marciano. Os planetas rochosos interiores à órbita terrestre – Vénus e Mercúrio, seriam área de influência terrestre e Júpiter e Saturno, com as suas luas, área de influência Marciana. Para lá de Saturno devia vigorar a lei do mar alto. O tratado deveria manter-se por dois séculos que dariam estabilidade ao Sistema Solar e tempo à Terra para se unificar, terminando as guerras civis, entre nações cegas do mesmo planeta. Uma coisa estava para além do território de qualquer dúvida, tendo atravessado, sem regresso, a fronteira para o continente da certeza absoluta: os

pioneiros que tinham colonizado Marte estavam dispostos a pagar com a sua vida qualquer aventureirismo militarista terrestre. Ofereciam e desejavam paz, mas que ficasse claro que percorriam o caminho da paz, mas conheciam o mapa do caminho do fogo.

Devia haver espíritos bons naquele céu esmeralda, porque os abençoaram com chuva. Caíam gotas gordas de água líquida em Marte pela primeira vez em milhares de milénios. A menor gravidade de Marte fazia com que as gotas viessem separadas e fossem de grande diâmetro, como que vindas de uma mangueira ligada no alto. A bizarra chuva arrepiou primeiro, e galvanizou depois, toda a gente. As pessoas riam, choravam e abraçavam-se como adolescentes. Juntavam corpos, braços e faces, encharcadas além da pele. Aquilo era um sonho conseguido com o esforço de todos. Um punhado de homens herdava um planeta novo. O riacho de lama magnética ingurgitou e transformou-se num pequeno rio de água clara. Francisca saiu do palanque, pegou numa bandeira marciana e dirigiu-se a uma pequena elevação rochosa na margem do riacho. Em breve a água circundou o pedregulho, que mais parecia uma pequena ilha fortificada. Francisca William ergueu bem alto o estandarte e todos gritavam Marte, Marte. Soprou uma rajada de vento que fez drapejar o pavilhão marciano. O vento que passava e a chuva que caía libertavam da bandeira, que estava empoeirada com a terra vermelha de Marte, fios de líquido vermelho como se o estandarte sangrasse. A emoção estava ao rubro quando Francisca William gritou com uma voz de timbre metálico:

- No coração de Nova Frígia, nas margens do rio Ipiranga, a norte da Cordilheira Górdia, que os nossos filhos não esqueçam o grito de sangue dos fundadores: Independência ou Morte.

A pequena multidão gritou várias vezes independência ou morte.

* * *

Luca manteve silêncio, olhando com o rosto encharcado os colonos que gritavam. Eles não sabiam como o sangue dos outros cola nas nossas mãos. Abriu as suas e estendeu os braços para que a chuva fria, transparente e gorda lavasse o pó vermelho do seu corpo perdoando-lhe o sangue que derramara.

Apenas Sofia, reparando na sua solidão de herói não reconhecido, se lhe dirigiu abraçando-o como que para, por osmose, transferir para si parte daquela dor, diminuindo a que ficava em Luca. A guerra nunca valia a pena a não ser nas ímpares ocasiões em que punha fim a uma guerra maior. E mesmo nessas, não lhe gritassem hossanas.

Capítulo 26

Contrarrevolução

A milhões de quilómetros dali, Hendriks, o Pai, mandou um pombo correio ao Espírito Santo com uma pergunta: “*O meu amigo Crane era voluntarista. Francisca William é o quê?*”

O presidente da Rússia e o da China, não reconheceram a independência da colónia. Hendriks declarou lembrar-lhe a declaração de independência de um pequeno pesqueiro à deriva no mar grande, com a ilusão da invencibilidade de quem sobrevive à sua primeira tempestade e a ilusão de riqueza de quem inaugura os porões com peixe, sem perceber que mais tarde ou mais cedo teria de acostar ao continente.

Quando os mísseis interplanetários caíram sobre Marte já a estação Russa não estava lá e já a estação chinesa tinha sido esvaziada. O major teve uma janela de interceção dos mísseis, mas Francisca não a quis usar para que as explosões fossem bem visíveis em Marte e na Terra.

Na Terra a maré mudava e os ataques a Marte foram a gota que transbordou o copo. Apesar de ninguém compreender, aceitar ou até levar a sério a declaração de Francisca William, a verdade é que se até há pouco eram vistos como a salvação da espécie humana não podiam ser agora atacados à bomba.

Hendriks, o vice-rei, foi convocado pelo Presidente de emergência. Quando chegou à Casa Branca estava lá toda a gente, desde a liderança da NASA aos departamentos de astrofísica, desde o Pentágono às várias agências de informações, desde o Secretário de Estado ao presidente da Reserva Federal. Todas as pessoas estavam sentadas em torno de uma mesa que tinha o Presidente Magnuson à cabeceira e dois lugares vagos na ponta oposta. Uma pequena tarjeta dizia Vice-Presidente Tyrell Hendriks numa cadeira livre e Secretário da Defesa na outra. Estranhou que o diretor da CIA estivesse sentado à direita do Presidente. Pela sua posição, separados dos outros como se fossem réus, Hendriks percebeu que havia um problema com ele e com o Secretário da Defesa. Este chegou momentos depois e sentou-se como se estivesse à espera do que se ia passar. O Vice-Presidente pensou que seria acusado de lançar os mísseis sobre Marte, mas isso era insustentável pois ele tinha sido um dos promotores do povoamento do planeta por espécimes humanos tão bem seleccionados quanto possível. Mas o problema era mais vasto.

- Sente-se Hendriks, disse-lhe o Presidente. Que sabe de uma suposta operação

denominada Fumo Celeste, levada acabo por uma entidade ilegal autodenominada Trindade?

- O que é que o Senhor Presidente sabe? devolveu retoricamente a pergunta, o Vice-Presidente.

- Tudo. Sei o que você sabe e sei o que você não sabe, Hendriks.

- O que é que eu sei, Senhor Presidente?

- Sabe que é o autor, com uma quadrilha de pseudogénios, de uma operação que lançou dezenas esferas aramadas na proximidade da Terra, opacas quando vistas de um ângulo e transparentes quando vistas de qualquer outro e que no conjunto faziam com que nos principais telescópios na Terra, por cálculo de paralaxe, parecesse que um planeta vinha em direção à Terra, para além de ter montado outros sistemas de mimetismo de base informática que não compreendo nem quero compreender. Sei que mandou sabotar grandes telescópios, nomeadamente os orbitais, para que ninguém tivesse dúvidas sobre a realidade que as suas esferas imitavam. Sei que usou os factos falseados por si, de que a Terra estaria no fim dos seus dias e a pseudo verdade de ser tudo uma cabala, para fazer de mim presidente e poder usar a indústria espacial, mineira e de energia como músculo económico e o medo como motivação, para levantar todas as limitações éticas à experimentação animal e humana.

- E o que é que eu não sei, Senhor Presidente? perguntou Hendriks como se jogasse xadrez e não a sua vida.

- Não sabe que lhe venderam fumo para tapar o fogo, Hendriks. Não sabe que é um cretino, manipulado pelo braço militar da indústria espacial e pelo Secretário da Defesa que não tinham influência política antes serem levados por si ao colo. Não sabe que eles encomendaram o assassinio do meu antecessor e usaram a sua paranoia biológica da reconstrução da humanidade noutra local, como a cenoura que o levou a favorecer a ascensão deles a uma posição mais forte que a sua própria. Não sabe que o plano dessa gente inclui a aniquilação dos colonos marcianos para deitar a mão ao Irídio fácil, primeiro, e partirem eles próprios para Marte num segundo tempo.

- Mas, Senhor Presidente, parece-me existir uma contradição lógica, no seu raciocínio: se o planeta negro que nos vem destruir é uma ilusão, um logro criado por essa Trindade, porque raio haveriam esses príncipes das trevas, que me usaram a mim como um fantoche, na história que nos conta, por que raio haveriam eles de querer ir para Marte? Não é aqui na Terra que estão o vinho, as uvas e o mel? disse Hendriks, esforçando-se para não sorrir, mas deixando clara a argúcia do seu pensamento. O meneio cefálico do vice, durante o xeque-mate da sua intervenção,

usou-o na contagem de cabeças. Confirmou que naquela sala, os homens do Secretário da Defesa eram quase metade e os seus um terço, deixando, houvesse lugar a cômputo de espingardas, o presidente na posição de candidato a ex-presidente e ele, o vice-rei, na posição de candidato a imperador, já que o Secretário de Estado era low-profile e, até pelas suas feições grosseiras, não ficaria bem nas vestes imperiais.

- Você é tão estúpido, Hendriks, desiludiu-se o Presidente Magnuson.

- Seu aprendiz de feiticeiro, enfureceu-se de seguida. Não compreendeu o que eu lhe disse? Venderam-lhe uma cortina de fumo para você não ver o verdadeiro fogo, Hendriks. Você ainda não percebeu que há mesmo um planeta negro a caminho da Terra e as bolas de sabão que comprou se destinavam, não enganar o mundo, mas a enganá-lo a si, com sonhos de alquimia e aos gatos gordos seus amigos, com sonhos de ouro fácil, enquanto os falcões adquiriam capacidade de projetar o seu poder militar noutro planeta, para onde se mudariam, chegada a hora?

- O seu ex-amigo Anthony Crane da NASA não lhe contou nada antes de morrer? Porque pensa que ele mandou para Marte a filha adotiva?

Haveria mesmo um planeta negro no horizonte? Uma ameaça palpável, real? Theia? Que queria Magnuson dizer com aquilo? Hendriks tinha um sorriso hesitante colado nos lábios e não sabia se o devia reforçar ou apagar. Pôs os olhos no Secretário da Defesa. O Espírito Santo inclinou-se para ele e disse-lhe paternalmente:

- Vocês, ateus ricos, nunca nos convidariam para os vossos salões, nem investiriam em nós o vosso dinheiro se achassem que iam morrer todos. Acresce que não podemos deixar que saia da vossa lamparina um homem mais perfeito que o criado por Deus, porque o criado por Deus é tão perfeito que está disposto a morrer pela pátria e o vosso nunca se sabe.

Hendriks secou.

- Os dois, apontou o Presidente, demitem-se esta noite e dos vossos homens de mão direi eu os que ficam e passam a ser meus homens de mão se quiserem sobreviver em órbita, porque Marte está sobrelotado. O Secretário fitou os seus peões, detendo-se brevemente em cada um e eles saíram da captura do seu olhar, um a um. Queriam o seu lugar numa estação orbital mesmo que temessem tratar-se de um Titanic. Os peões de Hendriks, esses estavam demasiado assustados para pensarem fosse o que fosse.

Nessa noite o Presidente comunicou ao país que Theia tinha entrado na zona de influência gravitacional de Júpiter e que dentro de duas semanas o destino da Terra

deixava de suscitar qualquer dúvida. Depois de passar Júpiter, a trajetória do planeta negro seria tão previsível como a de uma bola de bilhar em movimento numa mesa sem imperfeições. O mundo rezou, incluindo os poderosos que a sorte tinha abandonado no momento em que tinham decidido fazer bluff com a verdade, enquanto a verdade fazia bluff com eles. Não havia forma de transferirem a sua riqueza para uma conta na próxima vida e o comboio da alegria aproximava-se da última paragem.

Nova Frígia recebeu uma curta mensagem do Presidente. Reconheceu em nome da América a autonomia de Marte, com o estatuto de protetorado dos USA. Dava-lhes as coordenadas, o plano, a cifragem das comunicações, os meios humanos e os meios militares do grupo forças especiais irregulares que, no polo sul de Marte, desenterrava uma pepita quase pura de Irídio para a enviar para a Terra, após o que tinham ordens para fazerem o que os mercenários não tinham conseguido – eliminar os Marcianos adultos com a exceção dos últimos dois mutantes com genes estratégicos não difundidos, Sofia e Andrew.

A ação dessas forças de treino americano era ilegal e enquadrava-se numa luta clandestina, também ilegal, entre o dinheiro e a força bruta. O Presidente confessou ter sido alvo de logro e anunciou que, antes do fim, assumiria a sua culpa. Disse-lhes que na luta triangular entre a caneta, a espada e o ouro, os Estados Unidos estavam do lado da caneta desde que essa caneta respeitasse o homem. Ele não tinha ainda informação precisa sobre a origem das forças posicionadas em Marte, pois não faziam parte da tropa regular americana apesar do seu equipamento ser do exército dos Estados Unidos. Ordenara às forças o seu regresso, mas eles tinham recusado reconhecer a sua autoridade - os seus mentores na Terra não tinham sido totalmente decapitados, tendo muitos hibernado, preparando-se para reemergir, quem sabe se aliados a forças estrangeiras, mal tivessem em seu poder o Irídio. A energia termonuclear dos pequenos e domesticados sóis que o novo ouro permitiria libertar, daria ao país onde esse metal aterrasse grande vantagem.

A presidente Francisca William agradeceu a franqueza e as informações. Repetiu que Marte via com bons olhos a chegada de novos colonos que acreditassem na liberdade, respeitassem as autoridades locais e jurassem lealdade primeira ao planeta esmeralda. Acreditara no falecido Presidente Cardoso quando este lhes prometera que entre Marte e o Sol tinham aliados.

* * *

Medo, o grande propulsor. *“Saber ter medo das coisas certas, daquelas que*

podemos mudar com os nossos gestos é um segredo e um trunfo”, comentou Pierre.

Mas nem sempre isso é assim. Nova Frígia tinha medo duma força que os tratava como descartáveis, que estava apostada em destruí-los e a ocupar a sua casa. Eles, os mutantes escolhidos por Hendriks, tinham medo de quem assustava a colónia e tinham medo da própria colónia, com que se identificavam cada vez menos. A Terra tinha medo da aproximação do fim e dispunha-se a negociar de igual para igual com um punhado de colonos que respiravam oxigénio engarrafado num planeta gelado.

Francisca decidiu que se impunha intervir enquanto havia tempo, mesmo que essa intervenção contivesse em si própria o risco do suicídio. Quer o Major, quer Smolenskii, quer Andrew, o líder informal do mutantes, concordaram - o Irídio era o às de trunfo.

Pierre reconhecia a contragosto que aqueles que fazem a felicidade e o progresso das nações não são provavelmente da mesma natureza que os que permitem que elas nasçam em primeiro lugar. Andrew, Sofia, Mariah, Diane e os demais mutantes, pensavam da mesma forma e só Luca declarava que Francisca, devia ser deposta e se dispunha a avançar após a captura do Irídio, se tivesse apoio. Não tinha.

Capítulo 27

Cisma

Fizeram-se preparativos para o transporte dum grupo para perto do polo sul, numa das naves. Seriam posicionados em órbita e desceriam perto da pepita, onde atacariam as forças especiais de alta montanha com a ajuda dos lobos mecânicos de combate que levaram. Os foguetes já sem tripulação das forças de alta montanha, seriam enviados para os USA, a Europa, a Rússia, a China, o Japão e a Índia com a cota do Irídio que lhe cabia, mal aceitassem a autonomia de Marte com o estatuto de protetorado dos Estados Unidos, decidiu Francisca

A nave levantou, elevando-se rapidamente e permitindo-lhes observar a grandiosidade do Monte Olimpo e dos três outros vulcões gigantes a ocidente, cobertos de neve.

Sofia viu-os partir com o coração apertado.

Tinham a ajuda dos Estados Unidos que passariam a fornecer informações aos colonos, mas infelizmente a distância não permitia grande eficácia nas comunicações. O plano da missão era destruir os meios de subsistência da força invasora que no caso de Marte eram meios de sobrevivência, impedindo a saída do inimigo do polo sul, fosse para a Terra fosse para o equador, sem que se perdesse a pepita.

Uma vez mais Luca teria um papel chave, pois a sua imunidade ao frio permitir-lhe-ia aproximar-se da estação a pé, sem meios mecânicos que despertassem a atenção das forças especiais e implantar explosivos no local certo. Caroline também seguia com a força de intervenção pois podia ser necessária a sua tolerância à escassez de oxigénio e suspeitava-se que os mercenários de língua alemã estivessem no sul. Perceber o que eles diziam podia fazer a diferença. Andrew comandava o grupo. O major faria falta no assentamento, caso a força de intervenção rápida falhasse e o inimigo atacasse Colónia Frígia.

Sucedeu conforme o previsto. Luca aproximou-se mas não viu qualquer meteoro. O inimigo tinha escavado a superfície gelada em vários pontos e tinha localizadores de metais dispersos por uma área extensa. Com os binóculos viu a certa altura alguns Louva-a-Deus e um deles parecia a chefia que matara o general. Ao seu lado estava um homem com um fato espacial com as cores da colónia: Steven Boyd. Surgiu uma caravana de três carros, o último dos quais com a bandeira do alto comando. Saiu um oficial, o comandante das forças. Houve uma alteração imediata entre Boyd e esse oficial mais velho e este voltou ao jipe. O Louva-a-Deus

maior avançou na direção do jipe e os soldados que faziam a guarda do comandante abriram fogo abatendo os Louva-a-Deus e Steven Boyd.

Com a morte do piloto de cabelo tão vermelho como o Outono, terminava o verão da esperança de Alicia Boyd. Em Edina, no sul do Minnesota, uma menina ruiva de nove anos que, com uma doença maligna e um genótipo raro, tinha sonhado com o regresso do único irmão que a podia proteger, morria sem dador de medula.

Luca montou o sistema de interceção de comunicações e regressou à base da força de intervenção. Não havia um meteoro com um núcleo intacto. O corpo celeste tinha explodido e pulverizado uma superfície muito alargada, toda ela rica em Irídio e o cometa gigante que se abatera sobre Marte cobrira tudo de gelo. Não se confirmavam os cálculos de Steven Boyd. Só um projeto de mineração e processamento em larga escala, muito além da capacidade da colónia, poderia extrair metal. Visto da Terra o sinal parecera focado, mas ali o Irídio estava disperso. Perdida a ilusão do ouro, que fariam as forças especiais? Voltariam à Terra agora que havia espaço para eles no lugar reservado ao Irídio ou avançariam com o plano de ocupação da colónia?

Pierre foi de opinião que se eles fossem racionais esperariam pela passagem do corpo planetário por Júpiter e só se se confirmasse a destruição da Terra iriam atacar a colónia. Se não se confirmasse voltariam à Terra. Andrew pediu instruções à Colónia.

O major achou que eles eram racionais numa racionalidade que Pierre morreria sem perceber: a racionalidade militar. Eles atacariam a colónia pois essas eram as suas ordens e não iam aparecer na Terra sem as cumprirem. Os russos foram da mesma opinião. Quem na Terra queria o Irídio iria montar uma operação de mineração em larga escala se sobrevivesse e para isso a ocupação da colónia era vantajosa, disse a Presidente Francisca William, ordenando a destruição dos foguetes pela força de intervenção. Aquela podia ser a única oportunidade que teriam de o fazer.

Luca, Caroline e dois marines voltaram a penetrar à noite nas linhas inimigas. Com a queda da temperatura abaixo dos cem graus negativos, mesmo com os fatos aquecidos, os marines e Caroline deixaram de conseguir progredir no terreno nos últimos três mil metros e abrigaram-se numa tenda de aquecimento. Luca avançou sozinho. O frio era pior que o do laboratório da Gronelândia por causa do vento, mas conseguiu colocar as minas magnéticas nos foguetes. Montou uma tenda camaleão debaixo de um deles para se aquecer antes de regressar. Dentro da tenda deu conta da aproximação de um veículo inimigo. Saiu da tenda e ficou imóvel de arma em riste. Eles pularam do veículo e registaram medições dos manómetros de pressão e temperatura dos vários tanques de combustível durante uma hora. Comunicavam por Bluetooth; Luca ouviu-os falar em espanhol. Os soldados comentavam que o

comandante se tinha recusado a ceder às ameaças dos mercenários e a pagar a traição do colono, levando-o de volta para a Terra de imediato. O comandante recusava assumir os compromissos que os mercenários tinham feito com o colono usando o seu nome. O comandante teria citado a Bíblia afirmando que os mercenários tinham “*Evocado em vão o nome do Senhor*”. Na contenda que se seguiu o líder das forças especiais deixara claro que “*Roma não paga a traidores*” e as tropas sabiam que essa era a senha para abaterem os mercenários que os ameaçavam.

Depois, ouviu os soldados dizerem que as ordens do comandante das forças eram posicionarem-se em órbita e só descerem para a colónia se se confirmasse que o planeta gelado tinha uma trajetória de colisão com a Terra. Caso contrário voltavam para a Gronelândia pois o atacar a colónia não era o mesmo que tirar um doce a uma criança e não serviria objetivo discernível se a Terra sobrevivesse. Comentaram que El Comandante estava a pôr o pescoço muito perto do cepo pois as ordens eram tomar a colónia.

Partiram sem darem por ele. Luca regressou e pôs Andrew ao corrente do facto da decisão de atacar a colónia não estar tomada. Como o vento se intensificou muito e com ele a inospitalidade do polo, Andrew decidiu aproveitar o facto dos tropas se abrigarem, para avançar com um Rover camuflado de branco, tão lentamente quanto possível, e implantar antenas de longa distância nos foguetões de forma a que tivessem a opção B de os destruir em órbita. Assim fizeram. Se fossem detetados destruiriam os foguetões de imediato visto que as minas estavam colocadas. Conseguiram passar despercebidos e Luca colocou as antenas nas minas escolhidas. As outras explodiriam por simpatia.

Quando ligaram para a colónia, a Presidente disse-lhes que as minas eram para ser detonadas de imediato. Andrew ainda tentou persuadi-la do contrário, mas ela foi inflexível. Prepararam o seu próprio foguete para entrarem em órbita. Ao contrário da amortagem que era quase silenciosa, o levante seria claramente visível pelo Ine.

Antes de partirem Andrew detonou as minas fazendo explodir todos os foguetes um a um. Mas não encontrou o emissor de sinal emparelhado com os explosivos. Procurou o de reserva, também emparelhado, e também não o encontrou. Todos procuravam os emissores que se tinham volatilizado.

- Luca, berrou Andrew olhando para o Lisboeta que, sentado, procurava pouco. Onde meteste os emissores?

- Destruí-os vice-presidente.

- O quê?

- Destruí-os vice-presidente.

- Eu não sou Vice-Presidente e nós temos ordens para rebentar aquela merda.

Onde estão os emissores?

- Destruí-os.

-Porquê Luca?

-Porque ia ser uma chacina desnecessária. Mais vale matá-los em órbita que deixá-los morrer gelados aqui.

- Isso não te cabe a ti decidir. Isso cabe à presidência.

- Eu prefiro a solução da vice-presidência, respondeu Luca.

- Idiota, gritou Andrew, idiota sem remédio. Conheces as regras, sabes ao que te arriscas?

- Fiz as minhas contas e não há nem recuo nem arrependimento.

- Sabes pelo menos que código introduziste nas antenas que emparelhaste com os emissores?

- Sei.

- Qual é?

- Não digo.

- É a enésima vez que atuas contra as ordens de Francisca. Vais ser julgado por traição, Luca.

- Nesse caso vou pedir-te, Andrew, que sejas o meu advogado de defesa.

Andrew olhou para ele durante algum tempo. O português não tinha cura. As forças de alta montanha estavam no limite da janela temporal para partirem pois o tempo piorava. As suas naves começaram, uma a uma, a erguerem-se nos céus.

O grupo dos colonos também partiu. À medida que se elevavam viam as balas tracejantes dos últimos soldados que os tentavam atingir sem sucesso e juraram que viram nas janelas das naves das forças especiais de alta montanha, o espanto pela sua presença ao seu lado em direção à órbita. Luca olhou para a cratera onde o meteoro do precioso metal tinha explodido e que eles tinham revolvido e a cratera não tinha nada o aspecto que Luca imaginara para a pepita. Estava tingida, não de uma cor platinada mas de uma cor ferrosa.

* * *

Quando chegaram à base, a Presidente convocou o Luca ao seu gabinete e sintetizou a sua posição sobre o que os dividia em apenas duas palavras:

- O código.

Luca respondeu de forma ainda mais económica:

- Não.

Não. A palavra mais importante de todas as línguas. Um marine americano e um russo algemaram-no e levaram-no para um compartimento fechado. Era acusado de alta traição e seria executado ou expulso do assentamento fundacional. Ele, que

tinha vindo sorrateiro como a morte, tantas vezes naquele entardecer de sangue na colônia, que tinha condenado e executado os invasores, sem ouvir o que teriam a alegar em sua defesa, agora interpunha-se entre a Presidente, o detonador e a bomba. Usara toda a força, toda a agressividade, toda a violência que fora necessária para salvar a colônia mas, depois disso, depois de escalada essa montanha, nem um milímetro desnecessário avançaria, nem mais um grão de areia subiria. O seu pai orgulhar-se-ia de si por ser justo e, se lho exigissem, preparava-se para comer pedras no inferno que lhe fosse destinado. Tinha estado preso na Terra e agora estava preso em Marte. Era o primeiro prisioneiro interplanetário. Ao seu lado estavam os dois mercenários também presos.

Sofia foi visitá-lo. Ele explicou as suas razões e ela concordou com ele de A a Z. Seria legítimo abatê-los se eles não regressassem à Terra, mas gratuito se eles partissem. Era porém importante que ele lhe transmitisse o código pois se alguma coisa lhe acontecesse, não havia maneira de acionarem as minas. Ele passou-lho e ela beijou-o.

O espanhol que chefiava a força que desembarcara no polo sul era diferente dos Louva-a-Deus. A conversa que escutara entre os combatentes, quando se escondia debaixo dos foguetões, sobre a decisão do comandante de não atacar a colônia se a Terra não fosse destruída, desobedecendo à sua hierarquia, influenciara a sua resolução. Não apenas porque havia a possibilidade de a colônia não ser atacada, mas porque o espírito daquele homem tinha uma independência que lhe suscitava respeito.

Luca sabia melhor que os americanos qual era a natureza implacável da ameaça que vinha do planeta azul e que seguramente era duma dimensão que não a das tropas de alta montanha que orbitavam Marte. Era a ameaça do último Senhor Feudal, o que conseguira derrotar todos os outros e obter monopólio da força: O Estado que varreria como pó os irrelevantes colonos iniciais e as suas Franciscas em bicos de pés. Usaria aquela testa de ponte em Colônia Frígia como o porto onde aterraria um novo Estado, agora de dimensões não continentais mas planetárias. A nata da Terra e os seus altos interesses, criariam no planeta esmeralda uma Terra Dois. Seria o Estado da serpente que Tyrell Hendriks despertara quando fundou a Trindade e os seus parceiros do Espírito Santo fizeram hibernar sem que morresse - iriam ser esses que povoariam a nova Terra. Os poderosos, os fortes, os ricos, os génios e os seus escravos mutantes. Só esperavam a confirmação de que a sua casa estava condenada por Theia, para lançarem a mais longa noite de facas longas. O que tinham visto até aí em Marte, na Gronelândia ou em Houston, era tão só um pálido ensaio do que vinha a caminho.

As estruturas maciças que construíam com a desculpa que seriam estações orbitais, não se destinavam a orbitar a Terra mas a criar a Terra Dois. Muitos dos que julgavam terem sido escolhidos, como os seus pais, saberiam um minuto antes da meia-noite que havia um problema de overbooking. O escol usurpador passaria por cima de quem fosse, como um rolo compressor que não discute rendições, nem guarda registos do que fizer para memória futura. Chega e fica, ponto final. Luca sabia que jogava um jogo duro e, ao primeiro sinal de que se confirmava o impacto com o vagabundo cósmico, ele incineraria as naves que orbitavam Marte. Sem pestanejar. Mas não antes disso.

Duas horas depois os marines trouxeram Sofia, algemada. Optara por fundir o seu devir com o dele num só destino. Podia ter negociado a libertação de Luca contra o código mas sabia que isso era matar-lhe a alma e deixá-lo vivo. Queria-o para ela, pois sem ele a sua avó não teria estrelas no céu, mas não deslaçado, corroído pela desilusão. Queria-o inteiro, vertical, com a confiança juvenil de que havia um mundo que valia a pena, pois fora por esse mundo que ele tinha sujado as mãos de sangue. A presidente suspeitara, com cem por cento de certeza, que Sofia conhecia o código e ela tinha-se recusado a dizer-lhe se sabia ou não.

Pierre veio vê-los e uma hora depois também estava preso. Recusaram os quatro a visita de Mariah, de Andrew, de Caroline, o coração do partido mutante, como lhes chamava o major dos marines, bem como de Diane Nishimura. Foram separados e divididos por diferentes locais.

* * *

No dia seguinte todos tinham os olhos no céu. O destino da Terra ia decidir-se pois Theia transitava Júpiter por dentro da órbita de algumas das suas luas. Os astrofísicos sabiam há muitas décadas que Júpiter tinha a mesma composição que as estrelas, mas era demasiado pequeno para ser uma estrela. Era uma protoestrela, sem massa suficiente para se acender e brilhar. As observações do trânsito iam para os supercomputadores de imediato. Dentro de horas saberiam a que ponto exato apontava o corpo errante de dimensões planetárias. Na Terra, sete mil milhões de pessoas estavam coladas à televisão, à rádio e à internet, ou ao colo de quem estava. Cientistas comentavam nas televisões, ao vivo. O papa rezara em Belém, no meio do povo cristão e agora, como Adriano, plantava macieiras. Numa manhã, ainda antes da passagem de Theia por Júpiter, o partido comunista cubano sublimou-se como se nunca houvesse existido, varrido por uma onda popular. Nas ruas o povo gritava não já liberdade ou morte, mas liberdade antes da morte.

Durante a passagem do planeta e das suas três luas, deu-se um evento

inesperado: a interposição de um dos satélites irregulares da protoestrela, entre Ganimedes, a lua massiva de Júpiter, e as duas luas maiores do planeta gelado. Isso provocou uma pequena alteração do seu curso e, por momentos, as três luas de Theia, o próprio planeta e Ganimedes, alinharam-se potenciando a gravidade do gigante gasoso e provocando uma alteração da trajetória dos cinco corpos. Isto estava fora das margens de erro dos cálculos e tudo ficou em aberto.

Os números vindos de Júpiter choviam sobre as equações e estas alimentavam os modelos astrofísicos e os cálculos mais precoces começaram a colocar a hipótese da captura do planeta principal pela gravitação do deus que presidia ao Olimpo, terminando aí a sua aventura interestelar. Ocorreu a ejeção das duas luas maiores para fora do campo gravitacional da protoestrela e um primeiro colapso - o da lua menor, que cursou em colisão direta contra Júpiter, desaparecendo no mar de hidrogénio e de hélio. Após a queda da primeira lua de Theia, a temperatura de Júpiter aumentou, voltando a descer de seguida. O Titã arrotara após devorar o maná vindo das nuvens.

À medida que mais e mais dados chegavam, parecia que a órbita do planeta negro era concêntrica e percebeu-se que era possível a sua queda sobre Júpiter, quando este desapareceu atrás do gigante gasoso, num percurso que os cálculos aventavam ser, não circular, mas em espiral fechada, antevendo-se a precipitação sobre o gigante gasoso.

O tempo parou, à espera de saber se quem fazia contas no universo confirmava as contas que na Terra fazia o homem.

5ª Parte
Ínclita Viagem

Capítulo 28

Cliff Burton Richard

O planeta principal reapareceu no horizonte: não caíra nas garras do gigante mas também não escapara às suas unhas. Ficara a ser a sua sexagésima oitava lua e, a grande distância, a maior de todas. A duas luas maiores do planeta errante, agora reduzido ele próprio a mera lua, ejetadas, mantinham-se rodando uma sobre a outra e seguiam em direção ao sol. A sua velocidade tinha aumentado muito e a órbita mútua estava em alargamento. Divergiram até a sua órbita divergir demais: uma cruzaria a Terra e a outra migrava em direção ao espaço interestelar. Os cálculos demonstravam que tinha velocidade de escape suficiente para abandonar a magnetosfera solar. A galáxia ganhara mais um planeta errante. A outra cruzaria o plano terrestre dentro de quinze meses em direção ao Sol.

Seis horas depois era definitivo: a lua que passaria a Terra não era uma ameaça: passaria ao seu lado e ou orbitaria o Sol entre Mercúrio e Vénus, ou precipitar-se-ia sobre essa fornalha.

No jardim terrestre a festa não era descritível por palavras. Milhares de milhões pessoas fizeram da rua a sua casa, em todos os fusos horários e em todas as latitudes. Em Fátima cinco milhões de pessoas rezavam de velas acesas, sinos tocavam a rebate, no oriente monges budistas inundavam as ruas, hindus e sikhs acenderam a Índia com o maior Diwali desde o império Gupta, em torno do trópico de Câncer vozes de almuadem anunciavam a boa nova do alto de dois milhões minaretes, desconhecidos trocavam prendas, beijos e abraços, coros improvisados cantavam e rezavam nas ruas, num arrebatamento universal. Não foi uma festa de um só dia. Os políticos não mudaram, mas pessoas que não se falavam há anos telefonavam-se, filhos iam buscar os pais aos lares e traziam-nos de volta para casa, jornais arranjavam espaço para boas notícias, professores universitários substituíam o amiguismo pela verdade académica, bancos baixavam juros abandonando a usura dos mais frágeis, médicos prescreviam os exames e as terapêuticas certas e não os que lhes eram mais favoráveis ou os deixavam bem vistos aos olhos dos hospitais, criminosos pediam perdão pela primeira vez e por todo o lado inimigos faziam as pazes.

Em Marte também se festejou. Duplamente. Primeiro quando se soube que a Terra estava salva e depois quando as naves das forças especiais partiram em

direção ao planeta mãe, abandonado Marte e deixando a Colônia em paz. Toda a colônia chorou quando os dois planetas irmãos, o azul e o esmeralda, se libertaram do fim do mundo que impendia, dos mutantes aos voluntários, dos mercenários presos ao novo comandante dos marines.

Só Francisca não encontrou tempo para lágrimas: fazia contas, disposta a mudar tudo desde que isso não alterasse nada.

* * *

Os três acusados perderam a cidadania Marciana. Para os marcianos eles não passavam de terráqueos. Francisca teve o cuidado de convocar toda a comunidade e pediu que as pessoas se manifestassem uma a uma. A sala estava tumultuosa. A presidente parecia procurar consenso, mas o que ia pedir era cumplicidade. O seu nome ficaria limpo. Primeiro falaram os acusados e as pessoas imprevisíveis. Depois falou ela e de seguida os demais colonos. Luca falou pouco. Disse apenas que Francisca era uma pessoa perigosa e propôs que os Marines a prendessem. Houve um pequeno abalo na sala com a arrogância do terráqueo. Pierre pediu desculpa mas só gostava de teatro do ponto de vista do espectador; para ator não tinha jeito. Sofia confirmou que queria abandonar Marte, tão depressa quanto possível pois tinha afazeres marcados fora dali. Diane Nishimura comunicou a vontade pessoal de regressar à Terra. Apesar de não ser segredo, dizê-lo em voz alta causou comoção pois ela, apesar de voluntária, assumia-se como aliada dos mutantes. Outra fonte de mal estar era que Diane adoecera há semanas, recordando-lhes que em Marte, mesmo com os robôs médicos comandados à distancia a partir da Terra, não havia recursos para tratar doenças complexas. Primeiro emagreceu, depois surgiu uma febrícula persistente e agora tinham-lhe aparecido uns caroços na nuca e no pescoço. O ortopedista e a obstetra não faziam ideia do que fosse aquilo e, depois de uma biopsia e duma TAC, recomendaram-lhe descanso enquanto conferenciavam com o Massachusetts General na Terra. Andrew e Mariah foram questionados sobre de que lado estavam e tomaram o partido de Luca, Pierre e Sofia. Só Caroline estava amarrada a um dos Marines e, através dele, amarrada a Marte. Ela disse isso mesmo: era um ovo com duas gemas em espelho, a quem propunham que optasse por uma, propondo-lhe um suicídio, pois arrancar-se a ferros uma das gemas era matar a outra. Tomava o partido da conciliação, mas ficava em Marte.

De seguida Francisca falou prolongadamente. Contou a história fabulosa duma missão que ficou em segredo durante milhares de milhares de séculos. Tinha em seu poder a decifração definitiva das placas metálicas com mais de quinhentos milhões de anos descobertas em Marte. *“Elas contam a história de uma civilização tão*

antiga que se desenvolveu quando na Terra não havia mais do que vida unicelular que vivia sem oxigénio no oceano ancestral. Essa civilização foi destruída, mas não por dentro. Sofreu um ataque nuclear vindo do exterior, de uma força alienígena. Quando tudo colapsava e tudo ardia, antes do fim, um punhado de visionários decidiu enviar em direção ao planeta aquático que se encontrava entre eles e Vénus, naves secretas com um grupo de seres que tentariam sobreviver na Terra após a devastação nuclear de Marte. Não sobreviveram, mas os micro-organismos que transportavam no seu corpo sobreviveriam ao ambiente inóspito da Terra. Alguns permitiriam produzir oxigénio pois tinham cloroplastos e, havendo oxigénio, outros seriam energeticamente superiores pois continham mitocôndrias. Marte decidira, num derradeiro testamento, Marciformar a Terra, mas conseguira-o duma forma inesperada que deu origem à explosão da vida que na Terra ocorreu no Câmbrico, há quinhentos milhões de anos. Essa história, narrada pelas placas metálicas recuperadas do subsolo de Marte, explicava a radioatividade desse subsolo e era o negativo fotográfico da história da colónia terrestre em Marte. Porque não sobreviveu essa civilização na Terra? Não sabemos. Talvez tivessem cometido erros. Erros de egoísmo ou erros de tolerância excessiva? Não sabemos. A tolerância excessiva é suicida em ambiente hostil. Não sabemos detalhes, mas sabemos que cada um de nós descende dessa vida plantada no Câmbrico e que cada um de nós já era marciano antes de sonhar sequer com a possibilidade de mudar de planeta. Vir para Marte foi um retorno ao verdadeiro planeta mãe. Cada um de nós, cada marciano é responsável por si próprio, pelos seus descendentes, pela matéria marciana dos vivos e pelo visionarismo dos avós dos seus avós há quinhentos milhões de anos. Cada um é, descreveu Francisca, na hora de decidir, não um cidadão, mas o presidente duma nação”. E era com a canga da responsabilidade de um líder que tinha de tomar partido. Eles, os novos marcianos, não podiam cometer os erros que impediram que a ancestral civilização das placas metálicas terá cometido ao tentar sobreviver na Terra. Eles tinham de ser maiores do que eram, não podiam limitar-se ao horizonte da sua visão ou ao horizonte das suas vidas. Decidir bem era decidir ficar. Decidir ficar, era decidir que só ficava quem fosse um deles. Não havia condições para alimentar nem quintas colunas nem cavalos de Troia.

Todos os colonos afirmaram a sua lealdade para com Marte e o apoio Francisca William. Ninguém regressava à Terra. Em relação aos três mutantes a decisão foi pesada: seriam erradicados de Nova Frígia e nunca mais regressariam a Marte. A presidente foi mandatada para propor a forma de concretizar essa decisão.

Os dois mercenários presos, apesar de ninguém lhes ter perguntado nada e da gravidade dos seus atos, pareceram aderir ao discurso de Francisca William e ao ambiente partisan que despoletou na assembleia, jurando fidelidade à colónia e

pedindo para ficar ali. Seriam aceites por Francisca sob condições draconianas, explicou a Presidente, que poriam à prova a sua lealdade e o seu caso seria revisto dentro de três anos. Finda a reunião e dado que a sua expulsão estava decidida, Francisca optou por libertar condicionalmente os três mutantes pois a sua detenção física gastava recursos que seriam mais úteis no desenvolvimento de Nova Frígia.

- Vale mais um voluntário que mil mutantes, comentou Francisca William para o major.

- Alguns mutantes não são maus cara Presidente. Não nos podemos queixar em demasia, confessou-lhe o comandante.

- Refere-se a uma mutante em particular? perguntou Francisca que estava a par da ligação entre o Major e Caroline Furst.

- Não apenas, cara Presidente, não apenas, esclareceu o major.

Francisca foi a tempo de selar uma aliança com a Entente que incluía um acordo de defesa mútua. Dada a acumulação de foguetões propulsores, naves e de pessoas que se tinham disposto a abandonar a Terra para as estações orbitais, esses meios, já existentes ou em fase final de construção, seriam modificados, servindo como transporte de colonos e de carga para Marte. Francisca negociou que receberia cem mil colonos, bem como a avalanche de material logístico para os suportar. Era uma maré de normalidade que lavava a ilusão eugénica dos primeiros dias.

Colónia Frígia, a capital Marciana que bordejava o futuro Oceano Norte, deixaria de ser uma estação exploratória, passando a ser uma cidade até ao fim do ano. Francisca William adaptar-se-ia. A sua liderança não dependia dos detalhes do projeto inicial. Dependia apenas de que a água do rio Ipiranga continuasse a correr para a foz e quanto mais gente vivesse em Colónia Frígia mais engordaria o caudal da independência que ela navegava.

Nessa madrugada, Luca sonhou com a cratera do sul glacial e viu-a inundada e no seio desse lago navegava o navio carvoeiro, com a sua bandeira canadiana desbotada. Acordou. Eram sete da manhã. Que sonho. Lembrou-se que a esventrada cratera ferrosa que vira perto do polo sul de Marte, não se assemelhava em nada às cores brilhantes que Luca vira no Irídio, quando as três sereias lhe ofereceram os baús, como reis magos no antigo sonho, como se ele fosse uma espécie de menino Jesus falso. Talvez por isso o bote afundava e ele afogava-se nesse onirismo antigo.

* * *

Luca lembrava-se do livro do Comandante Cliff Burton Richard falava de tesouros de Ouro, Ródio e Irídio e tinha uma vaga ideia que se encontravam na América Central, no México ou no Texas. Foi ter com Pierre, Diane e Mariah, que

estavam com a Sofia, e contou-lhes essa história e o sonho recorrente com o baú, as sereias e o afundamento do bote. Falaram longamente e chegaram à conclusão que valia a pena tentar reaver esse livro. Todos concordaram que um caçador de tesouros podia ter dado com uma mina rica em Irídio algures. Os Astecas da América tinham platina, não era impossível que tivessem Irídio. Podiam tentar ter acesso remoto ao computador das miúdas na Virgínia se usassem a influência da Presidente, mas isso estava fora de questão, tal como estava fora de questão tentar qualquer comunicação com a Terra. Seriam sempre intercetados.

Decidiram discutir a sua ideia com Andrew que se encontrava na nave polar. *“Uma das coisas que faltam aqui são médicos,”* disse Andrew. *“Isto precisa de colonos sofisticados. Nunca formaremos, por exemplo, médicos diferenciados pois para isso são necessários hospitais sofisticados e isso não teremos tão cedo. O acordo que Francisca conseguiu em vinte e quatro horas deve-se ao sentimento de culpa pelos mísseis que ela deixou explodir a leste. Depois de expiado esse pecado, a Entente vai deixar de alimentar Marte a Pão de Ló.”*

- Uma possibilidade seria trocar essa informação pela nossa liberdade, aventou Sofia.

- Francisca não é de confiança. É íntegra mas é uma fundamentalista, disse Pierre.

- Temos de ponderar bem as diversas nuances desta questão, continuou Andrew. Amanhã voltamos a falar.

No dia seguinte reuniram-se de novo. Notavam que as pessoas se tinham afastado deles. Quase não lhes dirigiam a palavra e, no WC feminino, alguém tinha escrito no espelho, com batom, Mutantes, voltem para casa. Eles que lhes deviam tudo. Que teria sido do assentamento sem Andrew, Sofia, Pierre e principalmente Luca? Quem de entre os outros, mesmo os soldados profissionais, teria sido capaz de desobedecer na hora certa, como quando Luca avançou sobre o blindado com explosivos na altura em que este tinha um encontro marcado com um helicóptero que escolhia morrer no local para onde Luca corria? Quem seria mais mutante, aquele que havia nascido com uma especificidade física, um traço indelével, é certo, mas que por extremo que fosse era um entre as miríades de diferenças que se observam de homem para homem, ou aqueles que, como a presidente ou o diretor da agência biogénica, haviam crescido nutrindo em si essa distinção? Alimentando religiosamente uma divergência, fosse ela a obsessão pela independência que lhe prometia o poder que Francisca acalentava, como se não houvera outro amanhã, fosse ela o incessante jogo abstrato da manipulação genética para gerar um pretenso super-homem que o professor jogara toda a vida. Era normal Francisca William? Era normal a sua pulsão pelo tudo ou nada? Era normal ou era mutante a sua obediência

ao superior interesse da nação marciana duma centena de pessoas? No fim de que arco-íris encontrara ela a revelação desse interesse? A que montanha tinha sido chamada por esse deus que poucos viam e de que se dizia sumo sacerdote?

E, pior, que dizer de Tyrell Hendriks? Da sua ambição de mudar a história e a sua predisposição para passar por cima fosse quem fosse para o conseguir? Que razões o levavam a descartar gerações de quimeras, na senda de gerar um super-homem? E o que faria esse super-homem no futuro? Seria um geneticista como Hendriks, mas que desprezaria o próprio Hendriks uma vez que lhe seria superior? Ou seria um ser comum que correria, mesmo que fosse mais rápido e no frio mais gelado, em direção a um objetivo que nada tinha a ver com os seus genes, mas com as suas ideias? Correria, tolerando o frio, em direção ao céu como Madre Teresa fez em Calcutá ou em direção a um Reich de mil séculos, como procurou a estátua de gelo que tinham desenterrado na Gronelândia?

- Comungamos um objetivo: temos de voltar à Terra tão cedo quanto possível, disse Luca.

- Que será que nos espera, quando lá chegarmos? As nossas antigas vidas já não existem, lembrou Andrew.

- Talvez exista pelo menos o hospital de excelência que aqui me falta, murmurou Diane.

Dois marines, um russo e um americano, interromperam-nos e comunicaram-lhes que deveriam seguir com eles pois a Presidente queria falar-lhes.

- Agora andam sempre juntos, comentou Pierre Tollmache.

* * *

Francisca William foi clara, como sempre.

A presença deles em Marte era indesejável e a comunidade tinha decidido que eles deviam ser erradicados. Não havia meios para os devolver à Terra a bordo dum cruzeiro de luxo nem havia justiça em tal solução. Por outro lado quando chegassem os novos colonos, Francisca não queria os membros do partido mutante por perto. Seria um mau começo.

A presença do Luca era malquista de forma particularmente aguda. Recordava as marcianas não russas de que ele era o pai das suas primeiras filhas. Marte precisava de alguns trunfos nas suas negociações com a Terra e um dos seus trunfos é que pela distância ao sol e pela conjugação das suas órbitas, estava bem mais perto de Theia. Plantariam um padrão nesse solo como os portugueses fizeram no Brasil, se ele tivesse boas vistas ou algum tesouro. A Terra estava em estado pós crítico, depois de ter renascido duma morte que não ocorrera.

- Lá não há opinião pública que financie tão cedo aventuras planetárias. O

dinheiro da Terra é para ficar na Terra, é o que agora dizem. Nem o Tyrell Hendriks que não só escapou à prisão como enriqueceu com dois modelos de gravidez xenouterina que fazem tremendo sucesso nos países com dinheiro, quer investir no espaço, disse Francisca. Deu a volta por cima apesar de estar cheio de dívidas. As mulheres compram ou um animal de estábulo ou a versão de animal de companhia que dá à luz os seus filhos. Bom, sempre é menos uma prisão para as mulheres, menos uma ansiedade e menos um risco de deformação dos seus corpos. De facto a gravidez humana é uma maçada e um risco sem sentido para muitas mulheres, completou.

- O Presidente dos Estados Unidos demitiu-se e o acordo a que chegámos sobre a vinda de colonos, foi o último gesto desta presidência, porque o hardware já foi construído a pensar nas estações orbitais, porque há gente que quer partir e por motivos históricos irrepetíveis. O envio da vaga de colonos que aí vem será a última em muitas décadas. Foram o único país que reconheceu a nossa autonomia, mas fogem da palavra independência. O resto da Entente não nos diz nem sim nem sopas, mas a China, a Rússia e a Índia são nossos inimigos até prova em contrário, clarificou Francisca. Na verdade nenhum dos grandes países prescinde de manter uma pata em Marte e temos de ser nós a tomar conta do que é nosso.

- Só há combustível para um grande foguetão escapar da gravidade marciana e essa missão, por maioria de razão será feita para servir os superiores interesses da mátria marciana. Vocês submeter-se-ão a esse interesse. A nave presidencial está a ser preparada para uma viagem ao satélite negro de Júpiter. Vocês serão os tripulantes dessa viagem pois não podemos prescindir doutros recursos humanos, dos poucos que existem. Os dados que nos fornecerem serão de confidencialidade máxima. A Terra não pode saber de nada e vocês não terão meios para comunicar com ela. A frota dos colonos chegará aqui antes de vocês chegarem à Terra e a decisão de anexarmos ou não Theia terá sido entretanto tomada.

- A nave presidencial voltará em modo automático, com a nave polar reacoplada, para Marte. Vocês não chegarão a amartar. Ficarão em órbita, de quarentena e depois partirão na nave polar para a Terra. Exijo a vossa palavra de honra, que jurem que colaborarão com esta estratégia, apesar de eu não depender disso para nada.

- Na Terra vocês foram traídos e raptados, mas aqui, foram vocês que falharam na lealdade que em tempo de guerra se prova na obediência. Um de vós é culpado de alta traição. Para nós são terráqueos, mas em boa verdade são apátridas, continuou.

- Irão nestas condições: nunca lá estiveram, sublinhou a Presidente. Esta perda de memória não será apenas voluntária – será também farmacológica, como perceberão mais tarde. Têm até amanhã para decidirem se aceitam. Se recusarem,

proporei que Pierre e Sofia fiquem em Marte dez anos sob prisão, longe de Nova Frígia, sendo expatriados de seguida. O caso do Luca será reavaliado juntamente com o dos dois os mercenários dentro de três anos. Trata-se de um caso marcial grave pois fez-nos perder combustível e pôs em risco a sobrevivência da colónia ao deixar inimigos letais em órbita, armados e com meios de amartarem onde e quando entendessem. Nós não queremos tomar a decisão que a lei prevê, a quente. Dentro de três anos veremos, caso prefiram ficar.

Havia contudo um detalhe em relação a um dos mutantes: Andrew era citado no segundo ato único. Teria, antes de partir, de deixar amostras congeladas que permitissem que a terceira gravidez de todas as mulheres fosse por inseminação artificial com genes seus. Infelizmente em Marte não existiam os novos animais que permitiam a gravidez xenouterina.

Aceitaram. Só Luca acrescentou que talvez a Sra. Presidente não soubesse da diferença entre jurar e dar a palavra de honra, mas que ficasse descansada que ele jurar não jurava, mas dava a sua palavra de forma a hipotecar nela a sua honra.

Francisca não acusou a aquela boutade, tratando-a com o desprezo de quem só valoriza a inteligência focada no sucesso. No seu íntimo, Luca era o protótipo do estrangeiro em que surgem, concomitantes, qualidades e defeitos que usualmente não habitam a mesma pessoa. Capaz de aceitar uma ordem que implica, para si, risco de morte e de a executar imperturbável contra uma ameaça grave, para, logo a seguir, se dar a devaneios emocionais e desobedecer à hierarquia numa ordem direta que não o punha em risco a ele e em que o inimigo era tão letal como o anterior. Teria sido porque o comandante da força inimiga o impressionara? Era uma ética de nobres armados cavaleiros? E agora, sabendo que a pena de morte era o que a lei reservava para ele, dissertava impante sobre a adjetivação da palavra dada? Quando a sua vida dependia dum gesto dela?

Era bom que partisse duma vez, porque, apesar de ostracizado pelas mães das suas filhas, pelos russos que sabiam que ele tinha facilitado a sua derrota e pelos marines que se tinham preparado toda a vida para proteger a comunidade e ressentiam-se de ser o miliciano a distinguir-se em combate, apesar de todos o quererem longe, esse desejo estava a um fio de cabelo do desejo oposto: de o idolatrarem, o reverem nas suas filhas, lhe agradecerem a vida e o exemplo de coragem. Pior, servia-lhe na perfeição a roupagem da superioridade do género masculino no conflito armado. É certo que sem guerra o género masculino se dissolve na urbanidade, mas não era ela, Francisca, que precisava dessa guerra para garantir a soberania de Colónia Frígia sobre todo o planeta? Se só a paz esvaziaria a dimensão da sombra do guerreiro, essa sombra manter-se-ia a ofuscar o Sol enquanto ambos se mantivessem em Marte, pois a primeira prioridade de Francisca

nunca fora a paz, mas sim a glória.

Capítulo 29

O Último Apeadeiro

O Comandante dos Marines, Major Alverca, fez-lhes um briefing antes da partida: sabia-se que Júpiter era um planeta no limite exotérmico, tal como a Terra, perdendo para o espaço quase tanto ou talvez mesmo mais calor que o que recebia do sol, mas essa exotermia aumentara nas últimas semanas. Júpiter não se acendera como uma estrela, pois para essa ignição seria necessária a massa de muitos Júpiteres, mas alguma coisa ocorria no seu interior que libertava mais energia que o habitual. A luminosidade do gigante gasoso aumentara e passara a ser mais facilmente visível no céu de Marte, mesmo de dia. Na Terra aproximava-se de Vénus como a estrela mais brilhante da noite. As luas do gigante recebiam esse calor e a sua temperatura subia lentamente.

Entre essas luas encontrava-se o mais novo viajante, Theia, o planeta negro, com uma massa semelhante à da terra, mas um diâmetro maior. As análises feitas à distância mostravam que Theia tinha uma magnetosfera segura e que a sua atmosfera estava a enriquecer-se em oxigénio. Ninguém sabia o que se estava a passar, mas não era impossível que fosse um alvo de colonização, mais interessante que Marte. Aqueles que se tinham mostrado dispostos a colonizar o sistema solar indo para Marte, queriam ter a opção de se mudarem para um planeta maior.

O Major garantia o seu retorno em segurança à Terra e o carácter inócuo dos medicamentos amnesiantes. Tinha disso a palavra da Presidente Francisca William e o testemunho dos médicos. Em resumo eis os fundamentos da sua missão: resolver um mistério e testar os alicerces de uma esperança.

- Mistério e esperança, disse Diane quando ficaram sós, parece uma aventura.
- Maior que Marte dizem eles e mais distante da Terra imperial, digo eu, avançou Pierre.
- Francisca tem um planeta destes e pensa como pensa; imagine-se se tivesse um planeta da dimensão da Terra nas suas mãos, afirmou Luca.
- Nem em Plutão fugiríamos aos seus tentáculos, murmurou Andrew. Não lhe podemos falar do Irídio. Não mudava nada a nosso favor nem a favor da Terra.

Caroline Furst abraçou cada um dos mutantes que partia. Mais ninguém se despediu. Evadiram-se do planeta onde deixavam memórias que nenhum deles

sonhara vir a poder contar. Com os genes dos siderófilos que Sofia introduzira, os vegetais proliferavam nas estufas e os musgos e os líquenes, criados pelas cientistas de Violet Street, Colúmbia, explodiam epidemicamente no exterior, onde outras plantas já se insinuavam. Produziam oxigénio e captavam dióxido de carbono. Chegariam em breve algumas espécies animais, principalmente peixes e herbívoros, para a nova estufa animal que se construía em grande escala. A Guerra da Sobrevivência, a perda de Larissa, a traição suicidária de Steven, a separação de Caroline e o cisma com Francisca William, eram uma mordedura em cólica nas suas lembranças. Mas era dali que traziam a Margarida Mayamba Lee, a bebé nascida de Larissa, duas gravidezes e a amizade para sempre que a adversidade sela.

Sofia e Luca, Diane e Pierre, Mariah e Andrew eram três pares felizes, apesar da ansiedade que Mariah e Diane sentiam por estarem grávidas e saberem que os seus dois filhos nasceriam no regresso de Júpiter. Tinham sido as duas únicas mulheres em que a inseminação artificial não tinha pegado e por isso não tinham filhas amazonas. Como três outras tinham tido gémeas e Sofia era considerada inquebrantável, não se insistira com o processo, pois conseguira-se o objetivo de trinta e sete primogénitas fortes. Partiam sete, chegariam à Terra nove. Luca despedia-se desejando sorte para as bebés que tinham o seu sangue.

Não sabiam o que se passava na Terra mas quer eles próprios, quer os Marcianos, viam o sistema solar no seu conjunto como sendo a casa do homem e já não apenas a Terra, planeta único com pequenas missões espaciais transitórias aqui ou ali. É certo que o milagre do cometa gigante que se precipitou sobre Marte, após o pequeno desvio norte-americano, era um evento tão raro que não voltaria a repetir-se, mas também era verdade que a maciça indústria espacial terrestre ia emagrecer, mas não se dissolveria, procurando maneira de sobreviver. A Terra era agora um planeta mãe e uma mãe só o é se tiver filhos. O fabuloso robô tunelador que haviam recebido em Marte com a focagem ultrassónica, as lâminas de diamante artificial arrefecido e a vulcanização laser do solo, desde que alimentado por centrais de fusão nuclear, abria uma perspectiva de um mundo subterrâneo que podia ser viável mesmo em planetas sem grande atmosfera. Há gerações de mineiros que vivem no subsolo. Há pessoas que temem sair de casa. Há gente que quando é libertada da prisão quer voltar para lá. Há eremitas que rezam sozinhos longe do mundo e há freiras que fazem votos de silêncio para sempre. O subsolo pode ser melhor que a superfície.

Os médicos em Marte implantaram-lhes uma cápsula com um medicamento amnesiante que seria libertado quando terminassem o seu relatório sobre o novo mundo. No fim nada ficaria registado na sua memória. Estavam sob vigilância

continua e qualquer tentativa para guardarem registos do que vissem em Theia seria detetada. Não se tratava apenas de não haver nem lápis nem papel, mas somente computadores, monitorizados a partir de Marte, mas uma vigilância vídeo de tudo o que fizessem. Para impedir a deteção e decifração de comunicações a partir da Terra, a nave presidencial enviava semanalmente uma cápsula-correio com uma caixa negra, com a memória cumulativa de todos os sistemas, rumo a Marte. Mal fosse lançada, a cápsula era detetada e a sua trajetória seguida em tempo real no planeta esmeralda. Os seis ganhavam anos de vida em liberdade, mas a missão era para cumprir.

A nave levou três semanas a ser posicionada. No dia da partida rugiu e elevou-se aos céus com elegância, escapando à gravidade do planeta esmeralda. Marte afastava-se, passaram Phobos que não era mais que uma pedra rolante, até que, na crescente imensidão, Marte era ele próprio uma pequena pedra, depois, um grão de areia e no fim um ponto brilhante, entre tantos outros.

Comparada com a nave polar, a nave presidencial era outra loiça. A aceleração era tão grande que provocava por si só uma microgravidade que se manteria na desaceleração após a inversão da polaridade da nave. As várias cabines de dormir e o centro de treino físico foram desenhados como discos rotatórios que mimetizavam a força da gravidade terrestre. Rodavam em sentidos opostos anulando o torque, pelo que podiam acelerar e desacelerar dois a dois rapidamente. Eram programáveis para a força de gravidade G que se quisesse até sessenta por cento maior que a gravidade terrestre. Os contrapesos funcionavam na perfeição não se sentindo qualquer oscilação durante a rotação. A proteção contra os raios gama era também superior à da nave polar, de tal forma que era seguro manter uma gravidez a bordo. Simuladores robóticos permitiam treinar muitas atividades que implicavam gestos físicos. A aquisição de conhecimentos e competências naquele ambiente, tornava-se viciante. Tinham de fazer esforço para se auto imporem a disciplina circadiana nas tarefas da vida diária. A presença da bebé Margarida facilitava um pouco as coisas, tornando o clima mais humano.

Uma vez mais o céu ficou negro de perdição e as estrelas brilhantes como os sois que eram, na lonjura onde estivessem. Marte apagara-se na distância e navegavam em direção a Júpiter e a Theia. Iam nesse sentido, mas o seu pensamento apontava ao sol à Terra onde ansiavam voltar e onde planeavam mil coisas juntos. Combinaram uma incursão pelos sabores de cada um dos seus países. Luca falava da comida portuguesa, quer das receitas salgadas quer da doçaria, como uma coisa que depois de conhecida não se podia abandonar. A sua mãe era uma excelente cozinheira e ele lembrava-se de pratos que, mesmo os comuns, contrastavam de tal forma com a comida que estava disponível em Marte que ele só podia recusar que o homem comesse por motivos nutricionais. As duas coisas deviam ser separadas.

Comer por prazer, como ato social, como festa da vida, era um contrato sensorial com a natureza, nada tendo a ver com nutrição. Tal como a reprodução e o sexo - cruzam-se mas toda a gente sabe que não são a mesma coisa. Pierre e Diane concordavam e entraram com Luca numa compita de pratos e sabores que apresentariam ao grupo quando voltassem à Terra. Diane achava que tinha um trunfo sobre o Luca e o Pierre: ela crescera com duas cozinhas ricas e muito diferentes, a japonesa e a brasileira. Andrew, Sofia e Mariah desistiram cedo da corrida gourmet. Ainda jogaram a carta da comida Mexicana, mas fora escusado. Os outros não os aceitavam como iguais naquele jogo.

Mais tarde estenderam-se à natureza, às praias, às montanhas e aos rios e aí os americanos entraram em força. Os outros tentaram fazer o que tinham conseguido com os petiscos, mas não fora possível. A natureza tinha sido tão generosa e diversa com as paisagens americanas que eles falavam de locais que os europeus nunca tinham suspeitado que existiam.

Todos se questionavam sobre a profundidade da amnésia que sofreriam. Valeria a pena planearem coisas em detalhe para se esquecerem do que projetavam fazer no futuro? Não sabendo o que esqueceriam fizeram o que tinham recusado na primeira viagem: falaram dos seus passados em termos muito pessoais. Isso reforçou a intimidade e o vínculo que os ligava. A amnésia vindoura dava-lhes uma liberdade extra pois podiam abrir o coração e a alma sem deixar rasto. Eram mais do que família de sangue. Eram irmãos por opção. Uma família supra étnica com dois europeus, três americanos e uma brasileira de ascendência Japonesa.

Diane era natural de São Paulo, uma oficial excelsa da força aérea e piloto de ensaio da Embraer. Estudara alguns anos em Tóquio, mas não se adaptara ao Japão como acontecia a muitos sansei, descendentes de terceira geração dos imigrantes nipónicos originais. Destacara-se nos treinos na NASA, depois da adesão do Brasil à Entente. Aproximara-se dos mutantes na viagem para Marte e, mais ainda, após Pierre se ter apaixonado por ela.

De Marte souberam que Francisca tinha nomeado um juiz-mor independente de si própria, o que parecia um avanço, e que decidira reunir todos os cidadãos mensalmente para dirimir propostas e deliberar sobre os assuntos que não fossem de gestão corrente. Delegava mais poderes na vice-presidente russa, à exceção das questões de defesa em que decidia pessoalmente depois de ouvir o comandante dos Marines. Prosseguiram casamentos e gravidezes. Percebia-se, mesmo a milhões de quilómetros de distância, que cada gravidez era uma festa para aquele punhado de povoadores. Quando Francisca William optou pela via eugénica dura, declarando que para fundar a nova humanidade pecariam sempre que necessário, o padre e o pastor tinham resistido e sido afastados do processo de instalação da colónia. Depois sobreviveram à hipotermia, ao contrário dos três médicos, e agora eram de

novo influentes. Ao serem arredados do processo fundacional aproximaram-se muito um do outro e as questões teológicas que os separavam diminuíram muito. Isso suscitou dúvidas nos mentores das suas igrejas na Terra que aumentaram quando eles fundaram a Igreja Cristã de Marte que negava ao antigo testamento a mesma natureza do novo, esse sim fundacional.

- Como é possível que numa comunidade tão diminuta aconteça tanta coisa? constatou Mariah.

- Têm um planeta inteiro para eles, disse-lhe Sofia. Pouca gente, mas muito planeta.

Na Terra um clima de tolerância atravessou o mundo muçulmano em geral e o árabe em particular, quando se percebeu que tinham sido poupados ao apocalipse que os fundamentalistas garantiam ser a punição da bonomia no cumprimento das normas dos textos sagrados. Os crimes de última hora dos fundamentalistas, convencidos que Deus decidira destruir a Terra dada a falta de pureza dos fieis, levaram a uma onda antisalafista que percorreu a nova geração, de tal forma que era agora difícil encontrar um fundamentalista assumido. Emergiu um movimento artístico e filosófico denominado Renascimento Córdoba, revivalista da antiga criatividade e racionalidade peninsulares. A igreja Xiita sobreviveu melhor que os Sunitas e a igreja Anglicana regressou ao regaço de Roma. Na Índia o sistema de castas foi criminalizado, extinguindo-se a uma velocidade que ninguém antevira. Muitos Brâmanes emigraram para os Estados Unidos, mas a grande maioria aceitou o fim desse milénio de segregação. A China liberalizou-se de uma forma pouco habitual, tendo o Partido Comunista decidido dividir-se em dois que se apresentaram a eleições separadamente. A União Europeia avançou para a Federação, com a eleição direta de um presidente, um Holandês que falava claro, mas o Reino Unido e a Irlanda afastaram-se e aderiram à NAFTA, em que a letra A passou a designar Atlantic, apesar da resistência americana inicial. No Brasil a elite deixou de se lamentar por ter o povo que tinha, de atribuir as culpas do seu insucesso a todo tipo de terceiros e passou a assumir-se como era e a orgulhar-se do que era, desburocratizando-se e libertando a iniciativa que fervilhava em todo o lado. Morria a sul a velha Belíndia e nascia uma potência ocidental diferente de todas as outras.

Na nave presidencial, agora no limiar da cintura de asteroides, reinava a calma. A forma física dos tripulantes melhorava com o programa de treino diário do Luca Zuriaga. Só Diane piorava lentamente. Os caroços tinham crescido e o seu pescoço alargava-se. Ela tentava vestir roupas que o escondessem, mas o disfarce em si era bem visível. A sua voz modificou-se ficando um pouco mais rouca. Os seus olhos estavam mais encovados e levemente amarelados; ganhava pouco peso apesar do avanço da gravidez. Contavam as semanas que faltavam para que ela pudesse ser vista por médicos a sério, mas eram muitas. Como seria a vida em

Marte sem as especialidades médicas que há nos hospitais que Colónia Frígia nunca teria? Aos vinte ou trinta anos, escolhidos após exames médicos rigorosos, a ilusão de que a doença não existia durara algum tempo. Quando a Diane decidiu ir para a Terra via Júpiter com o Pierre, as pessoas ficaram aliviadas pois projetavam no seu próprio futuro a doença sem solução de Diane. Mais tarde ou mais cedo adoeceriam e ficariam em Marte abandonados como cães. É certo que havia o ortopedista e a obstetra, bem como os robôs e a telemedicina, mas o caso de Diane provava que não substituíam uma visita ao especialista certo. Mariah passava o dia em torno de Diane cuidando dela mesmo quando Diane não precisava de cuidados. Ambas estavam grávidas entre os Asteroides e Júpiter e isso aproximava-as ainda mais, passando muito tempo conversando juntas.

Mariah cuidava também do penso de Sofia onde no local da amputação ocorria um fenómeno único. De início pareciam apenas borbulhas, depois pólipos, mas agora percebia-se bem que nasciam novos dedos.

- A tua avó persa também era assim Suren? perguntou-lhe um dia, carinhosa, Mariah Dexter.

- Era, disse-lhe Sofia. E também conseguia fechar os olhos e fazer objetos imaginários interagirem entre si cumprindo as leis da física. Jogava snooker com bolas imaginárias que seguiam milimetricamente os movimentos das bolas reais.

- Por isso eras fantástica na modelação molecular. Quero dizer, és, disse Mariah.

Antes de chegarem ao seu destino Sofia teria duas mãos indistinguíveis.

Ao fim de meses aproximaram-se do seu objetivo, a luz laranja clara que emanava de Júpiter e que iluminava as suas sessenta e sete luas, era mais forte que a luz do sol que lá chegava. O gigante podia não ser uma estrela mas brilhava como suave vela naquele sistema. Lançaram na sua direção uma sonda e os dados dos seus sensores mostravam que a energia que se libertava do núcleo de Júpiter era termonuclear. Tinha um padrão pulsátil muito rápido que provinha do centro e se propagava para a periferia sem atingir nunca a temperatura para se autossustentar, arrefecendo o processo que depois reverberava num segundo ciclo ignitor. De onde vinha esse ciclo ignitor, que lâmpada era essa que mantinha o motor de Júpiter em andamento, que leis a física a explicavam? Não era possível saber e a sonda que lançaram desfez-se muito antes de aproximar do centro do planeta. Revendo as leituras retrospectivamente, percebeu-se que o padrão pulsátil se tinha iniciado após a queda da pequena lua de Theia. Essa pequena e densa lua tinha desequilibrado o núcleo do gigante, desencadeando aquele fenómeno, ainda em crescendo.

* * *

O veículo espacial circulou Júpiter a alguma distância pois os seus ocupantes

receavam a força de gravidade do gigante. Após dias de espera, finalmente, no horizonte, cruzando a mancha vermelha da tempestade eterna, surgiu o seu alvo e destino. Mal ele se tornou visível o telescópio de ultradefinição e o radiotelescópio descobriram que inúmeras poeiras orbitavam o planeta. Era um enxame de partículas, micro asteroides capturados pela gravidade daquele corpo e que contribuíam para a absorção da luz por serem muito escuros. Eram verdadeiramente negros e eram milhões, numa nuvem que cobria como um véu Theia. Através dos espaços entre os pequenos asteroides era possível observar um planeta branco azulado, de aspecto glacial, mas com uma atmosfera generosa, rica em nitrogénio e com quase três por cento de oxigénio. O planeta negro não era negro. O seu diâmetro real era não mais do que dez por cento superior ao da Terra, se excluíssemos os pequenos corpos orbitais.

A nave presidencial aproximou-se dele e circundou-o a certa distância evitando ser atingida pelos fragmentos que o circundavam. A composição desses asteroides era de difícil determinação dado serem muito pouco refletores, mas percebia-se que eram pesados. Entre eles, mais abaixo, existiam outros mais claros que por vezes cintilavam.

Decidiram lançar uma cápsula tripulada de observação e colheita de dados, pilotada por Pierre e copilotada pelo Luca. A cápsula foi em modo de voo manual. Dirigiu-se à primeira camada de asteroides tendo por vezes de se desviar para não ser atingida por eles. Isso era facilitado pelo facto desses corpos terem uma órbita relativamente síncrona entre eles, não havendo fragmentos em trajetórias imprevisíveis ou de alta velocidade. Passada essa camada, um planeta gelado mas heterogéneo escondia-se por baixo. Oceanos negros gelados banhavam continentes nevados numa disposição que era sugestiva de se tratar de um planeta geologicamente ativo e até com tectónica em movimento.

A cápsula não estava a mais de oitocentos quilómetros de altitude e iniciava o atravessamento das miríades de corpos orbitais pretos que se revelaram como formas geométricas muito bem definidas, apesar de diferentes umas das outras e não asteroides irregulares. A sua atenção para proteger a cápsula era máxima, tal como o era a medição da força da gravidade, de forma a poderem regressar à nave presidencial em segurança. Pareciam cristais negros opacos, mas de quê? A leitura da sua composição continuava indefinida, mas Pierre e Luca decidiram-se pelo seu atravessamento, avançando em direção à superfície. No regresso fariam uma colheita de uma amostra para determinação da sua composição. Concentrados passaram muito perto de vários corpos, continuando a descer, ultrapassando cuidadosamente camadas sucessivas desses objetos geológicos.

- Olha Pierre, lá em cima, aquilo, gritou Luca apontando para trás. Pierre deu um salto com o vozeirão do amigo que tinha abandonado a monitorização dos

asteroides e olhava para trás berrando a um palmo de distância dos seus ouvidos. Dentro dos cristais escuros que voavam estavam outros objetos de forma diversa, como se fossem peças de um puzzle. Eram como cuvetes que do lado interior tinham uma cor clara, e estavam preenchidos por uma espécie de resina dentro da qual estavam fragmentos ou peças de quê? Máquinas? Os corpos geométricos vistos de cima eram negros mas vistos debaixo eram conchas onde se guardava uma herança. Que era aquilo?

Ambos estavam voltados para cima olhando aquele enigma, esquecendo-se do risco de impacto com os fragmentos, quando de repente Luca gritou de novo, desta feita apontando no sentido da superfície: “*Olha Pierre, lá em baixo, é impossível.*” O segundo berro, de quem nunca gritava, inesperado e a centímetros de Pierre desta vez, fê-lo saltar outra vez, apesar de estar preso ao banco. A face de Luca estava congestionada e nela esbugalhavam-se olhos que pareciam ver o que homem nenhum tinha visto.

Capítulo 30

A Amnésia Cega que Veio do Frio

Pierre voltou-se e o binóculo mostrava pedras transparentes azuladas, com uma face negra e no resto safiras muito claras, rodopiando em torno de si próprias em órbita mais baixa que as cuvetes negras, e dentro delas estava o corpo de um ser antropomórfico petrificado, suspenso, conservado, suspenso numa espécie de gel quase incolor.

-Como na Gronelândia, ciciou Luca .

-Que dizes?

-Estão congelados como os nazis na Gronelândia. São cubos azuis em torno do planeta e eles estão todos lá dentro em animação suspensa, segredou Luca.

-Sofia, Mariah, Andrew, Diane, metam-se nas cápsulas e venham ver isto, chamou Pierre sem tirar os olhos dos corpos.

-O que é? questionou Sofia.

-Venham ver; é único, repetiu Luca.

-E a menina? opôs-se Sofia.

-Deixa-a a brincar e venham.

-E Diane?

-Tem de vir. Andrew ajuda-a, mas ela tem de ver isto.

Passadas três horas as outras duas cápsulas chegaram e viram o gelo azul, criado a alta pressão e sem uma única bolha de ar.

Ficaram em silêncio.

- Serão prisioneiros? Exilados? perguntou Mariah.

- São milhões disse Sofia. É a população toda, Mariah. Não há ninguém na superfície.

A visão da humanidade de um planeta, congelada em sua órbita era arrebatadora. Porque teriam tomado essa decisão? Eram de facto demasiados para serem prisioneiros. E não era apenas a enorme nuvem de gafanhotos orbitando em torno do planeta-mãe. Um imenso rio deles estava a escapar, atraídos pela gravidade de Júpiter e iniciando um anel de centenas de milhar de seres antropomórficos, orbitando-o em cubos de gelo, adormecidos num tempo que ocorrera não se sabe há que eternidade, acompanhados por outros corpos e cuvetes negras, com as suas

peças de máquinas desconhecidas que também eram capturadas pela gravidade do gigante gasoso.

- Sofia fez uma leitura espectrofotométrica do gelo. É água pesada disse.
- Resiste melhor às radiações e ao vento estelar, pensou em voz alta Andrew.

Voltaram à nave mãe. A geometria da órbita, a distância e a orientação entre os corpos e em relação ao planeta faziam com que se mantivessem estáveis para sempre.

Provavelmente quando a catástrofe que os fez perder o seu sol ocorreu, aqueles seres decidiram que a sua única chance, o singular local seguro durante milhões de anos num planeta em turbulência geológica extrema, seria manterem-se em órbita. Aí não há vulcões nem terremotos, variações de temperatura dramáticas nem inundações oceânicas, mutações animais que os devorassem, doenças que os dizimassem ou ciclones que tudo destruíssem. O espaço orbital era previsível.

Pelo menos até à chegada do Homo Sapiens à sua fronteira.

Os seis levantaram a questão do esquecimento do que tinham testemunhado. Também levantaram a questão da extensão desse conhecimento para fora do seu círculo. Ninguém mais podia saber, pensaram. Pelo menos gente da estirpe dos decisores comuns na Terra e em Marte. Aqueles seres benévolos ou malévolos estavam indefesos e tinham em órbita toda a maquinaria da sua tecnologia, da sua civilização. Em tempos de traições e traições reversas, de jogos duplos, de execuções preventivas, dar a conhecer a verdade que tinham descoberto, era um convite ao genocídio daquele planeta errante.

Mas em breve partiria com notícias uma cápsula correio, rumo a Marte, às mãos de Francisca.

Tinham de voltar ao Planeta Primeiro, ao planeta azul de lua de prata, mesmo sem um plano. Lá encontrariam esse plano. As suas reservas logísticas e a doença de Diane Nishimura não lhes deixavam alternativa. Mas não podiam deixar a cápsula correio ser disparada.

Sofia subiu para a cabine de comando e sentou-se na cadeira de piloto de Diane. Olhou para o espaço sideral e olhou para a menina que brincava livre da gravidade, flutuando e rindo no ar. Olhou uma última vez para a biosfera orbital de corpos gelados, ora isolados, ora em pares, ora em grupos maiores, do planeta que fugira doutra estrela para se acolher à sombra da nossa. Desceu as escadas até meio e olhou enamoradamente para Luca. Ele disse-lhe, “*voa mutante, voa.*” Ela sorriu e voltou a subir para a torre. Fechou os olhos. Reviu a posição da nave em torno do planeta negro que orbitava Júpiter que orbitava o Sol. Reviu as outras luas de Júpiter. Visualizou os asteroides, a Terra e o seu curso no espaço. Montou o

complexo puzzle no seu éter interno. O movimento da nave, dos planetas, do sol. A coisa demorou seis horas e no fim, exausta, sofreu um abalo em êxtase: As coisas fizeram sentido. Os corpos moviam-se em conjunto segundo as leis da natureza dentro da sua mente e tudo batia certo.

Pierre que subira com Luca, perguntou-lhe, conseguiste? Ela olhou para eles com um sorriso aberto, enquanto lágrimas escorriam gordas pela sua face. - Consequiste, disse o Luca, olhando a felicidade hipnótica. *“Conseguii. Corta tudo Andrew, corta tudo Diane. Vamos voar para casa em propulsão manual.”*

A Humanidade nunca tinha, provavelmente, saído do Paraíso, mesmo que nela convivassem anjos brancos e anjos negros, numa guerra sem tréguas que se trava dentro de cada homem e a que este assiste dentro de si, vida fora. Duvidavam que Abraão tivesse já nascido e Moisés trazido o seu povo até às margens da terra prometida. O texto sagrado, entendiam agora, era um livro escrito sobre o futuro.

A Bíblia era um aviso, uma antecipação de tempos vindouros, caso eles ultrapassassem a fronteira da desumanidade reversível, para a desumanidade irreversível. Por isso o Filho, ele próprio, tinha descido à Terra. Para os alertar. Todos os pecados de todos os homens, desde o início dos tempos, ainda não tinham aniquilado a inocência que parece renascer quando nasce uma criança. Por mais gravosos que tenham sido, não tinham ainda provado a loucura de Rousseau; mesmo se o holocausto fora uma breve centelha da natureza perpétua do mal quando é executado a frio pelos ilustres. Mas se eles permitissem a extinção daquela gente pela nossa gente, daquela vida inteira pela nossa versão da vida – esse sim, ficaria como o holocausto irredimível, o pecado seminal, a certeza exata de que o nascituro humano é já um cavaleiro do apocalipse. Então, seria certo que é irrecuperável a liberdade defendida por Paulo junto dos Gálatas, bem como seria certo que o livre arbítrio é uma tragédia pior que a condenação à escravidão do homem comum às mãos do déspota. Era desse montante a ameaça que tinham de travar.

Os motores dos foguetões rugiram em silêncio, ruborizaram de energia contida e depois cuspiram vento quente, vomitaram plasma e gritaram luz e seu o casulo acelerou em direção ao sonho de Sofia, num tiro único, sem repetição possível, sem correção ou arrependimento, a centenas e centenas de milhões de quilómetros, apontado ao minúsculo alvo esquivo que não podiam perder: a Terra.

Sem meios informáticos, sem comunicações, sem servo controlo de ajuste posterior, presos ao modo de sobrevivência automático, apostaram as suas vidas na visão tridimensional de Sofia. As suas vidas e talvez a vida daquela nuvem de seres milenares, dependiam da confiança que colocaram em Sofia quando adormeceram.

Deuses? Demónios? Pessoas? Animais? Máquinas? Não se sabia, mas sabia-se como reagiriam as Franciscas William e seus pares terrenos, perante uma

ameaça, mesmo que apenas no campo do possível distante, pela facilidade com que no passado estenderam a política de terra queimada à terra dos outros.

Nunca jurei guardar silêncio, disse Luca. Cortou a pele com um pequeno golpe e num grande vidro contou o que todos viram em Júpiter. Fê-lo na sua língua nativa, o Português, e Diane confirmou a verdade e o rigor da descrição. Feito isto asseverou que seriam tão desprovidos de honra se fingissem não saberem o que sabiam, como o seriam se avisassem Francisca do que descobriram. É a grande vantagem da palavra de honra sobre o imutável juramento medieval: quando mudam as premissas só se pode manter a palavra se essa coerência não destruir a nossa honra.

Partiram de volta para casa, incertos da profundidade do esquecimento que lhes estava reservado. Saberiam ao que tinham vindo? Saberiam sequer falar, ler as suas línguas? Conhecer-se-iam uns aos outros? As injeções programadas para anteciparem a amnésia se os sistemas eletrónicos fossem suspensos ou as cápsulas-correio bloqueadas, abriram-se libertando o seu líquido nas suas veias e eles anoiteceram. Sofia e Luca adormeceram com a bebé Margarida no seu meio e os outros fizeram-no abraçados. Acordaram não mais de três dias depois com a bebé a fazer-lhes festas desajeitadas no rosto. Estavam cheios de sede e asténicos. A memória tinha ido. Demoraram a lembrar-se de si próprios e dos outros. Depois veio Marte, a nave e finalmente o objetivo da missão. Lembraram-se da ordem para que esquecessem. Mas foram recordados pelas palavras que deixaram num espelho vidro, inscritas a sangue. Não tinham retido as imagens, mas as palavras ficaram.

Passaram a cintura dos asteroides. As gravidezes de Mariah e de Diane estavam no fim. Luca tinha dedicado muitas horas a ler e a rever filmes de todas as técnicas de fazer partos. Todos contavam com ele para essa hora. Apesar de tentar vender a ideia de que se tornara um perito e costumar brincar com a possibilidade de se inscrever como obstetra no colégio da Ordem dos Médicos, estava assustado com a ideia. O caso de Diane tirava-lhe o sono. Muitas vezes Sofia apanhava-o levantado durante aquilo que tinham combinado ser a noite, lendo ou olhando a abóbada celeste pelos grandes óculos da nave. Dormia mal. Ninguém como ele aguardava o regresso à Terra. Numa noite ouviu um bater no teto, como se alguém de fora da nave quisesse entrar e quando se levantou viu que os cilindros onde dormiam estavam parados. A Margarida tinha aprendido a desligá-los e sem gravidade artificial estava suspensa no teto, batucando.

A malandrinha aprendia depressa. Noutra noite pareceu-lhe ouvir passos e, como sempre, os passos acordaram-no de um sonho que roçava o simples dormir. Lá se levantou como sempre para ler e vaguear na noite. Pé ante pé para não despertar Sofia. A bebé dormia. Seria Diane indisposta? Era mesmo. Estava na

cozinha de mãos dadas com a Mariah, a sua camarada de barriga e dedicada enfermeira. Sentou-se ao lado delas na cozinha e disse-lhes “*falta pouco muito pouco para festejarmos a chegada*”. “*Achas que vamos ser capturados pela gravidade terrestre, como diz a Sofia?*” perguntou Mariah. “*Hoje sonhei que caíamos no Sol*”. “*Tenho a certeza*” disse-lhe Luca. “*O que será daqueles seres que vimos a flutuar?*” questionou Diane. “*Vamos descobrir uma solução justa*”, disse o Luca. Levantou-se e deixou-as. Dirigiu-se ao óculo grande na cabine de pilotagem de Diane que não tinha outro uso que não o de observatório astronómico. Ficou lá duas horas e adormeceu. Quando acordou decidiu ir deitar-se no seu quarto. As suas companheiras tinham desligado todas as luzes da nave. Talvez o achassem cansado e quisessem que ele descansasse um pouco mais.

No caminho mesmo sem luz viu água no chão, bastante água.

“*A bolsa de águas rompeu-se e não me chamaram, as teimosas.*” Tinha sido a Mariah porque se via a mancha no chão em direção ao quarto de Andrew. Luca ainda hesitou porque algumas gotas iam no outro sentido, no do seu quarto ou da cozinha, mas seguiu o seu instinto e o facto de Mariah ter contraturas cada vez mais frequentes. Mariah Dexter devia ter hesitado em ir ter consigo para pedir ajuda e daí as gotas nas direção do seu quarto, mas depois voltou para trás e foi-se deitar, esperando pela manhã “*armada em autónoma*”. Típico da nova Mariah, a enfermeira informal na nave. Tentou ligar as luzes de presença, mas o interruptor estava avariado. Entrou no quarto de Andrew e viu sombra de Mariah que na noite lhe pareceu mais esguia – já não tinha a barriga. Sem barriga parecia até mais alta. Ela voltou-se para ele por instantes. Depois alvejou três vezes a tiro Andrew, que dormia, matando-o na cama. Não era Mariah. Luca projetou-se para a saída, não para fugir à balas disparadas sobre si pela sombra, mas porque se lembrava das gotas de água no sentido do seu quarto. *Sofia e a bebé!* Saltou, voando para o seu quarto onde um segundo homem, nu e armado, tentava forçar a porta que Sofia bloqueava por dentro, como podia. O homem, desfigurado, voltou-se para ele, apontou a pistola e gritou *hund stirbt*, enquanto fazia fogo. Zuriaga reconheceu a voz do seu antigo companheiro de prisão, um dos dois mercenários alemães. - Acende as luzes, gritou Luca. Sofia ligou todas as luzes cegando o alemão. Luca ziguezagueou em corrida para ele, enquanto o mercenário encharcado, com as mãos protegendo os olhos do brilho das luzes, disparava e falhava todos os tiros. Luca não corria, para ser rigoroso, Luca ricocheteava entre paredes como uma mola humana e atingiu-o finalmente com um Ushiro Geri, lançando-o ao chão e de seguida desferiu-lhe três murros sobre a cabeça e o pescoço, matando-o. O mercenário estava molhado mas febril, tinha os olhos amarelos e cheirava a maçãs podres. “*Vai*”, gritou-lhe Sofia, “*o outro.*”

“Acende a nave toda, eles não suportam a luz” repetiu Luca e correu em

direção ao estrondo que vinha da cozinha. Quando chegou, o outro mercenário tinha derrubado as cadeiras que escoravam a porta e entrado aos tiros na cozinha, dirigindo-se a Diane, berrando “*schweine, shweine*”. A cozinha ficou subitamente iluminada e o alemão ainda disparava tentando alvejar Diane, mas com mais dificuldade. No ponta do balcão estava uma faca e Luca pegou nela e lançou-a contra o alvo estonteado, ao mesmo tempo que a Mariah salvava Diane empurrando-a. A faca cravou-se lateralmente no pescoço do mercenário e ele caiu de joelhos, morto.

Luca abraçou Diane que estava salva, ilesa, mas tremia.

- Calma Diane estás bem, estás salva, acabou, acabou tudo.

-Mariah, gritou Diane . – Mariah.

Luca voltou-se. Mariah estava sentada no chão pacífica, com uma perna esticada e a outra dobrada e caída para fora, como que a descansar. Mas estava morta. Duas balas paralelas entraram-lhe na testa como se fossem daquelas marcas que as indianas usam, mas em duplicado, atravessaram toda a sua existência e saíram largas pela face posterior do crânio. Pierre e Sofia chegaram nesse momento e abraçaram o corpo da amiga que dera a sua vida por Diane. Choravam e soluçavam em desespero.

Luca não chorava.

Estava parado como uma estátua, branco como a imaculada casa dos seus pais em Lisboa, como o gelo seco, como os glaciares em Marte. Respirava rápida, mas superficialmente, estava lento, viscoso, desumano, o seu olhar inexpressivo, mas ferino. Tinha a faca que arrancara do pescoço do mercenário na mão crispada, os olhos midriáticos e avisou os outros três, “*saiam daqui*”.

- Que é pá? disse o Pierre.

- O que vais fazer Luca? perguntou Sofia.

-Saiam, murmurou, Luca.

-Saiam agora, gritou em tormenta.

-Saiam todos, pediu, desesperado.

Sofia abraçou Pierre e Diane e segredou-lhes “*vamos*”.

Mariah esboçava um leve adejo nasal de quando em vez, uma intenção de entreabrir a boca como um peixe agónico fora de água, sem que com isso se pudesse dizer que respirava. Os olhos tinham-se fechado e quando o Luca lhe levantou as pálpebras, viu-os dilatados e sem brilho. Apesar da expressão pacífica do seu rosto juvenil os lábios mudavam lentamente do rosa para o roxo, numa maquilhagem gótica espontânea. Luca fez-se um pequeno corte no antebraço e ela sangrava um sangue quase negro. Zuriaga lembrou-se que durante a autópsia Quiroga não sangrava. Pôs-lhe a mão no pulso carotídeo e sentiu uma pulsação, rara mas palpável. Contou e percebeu que era de dez pulsos por minuto e lentificava-se. O

coração ainda batia, agonizante. Se houvesse um médico ali para o ajudar. O cérebro tinha sido destruído pelos tiros. Dobrou-se em genuflexão sobre si próprio. Com a raiva da impotência arrancou os seus próprios cabelos, mordeu os lábios, para não gritar. “*Que faço?*” Estava viva, azulada, cada vez mais gelada. Deixou de ter os movimentos agónicos de peixe fora de água. Estava imóvel. Luca pegou numa colher de sopa e introduziu-lhe o cabo tão fundo quanto pôde pela boca e ela não vomitou, nem se engasgou, nem tossiu nem se viu qualquer movimento, mas o corte que ele lhe fizera no braço continuava a sangrar. Outra vez o pulso e agora contou quatro pulsos por minuto. Levantou-se e fechou a porta por dentro. Deitou-a no chão e despiu-a da cintura para baixo. Na barriga pareceu-lhe ver um pequeno movimento, um pequeno alto. Perdoa-me, segredou-lhe, e, com movimentos de autómato, usando a mesma faca que abatera o assassino, esventrou a Mariah de alto abaixo. Depois de passada a pele e o estranho forro amarelo que a reveste por dentro, entrou com a faca no enorme útero. Lá dentro, aninhada num canto, olhando para ele de olhos muito abertos, como se olhasse para si, estava uma menina, azulada mas quente, ao contrário da sua mãe que arrefecia. Temera ferir o nascituro, mas não, saíra apenas um mar de água morna e quase transparente. Tirou-a cuidadosamente cá para fora e embrulhou-a numa toalha branca. Era como se Mariah tivesse guardado a última acha da sua fogueira interna para manter o calor do pequeno forno, onde se abrigava do mundo, a sua filha. Era magia verdadeira.

Luca cortou o cordão umbilical que a unia, não já à vida mas à morte, pois Mariah já partira, quando os pulmões da sua filha se expandiram, no grito que anuncia o nascimento. Atravessou a porta com a menina recém-nascida nos braços e Sofia e Diane tomaram-na. Pierre quis entrar mas Luca barrou-o. Não deixaria ninguém passar a porta que dava para o matadouro na cozinha. Tinha mergulhado nesse inferno para extrair um anjo e entregara-o jorrando vida aos três amigos. Se tivesse tentado reanimar Mariah perdê-la-ia a ela e à bebé. Tinha quase a certeza disso. O corpo de Mariah sairia limpo daquele mar de sangue. Já não estava roxa mas sim branca, lívida. Fechou-lhe a pele com uma agulha e um fio de cozinha. Lavou-a. Penteou-a. Vestiu-a. Compô-la. Beijou-a na face e nesse instante pareceu-lhe que atrás dele alguém lhe agradecia. Luca virou-se e não viu nada. Olhou para cima e nada. Mas era táctil a presença de alguém que o observava. Acendeu todas as luzes da cozinha e não viu ninguém. Foi então que percebeu: Ele não terminara a vida de Mariah antes da hora que lhe estava destinada, pela obrigação de tentar salvar o feto que, sufocando, adormecia para sempre com o arroxear da mãe. Nem perto estivera do que estivesse perto disso. Ele obedeceu a uma exigência dela, resgatando Mariah da dor de se ver morrer sem conseguir extrair a filha que se afogava no seu oceano interno, pousando-a na praia onde se inicia a vida autónoma de cada um de nós. Pousou-a Luca nessa testa de ponte, cumprindo uma ordem dela.

Dobrou-se sobre Mariah e sussurrou-lhe que não se preocupasse nem com a bebé nem com ele, pois ambos se tinham salvo. Quando os outros entraram, Luca estava em paz e eles beijaram-na a ela e depois beijaram-no a ele. Não perguntaram nada.

Capítulo 31

A Grande Armada

- Nunca percebemos qual era a vantagem genética de Andrew diria Luca, junto ao cadáver preparado do seu amigo e mestre, olhando para Sofia que sabia tudo.

- Não adoecia com micróbios, respondeu-lhe Sofia. Tinha um sistema imune inacreditável. Era uma coisa de família. Hendriks descobriu isso quando, numa aposta que Andrew fez com uns colegas aos 16 anos, assaltou o laboratório militar do Hendriks e se injetou com o vírus da varíola, do HIV e do ébola, para provar que era à prova de bala.

Nunca adoecia, mas morreu. Andrew Kline e Mariah Dexter estava embrulhados cada um num lençol branco, imaculado, e depois ambos, lado a lado, num segundo. Luca cantou baixinho a canção americana de embalar que ouvira uma única vez num oceano tão negro como o que eles agora atravessavam, da boca duma mãe que amava o filho que perdera, como talvez só uma mãe possa amar. As palavras surgiram-lhe, uma a uma, sem hesitação. Ao seu lado Pierre Tollmache e Diane Nishimura acompanhavam-no com um mágico assobiar baixinho. Lançaram-nos no cosmos a caminho do céu que há, mais alto do que aquele que está por cima das estrelas.

Pouco depois nasceu o bebé de Diane, um menino.

A vida é um rio à procura de um caminho e Margarida, a filha de Luca que Sofia adotara transitoriamente, até a entregarem ao cuidado dos pais de Larissa como haviam prometido, tinha agora dois companheiros que a embeveciam. A primeira palavra que aprendeu a dizer foi bebé. Para além de gatinhar Margarida tinha aprendido a voar muito bem no ambiente gravidade zero da nave. Adorava o abracinho voador em que o Luca a lançava lentamente, dizendo “*avião, voaavião*”, e ela planava três ou quatro metros no ar até atingir a Sofia que a recebia com um abraço e beijos. Que memória e que intuição guardaria ela desses tempos de ausência de gravidade? Provavelmente nenhuma, a não ser de que fora feliz.

Francisca William não era uma mulher de ciência pura e duvidava tanto da palavra de honra do homem, como da palavra de honra da medicina. Não estava convencida que a Medicina cumprisse a promessa que lhe fez de uma amnésia sem retorno. Ou se a cumprisse, que o engenho dos brilhantes jovens não encontrasse caminho para fazer um by-pass ao apagamento, à ordem farmacológica de delete. A

vida imagina um caminho. A única forma de impedir a criatividade duma outra via, é a imobilidade inanimada. Decidira por isso garantir a amnésia da tripulação com o silêncio dos mortos, se alguma coisa falhasse. Dois mercenários tinham sido recongelados segundo uma receita que lhe havia sido oferecida por Tyrell Hendriks em troca de um T0 em Marte. Hendriks disse-lhe que a fórmula funcionava menos bem em adultos mas garantiu que, depois de acordarem, sobreviveriam pelo menos quatro horas, três das quais perfeitamente funcionais apesar da conhecida intolerância à luminosidade, capazes de impor a desejada amnésia eterna aos navegantes espaciais. Zuriaga tratou que nenhum vivesse mais de dez minutos. Tinham viajado num congelador a menos 95 graus, sendo o processo de aquecimento automático inibido por um sinal que tinha de ser enviado todas as semanas por ela. Francisca William demorou várias semanas, depois de perceber que ou fora enganada pelos mutantes ou que estes tinham morrido, até tomar a decisão de desinibir o sistema de aquecimento e libertar os alemães, cobrindo os seis astronautas com amnésia dos defuntos, único bilhete que os mercenários julgavam ter para voltar a Marte.

A antena de receção do sinal de inibição que descobriram na câmara de criogénica camuflada, o conhecimento que tinham da criopreservação do exército de alemães e da organização da vida em Colónia Frígia, levou-os a perceber o plano. Francisca era perigosa.

A doença de Diane começou a estabilizar com a transfusão de amor que recebia do seu filho e da filha de Mariah que, todos concordaram, entregariam ao cuidado dos avós Dexter. Viveram naquele transiberiano durante meses, percorrendo carris invisíveis, mas dos quais não podiam saltar fosse qual fosse a estação terminal. Um dia de cada vez. Uma memória de cada vez. Uma lágrima, um sorriso, um beijo de cada vez. Passaram Marte sem que Marte soubesse e sem que eles quisessem saber.

* * *

Aproximaram-se do planeta azul como se fossem um dardo lançado do infinito com infinita exatidão. De início parecia apenas uma estrela mas depois foi tomando a forma esférica. A cor do céu foi-se tornando visível e a sua lua era cada vez mais prata. A ansiedade crescia neles agora que estavam na vizinhança da terra desejada. O outro lado da lua era já claramente distinto do lado terrestre e nave presidencial aproximava-se com os viajantes hipnotizados do deslumbramento azul. Não havia computadores para fazer cálculos, pois eles tinham tratado de lançar no espaço todos os sistemas que pudessem transmitir o que tinham descoberto no planeta errante. Tinham só a memória das suas palavras escritas a sangue naquele vidro enorme da nave.

Passaram entre a Lua e a Terra, rezando para que fossem detetados caso não entrassem em órbita. Mas foram capturados pela gravidade terrestre. Abraçaram Sofia. Homo Sapiens, Sapiens, Sapiens. Três vezes sapiens. Luca beijou-a ternamente, debaixo do olhar curioso de Margarida. Não era já o guerreiro medieval, o filho perdido que se dilacerava por querer, e não conseguir, agradar a dois pais. Era um jovem adulto enfeitiçado pela mais linda rapariga de Colúmbia e tinha nos braços, ainda que transitoriamente, uma filha morena que amava como alguém alguma vez amou uma criança. Rodeado de amigos e de aliados, vivendo uma aventura que amnésia nenhuma podia levar, a caminho do mais caloroso planeta do universo. Não estava só, como na verdade ninguém está.

O que primeiro os impressionou foi a dimensão do sol, visto da Terra. Em Marte e, muito mais, em Júpiter percebia-se bem que o nosso astro é uma estrela, mas aqui era uma bola de fogo reinando sem paralelo no céu. Não haviam os nossos antepassados ter visto nele um deus, se nem de frente se podia para a sua luz olhar sem que ele nos obrigasse a baixar os olhos. Sozinho aquecia o planeta inteiro, dispensando qualquer intervenção humana. Na Terra as pessoas eram gatos sortudos a espreguiçarem-se ao sol. Ao contrário de Marte, os homens aqui estavam num certo pé de igualdade com os outros seres vivos, pois as plantas cresciam sozinhas, fora das estufas, em campos selvagens e os animais vagueavam independentes do Homo Sapiens.

Luca lembrou-se da forma como invejou a liberdade, algemado num carro da polícia em Lisboa. Para se sentir o sabor da liberdade, para a desejar fisicamente, é preciso vir de fora dela. Como acontece com certos perfumes que só se apreciam na sua natureza plena, quando se chega de um sítio onde esse odor não existe. Mas encontrar a Terra, vindo duma longa missão espacial, produzia um efeito ainda mais intenso. O planeta azul não era apenas uma joia quente a flutuar contra o vento solar, era uma roupa macia, uma carícia maternal, um colo protetor, um prolongamento das pernas, dos braços, das mãos, da pele, da voz e do olhar humanos até que se afogassem no horizonte. Onde em Nova Frígia havia o rigor duma clivagem com o meio, aqui havia uma fusão de magos entre o homem e as coisas. Era preciso voltar, como quando um refugiado no estrangeiro retorna à sua terra, anos depois, para saber disso. Valia a pena ter sido expulso, ter sido um viajante perdido entre as estrelas, um degredado cósmico, para entender isso.

Após terem entrado em órbita estável, Luca fez uma saída noctívaga para o espaço, usando a sua visão noturna que transformava a noite em dia, e tirou uma fotografia de si próprio. Não era um simples autorretrato, uma selfie no espaço. Era uma foto em que era bem visível a nave presidencial e o planeta Terra ao fundo.

Colocou essa fotografia na última cápsula de correio, automaticamente dirigida a Marte. Adicionou-lhe as pistolas dos mercenários que guardara. Atavicamente, quinhentos anos depois, juntou as mãos direitas decepadas dos mercenários congelados, que com o seu chip intraósseo faziam prova última da sua derrota. Programou a cápsula para sinalizar o Major Alverca aquando da sua chegada ao Planeta Esmeralda. O Major perceberia a natureza das soluções que Francisca reservava para garantir a mão de cima, mas Luca acrescentou uma mensagem manuscrita: *“Caro Major, quando fui raptado na Virgínia eu não sabia que era um mutante. Quando ordenou que me capturassem, Tyrell Hendriks, não sabia que ele próprio não era Deus, e, talvez por isso, construiu um aquário onde colecionava, entre mil almas, as dos meus filhos por nascer. Agora, Francisca William, está disposta a fazer Nova Frígia pagar qualquer preço, para manter viva a chama da alucinação que lhe mostra o rio Ipiranga, onde só existem riachos intermitentes de lama magnética, serpenteando a cordilheira Górdia, a caminho da Mensa Amazónica.*

Acredite que, feitas as contas, dos três loucos desta tragédia, só eu, que sou mutante, sou humano. Como aqui lhe mostro, a palavra que Francisca empenhou na nossa segurança não valia nada. Alguém tem de ter a coragem de desligar a luz dessa miragem para onde ela vos precipita a todos. Conto consigo, Alverca. Não fuja de fazer o que tem de ser feito, pois se não o fizer não sobrará um lugar onde se possa arrepender mais tarde. Deus sabe que plantou pequenos demónios no colo da nossa alma. Use-os se deles necessitar, e afogue-os depois, que Deus perdoa.”

Nenhum dos seus companheiros soube da saída do correio nessa noite, à exceção de Sofia que sabia sempre tudo. Mantiveram-se em órbita cinco dias e cinco noites, olhando as nuvens, as luzes noturnas, os oceanos, os continentes, o nascer do sol e o rápido correr da linha da noite sobre a esfera terrestre. No dia seguinte uma nave de resgate da Federação Europeia, aproximou-se e ficou imóvel ao seu lado algumas horas. Finalmente surgiu no écran a face insone do piloto europeu da nave terrestre. Devia ter quarenta e cinco anos de idade, um rosto duro e abatido.

- Aqui Osíris quatro, Federação Europeia, escuto, disse o piloto.
- Luca Zuriaga, nave presidencial marciana, respondeu.
- Porque regressaram? perguntou o piloto.
- Queremos voltar a casa, respondeu Luca.
- Vamos iniciar os procedimentos de acoplamento, respondeu o piloto após momentos de silêncio.

A nave terrestre procedeu às manobras de atracagem e entraram um piloto e

dois copilotos europeus. Os navegantes cumprimentaram com emoção os seus salvadores. Os pilotos da nave de resgate estavam fatigados, frios e distantes. Os quatro amigos olharam uma última vez para o céu negro estrelado, para a sua intensa beleza e o seu perturbador mistério. Nessa altura o céu acendeu-se como se despertasse uma cidade suspensa no vácuo.

- Que está a acontecer? perguntou Luca.

- É a grande migração – disse-lhe o piloto. Os novos colonos partem para Marte.

Duzentas mil almas em dez mil estações orbitais. A cidade flutuante ligava os motores e partia, mais do que o acordado com Francisca William.

- Porquê tantos? perguntou espantada Sofia, enquanto olhava a pequena galáxia artificial em movimento.

- São todos os que podem ir, respondeu-lhe o piloto de óculos redondos e sotaque alemão.

- Os meus pais? O meu irmão? perguntou Luca.

- Partiram com os colonos, como todos os vossos familiares. Souberam da tua saída de Marte e não sabiam se voltarias. Tenho um presente de despedida do teu irmão, disse o europeu, estendendo-lhe um pequeno saco de papel colorido.

Luca abriu-o e lá dentro estava um pequeno T-Rex vermelho.

O silêncio doía mais com o paraíso terrestre ao fundo. “*Despedida? Despedida como?*” pensou Luca.

- Como vai ser? perguntou Zuriaga, perturbado, olhando fixamente o piloto.

- Um dos satélites, disse o piloto. Interagiu com Mercúrio, alterando a sua rota.

- Quando descobriram?

- Há seis meses.

- Quando se dará o embate? questionou a custo o português.

- Dentro de três semanas.

- Podemos aterrar para sentirmos a Terra uma última vez? perguntou Luca.

- Podem ir-se embora se forem agora, respondeu o piloto. Trouxemos combustível e mantimentos.

- Querem vir connosco? perguntou Sofia.

- Partam agora, respondeu o piloto.

Enquanto Osíris quatro transferia combustível e outra carga para a nave presidencial, Luca ficou a ver a imensa frota dos escolhidos que se afastava. Em que nave iria o seu irmão? Estaria neste momento a olhar para a Terra, com o rosto colado a um óculo, segurando na mão um dinossauro igual ao que lhe mandara entregar? Luca não sabia que as estações não transportavam apenas colonos. Levavam Tyrell Hendriks e dez mil soldados nazis congelados. Não suspeitava duma segunda coisa: Não rumavam apenas a Marte. O grosso da invencível armada marchava em

direção a Theia, em Júpiter. Não iam em busca de paz.